

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA  
PORTUGUESA

Vanderlei Gianastacio

**A presença do sufixo *-ismo* nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do *Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss*.**

São Paulo

2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA  
PORTUGUESA

**A presença do sufixo *-ismo* nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do *Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss*.**

Vanderlei Gianastacio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora:

Prof. Dra. Valéria Gil Condé

São Paulo

2009

## DEDICATÓRIA

À minha filha Beatriz Yurie Kakugawa Gianastacio e à minha esposa Harumi Kakugawa Gianastacio que, com paciência, permitiram que eu tivesse tempo para esta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

À condescendência daqueles que contribuíram para a consolidação desta pesquisa:

A Deus, pela vida, saúde e oportunidade de estudar.

A minha orientadora e amiga, Dra. Valéria Gil Condé que, com paciência e sabedoria, apontou as direções para que esta pesquisa fosse realizada.

Ao Grupo de Pesquisa Morfologia Histórica do Português, cuja existência proporcionou o contato com a lista de palavras e suas acepções do sufixo *-ismo*, em especial, ao Dr. Zwinglio O. Guimarães Filho, do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, pela elaboração da planilha e do gráfico que serviram de instrumentos para este estudo.

Aos docentes, Profa. Dra. Clarice Assalim e Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, cuja participação no exame de qualificação trouxe sugestões relevantes e importantes para essa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro por seu auxílio e indicações de obras.

À amiga Nilsa Areán-Garcia por suas informações e indicações de obras para esta pesquisa.

Ao professor de línguas grega e hebraica, José Furtado Fernandes Filho, que me auxiliou na pesquisa das palavras de língua grega.

Aos meus pais, sogros e familiares que sempre me apoiaram nestes estudos.

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de entender os valores semânticos do sufixo *-ismo*, num estudo diacrônico, trabalhando com dados etimológicos encontrados no *Dicionário Houaiss* e avaliando a formação de vocábulos nas diversas categorias. Para uma melhor compreensão do sufixo *-ismo*, observou-se sua origem, bem como sua produtividade, na língua grega. Atentou-se para a sua transição do grego para o latim e para o processo de formação de palavras nesse idioma. Considerou-se a presença de vocábulos de origem grega, no latim, ora transliterados, ora formados no latim, mesmo sem encontrar nas gramáticas desse idioma o *-ismo* classificado como sufixo.

A passagem desse sufixo para a língua portuguesa é um fato constatado, porém o estudo do *-ismo* não aparece nas primeiras gramáticas de língua portuguesa. Para isso, analisaram-se as gramáticas portuguesas, iniciando por Fernão de Oliveira e, assim, percebeu-se que o primeiro gramático de língua portuguesa a estudar o sufixo *-ismo* foi Julio Ribeiro. Uma vez que esta obra é produzida antes da data que marca o início do estruturalismo, verificaram-se as afirmações de Humboldt percebendo que, mesmo antes da obra de Ferdinand de Saussure, *Curso de linguística geral*, já havia pensamentos voltados para o estruturalismo, algo que influenciou Julio Ribeiro.

Com base em um *corpus* de duas mil, trezentas e quarenta e três palavras (2.343), analisou-se a etimologia desses vocábulos, recorrendo aos dicionários de grego, latim, espanhol, inglês, italiano e francês, confrontando com as informações encontradas em Houaiss. Além disso, contrastou-se a datação das palavras formadas com o sufixo *-ismo*, apresentadas em Houaiss, com o sítio na internet denominado *Corpus do Português*. Dessa forma, concluiu-se que o sufixo *-ismo* apresenta uma diversidade de valores semânticos adquiridos em sua trajetória diacrônica formando, assim, substantivo de substantivo, substantivo de adjetivo e substantivo de verbo.

Palavras-chave: gramática, derivação, semântica, morfologia histórica, sufixos derivativos

## ABSTRACT

The objective of this research is to understand, by means of a diachronic study, the semantic diversity of the suffix *ism* and to evaluate the formation of various types of words, working with the etymological information found in the *Houaiss* dictionary. In order to understand better the suffix *ism*, its origin and uses in Greek were observed. Attention was given to the transition from Greek to Latin and the process by which words in these languages were formed. The presence of Latin words of Greek origin, either transliterated or of Latin formation, were considered, even if the *ism* suffix was not found in the grammars of these languages.

The transfer of the *ism* suffix to the Portuguese language is an established fact. However, the study of the suffix *ism* does not appear in the first Portuguese language grammars. For this reason, Portuguese grammars, starting with Fernão de Oliveira, were analyzed. It was shown that the first Portuguese grammar to study the suffix *ism* was that of Julio Ribeiro. Noting that this grammar was produced before the beginning date of structuralism, the affirmations of Humboldt were verified, showing that even before Ferdinand de Saussure's work, *Curso de lingüística geral*, there were already structuralist ideas which influenced Julio Ribeiro.

Using a group of two thousand, three hundred and forty-three (2,343) words, the etymology of each was analyzed, consulting dictionaries in Greek, Latin, Spanish, English, Italian and French, and comparing them with the information found in *Houaiss*. In addition, the date of the words formed with the suffix *ism*, presented in *Houaiss*, was contrasted with words found on the site *O Corpus do Português*. It was concluded that the suffix *ism* presents a semantic diversity acquired in its diachronic trajectory, forming nouns from nouns, nouns from adjectives and nouns from verbs.

Key words: grammar, derivation, semantics, historical morphology, derivative suffixes

## LISTA DE ABREVIATURAS

**BDELE** - SILVA, Guido Gómez. *Breve Diccionario Etimológico de La Lengua Española.*

**CdP** - Davies, Mark and Michael Ferreira. (2006-) *Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX)*. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

**DAALF** – REY-DEBOVE, Josette & REY, Alain. *Le nouveau Petit Robert: Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française.*

**DCELC** - Corominas, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana.*

**DCIPPI** – SPINELLI, Vincenzo & CASASANTA, Mario. *Dicionário completo Italiano-Português (Brasileiro) e Português (Brasileiro)- Italiano: com a etimologia das vozes italianas e portuguesas (brasileiras).*

**DEI** – BATTISTI, Carlo & ALESSIO, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano.*

**DELI** - CORTELAZZO, Manlio. *Dizionario etimologico della lingua italiana.*

**DGF** – BAILLY, M. A. *Dictionnaire Grec-Français.*

**DGPPG** – ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário grego-português e português-grego.*

**DPE** – ALMOYNA, Julio Martínez. *Dicionário de Português-Espanhol.*

**DPIIP** – PARLAGREGO, Carlo & CATTARINI, Maria. *Dizionario Portoghese – Italiano, Italiano – Portoghese.*

**DUPB** - BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos Português do Brasil.*

**GDPF** – AZEVEDO, Domingos de. *Grande Dicionário Português / Francês.*

**GLL** - SOUTER, Alexander. *A glossary of later Latin to 600 A.D.*

**NMDI** – WIMMER, Franz. *Novo Michaelis: dicionário ilustrado português-inglês.*

**ODEE** - ONIONS, C. T. *The Oxford Dictionary of English Etymology.*

**OED** - SIMPSON, J. A. & WEINER, E. S. C. *The Oxford English Dictionary.*

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O sufixo –ismo: sua formação do grego ao latim e a sua presença nas gramáticas de língua portuguesa.....</b>	<b>13</b>
1.1 Sufixação e prefixação.....	13
1.2 A língua grega.....	20
1.3 O sufixo –mós na língua grega e sua transição para o latim.....	21
1.4 O sufixo –ismo: do latim para o português.....	29
1.5 A presença do sufixo –ismo nas gramáticas de língua portuguesa.....	35
1.6 A gramática de Júlio Ribeiro.....	39
1.7 A produção gramatical e o sufixo –ismo após Júlio Ribeiro.....	44
<b>2. Sufixo –ismo: análise semântico-categorial.....</b>	<b>69</b>
2.1 Classe relacional.....	71
2.1.1 Classe relacional TIP ( <i>tipicidade</i> ).....	75
2.1.2 Classe relacional SEM ( <i>semelhança</i> ).....	76
2.1.3 Classe relacional ATV ( <i>atividade</i> ).....	77
2.1.4 Classe relacional QNT ( <i>quantidade</i> ).....	77
2.1.5 Classe relacional DOE ( <i>doença</i> ).....	78
2.1.6 A classe relacional FIL ( <i>filiação</i> ).....	78
2.2 Classe de ação.....	79
2.2.1 A classe de ação TRS ( <i>transitivo</i> ).....	80
2.2.2 Classe de ação INS ( <i>instrumento</i> ).....	80
2.2.3 A classe RES ( <i>resultado</i> ).....	81
2.3 Valores Avaliativos.....	81
2.3.1 Valores Avaliativos RES+.....	81
2.3.2 Valores avaliativos PSS+.....	82
<b>3. Discussão acerca de supostos neologismos no português, segundo Houaiss.....</b>	<b>83</b>

<b>4. Vocábulos com sufixo <i>-ismo</i> e suas datações em Houaiss.....</b>	<b>108</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>125</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>135</b>
<b>Apêndice A – Os objetivos das gramáticas de língua portuguesa produzidas entre 1536 e 1881 e a ausência do sufixo <i>-ismo</i>.....</b>	<b>149</b>
<b>Apêndice B - A produtividade e a classificação dos vocábulo com o sufixo <i>-ismo</i> na história, segundo Houaiss, a partir da análise semântico-categorial.....</b>	<b>163</b>

## Introdução

O Grupo de Pesquisa Morfologia Histórica do Português, coordenado pelo professor Dr. Mário Eduardo Viaro, da Universidade de São Paulo, observou que houve uma evolução dos verbetes criados com o sufixo *-ismo* na história da língua portuguesa percebendo que, no século XVI, não passava de dez mil vocábulos com *-ismo* no léxico português, segundo a datação de Antonio Houaiss. O Dr. Zwinglio O. Guimarães Filho e o graduando Leandro Mariano, participante do Grupo de Pesquisa de Morfologia Histórica (GPMH), utilizando o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* como *corpus*, selecionou os verbetes terminados em *-ismo* e produziu gráficos que demonstraram, de forma cronológica, as datas que os vocábulos com esse sufixo entraram para o léxico português (Figuras 1 e 2).

Segundo Said Ali (1971, p. 243), vários vocábulos formados com *-ismo* têm sua origem na Idade Média. Destes, alguns tiveram origem na língua grega e foram vulgarizados por meio da Igreja Cristã. Nos séculos XVIII e XIX, o movimento intelectual que ocorreu em França influenciou a língua portuguesa, a qual, além de receber vocábulos com esse sufixo, formados em outros idiomas, também passou a produzir novas palavras com o *-ismo*, a partir do seus derivantes nacionais. O fato de existirem, em grande quantidade, vocábulos que terminam com *-ismo* nos dicionários de língua portuguesa e, também, percepção a sua produtividade da atual, despertou-se o interesse por entender qual é a origem desse sufixo, como e quando ele surgiu nas gramáticas de língua portuguesa e qual é a sua abrangência semântica na atualidade.

Para tal pesquisa trabalhou-se, no primeiro capítulo, a etimologia do sufixo. Houve dificuldade para entender a sua origem, visto que as gramáticas de língua portuguesa afirmam que o sufixo *-ismo* teve origem na língua grega, ou no sufixo grego *-ismos*, ou *ismós*. A dificuldade surgiu por não encontrar esse sufixo, tal como mencionado nas gramáticas de língua portuguesa, nas gramáticas gregas. Percebeu-se, então, que o sufixo no grego não é *-ismo*, ou *-ismos*, e sim, *-mós*.

No segundo capítulo, entendendo que a língua portuguesa tem sua origem na língua latina, a pesquisa consistiu, obrigatoriamente, em observar a transição desse sufixo do grego para o latim. Notou-se que, na língua latina, esse sufixo apareceu de forma diferente nas terminações de palavras. Dada a sua produtividade na língua portuguesa, fez-se necessário observar as gramáticas latinas, para entender se *-ismus* foi um sufixo na língua latina. Após essa fase, a pesquisa voltou-se para a transição do sufixo *-ismus*, em latim, para a língua portuguesa, *-ismo*, considerando-se o contexto sociocultural de Portugal e do Brasil, no

momento da produção das gramáticas. Ao perceber que o sufixo *-ismo* não aparece nas gramáticas de língua portuguesa, antes de Júlio Ribeiro, e que os estudos morfológicos das palavras têm sua origem no estruturalismo, entendeu-se a necessidade de estudar o contexto sociocultural tanto de Portugal como do Brasil, no momento em que a gramática de Júlio Ribeiro foi produzida. O objetivo da pesquisa da sociedade brasileira e portuguesa, no período de produção gramatical, tem a finalidade de analisar como os elementos culturais e filosóficos influenciaram os autores e sua percepção da língua portuguesa e da gramática.

Para compreender essa influência, trabalhou-se com o linguista alemão Wilhelm von Humboldt, cujas ideias influenciaram muitos escritores da época, motivando neles o estudo morfológico das palavras. Notou-se que Humboldt escreveu suas teorias na área da linguística, antes de Júlio Ribeiro, o qual, por sua vez, escreveu antes de surgir a obra *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, marco do estruturalismo. Constatou-se que a influência do estruturalismo encontrada na obra de Júlio Ribeiro não tem sua base em Saussure. Para poder entender as ideias do alemão Humboldt, recorreu-se à tese de doutorado de Sebastião Elias Milani, *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Symbolismo na história da Linguística*, apresentada à Universidade de São Paulo em 2000.

Uma vez que esse sufixo não aparece nas primeiras gramáticas de língua portuguesa, fez-se uma averiguação nas gramáticas produzidas na história da língua portuguesa. Considerou-se o prefácio de cada gramática e os capítulos que tratavam de etimologia, para encontrar algum estudo morfológico. Ao analisar as gramáticas produzidas na história da língua portuguesa, notou-se que os objetivos dos autores estavam relacionados tanto com o público alvo, como também com os aspectos político, religioso e, até mesmo, comercial. Foi possível perceber, neste capítulo que, nem sempre, o interesse da produção de uma gramática consistia somente no aprendizado da língua.

No terceiro capítulo, privilegiou-se a análise semântico categorial do sufixo *-ismo*, à luz da classificação semântica dos significados encontrados nos sufixos, organizada pelo Grupo de Pesquisa Morfologia Histórica do Português (GMHP), que é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e coordenado pelo professor Dr. Mário Eduardo Viaro. Sem recorrer a um fundamento teórico singular, o GMHP considerou a obra de Graça Maria Oliveira Silva Rio-Torto, *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português* (1998), visto que esta apresenta informações de análise semântica na formação de palavras. Desta forma, ao perceber o significado do sufixo, o GMHP classificou as duas mil, trezentas e quarenta e três (2.343) palavras com o sufixo *-ismo*, encontradas no Houaiss (2007), segundo a datação, relacionando-as com a classificação sufixal. Isto

objetivou o entendimento de como ocorreu a produção de vocábulos com o sufixo *-ismo* e suas classificações e, também, como esse processo ocorreu na história.

No capítulo quatro, a atenção voltou-se para exemplos de palavras com etimologia opaca, encontradas no dicionário Houaiss. Ao comparar o vocábulo correspondente em outros idiomas, foi possível perceber, por meio de datação, a possibilidade de alguns vocábulos terem surgido, na língua portuguesa, como empréstimo de outros idiomas, principalmente, as línguas românicas. Durante a pesquisa, consultando outros *corpora* não foi difícil encontrar datações diferentes à do Houaiss em vocábulos formados com o sufixo *-ismo*. Por esse motivo, optou-se por trabalhar o capítulo cinco, comparando as datas do dicionário Houaiss com a do *Corpus de Língua Portuguesa (CdP)*. Notou-se, então, a diferença de *corpus* a que ambos recorreram e os resultados para as datas dos vocábulos.

Entendendo que esse sufixo continua sendo produtivo, na atualidade, analisaram-se sítios da internet para perceber a sua presença, em que contexto e em que área ele é utilizado. Assim detectou-se que vários neologismos são formados ainda hoje, apesar da pouca produtividade, mas em relação ao século XIX, o sufixo *-ismo* tem produtividade considerável, merecendo pesquisa.

## **1. O sufixo *-ismo*: sua formação do grego ao latim e a sua presença nas gramáticas de língua portuguesa**

Para pesquisa do sufixo *-ismo*, faz-se necessário o estudo da morfologia que aborde a sufixação, com o objetivo de analisar as palavras separadas, não abrangendo a sua função na oração. Dessa forma, o estudo morfológico analisa as classes de palavras. Além disso, no estudo, pode-se optar por entender os morfemas e o seu valor como a menor unidade gramatical a ser identificada.

### **1.1 Sufixação e prefixação**

O homem vive em um mundo que sofre mudanças constantes, as quais são percebidas pelas alterações na sociedade com a formação de novas realidades, forçando-o a flexibilizar-se na sua língua. Como consequência dessas adaptações, novas palavras são formadas e a forma de entender esse processo se dá na descrição e na análise da estrutura externa da palavra, o fracionamento da mesma em morfemas e a observação de quais são os modelos ativos e disponíveis, para que novos vocábulos sejam formados (VILELA, 1994, p. 55). Não se pode dissociar cultura, sociedade e língua, afinal, elas interagem a todo tempo, produzindo um processo complexo e único (BARBOSA, 1981, p. 158).

Na constituição do léxico, a formação de palavras é um processo relevante. Tal processo ocorre, quando há uma relação entre o léxico e as propriedades de natureza referencial, ou entre o léxico e as propriedades afetivas ligadas às palavras e aos seus aspectos referentes como marcas diatópicas, diastráticas e diafásicas. A complexidade que aparece na formação de palavras, seja na constituição denotacional ou conotacional, também está presente no aspecto teórico. As entidades lexicais denominadas por Vilela, tais como as bases, os afixos e as palavras, compõem os elementos principais para a formação de novos vocábulos. Dessa forma, a morfologia trabalha com a estrutura interna das palavras. Segundo o autor, a formação de palavras está relacionada com o resultado das transformações semânticas (VILELA, 1994, p. 51).

O fato de os nomes representarem coisas ou seres, e os verbos, processos, não tem sido aceito pelo argumento filosófico, pois na filosofia, diferente do argumento linguístico, entende-se que é impossível separar os processos e os seres no universo biossocial. A posição linguística defendeu a tese de que nomes como *juízo*, *viagem* ou *consolação*, por exemplo, são atividades, entendidas como processos. Para Câmara Jr., essas palavras são

consideradas, na língua, nomes e, por sua vez, associados às coisas (CAMARA JR., 2004, p. 78).

Vilela (1994, p. 52) entende que o estudo de formação de palavras pertence ao campo da linguística “que identifica, descreve e analisa as combinações de morfemas”. Essas combinações não são apenas livres de construções sintáticas, pois elas conceituam o que é a palavra. Entendida como produto global, a palavra abrange o nível fonético-gráfico, o morfológico, o sintático, o semântico lexical e o enunciativo-pragmático. Como exemplo, Vilela apresenta a recategorização do gênero de algumas palavras, como *cigarro* que, sendo do gênero masculino, passa para o feminino no vocábulo derivado, *cigarrilha*. O mesmo ocorre com o vocábulo *mulher*, pois passa para o masculino em *mulherão*.

Para o estudo de formação de palavras o autor tem, como pressuposto, o conceito de palavra conforme a unidade semântico lexical. Além disso, ele faz uma distinção entre lexema de morfemas lexicais e gramaticais. Esse axioma é fundamentado no significado lexical do vocábulo, como consequência dos elementos que o formam, destacando a base, os afixos e o paradigma formativo. Na sua compreensão do significado lexical da palavra derivada, entende que esta pode ter os significados “literal, figurativo, contextual e enunciativo-pragmático” (VILELA, 1994, p. 53).

No início da sua obra, Vilela (1994, p. 54) afirma que o estudo de formação de palavras pode ser realizado a partir de uma perspectiva diacrônica. Desta forma, a palavra seria analisada juntamente com os elementos que a constituem em sua trajetória na história. Para tal análise, seriam considerados a forma e o conteúdo. Outra maneira de se estudar a formação de palavras, explica, seria analisar em todas as palavras do léxico português, quais são as suas bases e os seus afixos. Com esse método, observar-se-ia a evolução e a semântica da palavra na história da língua na qual está sendo utilizada.

Apresentadas estas formas de estudar a formação de palavras, para a sua pesquisa, Vilela opta por fazer uma seleção de vocábulos pertencentes à denominada classe aberta. Estes são os que apresentam significação objetiva. São eles: substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Tal escolha consiste no fato de essas palavras admitirem mobilidade formativa, algo contrário das demais. Além disso, o autor entende a formação delas como “um processo de sistematização e motivação (diria mesmo, transparentização) semântica” (VILELA, 1994, p. 54) que trabalha com categorias e estruturas semelhantes às das gramaticais.

Feitas essas observações, Vilela conceitua morfema como “a unidade mínima portadora de significado, identificável pela comparação e possibilidade de comutação com os morfemas constitutivos de outras palavras” (1994, p. 55). Há morfemas lexicais, gramaticais e

derivativos. Os lexicais são os que pertencem à classe aberta, restringindo-se às áreas sintática e semântica. Os gramaticais expressam funções gerais como masculino e feminino, singular e plural, além da concordância e colocação. Os derivativos são os que apresentam valores sintáticos, significação objetiva e relacional. Dessa forma, um afixo pode possuir valores diferentes, dependendo da base em que ele for utilizado para formar nova palavra.

Na formação de palavras, há alguns elementos que são fundamentais, como os morfemas lexicais, que são considerados básicos. Outros morfemas são os derivativos, que se juntam a uma base e operam alteração de categoria gramatical. O exemplo sugerido por Vilela é o vocábulo *trabalhar* que, de verbo, pode assumir a função de substantivo ou adjetivo, no caso de *trabalhador*. Alterações semânticas também ocorrem com os termos derivacionais. Isso pode ser notado em outro exemplo apresentado pelo mesmo autor, como em *escrever*, que também de verbo forma a pessoa que atua conforme o verbo. Dessas derivações mencionadas, a sufixal é um processo que enriquece o léxico português (VILELA, 1994, p. 59).

Para Sandmann, a prefixação e a sufixação não se limitam apenas a ser elementos que formam novas palavras, sejam eles antepostos, como é o caso de prefixo, ou pospostos, no caso de sufixo a um radical. “Essa diferença é, no entanto, uma diferença apenas superficial” (SANDMANN, 1989, p. 11). A diferença principal, propõe Sandmann, se dá pela função desses elementos ou pelo resultado que apresentam. Os prefixos, juntando-se a um radical, não mudam a classe das palavras. Já, os sufixos mudam. Essa mudança de classe gramatical na sufixação não ocorre apenas com os sufixos aumentativos e diminutivos. O exemplo apresentado por Sandmann é o adjetivo *belo* que, acrescentando o sufixo *-eza*, forma o substantivo *beleza*. Com sufixos também é possível formar substantivo de substantivo. Outro exemplo do autor é o “substantivo *matriz* + sufixo *-aria* se forma um outro substantivo (*matrizaria*)” (SANDMANN, 1989, p. 11).

A posição de dois autores acerca do valor dos sufixos é refutada por Sandmann. Este entende que, na gramaticologia portuguesa, os afixos, dando ênfase nos sufixos, são elementos com menos expressão semântica do que os radicais. A origem dessa postura, Sandmann encontra em Bechara e em Rocha Lima. Os textos de ambos os autores, selecionados por Sandmann, mostram que para Bechara “ao contrário dos sufixos, que assumem um valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa...” (BECHARA, 1989, p. 206) e para Lima “ao contrário dos prefixos, que, como vimos, guardam certo sentido, com o qual modificam, de maneira mais ou menos clara, o sentido da palavra

primitiva, os sufixos, vazios de significação, têm por finalidade formar séries de palavras da mesma classe gramatical” (LIMA, 1972, p. 180).

Na evolução da língua, os fatos ocorridos na sociedade, como fenômenos, pensamentos, progresso na ciência, entre outros, colaboram para o surgimento de novas expressões por meio dos substantivos. Sobre esse fato, Fleischer afirma: “o domínio linguístico do meio em contínua mudança requer do homem um desenvolvimento incessante do vocabulário. Novos objetos ou fenômenos da vida diária têm de ser designados, novos pensamentos precisam receber sua roupagem linguística; novos termos tornam-se necessários com o desenvolvimento das ciências” (FLEISHER, 1982, p. 09 *apud* SANDMANN, 1989, p. 33).

Ao observar os estudos de Vilela (1994) e de Sandmann (1989), percebe-se que essas duas abordagens sobre derivação sufixal são importantes para o estudo acerca do sufixo – *ismo*. No caso do primeiro, além de ele apresentar a importância dos afixos na formação das palavras e as influências das transformações semânticas na formação das palavras, Vilela também valoriza o aspecto diacrônico na formação dos vocábulos, visto que as palavras podem ser analisadas, a partir dos elementos que colaboraram para a sua formação, ao longo de sua história. Já a abordagem de Sandmann, acerca da sufixação, é relevante para a pesquisa sobre o sufixo – *ismo*, pois esse autor apresenta as mudanças gramaticais provocadas pela sufixação. Também enfatiza que elementos como fenômenos, pensamentos e progresso da ciência influenciam a sociedade e geram novas expressões por meio dos substantivos. A partir dessa observação, é possível entender a produção de novos vocábulos com o sufixo – *ismo* por causa do progresso da ciência. Esse fato é comprovado no Iluminismo e os vocábulos que surgiram num período de novas descobertas na história da humanidade.

Basilio (1987, p. 26) resume a formação de palavras apenas em derivação e composição. Explica que a derivação consiste na junção de um afixo, que pode ser um prefixo ou um sufixo, a uma base. Dessa maneira, Basilio conceitua palavra derivada, quando esta é constituída por uma base e por um afixo. Na derivação, a autora também faz menção dos dois aspectos das palavras derivadas: a forma livre, denominada por ela de forma comum, ou seja, “uma forma que posa por si só constituir um enunciado, como acontece com verbos, substantivos, adjetivos e advérbios” (BASILIO 1987:26), e a forma que ocorre nas derivações a partir de bases presas. O exemplo apresentado por ela é o vocábulo *psicológico*. Nesse caso, há o acréscimo do sufixo – *ico*, que forma adjetivos, à base *psicolog-* considerada presa.

Basílio (1987:26) entende, ainda, que a derivação está sujeita à necessidade de novas expressões, conforme as categorias nocionais. As funções sintático-semânticas dos afixos

podem delimitar os usos e significados das palavras que são formadas por meio do processo derivacional, conforme a diversidade de afixos. Por esse motivo, “a própria disponibilidade de um afixo ou de um correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua” (BASILIO, 1987, p. 28).

Há afixos que apresentam ampla produtividade na língua portuguesa, como no caso da nominalização de verbos, ocorrendo a transformação de verbos em substantivos. Em outros afixos, a produtividade é bem restrita, como por exemplo, a função particular do sufixo *-ada* no substantivo *feijão*, formando *feijoada*. Neste caso, o sufixo indica o prato preparado com base no cereal utilizado no próprio prato. Percebe-se que a diferença entre a produtividade de afixos está relacionada com a classe das palavras e a abrangência da generalidade. Os sufixos que apresentam “noções como a negação, o grau, a designação de indivíduos ou entidades abstratas são noções bastante comuns e de grande generalidade; conseqüentemente, esperamos que processo que incluam tais noções em sua função sejam altamente produtivos” (BASILIO, 1987, p. 29). Com essa análise de Basilio, nota-se que o sufixo *-ismo* é um afixo altamente produtivo pela sua generalidade.

Para Kehdi (1990, p. 26), o elemento comum às palavras de uma mesma família e, por sua vez, irredutível, é denominado radical. O exemplo apresentado por esse autor é o segmento *ferr-*. Deste, podem ser construídos vários vocábulos, tais como, *ferro / ferreiro / ferradura e ferramenta*. Nesse caso, o autor evita a designação *raiz*, pois entende que está mais voltada para uma perspectiva diacrônica. Ao afirmar que nem sempre há uma coincidência entre os enfoques sincrônicos e diacrônicos, explica que no exemplo do verbo *comer*, o radical é *com-*, assim como nos vocábulos *comida* e *comilão*, porém a raiz de *comer* é *ed-* (KEHDI, 1990, p. 26)

Antes de tratar dos prefixos e sufixos, Kehdi (*op. cit.*) expõe o seu conceito de afixo. Este, afirma o autor, é o que se anexa ao radical e muda seu sentido. Para esta afirmação, exemplifica com o verbo *fazer*. Acrescentando-lhe o prefixo *des-*, forma-se um novo sentido, *desfazer*. No exemplo de *livro* e *livreco*, também apresentado pelo autor, não muda o sentido da palavra inicial e, sim, acrescenta-lhe uma ideia secundária. Além desses dois exemplos, Kehdi justifica que os afixos também podem provocar alteração na classe gramatical. O exemplo para esse caso é o adjetivo *leal*. Acrescentando-lhe o afixo *-dade*, obtém-se um substantivo, *lealdade*. Há vocábulos que o sufixo não altera a classe gramatical do radical, por exemplo o substantivo *ferreiro* derivado de outro substantivo, *ferro*. Assim como os demais

autores, Kehdi também afirma que os afixos utilizados antes do radical são denominados de prefixos e os utilizados depois do radical, de sufixos.

Os sufixos nominais podem construir nomes. Os exemplos apresentados por Kehdi são os sufixos *-mento* e *-al*. Esses dois sufixos são capazes de formar *armamento* e *mortal*. Além da formação de substantivos e adjetivos, o autor também lembra que na língua portuguesa há vários sufixos considerados verbais. Os exemplos são: *-ejar*, *-ear*, *-izar*, *-e(s)cer*, *-itar* (*purpurejar*, *galantear*, *civilizar*, *florescer*, *saltitar*). Acrescenta ainda que para advérbio existe apenas o sufixo *-mente*. Este “se prende à forma feminina do adjetivo: *lindamente*, *firmemente*” (KEHDI, 1990, p. 27).

Camara Jr. (2004, p. 82) faz uma distinção entre sufixos flexionais, ou desinências e os sufixos derivacionais, os quais têm objetivo de formar novos vocábulos. Na derivação, nota-se que nas palavras não há uma sistematização obrigatória para uma classe homogênea do léxico. O fato de uma derivação aparecer para um dado vocábulo, não significa que ela aparece para um vocábulo congênere. O exemplo do autor é o verbo *cantar*. Deste, pode-se construir *cantarolar*, já com verbos análogos, *falar* e *gritar*, isso não ocorre, visto que são outros tipos de atividades da voz humana. Entende-se assim, que os processos de derivações são variados e desconexos, pois nem todos os verbos apresentam nomes derivados deles.

Algo diferente ocorre na flexão. Para que esta ocorra, existe uma sistematização e até uma obrigatoriedade. Esses dois aspectos são impostos pela própria natureza da frase, pois é ela que obriga o uso de um substantivo no plural ou de um verbo em seu determinado modo, tempo e pessoa. Além disso, outro fator presente na língua portuguesa é a concordância, que abrange o número, singular e plural; o gênero, masculino e feminino. Com essa explicação acerca da flexão e da derivação, esta, afirma Câmara Jr. (2004, p. 82), pode formar um novo vocábulo. Para os vocábulos derivados, existe o que ele denomina de *relações abertas*, o contrário das *relações fechadas* que têm sua base na gramática.

Depois de explicar como os estruturalistas conceituaram morfema, uma unidade mínima significativa, e como os gerativistas reagiram a esse conceito, uma unidade mínima sem significado, Basílio (1980, p. 41) faz a seguinte abordagem acerca dos sufixos: eles “são marcadores de categorias lexicais maiores, mas isto não é incompatível com a afirmação de que sufixos podem adicionar significados específicos a suas bases” (BASILIO, 1980, p. 41). Além disso, a autora esclarece que em alguns casos os sufixos aparecem como marcadores sintáticos e desempenham uma função secundária. Basílio exemplifica esse caso com o sufixo diminutivo *-inho*. Adicionado a uma base, ele comunica o sentido diminutivo. Sendo assim, tanto o vocábulo que recebe o sufixo, como a palavra que é resultado desse acréscimo sufixal

são nomes. Por mais que o *-inho* se apresente como um marcador sintático, afirma a autora, esta não é a sua função primária.

Com essa análise, Basílio (1980, p. 41) conclui que os morfemas não são caracterizados pela presença de um ou outro significado, e sim, que a maior parte dos morfemas apresenta significados específicos. Segundo a autora, o erro dos estruturalistas foi dizer que os morfemas sempre têm significado, uma posição extremada. Tal postura provocou a reação oposta dos gerativistas que, também, segundo Basílio, é fadada ao fracasso. A teoria da morfologia derivacional enfrenta o problema relacionado aos fatores de semântica. Isso significa que não se pode atribuir significado específico para cada componente morfológico, num grande número de construções. Para Basílio, esta não é uma questão de fácil resolução. O que se pode afirmar, no momento, é que uma posição extremada bloqueia as pesquisas que podem fazer novas descobertas em relação a esse problema. Sabe-se que o estudo de mudança do significado das palavras é algo estudado pelos linguistas e, até mesmo, pelos antigos. Desde que haja busca de significado real das palavras, pressupõe-se que elas sofram alterações nos seus significados.

Até mesmo na estilística os sufixos apresentam seus valores, pois além dos conceitos e funções mencionados pelos autores, Lapa (1973, p. 83) afirma que os sufixos são mais relevantes que os prefixos em estilística. Defende esta posição, ao afirmar que eles “acrescentam quase sempre à palavra simples uma ideia puramente intelectual”. Ele entende que as expressões afetivas são mais presentes nos sufixos. “Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afina, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns sufixos” (LAPA, 1973, p. 83).

O exemplo escolhido pelo autor é o vocábulo *livro*. Em seis frases, Lapa demonstra como alguns sufixos, acrescentados à base, *livro*, modificam-na sentimentalmente. O seu primeiro exemplo é com o sufixo *-inho*: “lê este *livrinho*: contém preciosas lições”; o segundo exemplo é com o sufixo *-ito*. Assim escreve: “deu-lhe um *livrito* para ler nas suas horas vagas”; o terceiro exemplo é com o sufixo *-eco*: “o pai repreendeu o filho por ler aquele *livreco*”; o quarto exemplo, com o sufixo *-ório*: “na mesa, estava um *livrório* que ninguém lia”; o quinto exemplo é com o sufixo *-ada*: “havia por toda a sala *livralhada* sem fim” e por último, apresentou o sufixo *-esco*: “o seu saber para nada servia, era todo *livresco*”.

Na sua explicação para os sufixos utilizados como recurso na estilística afirma que, no primeiro exemplo, o sufixo *-inho* trouxe ao vocábulo não um significado voltado para pequenez, mas mais para a ternura, simpatia, graciosidade, ou seja, algo querido, apreciado.

Esse aspecto do sufixo *-inho* é mais notável em vocábulos como *paizinho*, *mãezinha*, que não significam *pai pequeno* ou *mãe pequena*. No segundo exemplo, o vocábulo *livrito* apresenta o significado de *livro pequeno*. É um sufixo que não tem o mesmo valor afetivo de *-inho*, podendo introduzir sentimento de brandura ou depreciação. Já, o sufixo *-eco*, caso do terceiro exemplo, demonstra a qualidade do livro, com desprezo ou antipatia. Tal sufixo abrange, também, o sentido pejorativo, como em *padreco*. No quarto exemplo, em *livrório*, o significado é de um *livro grande*, mas de pouco valor. No quinto exemplo, o sufixo *-ada* suscita a ideia de coletivo, mas o morfema *-alho*, a ideia de depreciação. Por isso, na palavra *livralhada* encontram-se as seguintes unidades semânticas: conceito de livro + de mau livro + de muitos livros. E o sufixo *-esco*, no último exemplo, sugere uma ideia desvalorativa. Percebe-se esse significado, quando o mesmo sufixo é utilizado em palavras como *grotesco*, *soldadesca*, *fradesco* e *pedantesco* (LAPA, 1973, p. 85).

## 1.2 A língua grega

No estudo do sufixo *-ismo*, encontrado nas gramáticas atuais de língua portuguesa, observou-se que na língua grega era utilizado o sufixo *-mós*, em grego *-μός*, e não o próprio *-ismo* ou *-ismós*, como encontrado nas gramáticas atuais de língua portuguesa. Na língua grega, esse sufixo formava substantivos deverbiais de ação que, na história dos povos, passou para a língua latina em forma de *-ismus*. Nesta, encontraram-se vocábulos com a terminação em *-ismus*, mas não foi encontrado esse sufixo nas gramáticas de língua latina, como elemento produtivo.

É de conhecimento geral que o sufixo *-ismo* teve origem no idioma grego. O idioma é a “modalidade da linguagem, privativa de um determinado grupo social, para servir à intercomunicação dos indivíduos que o compõem, mas que também é o veículo de expressão das vivências próprias e unívocas de cada pessoa, em seu relacionamento com o mundo exterior”. Pesquisas realizadas a respeito da língua grega, demonstram que sua origem deu-se no indo-europeu. Incomodado com esse assunto, Horta (1978, p. 13) perquire a origem dos idiomas, considerando as diferenças da língua grega. Suas observações são a respeito da uniformidade do grego que não aparece em nenhum momento da história, a não ser nos períodos mais tardios. Outro detalhe de sua pesquisa é a relação existente entre o grego e o latim, uma vez que os idiomas neolatinos apresentam formações cunhadas no grego. A sua atenção volta-se para a possibilidade do contato entre os dois povos, grego e romano, e o

porquê de ambos os idiomas apresentarem aspectos linguísticos, como se a origem desses idiomas fosse de uma mesma raiz, a língua indo-europeia.

Do ponto de vista linguístico, a relevância deste assunto para esta pesquisa é a origem do sufixo *-ismo*, mesmo que no grego, ainda como sufixo *-mós*, faça-se necessário entender como o sufixo *-ismo* foi utilizado na formação das palavras. “O grego, assim como muitas outras línguas extintas e ‘vivas’, da Europa e da Ásia Ocidental, faz parte da grande ‘família’ das línguas indo-europeias” (RIBEIRO JR., 1998, p. 60). As populações conhecidas hoje como indo-europeias chegaram à Ásia Ocidental e ao sudeste europeu no final do Neolítico, que abrangeu do ano 6000 a 2900 a.C., ou no início do Bronze Antigo, do ano 2900 a 2000 a.C. A mistura entre “o indo-europeu primitivo, e a língua falada pelas populações locais originou diversos idiomas. Alguns deles existiram somente na Antiguidade; outros existem até hoje”. (RIBEIRO JR., 1998, p. 60).

Ainda em relação à língua grega, considerar as palavras de Horta (1978, p. 26):

Tão poderoso foi o caráter de originalidade dessa língua, que logrou preservar-se quase por completo de influências estranhas. Seu léxico, especialmente mostra-se dos mais isentos de contaminação estrangeira, pois alguns poucos elementos, recebidos de populações pré-helênicas, ou de empréstimos resultantes de contatos comerciais, logo cedo foram assimilados.

Esta posição de Horta é diferente de outros estudiosos que entendem que, em torno de 2200 a.C., existiu apenas um dialeto, o grego comum. Desta língua surgiram os demais dialetos. Há outros pesquisadores que sustentam a posição de que nunca existiu um único dialeto grego pois, historicamente, entende-se que a cultura grega foi o resultado de uma diversidade de culturas, principalmente do período Neolítico à Idade do Bronze (RIBEIRO JR., 1998, p. 60).

Como outras línguas e dialetos que existiram no passado, o grego foi muito utilizado e passou por diversos períodos. Novos dialetos surgiam, dependendo da cultura e da época. Independentemente destas questões, o sufixo *-ismo*, objeto de estudo nesta pesquisa, colaborou para a formação de novas palavras.

### **1.3 O sufixo *-mós* na língua grega e sua transição para o latim**

Ao observar a língua grega e seus dialetos, faz-se necessário entender como o sufixo *-mós* passou para o latim em *-ismus*. Para isto, uma breve abordagem da influência da cultura grega na cultura romana auxilia na compreensão desta transição e do uso do sufixo *-ismo* no

passado. Florenzano lembra que “tal como a história dos gregos, também a dos romanos começou pelo desenvolvimento de instituições políticas assentadas na cidade e elaboradas em benefício de uma comunidade de homens livres - os cidadãos - proprietários de terras e que reivindicavam a descendência direta dos fundadores de sua pátria” (1982, p. 56). Estes povos, por vários motivos, mantiveram contato entre si. “No século II a.C., alguns negociantes italianos, romanos e não-romanos, estabeleceram-se em Delos e em outros empórios comerciais do Mundo Helênico. Algumas colônias romanas foram plantadas no Sul da Grécia, na Macedônia e na Trôade por Júlio César e Augusto. Mas todos esses intrusos foram exterminados, expulsos ou absorvidos” (TOYNBEE, 1981, p. 52).

Afinal, quando Roma foi fundada, a península Itálica era ocupada pelos gregos, na região sul, pela conhecida Magna Grécia, pelos gauleses ao norte e pelos estrucos-latinos ao centro. No passado, a relação entre romanos e gregos sempre existiu, como afirma Bunse: “desde os começos de Roma existiram relações culturais entre os romanos e os gregos do sul da Itália” (1943, p. 50). Esse contato entre eles nem sempre foi de bom relacionamento, pois no ano 275 a.C., iniciou-se, em Roma, o período das conquistas. Pelos meados do século IV a.C., os romanos não estavam contentes com o espaço geográfico onde viviam. Até mesmo as colônias gregas localizadas na Itália aceitaram a dominação romana. Foi, assim, que o helenismo, já conhecido em Roma, por causa do seu prestígio e da sua difusão, quase comprometeu o futuro do latim (FARIA, 1955, p. 15).

Os romanos dominaram as cidades gregas que estavam localizadas ao sul da Itália. Já no ano 149 a.C., eles tinham ocupado a Espanha e partiram para destruir Cartago e, nesse mesmo período, as tropas romanas conquistaram a Grécia. Mas, incapazes de oferecer à cultura fundo e forma nacionais, os romanos viram-se obrigados a recorrer à cultura grega, cuja influência venceu a resistência mesmo dos círculos conservadores que – temendo uma perda de prestígio - não queriam, exteriormente, deixar-se influenciar. “E a esta influência grega, que se firmou e conquistou o ambiente cultural em Roma, costumamos chamar ‘helenização’” (BUNSE, 1943, p. 51). No ano 133 a.C., Roma assumiu o total controle do mar Mediterrâneo. Em meio a essas guerras e conquistas não deixou de existir a produção literária.

Faria (1955, p. 15) intensifica esta posição, quando afirma que o grego representa, na formação da literatura latina, um papel importante, devido ao aperfeiçoamento do latim, seja na civilização, seja na língua literária. Este também é o pensamento de Bunse (1943, p. 50), quando propõe que a cultura grega exerce influência na antiga Itália e, como consequência, na língua e na cultura latinas. Esse fato pode ser destacado na linguagem do povo, permanecendo

a influência grega dissimulada em atitudes e costumes tradicionais entre os patrícios. “De fato, o latim não tinha necessidade de copiar elementos estruturais do grego. Nenhuma língua imita tão servilmente a outra, a não ser que chegue a tal estado de dependência cultural, que perca toda a sua individualidade, o que só acontece quando ela está em vias de ser inteiramente absorvida por uma língua de maior prestígio” (MAURER JR., 1962, p. 159).

Para Hooker (1996, p. 14), antes mesmo dos romanos serem influenciados pelos gregos, os etruscos escreveram sua própria língua, que não se parecia nem com o grego, nem com o latim. Seu alfabeto foi adaptado ao modelo grego no século VII a.C., o que ocorreu com o alfabeto grego, que tinha sido adaptado do alfabeto fenício. O autor continua:

A língua etrusca, até o início do Império Romano (27 a.C.), era grafada em seu próprio sistema de escrita; porém, muito antes disso, havia sido eclipsada em importância pelo latim, a fala do Lácio usada na Itália central. É opinião geral que o alfabeto latino era, por sua vez, uma adaptação direta do etrusco; mas outros alfabetos itálicos, também baseados no grego, podem ter propiciado alguma ajuda no processo (HOOKER, 1996, p. 14).

No latim, a diferença entre a língua clássica e a vulgar ocorreu pelo fato que aquela conservou, em grande quantidade, as antigas formas. Já, esta, substituiu tais formas por outras mais novas que, às vezes, eram derivadas daquelas, ou então, eram termos novos de diversas origens. Por esse motivo, não é necessário investigar ou até mesmo reportar-se ao grego para demonstrar a influência de diversas origens no latim vulgar e a diferença deste em relação ao latim clássico (MAURER JR., 1962, p. 169).

Com essa leitura da história da escrita grega e latina, não é difícil de perceber a possibilidade de o sufixo *-mós*, em grego, e o sufixo *-ismus*, em latim, terem transitado por esses idiomas, como resultado dos contatos entre as culturas desses dois povos. A posição em relação à origem desse sufixo não parece ser diferente entre os autores que escrevem a respeito desse assunto. É fato que a língua grega apresenta vários sufixos. Robertson (1919, p. 146) entende que o “grego é rico nestes sufixos formativos, que são mais ou mais menos populares em vários períodos da língua. Os sufixos no grego são bem semelhantes àqueles no Sânscrito antigo”<sup>1</sup>. Segundo esse autor, os vocábulos na língua grega que terminam em *-mós* expressam ação. Por esse motivo, ele faz menção de alguns nomes que terminam com esse sufixo na língua grega:

---

<sup>1</sup> “the Greek is rich in these formative suffixes, which are more or less popular at various periods of the language. The suffixes in the Greek are quite similar to those in the older Sanskrit.” (*tradução nossa*)

Aqueles de origem verbal - palavras terminadas em *-μός* expressam ação. Eles são dos verbos com a terminação *-άζω*, formando assim, *'αγνις-μός* (do grego antigo *'αγνίζω*, (...) comum na LXX e no N.T.); *'αγνις-μός* (com origem em *'αγνίζω*, (...); *ἀπᾶρτις-μός* (...); *'ἀπᾶρ-μός* (*'ἀπράζω* é da raiz *'ἀπρ*, como o Latim *rapio* (...); *πειρας-μός* (do verbo *πειράζω* e comum na LXX). Dos verbos dentro *-ίζω* nós temos o *βᾶπτις-μός* (...) usado por Josefo, citando o batismo de João, mas não no N.T. Da ordenança do batismo, exceto na carta aos Colossenses 2:12 (...) uma leitura ocidental foi rejeitada por W. H.; *'ονειδῖς-μός* (...); *παροργῖς-μός* (não encontrado mais cedo do que na LXX nem nos escritores do grego *κοινή*); (...) A terminação *-μός* sobrevive no grego moderno literário (...) a tendência é que as novas palavras terminadas em *-μός* diminuam. O grego vernacular moderno tem deixado perder esta terminação<sup>2</sup> (ROBERTSON, 1919, p. 152).

Além desta posição a respeito do sufixo *-ismo*, no grego, defendida por Robertson, Carvalho Luz (1991, p. 37), em seu manual de língua grega, explica que a terminação *-μός* assinala ação: “*-μός*: *κλαυθ-μός*, pranto, choro, de *κλαίω* - eu choro, raiz *κλαf*”. Outro substantivo de ação no grego é o vocábulo *πολεμα* - “guerra”. No nominativo, singular da segunda declinação, aparece o sufixo *-μός* - *ὁ πόλεμος* - “a guerra”. Ao tratar de algumas divergências entre o grego bíblico (ou *κοινή* popular) e o grego clássico, nas diferenças morfológicas dos verbos no futuro, Freire (1986, p. 259) afirma que “os verbos que terminam em *-ίζω* têm também o futuro regular *-ίσω*, em vez do futuro ático (*-ίω*)”. Ao estudar a derivação das palavras, este mesmo autor apresenta os sufixos de ação ou resultados de ação. São eles: *-σις*, *-σία*, *-α*, *-η*, *-μα*, *-μη*, *-μός*. Os exemplos oferecidos por Freire (1986, p. 269) são: *μάθη-σις*, *estudo* (*μανθάνω*, *estudar*); *θυ-σία*, *sacrifício* (*θύω*, *sacrificar*); *φθορ-ά*, *corrupção* (*φθείρω*, *corromper*); *εὐχ-ή*, *oração* (*εὐχομαι*); *διωγ-μός*, *perseguição* (*διώκω*).

Nota-se que o verbo *διώκω* - *perseguir* - não usa a letra sigma *s*, no presente do indicativo médio, *dedίωμαι* - *prossigo* - mesmo sendo um verbo de ação. O futuro do indicativo deste verbo, com a raiz *διωκ-*, torna-se *διώζω*. A letra que foi acrescentada é a *ζ* (xi). Isto ocorre, porque os verbos que possuem as “raízes em *κ*, *γ* ou *χ*, unindo-se com o *s*, formam o *ζ*; isto é, *κ + s = ζ*; *γ + s = ζ*; *χ + s = ζ*” (TAYLOR 1986, p. 76). Para formar o substantivo *perseguição*, acrescenta-se à raiz do verbo, o sufixo *-μός*, transformando-o no substantivo *διωγμός*. Observa-se, aqui, que esse substantivo deverbal não utilizou o *s* (sigma) antes do sufixo *-μός*, em grego *-μός*.

<sup>2</sup> “Those from verbs - Words in *-μός* expressing action. From verbs *-άζω* como *ἀγνις-μός* (ancient Greek *ἀγνίζω*, common in LXX and N.T.); *ἀγνις-μός* (from *ἀγνίζω*, (...); *ἀπᾶρτις -μός* (...); *ἀπᾶρ -μός* (*ἀπράζω* is from root *ἀπρ*, like Latim *rapio*. (...); *πειρας -μός* (from *πειράζω* and common in the LXX). From verbs in *-ίζω* we have *βᾶπτις -μός* (...) used by Josephus of John’s baptism, but not in the N. T. Of the ordinance of baptism, save in Col. 2:12 (...) a Western reading rejected by W. H.; *'ονειδῖς -μός* (...); *παροργῖς -μός* (not found earlier than LXX nor in *κοινή* writers (...); The ending *-μός* survives in literary modern Greek (...) The tendency to make new words in *-μός* decreased. The modern Greek vernacular dropped it.”

Já, o verbo *βaptίζω* – *imerjo, mergulho*, tem como raiz *βaptid-*. Na língua grega, para a formação do futuro de um verbo, conforme as terminações da raiz, transformam-se em sigma *s*. Por exemplo: as “línguo-dentais *t, d, θ + s = s*” (TAYLOR, 1986, p. 76). Por esse motivo o verbo *βaptίζω*, no futuro, torna-se *βaptίσω*. Quando esse verbo é transformado em substantivo, o *s* (sigma) permanece antes do sufixo *-μός*, por exemplo, *βaptισμός*, que é o ato da imersão. Visto que o vocábulo *batismo* é uma das primeiras palavras que aparece na língua portuguesa com a terminação *-ismo*, convém atentar para a afirmação de Magne (1953, p. 179) ao tratar do verbo batizar em grego:

Deste verbo, que o latim eclesiástico tomou do grego, são variantes 1. Em português: o deverbis pop. *baptizo*, equivalente do m. *baptizado*; *baptizamto*, *baptizante*; *baptista*, adj. e subst., seita protestante que administra o baptismo só aos adultos; *baptistino*, relativo às festas joaninas ou e S. João *Baptista*; *anabaptista*, adj. e subst., à letra "rebaptizador". Com o verbo grego 2, imergir, mergulhar, de que deriva 3, se relaciona o f. *baptísia*, género de plantas leguminosas. Representam a vocalização normal do *-p-* os arcaísmos portugueses *bautismo, boutismo, boutizar*.

Além de Robertson e Taylor, outras informações acerca do sufixo *-ismo* são encontradas em Pharies. Explica que o sufixo *-ismo* também é produtivo na língua espanhola, com sua origem no grego e, por empréstimo, passou a ser utilizado na língua latina. Também lembra de que a terminação *-ismós*, em grego, existe entre outros sufixos relacionados a *nomina actionis*, os quais são formados com a terminação *-mós*. Os exemplos apresentados são: *κηληθμός* (*kelemós*), que significa “feitiço”, do verbo *κηλέω* (*keléo*), com o significado de “enfeitiçar”; o substantivo *θειασμός* (*theiasmós*) e o verbo *θειάζω* (*theiázo*) que significam “inspiração” e “estar inspirado” respectivamente (PHARIES, 2002, p. 356).

Pharies (2002, p. 356) afirma que a língua latina aceitou, em seu léxico, mais trinta vocábulos oriundos da língua grega, terminados por *-ismós*. Esses vocábulos, em geral, passaram para o latim com os seus verbos correspondentes *-izo*, por exemplo, *catechismus -i / catechizos*, *christianismus -i / christianizo*, *exorcismus -i / exorcizo*. Em alguns vocábulos que passaram do grego para o latim, formados com a terminação *-mós*, nem sempre o verbo correspondente ao substantivo na língua grega também entrou para o léxico latino. Como exemplo, é o caso de *barbarismus*, pois o latim não recebeu do grego o verbo *barbarizo*, (comportar-se como um bárbaro). “Em outras palavras, o latim absorve o sufixo *-ismós*, mas não adota a regra gramatical que regia seu uso no grego”<sup>3</sup> (PHARIES, 2002, p. 356).

<sup>3</sup> “En otras palabras, el latín absorbe el sufijo *-ismós* pero no adopta la regla gramatical que rige su uso en griego” *Tradução nossa*.

Pharies alerta, ainda, para a necessidade de observar que, na língua espanhola, há dois grupos de palavras formadas com o sufixo *-ismo*: as de origem helenista, que são vocábulos mais antigos e chegaram à língua espanhola, por meio do latim; e os vocábulos que nela se formaram (PHARIES, 2002, p. 357).

Esse fato ocorre, também, na língua portuguesa. Algumas palavras no léxico português são formadas na língua grega, outras, na língua portuguesa. É o caso de *epilogismo* apresentado por Houaiss com a seguinte aceção: “raciocínio que conduz de um fato conhecido a outro, desconhecido ou oculto”. A etimologia desse vocábulo apresentada pelo mesmo dicionário afirma que a palavra é de origem grega *epilogismós*, que significa “conclusão a que se chega por reflexão, raciocínio lógico”. No dicionário **DGPPG** a palavra *epilogismós* tem a seguinte aceção “exame, averiguação”. É uma palavra composta, formada com a preposição *epi*, antes do verbo *logizomai* que significa “calcular, contar, tomar em conta”, na linguagem figurativa, refletir, considerar”, formando o verbo *epilogizomai*. É a partir desse verbo que a terminação *-mós* é acrescentada para a formação do substantivo, *epilogismós*. O mesmo vocábulo entra para o léxico português, apenas transliterado.

Não é o caso de *gamacismo*, que Houaiss apresenta a aceção “vício de pronúncia que consiste na impossibilidade ou dificuldade de articular a consoante *g*”. Pela etimologia desta palavra, descrita pelo mesmo dicionário, percebe-se que a formação se dá pelo radical do grego *gámma* + *-c-* + *-ismo*. Houaiss acrescenta que esse processo de formação é o mesmo padrão de “*lambdacismo*, *iotacismo*; alguns autores derivam do it. *gammacismo*”. Mesmo com essa explicação de Houaiss, não se encontrou nos dicionários grego-português e grego francês, **DGPPG** e **DGF**, respectivamente, a palavra *gamacismo*. Com base nesses dois dicionários, entende-se que *gamacismo* não existiu no léxico grego e o sufixo *-ismo* foi acrescentado já em alguma língua românica, possivelmente, como sugere Houaiss, na italiana.

O mesmo ocorre com a palavra *mictérismo*. Segundo Houaiss, o significado desse vocábulo é “manifestação malévola, irônica ou maliciosa”. Na etimologia, apresentada pelo mesmo dicionário, o vocábulo é de origem grega *muktérismós* que significa “troça, caçoadas, zombaria”. Não foi encontrada nos dicionários de língua grega, **DGPPG** e **DGF**, a palavra *muktérismós*, e sim, o verbo *muktérizo*, que significa “zombar, escarnecer”.

*Heterismo* é outra palavra encontrada no Houaiss com a aceção de “sistema de prostituição na Grécia antiga, exercido tanto por escravas como por mulheres livres, entre as quais algumas se tornaram célebres por sua cultura e erudição”, ou “concubinato; amor livre”. Na antropologia, entende-se como “modelo de sociedade primitiva em que as relações sexuais são praticadas comunitariamente”. A etimologia desse vocábulo é fornecida por Houaiss

como de origem grega, *hetairismós*, que significa “vida ou condição de cortesã”. A palavra grega *hetairismós* não foi encontrada nos dicionários **DGPPG** e **DGF**. Desta forma, percebe-se o cuidado de investigar se uma palavra formada com o sufixo *-ismo*, nas línguas românicas, já fora ou não formada na língua grega. Percebe-se que, em alguns casos, utiliza-se apenas o verbo na língua grega e depois se acrescenta o *-ismo*, já na língua românica, formando um substantivo.

A partir desses dados, ou seja, do uso do sufixo *-mós* na língua grega, torna-se discutível como ele foi transportado para a língua latina em sufixo *-ismus*. Nota-se que o *ι* “iota” e *s* “sigma” do grego podem ter sido utilizados para formação do mesmo sufixo no latim, adaptando-se o “iota” para a letra *i* e o “sigma” para a letra *s*. Se este processo de transição do sufixo *-mós*, para o latim, ocorreu desta maneira, então o sufixo transportado do grego para o latim foi *-smós*, ocorrendo a prótese com o acréscimo do fonema *i* no latim, ou juntando o *ι* “iota” antes do *s* “sigma”, ainda no grego. Contudo, não há nas gramáticas<sup>4</sup> da língua latina, no estudo sobre derivação de palavras, o sufixo *-ismus*. Furlan, ao tratar dos substantivos que são derivados de verbos ou nomes que trazem sufixos com o valor semântico portadores de ideia, apresenta os sufixos *-io*, *-tio*, *-or*, *-us*, *-ium*, *-ido*, *-ura*, *-men*, os quais formam palavras com sentido de resultado, ação, estado. Alguns exemplos destas palavras em latim são: *certamen* “combate”; *figura* “figura”; *cupido* “cobiça”; *studium* “estado”; *opinio* “opinião”; *fulgor* “fulgor, chaga esforço”. Os sufixos que apresentam a ideia de qualidade são: *-edo*, *-itus*, *-tus*, *-itudo* *-itas*, *-ities*, *-tas*, *-itia*, *-ies*, *-tudo*, *-ia*. Segundo Furlan, esses sufixos formam as seguintes palavras no latim: *dulcedo*, “doçura”, *servitus*, “servidão”, *snectus*, “velhice”, *altitudo* “altura”, *dignitas*, “dignidade”, *mollities*, “moleza”, *tempestas*, “tempestade”, *iustitia*, “justiça”, *pauperies*, “pobreza”, *fortitudo*, “fortaleza”, *audácia*, “audácia”. Além desses, ele acrescenta os sufixos de instrumento, meio e lugar. São eles: *-trum*, *-culum*, *-mentum*, *-bulum*. Esses sufixos formam palavras como: *instrumentum*, “instrumento”, *vinculum*, “vínculo”, *tintinnabulum*, “campainha”, *aratrum*, “arado”. Há também sufixos relacionados à religião, *-io*, e *-tio*, *actio* e *vocatio*, “ação” e “vocação” (FURLAN, 2006, p. 153).

<sup>4</sup> Esse, entre outros sufixos apresentados por Furlan, não se encontra nestas páginas o sufixo *-ismus*. O mesmo acontece com a gramática da língua latina de NÓBREGA, Vandick L. *A presença do latim*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1962. Nos dicionários desse mesmo idioma também não foi encontrado o sufixo *-ismus*. Alguns deles são: o de Manuel Bernardes Branco, *Portuguez-Latino*. Lisboa: Livraria Ferreira. 1879, o de Jacques André, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Éditions Klincksieck 1994 e o de LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. London: Oxford University Press. 1879.

Na gramática de Nóbrega percebe-se, também, a ausência do sufixo *-ismus*. No capítulo com o título *Composição e Derivação: Prefixos e Sufixos*, o autor inicia este momento da sua obra conceituando etimologia; depois, raiz, tema, radical ou base e, por último, sufixo. Afirma que sufixo é “um elemento posposto à raiz com a finalidade de tornar mais explícita a ideia contida na raiz. Há três tipos de sufixos: - os de flexão; os sufixos-radicais e os sufixos derivados” (NÓBREGA, 1962, p. 199). Ainda, acerca desse assunto, Nóbrega aborda a formação dos substantivos com as seguintes palavras: “encontramos substantivos derivados de verbos, adjetivos e de outros substantivos” (NÓBREGA, 1962, p. 201). Ao explicar os substantivos derivados de verbos, partindo do pressuposto de que o sufixo *-ismus* tem sua origem na língua grega em *-mós*, percebe-se que o autor não faz menção desse sufixo em sua obra. Os sufixos mencionados por ele são: “*or, io, us, tor, trum, culum, crum, men, go*” (NÓBREGA, 1962, p. 201). O mesmo ocorre nas demais listas, ou seja, na lista dos substantivos derivados de adjetivos e na dos substantivos derivados de outros substantivos. Na formação de adjetivos, também não é encontrado ali o sufixo *-ismus*, seja nos adjetivos derivados de substantivos, adjetivos derivados de verbos, adjetivos derivados de advérbios e adjetivos derivados de adjetivos (NÓBREGA, 1962, p. 202). Com essas informações, percebe-se que o sufixo *-ismo* não era utilizado como sufixo na língua latina, no caso o *-ismus*. O mesmo fato, a ausência desse sufixo, ocorre na gramática latina de Almeida (1968:326).

Destarte, entende-se que o sufixo *-ismus* não era classificado e utilizado como sufixo, por mais que haja, no latim, palavras terminadas em *-ismus*. Além disso, a transição do sufixo grego *-μός* para o latim *-ismus* necessitaria de uma epêntese da letra *i* e *s*, para transformar o *-μός* em *-ismus*, como já fora mencionado acima.

Essa posição, ou seja, o acréscimo do *i* antes do *s*, também é um fator questionado por Väänänen. A diferença é que esse autor não está tratando de sufixos ao fazer essa afirmação, mas entende que “o desenvolvimento de uma vogal proporciona a chamada protética *i-*, mais tarde *e-*, diante do grupo inicial *s* (*y z* nas pertencentes à fonética sintática. O primeiro exemplo temos registrado em Pompéia, 7221 *Ismurna = Smyrna*, depois CIL VI 156 (Roma, ano 105) *Izmar(g)us*; explicam-se pelo grupo *sm-* que é estranho no latim”<sup>5</sup> (VÄÄNÄNEN, 1985, p. 98, tradução nossa). O sufixo *-ismus* em latim também pode ser classificado no

---

<sup>5</sup> “El desarrollo de una vocal adventicia llamada protética *i-*, más tarde *e-*, delante del grupo inicial *s* (*y z* en las perteneciente a la fonética sintáctica. El primer ejemplo lo tenemos registrado en Pompeya, 7221 *Ismurna = Smyrna*, después CIL VI 156 (Roma, año 105) *Izmar(g)us*; se explican por el grupo *sm-* que es extraño en latín.”

grupo *sm-*, mas Väänänen traz a informação sobre um vocábulo e o acréscimo, neste vocábulo, apenas de uma letra, a *i*. Já, no sufixo, precisou haver o acréscimo do *i* e do *s*.

Outra hipótese a respeito dessa adaptação do sufixo *-ismus* é partir do pressuposto de que, quando houve a importação do sufixo *-ισμός* (*ismós*) para a língua latina, esta ocorreu com base em vocábulos que utilizaram o *ι* “iota” e *σ* “sigma” antes do sufixo *-μός* (*-μός*). Um exemplo é a palavra *βaptισμός* - batismo. Segundo essa hipótese, isso teria ocorrido na seleção de alguns textos que, no grego, apresentavam vocábulos que terminavam em *-ισμός* (*ismós*) e, por empréstimo, foram para a língua latina. No caso da palavra *βaptισμός* - batismo, por exemplo, provavelmente tenham sido usados textos de origem eclesiástica, como a Vulgata. Por esse motivo, afirmar que o sufixo *-ismo* teve origem na língua grega, é não estar atento a essas mudanças e a qual foi o critério utilizado para transformar o sufixo *-μός* em *-ismo*. Coutinho (1958, p. 208) lembra que as palavras gregas penetraram no “latim por duas vias: a *popular* e a *literária*. (...) Com o advento do cristianismo, inúmeros foram os vocábulos gregos que penetraram no latim e se difundiram por influência da Igreja pelos povos católicos”. Houve certa influência do grego na língua culta romana porém, nessa área, o que é possível encontrar são empréstimos semânticos (MAURER JR., 1962, p. 159).

#### 1.4 O sufixo *-ismo*: do latim para o português

O sufixo *-ismus* no latim passou para a língua portuguesa em *-ismo*. É fato de destaque neste capítulo, como esse sufixo passou a ser tão produtivo na língua portuguesa, principalmente nos séculos XVIII e XIX, já que ele não era reconhecido como sufixo no latim, conforme as gramáticas latinas. Além disso, raramente aparece nas primeiras gramáticas de língua portuguesa, algo que corrobora o questionamento a respeito de quando o sufixo *-ismo* passou a ser compreendido, como sufixo, na língua portuguesa. Neste momento será observada sua transição do latim para o português.

Antes do sufixo *-ismo* ser utilizado na língua portuguesa, houve no latim palavras que terminavam em *-ismus*. Inicialmente falado em Roma, o latim estendeu-se por toda a Itália, alcançando, depois, a Europa ocidental. Várias são as datas que marcaram a expansão de Roma e o seu idioma. “Os romanos não eram um povo de artistas como os gregos; nada existiu entre eles de uma cultura do espírito, nada de filosofia e de literatura; eram eles um povo político por excelência. A ideia do estado era a preocupação dominante, e na realização

desta ideia, cuja consequência lógica era a tendência para o domínio do mundo...” (BUNSE, 1943, p. 50).

Para Maurer Jr. (1951, p. 09), a semelhança das línguas românicas do Ocidente não é uma questão apenas de sua origem, no latim vulgar do Império Romano e, sim, o resultado “de uma unidade contínua de contato ininterrupto entre todas as línguas da família, de modo que muitas inovações posteriores à destruição do Império pela invasão dos bárbaros se disseminaram por toda a România ocidental, enriquecendo o seu léxico e alterando a cultura e, às vezes, a própria morfologia das línguas que a constituem”. Na língua portuguesa, os primeiros textos escritos, que são de origem jurídica, aparecem no final do século XII e no início do XIII, fato que na França é diferente, pois os textos mais antigos ali são de origem eclesiástica. No caso de Portugal, os textos consistem em cartas de doação, escrituras de compra e outros semelhantes, que continuaram a ser produzidos mesmo depois do século XIV.

O período histórico da língua portuguesa pode ser dividido, segundo Coutinho (1958, p. 61), em duas fases e uma delas é a que abrange o século XII até o XVI, denominada *arcaica*. A outra fase é a do século XVI até os dias atuais, conhecida como *moderna*. É nesta última que é possível perceber que, tanto no vocabulário, como na fonética, na morfologia e na sintaxe, evidenciam-se diferenças entre o português arcaico e o moderno, afirma Coutinho (1958, p. 71). Esse período, ou essa segunda fase, como classificou Maurer Jr., é o que permanece até o presente. “O léxico do português atual é o resultado de um fio condutor essencial, o que provém do latim, e de vários elementos, onde há empréstimos múltiplos e variados condicionamentos sócio-culturais” (VILELA 1994:12).

Mesmo assim, com todo esse histórico da trajetória da língua latina, o sufixo *-ismo*, independentemente de ele ser compreendido como sufixo, ou não, na língua latina, chegou até a língua portuguesa. Furlan afirma que “quase todos os sufixos latinos derivaram para o português, embora com alterações. O registro da incidência da tônica serve de parâmetro para os vocábulos congêneres” (FURLAN, 2006, p. 152). Inicialmente, o sufixo *-ismus*, lembra Maurer Jr. (1951, p. 09), foi introduzido no latim cristão, como *christianismus* (*χριστιανισμός*) e *Judaismus*. Cedo, o sufixo *-ismus* aparece no latim, como *paganismus*. Desta forma, tanto o sufixo *-ismo* como *-ista* foram bem utilizados no latim medieval, para designar sistemas doutrinários e seus seguidores: *sabbatismus*, *legalista*. Percebe-se, então, que o sufixo *-ismo*, com sua origem na língua grega, sobreviveu às traduções dos textos gregos para o latim, mesmo quando este entrou em contato com outras línguas e foi transformado em línguas românicas.

Com a invenção do prelo Guttenberg, em 1440, houve maior propagação das novas ideias. Com a imprensa, era possível a reprodução do mesmo texto em vários números de cópias, algo que resultou o preço mais baixo do que era produzido e, como consequência, as pessoas passaram a ter acesso mais rápido ao conteúdo textual. Um *Dicionário de Oito Línguas* (grego, latim, flamengo, francês, espanhol, italiano, inglês e alemão) foi publicado em 1550 e em 1596; a obra do italiano Dante Alighieri, a *Divina Comédia*, foi traduzida pelo abade francês Balthazar Grangier (CAMPOS, 2004, p. 18). Com o surgimento da imprensa, o sufixo *-ismo* passou a ser divulgado de uma forma mais intensa. “Qualquer língua está sujeita a uma tripla diferenciação: no tempo, nas diferentes camadas sociais e estilísticas, e no espaço” (MEIER, 1964, p. 10). Mas, mesmo que o sufixo *-ismo* tenha permanecido nas fases de mudanças mencionadas por Meier, Said Ali faz um comentário a respeito das palavras que foram formadas com este sufixo. Escreve que, graças à Igreja Cristã, algumas dessas palavras puderam ser vulgarizadas rapidamente. Isso não significa que elas perderam o seu aspecto erudito, pois mesmo sendo utilizadas pela linguagem popular e, com frequência, não houve, por parte do povo, iniciativa para que elas se tornassem produtoras de novos vocábulos com *-ismo*. As transformações ocorridas deram-se na língua culta, influenciada pelo movimento intelectual francês que ocorreu nos séculos XVIII e XIX. Dessa forma, o sufixo *-ismo* passou a ser produtivo a partir de palavras nacionais (SAID ALI, 1964, p. 243).

Ao apresentar a etimologia dos vocábulos, nota-se a presença de palavras que terminam em *-ismo* na língua grega. Para Houaiss, as palavras que apresentavam esta terminação eram da mesma carga semântica, notada em alguns vocábulos da língua portuguesa. Exemplo: a palavra *lambdacismo* é de origem grega *lambdakismós, oû*, que significa o emprego frequente do lambda. O mesmo ocorre com a palavra *mitacismo*, do grego *mutakismós*, que significa o uso excessivo ou errôneo do  $\mu$ , “mû” no grego. Outro vocábulo semelhante é o *metacismo*, do latim *metacismus*, que significa repetição muito frequente da letra *m*. É por isso que, para Houaiss, o sufixo *-ismo* tem sua origem no grego “*-ismós, oû*, formador de nome de ação de verbos em *-ízo* e, às vezes, em *-ió*, pelo lat. *-ismus, i*” (HOUAISS, 2001).

As duas últimas palavras, mencionadas por Houaiss, demonstram como o sufixo *-ismo* foi utilizado, tanto no grego em *-μός*, como no latim em *-ismus*. Apenas por uma questão de adaptação, observa-se a palavra *crocidismo*, do latim *crocidismus*, adaptado do grego *krokudismós* que significa a ação de juntar, reunir pequenos pedaços de fio ou flocos de lã. A palavra *exorcismo*, do grego *eksorkismós*, que significa a ação de prestar juramento, também

confirma o uso do sufixo *-ismo* nessas duas línguas. A palavra *eksorkismós* foi utilizada no grego cristão e, depois, no latim eclesiástico *exorcismus*. Essa é a mesma posição de Said Ali (1971:243), com as seguintes palavras: “os termos *catecismo* (*catechismo*), *cristianismo*, *paganismo*, *aforismo*, *exorcismo* e vários outros se devem ao latim da Idade Média, sendo uns tomados diretamente ao grego, outros formados analogicamente”. Para entender essa influência helênica no latim, faz-se necessário lembrar que, enquanto o grego era uma língua rica, o latim era muito pobre. Por esse motivo, o latim recorreu ao grego para encontrar vocábulos que os romanos pudessem utilizar em seu cotidiano, principalmente, aqueles de fácil analogia na língua latina (MAURER JR., 1962, p. 171).

Na língua portuguesa, o sufixo *-ismo* tem como base, na maioria de suas formações, um substantivo. Há formações também de bases adjetivas, como por exemplo *causal* que forma *causalismo*. Entre as palavras formadas pelo sufixo *-ismo*, na língua portuguesa, prevalecem as abstratas adjetivas e substantivas. Os significados, segundo Sandmann, são dos mais diversos: “doutrinas e teorias filosóficas e religiosas, políticas, orientações políticas, sociais e artísticas, maneiras de comportamento etc.” (SANDMANN, 1989, p. 42). Esses significados são explorados no capítulo cinco desta pesquisa, tendo como *corpus* os vocábulos terminados em *-ismo* do *Dicionário de Língua Portuguesa* de Antônio Houaiss.

O *-ismo* tem uma estreita relação com o sufixo *-ista* e, também, com *-ico*, é o caso de *paternalismo*, *paternalista*, *paternalístico*. O sufixo *-ismo* pode ser utilizado como palavra independente, com uma carga semântica de depreciação. Entre as suas diversas funções, o *-ismo* pode formar vocábulos de orientação política, a partir de nomes próprios, como *montorismo*. Determinado tipo de comportamento também pode ser elaborado com esse sufixo, como exemplo encontra-se a palavra *corujismo*. Segundo Sandmann, como doutrina filosófica, sociológica e política encontra-se *grevismo*, *assembleísmo*, *irrealismo*, *estatismo* e *prorrogacionismo*. O aspecto depreciativo no *-ismo* percebe-se nos seguintes vocábulos: *clientelismo*, *golpismo*, *visionarismo*, *entreguismo*, *aventureirismo*, *assistencialismo* entre outros (SANDMANN, 1989, p. 42).

Sandmann (1989, p. 42) ainda lembra que, enquanto o vocábulo *assistencialismo* apresenta um significado depreciativo, pois seria um *paternalismo exagerado*, o vocábulo *entreguismo* tem o significado pejorativo. O autor ainda destaca que o mesmo vocábulo *assistencialismo* tem a possibilidade de apresentar outro sentido em contexto diferente, ou seja, direcionamento político voltado para o auxílio pessoal. Assim demonstra Sandmann o resultado de sua pesquisa. O vocábulo *assemblismo* é entendido como crença na eficiência das assembleias, com o objetivo de solucionar problemas de ordem trabalhista. Já, o vocábulo

*assistencialismo* apresenta um significado de paternalismo exagerado do Estado. Outra palavra por Sandmann é *aventureirismo*, também ocorre no meio político, com o sentido de tratar as coisas públicas as ou as próprias no meio político. *Causalismo* é outro vocábulo que entra para esta lista de Sandmann, “atitude dos que procuram pelas causas dos acontecimentos” (SANDMANN, 1989, p. 42).

O mesmo autor lembra, também, a palavra *cientificismo* que traz o significado de depositar excessiva confiança na ciência. *Clientelismo*, um vocábulo voltado para o comportamento, está relacionado com pessoas que procuram se proteger, aproveitando da sua função no meio político, obtendo vantagens para si e para seus amigos. Com significado de liquidação, Sandmann apresenta *golpismo*; *grevismo*; *imobiliarismo*; *irrealismo*; *isolacionismo*; *jurisdicismo*; *liquidacionismo*. Acrescenta também *natalismo*, como o sentido de posição para combater a natalidade. Com o significado de partido político dominante, o autor encontrou o vocábulo *oficialismo*. Relacionado à política, o vocábulo *patrulhismo* demonstra a postura de um político que procura observar e controlar as atitudes de seu adversário. No mandato do Presidente João Figueiredo, encontrou-se o vocábulo *prorrogacionismo*, que defendia o prolongamento do mandato do próprio presidente. Por último, em sua pesquisa, Sandmann menciona *recreativismo*, relacionado à recreação aos cidadãos que deve ser uma oportunidade oferecida pelo poder público (SANDMANN, 1989, p. 43).

Em sua outra obra, escreve que não é possível mensurar a produtividade de formação de palavras, segundo uma regra, por meio dos novos vocábulos que aparecem no léxico de uma língua. Além das palavras que há nos dicionários, devem ser consideradas aquelas que possuem um potencial ativo pelos usuários da língua. Na ilustração apresentada por Sandmann acerca desse assunto, percebe-se que novamente ele recorre ao sufixo *-ismo* para explicar como o nome de alguns líderes políticos foram transformados em substantivos abstratos, como por exemplo: *getulismo* e *janguismo* (SANDMANN, 1991, p. 29).

Outro aspecto da produtividade lexical, mencionada por Sandmann, ao analisar o vocábulo *priorizar*, entende que *-izar* uniu-se ao *prior-*, o qual ele denomina de radical preso. No caso do vocábulo *monotematismo*, o autor verificou o Dicionário Aurélio de 1986 e encontrou ali os vocábulos *temático* e *monotemático*. Já a palavra *tematismo* não foi encontrada no mesmo dicionário. Por esse motivo, ele concluiu que *monotematismo* não foi resultado de *mono* + *tematismo*. A formação de *monotematismo* se deu pela relação paradigmática como *monotemático*. Sendo assim, partiu-se da base *monotemat-*, o que Sandmann denomina de palavras livres (SANDMANN 1991:44). Nota-se que a produção

sufixal pode ter sua base, a partir de vocábulos que não constam no dicionário de uma determinada língua.

Alves também entende que, entre os sufixos formadores de substantivos e adjetivos, o *-ismo* e o *-ista* são os mais produtivos. O sufixo *-ismo* forma novos vocábulos, a partir de base substantivas e adjetivas. Ele forma “substantivos designativos da filosofia pregada por tais personalidades, tais associações ou doutrinas (...) adesão à filosofia de uma personalidade, de uma doutrina – lexicalizada por intermédio de uma base acrescida do sufixo *-ismo*” (ALVES, 1990, p. 29). A autora também lembra que o sufixo *-ismo* raramente aparece na formação a partir de bases verbais. Diferente das gramáticas, percebe-se que, ao tratarem de morfologia, esses autores demonstram a produtividade do sufixo *-ismo* por meio de *corpus*.

Para Williams (1961, p. 138), “o sufixo *-ismo* é classificado nas formas semi-eruditas” (WILLIAMS 1961, p. 138). Para Vilela (1994, p. 74), alguns sufixos aparecem em bases que podem construir adjetivos ou substantivos. Esses sufixos são *-ismo*, *-ado* / *-ato*. A correspondência que Vilela apresenta relacionada ao afixo *-ismo* são os sufixos *-ico* / *-ismo*. Nessa relação, esse autor exemplifica com seguintes exemplos: *heróico* / *heroísmo*, *romântico* / *romantismo*. Já na relação do sufixo *-ista* com o *-ismo*, os exemplos são: *comunista* / *comunismo*, *socialista* / *socialismo*, *classicista* / *classicismo*, *arcaísta* / *arcaísmo*, *alpinista* / *alpinismo* e *individualista* / *individualismo*. Já, se para o vocábulo *cristianismo*, seu correspondente é *cristão*, para o *protestantismo*, seu correspondente é *protestante*, para o *maometismo* e o *maometano*, para o *favoritismo* é *favorito*, para o *patriotismo* é *patriota*.

Na obra de Huber (1933), na parte três, intitulada *Formação de palavras: formação nominal*, no subtítulo *Derivação por meio de sufixos*, encontra-se uma subdivisão: *Sufixos átonos e sufixos acentuados*. Num estudo profundo, Huber lembra que os sufixos acentuados são usados para a formação de palavras novas. No mesmo parágrafo, o autor apresenta o seu critério para os sufixos que vai trabalhar. Assim ele diz: “aqui só se indicam os mais importantes e em primeiro lugar aqueles que apenas contêm vogais, e depois, por ordem alfabética, os que contêm consoantes” (HUBER, 1933, p. 272 - 278). De origem grega, Huber apresenta o sufixo *-ía*. Já, o sufixo *-ismo* não é mencionado nesse seu estudo.

Maurer Jr., em sua explicação a respeito da influência da língua grega na língua latina, afirma que “a língua vulgar (e mesmo a familiar), menos purista, era na realidade mais aberta à invasão de helenismos do que a literária, pelo menos na medida em que se punha em contacto com eles” (MAURER JR., 1962, p. 170), ou seja, em contato com os gregos. Ainda tratando sobre o léxico latino, Maurer Jr. compreende que há uma independência em relação ao léxico grego. Os sufixos de uma língua são transferíveis, para outra, sem dificuldades. A

sua base para essa afirmação é a importação dos sufixos gregos para o latim, por meio da igreja. Tais sufixos não foram introduzidos na língua clássica, por mais que alguns deles tenham sido empregados em derivados gregos utilizados em Roma (MAURER JR., 1962, p. 170). Esse autor também não menciona o sufixo *-ismo*, quando trabalha com sufixos gregos que influenciaram a língua latina.

Ao expor as suas pesquisas sobre derivação no latim vulgar, mais especificamente, sufixação, Väänänen (1985, p. 168) não traz em seus estudos uma pesquisa a respeito do sufixo *-ismo*. Mas, quando faz alusão aos sufixos verbais, o autor escreve sobre o sufixo *-idiare* (< *-izare*). Segundo ele, foi com esse sufixo que, por meio da Igreja, originou-se *baptizare* (*-idiare*). É interessante observar que a palavra *batismo*, a qual utiliza o sufixo *-ismo*, e que também é reconhecida na história da Igreja, não é mencionada por Väänänen. Pela obra desse autor, entende-se que, ou o vocábulo *batismo* não era utilizado no latim vulgar, ou o sufixo *-ismo* não exercia a função de sufixo no latim.

Numa abordagem gerativa das estruturas lexicais do português, referindo-se à relação paradigmática geral, como a de adjetivo / nome abstrato, Basilio (1980, p. 61) lembra que com a presença dos sufixos altamente produtivos para criarem novas palavras, a produção com outros sufixos é limitada ou, até mesmo, bloqueada. Os falantes, em geral, fazem uso dos sufixos produtivos disponíveis, raramente utilizando sufixos que são usados de forma restrita para a formação de novos vocábulos. Por isso, ela afirma que “numa situação bem definida como a da relação Adjetivo / Nome Abstrato, podemos prever que a RAE *Regra de Análise Estrutural* correspondente ao sufixo *-idão* nunca se tornará uma RFP *Regras de Formação das Palavras*, dada a existência de sufixos como *-idade*, *-ia*, *-ismo* etc.”<sup>6</sup> (BASILIO, 1980, p. 61).

### 1.5 A presença do sufixo *-ismo* nas gramáticas de língua portuguesa

Analisar o surgimento do sufixo *-ismo*, na história das gramáticas de língua portuguesa, é algo que pode ajudar a esclarecer como foi o processo de inserção, a abrangência semântica e as transformações que esse sufixo sofreu, até as gramáticas dos dias atuais. É possível encontrar, nas gramáticas de língua portuguesa, a afirmação de que o sufixo *-ismo* teve origem na língua grega. Esse fato pode ser notado na gramática dos autores Kury, Bueno e Oliveira (1976, p. 82). Ao estudar derivação sufixal, num subtítulo *Sufixos de origem*

---

<sup>6</sup> *Grifo nosso*

*grega*, os autores apresentam o sufixo *-ismo* e afirmam que ele forma ação, estado, qualidade, sistema e doutrina. Pereira (1957, p. 186) também afirma que o sufixo *-ismo* teve origem no grego e passou para o latim por meio dos autores cristãos. Dessa forma, entende-se pelas gramáticas de língua portuguesa que esse sufixo nasceu na língua grega, porém não se encontram nessas obras uma abordagem acerca do *-mós* e do *-ismos* ainda nessa língua. Algumas acrescentam que ele sobreviveu à língua latina como *-ismus* e, depois, passou para a língua portuguesa, denominado *-ismo*. O *-ismo* foi encontrado em alguns vocábulos nas diversas gramáticas, no estudo da morfologia que, dependendo da época, os autores nomeavam como etimologia. O objetivo da morfologia é estudar a estrutura e os processos de flexão e formação dos vocábulos, como também a classificação deles. Para tanto, convém atentar para a observação de Laroca (2003, p. 12).

Somente no século XIX, por volta de 1860, a palavra morfologia foi utilizada como termo linguístico, englobando a flexão e a derivação. Surgiu primeiramente como termo biológico, em 1830, criado por Goethe para designar o estudo das formas dos organismos vivos. O seu uso em linguística se deve à influência do modelo evolucionista de Darwin sobre os estudos da linguagem. Os gramáticos e filólogos alimentavam o sonho de descobrir a origem da linguagem através do estudo da evolução das palavras em indo-europeu. Houve, então, um interesse crescente pelo estudo sistemático dos processos de formação de palavras, numa perspectiva histórica, pois os gramáticos consideravam as formas mínimas constituintes das palavras como elementos originários.

Para os estudos morfológicos, muito contribuiu também a gramática de Panini (séc. VI a.C. (?)) a qual pôs os filósofos em contato com a tradição gramatical hindu. A descoberta do sânscrito (antiga língua sagrada da Índia), no fim do século XVIII, permitiu aos estudiosos em exame dessa gramática que, ao contrário da greco-romana, reconhecia a estrutura interna das palavras, depreendendo unidades mínimas como raízes e afixos.

Com o surgimento da imprensa, o sufixo *-ismo* passou a ser divulgado de uma forma mais intensa. “Qualquer língua está sujeita a uma tripla diferenciação: no tempo, nas diferentes camadas sociais e estilísticas, e no espaço” (MEIER, 1964, p. 10), mas mesmo que o sufixo *-ismo* tenha permanecido nas fases de mudanças mencionadas por Meier, Said Ali (1964, p. 243) faz um comentário a respeito destas palavras que foram formadas com este sufixo. Escreve:

Algumas destas palavras puderam, graças à Igreja Cristã, vulgarizar-se facilmente; mas nem por isso perderam o seu caráter erudito, e a linguagem popular, usando-as, embora com frequência, não manifestou a menor disposição para torná-las tipo produtor de novos derivados em *-ismo*. A tarefa de mudar a situação coube à língua culta, influenciada pelo movimento intelectual que se operou em França nos séculos XVIII e XIX. Não adotou grande número de vocábulos criado no estrangeiro

e que se internacionalizaram, mas ainda tornou o sufixo -ismo apto a produzir palavras tiradas de derivantes nacionais.

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss, entende-se que outros vocábulos gregos também colaboraram para a formação de palavras com terminação em *-ismus* no latim. Um exemplo disso é palavra *ἄβυσσος* “*abismo*”. Esse vocábulo teve origem na língua grega e, para o autor citado, essa palavra passou para as línguas românicas por intermédio da Igreja. Isso ocorreu por meio da forma culta e de um dóbete popular \**abismus*. Nesse caso, a palavra grega *ἄβυσσος* – *abismo* não tem uma terminação com o sufixo *-mós* e, mesmo assim, ela foi transportada para o latim com a terminação *-ismus* para depois surgir o *abismo* em português. “Enquanto se encontram muitos substantivos gregos no latim, os verbos e principalmente os adjetivos são excepcionais” (MAURER JR., 1962, p. 169).

Outra abrangência semântica do sufixo *-ismo* é o significado de “sistema” que pode gerar em uma palavra. O “sistema”, diferente da doutrina, não tem como objetivo trabalhar com verdades absolutas e, sim, organizar intelectualmente um “conjunto de elementos, concretos ou abstratos”. Opta pela teoria, ideologia, que se sustenta numa convicção organizada com base em um fundamento (HOUAISS, 2001). Este é o caso de *monasticismo*, *congregacionalismo* e de *ecclesiasticismo*. Na formação de “sistemas”, o substantivo continua substantivo com o acréscimo do *-ismo*.

Neste momento apresentar-se-á o registro e a ausência do sufixo *-ismo*, nas diversas gramáticas, na história da língua portuguesa. Para isso, observou-se o objetivo dos autores ao escreverem essas obras, bem como o conceito de morfologia, afixos e sufixos. As gramáticas observadas foram as que estão registradas na obra de Simão Cardoso, *Historiografia Gramatical (1500 – 1920)*. Não foi possível ter acesso a todas elas, apenas às que estavam disponíveis nas bibliotecas e na internet. Após 1920, optou-se por apresentar exemplos de gramáticas atuais, visto que o sufixo *-ismo* já é algo comum nas gramáticas da atualidade.

Percebeu-se, nas gramáticas consultadas anteriores a Julio Ribeiro, que o objetivo dos seus autores variou conforme a influência sociocultural da época em que foram escritas; ora prevalecia o objetivo filosófico, ora o normativo. Nas gramáticas de língua portuguesa, produzidas depois de Fernão de Oliveira e antes de Júlio Ribeiro, não foi encontrado o sufixo *-ismo*. A lista de ano, autor e título destas gramáticas, em ordem cronológica, é apresentada nesse momento, porém outras informações acerca delas podem ser encontradas no apêndice A. Foram consultadas as seguintes gramáticas:

**Ano 1536**

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da Lingoagem Portuguesa*.

**Ano 1540**

BARROS, João de. *Nova gramática da língua portuguesa*.

**Ano 1592**

ANCHIETA, Pe. José de. *Arte de gramática*.

**Ano 1606**

LEÃO, Duarte Nunes do. *Origem e Orthographia da lingoa portuguesa*

**Ano 1611**

FERREIRA, Alvaro. *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portugueza*.

**Ano 1619**

ROBOREDO, Amaro de. *Methodo grammatical para todas as línguas*.

**Ano 1721**

ARGOTE, Jeronimo Contador de. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*.

**Ano 1736**

LIMA, Luís Caetano de. *Orthographia da lingua portugueza*.

**Ano 1770**

LOBATO, Antonio Jose dos Reis. *A arte da grammatica da lingua portugueza*.

**Ano 1842**

FREIRE, Jose Francisco. *Reflexoes sobre a lingua portugueza*.

**Ano 1855**

CONSTANCIO, Francisco Solano: *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida a mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*.

**Ano 1858**

LEONI, Francisco Evaristo. *Gênio da Língua Portuguesa, ou causas racionaes e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos auctores latinicos e vulgares. Tomo I e II*

**Ano 1866**

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica de lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem.*

**Ano 1867**

SOROMENHO, Augusto. *Origem da língua portugueza.*

**Ano 1870**

MOURA, José Vicente Gomes de. *Compendio de grammatica latina e portugueza.*

**Ano 1873**

CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da grammatica da Lingua Nacional.*

Das que foram analisadas, optou-se por sua primeira edição. Na falta desta, trabalhou-se com as edições seguintes da mesma, observando o prefácio das edições anteriores. Um destaque foi dado para as gramáticas de Fernão de Oliveira e de João de Barros, por terem marcado o início da produção gramatical na história da língua portuguesa. Outro destaque, também, foi dado para a obra de Júlio Ribeiro, porque ali o sufixo *-ismo* foi encontrado como primeiro registro entre as gramáticas consultadas. As gramáticas estão apresentadas em ordem cronológica colocando-se, antes do título e do nome do autor, o ano em que foram escritas, por questões didáticas. A pesquisa teve início com a obra de Fernão de Oliveira.

**1.6 A gramática de Júlio Ribeiro**

A gramática de Júlio Ribeiro foi editada sob influência de filólogos franceses, alemães e ingleses. Por esse motivo, sua obra parece ter sido produzida com as ideias estrangeiras e adaptada à língua portuguesa, mas, mesmo assim, colaborou para modificar o estilo de

gramáticas que vinham sendo produzidas até então<sup>7</sup>. Em 1881, é publicada, "na cidade de Capivari, a Gramática Portuguesa, introduzindo novidades aos métodos já apresentados por mestres europeus; a 2ª edição revista, sai em 1884 e é adotada pelo Colégio Pedro II, em Campinas."<sup>8</sup>

Júlio Ribeiro foi “professor de retórica no Instituto de Instrução Secundária, em Salvador, e de língua portuguesa, no Colégio Culto à Ciência, em Campinas. Foi escritor, seguidor de Émile Zola, e, pela repercussão de seus romances foi membro da Academia Brasileira de Letras” (LEITE, 2007, p. 01). Acerca desse momento, Cavaliere faz a seguinte afirmação:

Os novos ares nacionalistas que inspiraram, sobretudo, as áreas provinciais do país conferem o clima propício para surgimento de textos sobre a língua vernácula, de índole flagrantemente normativa, cujo uso nas aulas de Retórica e Língua Portuguesa foi-se massificando até o início da segunda metade do século, quando o país assiste a clara mudança de rumos no fluxo dos estudos sobre a língua com a publicação da Gramática portuguesa de Júlio Ribeiro.<sup>9</sup>

Cavaliere escreve, ainda, que a vida cultural no Brasil recebeu a contribuição de dois fatos importantes: a transferência da Corte para terras brasileiras e a proclamação da independência. Estes fatos propiciaram um ambiente para que os naturais dessa nova nação desenvolvessem a escrita. O autor entende que a grande produção de gramáticas que começam a surgir nessa época estava relacionada, não por um sentimento de posse sobre a língua mas, sim, “de capacitação para dizer sobre a língua, no sentido de que assim se expressava uma nova civilização consciente e ciosa dos valores culturais importados da Europa por uma sociedade emergente e intelectualmente necessitada de afirmação”<sup>10</sup>. É nesse momento que a Grammatica portugueza de Júlio Ribeiro é editada.

Leite (2007, p. 01) afirma que Júlio Ribeiro foi o primeiro gramático a ter sua atenção voltada para a variedade brasileira da língua portuguesa, considerando-o importante, justamente por ter dado início à gramatização brasileira. Ele merece esse destaque, mesmo que as suas observações tenham sido no uso da língua na área familiar, como também na

<sup>7</sup> ROCHA, Jr. Roosevelt Araújo. *João Ribeiro entre história, gramática e filosofia*. Disponível em: <<http://filologia.org.br/revista/36/06.htm>> Acesso em: 15 mar. 08.

<sup>8</sup> ENCICLOPÉDIA, Sorocabana. Disponível em: <[www.sorocaba.com.br/enciclopedia/ler.shtml?1092549567](http://www.sorocaba.com.br/enciclopedia/ler.shtml?1092549567)> Acesso em: 16 dez. 2007.

<sup>9</sup> CAVALIERE, Ricardo. *A corrente racionalista da gramática brasileira no século XIX*. Disponível em: <[http://ailp-edu.org/Resumos\\_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc](http://ailp-edu.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc)> Acesso em: 16 dez. 2007.

<sup>10</sup> CAVALIERE, Ricardo. *A corrente racionalista da gramática brasileira no século XIX*. Disponível em: <[http://www.ailp-edu.org/Resumos\\_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc](http://www.ailp-edu.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc)> Acesso em: 16 dez. 2007.

vulgar, além das rurais. Para Fávero (2000, p. 189), Ribeiro ainda demonstra em sua gramática vestígios do perfil filosófico, principalmente, quando faz uma explicação da língua como instrumento e principal meio das operações da mente.

A gramática de Ribeiro é dedicada à província de São Paulo, principalmente, à cidade de Campinas, pois é ali que trabalha e mora (LEITE, 2007, p. 01). Apresenta exemplos tanto de sua autoria, como de pessoas cultas que não ficam sem identificação. Pelo fato de Ribeiro utilizar exemplos antigos, nota-se ser esse o seu objetivo: a evolução de certas formas. Com a gramática de Júlio Ribeiro, os brasileiros do século XIX e do seguinte, passam a encontrar gramáticas publicadas com métodos diferentes do tradicional. Leite apresenta a citação de Eduardo Carlos Pereira<sup>11</sup>, o qual entende ser a gramática de Júlio Ribeiro um estudo que rompe com os velhos métodos (PEREIRA *apud* LEITE, 2007, p. 04). Afinal, foi a partir de Fausto Barreto, com o seu trabalho do programa de línguas, e de Julio Ribeiro que novas gramáticas surgem. Dentre elas, pode-se destacar a de João Ribeiro, a dos Pacheco da Silva e Lameira de Andrade, a de Alfredo Gomes e a de Maximino Maciel. Este último discorda de Júlio Ribeiro, ao afirmar que a gramática deve ser dividida em fonologia, lexicologia, sintaxiologia e semilogia. Mesmo assim, a segunda metade do século XIX “esteve sob a influência da gramática histórico-comparativa, com o evolucionismo concebendo a língua como um organismo vivo” (FÁVERO, 2000, p. 190). Com essa nova metodologia, tomada do comparativismo e da gramática histórica, encontra-se na gramática de Júlio Ribeiro referência aos sufixos.

No final de sua obra, terceira edição, no texto intitulado *Breve retrospecto sobre o ensino da Língua Portuguesa*, Maciel (1916, p. 443) informa como foi escrita a gramática de Júlio Ribeiro:

baseada nos trabalhos dos philologos allemães, inglezes e francezes (...) o que se nos afigura é que se apressurou o Sr. Julio Ribeiro a de chofre quebrar a rotina, fosse como fosse, embora ainda não houvesse assimilado o quanto lera nos philologos estrangeiros. Entretanto, remanesce-lhe de certo o mérito de haver sido o primeiro a trasladar para compendio didactivo a nova orientação, evertendo os alicerces da rotina e servindo de norma par algumas Grammaticas que se publicaram em São Paulo. Nestas condições, o que se averigua é que por esta época já muitos professores que se norteavam pelos philologos, iam evangelizando, quer na docencia particular, quer em publicações esparsas, as novas doutrinas, desbravando-lhes o terreno onde se tinha de architectar os novos estudos (1916, p. 443).

---

<sup>11</sup> “Depois que Júlio Ribeiro imprimiu nova direção aos estudos gramaticais, romperam-se os velhos moldes, e estabeleceu-se largo conflito entre a escola tradicional e a nova corrente. Vai esta hora viva a requesta em todo o campo gramatical. A incerteza das teorias pede meças à variedade desorientadora do método expositivo e à exuberância abstrusa e cansativa.” PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo: Nacional. 1926. p. 45 *apud*. LEITE, Marli Quadros. *Anotações sobre dois autores brasileiros do século XIX: Júlio Ribeiro e João Ribeiro*. 2007.

A obra de Ribeiro consiste em uma introdução, lexeologia, sintaxe, aditamento e anexos. No momento da história em que sua obra foi escrita, “o centro da pesquisa é, na metade do século XIX, a palavra, entendendo-se o porquê da divisão não ser mais prosódia, etimologia, sintaxe e ortografia” (FÁVERO & MOLINA, 2006, p. 131). Para Ribeiro, as palavras devem ser consideradas de forma isolada, tanto em seus elementos materiais ou sons, como em seus elementos mórficos ou formas. As palavras são examinadas a partir de um estudo fonético e prosódico, com base nas palavras discursivas e interjectivas. As discursivas, segundo Ribeiro, anunciam uma ideia, já as interjectivas, estão relacionadas à expressão dos sentimentos. Para distinguir as diferentes classes das palavras discursivas, o autor afirma que os vocábulos podem possuir ou não características morfológicas de gênero, número pessoa e modo (FÁVERO & MOLINA, 2006, p. 132).

Na primeira parte da obra de Ribeiro, *Lexeologia*, no Livro Segundo, intitulado *Elementos morpicos da palavra*, na secção terceira, denominada *Etymologia*, encontra-se na subdivisão *Substantivos derivados palavras da língua portuguesa* a subdivisão *Affixos*. Ribeiro propõe que os sufixos são derivados das formas latinas, pejorativas, aumentativas e diminutivas. O *-ismo* é classificado dentro dos sufixos que se juntam ao radical de substantivos. Esse sufixo “designa a generalização do significado do substantivo primitivo, ex.: *Heroísmo, khristianismo, materialismo, organismo, positivismo, transformismo*” (RIBEIRO, 1881, p. 149).

A compreensão que Ribeiro tem de organizar a gramática entende-se como resultado da influência cultural de sua época. No final do século XVIII e início do XIX, o alemão Wilhelm von Humboldt foi reconhecido como um dos primeiros linguistas europeus, a observar que a linguagem humana consiste num sistema governado por regras (HUMBOLDT *apud* MILANI, 2000, p. 26). Sobre esse assunto, Weedwood (2002, p. 109) afirma:

Sua influência, *de Humboldt*,<sup>12</sup> bem como a distinção entre forma interna e externa, também pode ser sentida no pensamento de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Mas suas implicações plenas provavelmente só viriam a ser percebidas em meados do século XX, quando o linguista americano Noam Chomsky reenfatizou-a e fez dela uma das noções básicas da gramática gerativa (WEEDWOOD, 2002, p. 109).

Isso significa que o trabalho de linguística sincrônica, desenvolvido por Saussure, já tinha sido elemento de pesquisa quarenta anos antes, em 1879. Por esse motivo, entende-se que Wilhelm von Humboldt foi um dos linguistas de grande influência no século XIX, dos

---

<sup>12</sup> *Grifo nosso*

mais originais e eruditos. Milani lembra que Humboldt estava atento a uma explicação de cunho científico para os seus contemporâneos, pois esses descreviam a linguagem na sua forma ideal, recorrendo à poesia.

Foi a influência dessa cientificidade que se pode perceber na gramática de Ribeiro. Humboldt afirma que “a evolução das línguas está ligada aos fatores sócio-históricos, externos às atividades dos povos, e os fenômenos espirituais que atuam na remodelação da força espiritual e, conseqüentemente, das línguas.” (HUMBOLDT *apud* MILANI, 2000, p. 39). Já Ribeiro, com uma ideia semelhante, entende que “a evolução linguística se effectua muito mais promptamente do que a evolução das especies: nenhuma lingua parece ter vivido por mais de mil annos, ao passo que muitas especies parece terem-se perpetuado por milhares de seculos” (RIBEIRO 1885:137).

Outra afirmação de Humboldt é que as línguas cultas “fazem uso para representar os elementos formais: são acréscimo de sílabas significativas que possuíram ou possuem um significado particular (afixos);” (HUMBOLDT *apud* MILANI, 2000, p. 154). Com uma afirmação semelhante, Ribeiro escreve que “*affixo* é a palavra que, ajunctada a uma palavra já existente ou ao seu thema, modifica-lhe a significação por meio de uma ideia accessoria que lhe accrescenta” (RIBEIRO 1885:151). Entendendo que o sufixo *-ismo* teve origem na língua grega, não como sufixo compreendido no século XIX, mas como terminação *-mós*, o qual era utilizado para formar substantivos deverbais de ação, nota-se, por meio de um estudo diacrônico, que Julio Ribeiro conseguiu perceber que o *-ismo* era uma afixo. Influenciado pela cultura de sua época, descobre algo que os outros autores de gramática de língua portuguesa não tinham percebido até então.

Ao abordar os sufixos, Ribeiro afirma que eles “são numerosos, uns derivados das fórmulas latinas, outros das fórmulas augmentativas, diminutivas e pejorativas do gênio da língua” (1881, p. 153). Os sufixos explicados por ele são os que se juntam ao radical de substantivos: *-aço, -ada, -ade, -ado, -al, -agem, -ão, -aria, -ato, -dura, -edo, -eda, -eiro, -ena, -essa, -eza, -iza, -ia, -io, -ismo, -ista, -mento* e *-ume*. Isso demonstra como Ribeiro já não estava mais preso à mesma filosofia que existia na época de Fernão de Oliveira e de João de Barros, conseguindo se adaptar à nova vertente gramatical que prevalecia na época. Provavelmente, a ampla produção de vocábulos que o sufixo *-ismo* oferecia no século XIX, colaborou para Júlio Ribeiro perceber, em sua época, a relevância desse sufixo, explicando-o melhor em sua gramática. Com caráter didático, Ribeiro pretendia em sua obra apresentar os fatos da língua de uma forma mais fácil.

Leite (2007, p. 04) lembra que, dentre vários fatores relevantes na gramática de Júlio Ribeiro, ele apresenta um trabalho de renovação gramatical, conseguindo fundir na sua teoria gramatical renovada os diversos princípios, tais como comparatistas, naturalistas e historicistas. A divisão da gramática em lexicologia e sintaxe também foi algo novo na língua portuguesa. Com Júlio Ribeiro, a morfologia já não era sinônimo de etimologia, como nos primeiros gramáticos portugueses, pois ele dividiu a lexicologia em morfologia e fonologia. Na primeira, trabalhou a taxionomia, a flexão das palavras e a etimologia. Na segunda, a ortografia, a fonética e a prosódia. Na segunda parte de sua gramática, abordou a sintaxe, dividindo-a em duas partes: a léxica e a lógica. Nesta, explorou o sujeito e o predicado e, naquela, os tipos de sentença, simples e composta.

### **1.7 A produção gramatical e o sufixo *-ismo* após Júlio Ribeiro**

As gramáticas produzidas após Julio Ribeiro, estão apresentadas da mesma forma como as que foram produzidas antes desse período. Optou-se por colocar o ano, o autor e o título da obra antes da observação e da análise, para uma visualização panorâmica das obras pesquisadas acerca da presença do sufixo *-ismo*.

#### **Ano 1884**

##### **OLIVEIRA, Bento José de. *Nova Grammatica Portugueza*.**

No prefácio da sétima edição da gramática de Bento José de Oliveira, percebe-se que o estudo da etimologia consiste em declinar e conjugar bem; os prefixos são denominados de preposições inseparáveis, assunto este a que o autor deu ênfase, por entendê-lo útil para aquelas pessoas que ignoravam a língua latina (1884,VI). No prefácio da décima edição, os prefixos são mencionados e, novamente, denominados pelo autor de *preposições-prefixos*. Na introdução da mesma obra, Oliveira entende que as palavras simples não podem se decompor em duas. Para tal afirmação, apresenta os seguintes exemplos: *acção*, *dizer*, *útil* e *ver*. Já as compostas são os vocábulos formados por duas ou mais palavras simples. Os exemplos são: *reacção*, *contradizer*, *inútil* e *rever*. O autor coloca em itálico o que ele denomina de prefixo.

Após essa explicação, Oliveira expõe o conceito de palavras primitivas. Afirma que estas são “inventadas para exprimir a idéa que significam, como: *mar*, *terra*, *prata*.” (1884, p. 03). As palavras derivadas são as que têm origem na palavra primitiva. Como exemplo, Oliveira apresenta *marítimo*, *terrestre* e *pratear*. A primeira parte da palavra, que o autor não

coloca em itálico, representa a palavra primitiva e é denominada por ele de raiz ou radical. Já “as terminações, isto é, as syllabas ou letras que se ajuntão depois da raiz, chamão-se suffixos” (1884, p. 03).

No livro segundo, denominado *Elementos morpicos da palavra*, inserido na secção terceira, intitulada *Etymologia*, encontram-se os *Substantivos derivados de palavras da lingua portugueza*. Nesse momento da obra, surgem os estudos acerca dos sufixos. Além das afirmações sobre sufixos, já destacadas na introdução, nesta parte Oliveira trabalha primeiro com o afixo, conceituando-o como “a palavra que, ajunctada a uma palavra já existente ou ao seu thema, modifica-lhe a significação por meio de uma ideia accessoria que lhe accrescenta” (OLIVEIRA, 1884, p. 03). Para essa explicação, os exemplos apresentados pelo autor são: *fórma, reforma* (forma nova) e *guerra, guerreiro* (homem que faz a guerra).

Esses afixos, diz Oliveira, exatamente igual como está na obra de Júlio Ribeiro, podem ser divididos em prepositivos e pospositivos. Estes são colocados depois do tema, aqueles, antes. São os afixos pospositivos que o autor denomina de sufixos. Eles são numerosos na língua portuguesa, pois “uns são derivados das fórmulas latinas, outros das fórmulas augmentativas, diminutivas e pejorativas da propria lingua” (OLIVEIRA, 1884, p. 156). Em relação ao sufixo *-ismo*, Oliveira escreve que pode designar a generalização do que o substantivo primitivo significa. Os exemplos apresentados por ele são os mesmos da gramática de Ribeiro: *heroísmo, khristianismo, materialismo, organismo, positivismo, transformismo*. A primeira edição dessa obra se deu em 1863, porém, pela impossibilidade de consultá-la, não se obteve informações se o sufixo *-ismo* aparece na primeira edição. Sabe-se que, para a décima segunda edição, que se deu em 1879, ocorreram alterações, as quais estão registradas na edição de 1863. São elas, nas palavras do autor: “fizemos em todas a materias as precisas correcções, e retocamos as doutrinas da etymologia e da syntaxe...” (OLIVEIRA 1884, VIII).

### **Ano 1887**

**COELHO, Francisco Adolfo. *A lingua portugueza: noções de glotologia geral e especial e portugueza.***

O vocábulo *sufixo* é mencionado em várias páginas da sua obra na secção III, intitulada *Formação do lexico Portuguez*, ao tratar de palavras portuguesas que apresentam o radical latino, mas não é encontrado ali o sufixo *-ismo*. Em relação a outros sufixos, Coelho diz que é do sufixo *-ario* que surgiu o sufixo *-eiro* para poder denominar árvores. Os

exemplos apresentados pelo autor são: *pereira*, *nogueira* e *pinheiro*, entendendo que essas são formações românicas (1887, p. 139). Demonstra, assim, em sua gramática, que trabalhou com vocábulos de origem grega e como estes passaram pelo árabe, para chegar ao léxico português.

A segunda edição gramática de Francisco Adolfo Coelho foi publicada em 1887, com o título *A lingua portugueza: noções de glotologia geral e especial e portugueza*, sendo a primeira editada em 1868, intitulada *A lingua portugueza, phonologia. etymologia, morphologia e syntaxe*. Na segunda edição, a que se teve acesso, logo no prefácio o autor apresenta o objetivo da produção gramática. Afirma que teve a “intenção de acudir às necessidades mais urgentes do nosso ensino no que respeita á historia da língua materna e de dissipar um certo numero de opiniões errôneas que infelizmente ainda hoje se professam” (1887, p. 05).

Mesmo na sua nova edição, com a existência já da gramática de Julio Ribeiro e a influencia de outros autores da linguística, como Humboldt, Coelho não teve a mesma percepção, como teve Ribeiro, para perceber a produtividade do sufixo *-ismo* em sua época.

#### **Ano 1887**

**MACIEL, Dr. Maximino de Araujo.** *Grammatica analytica baseada nas doutrinas modernas.*

Editada em 1887, porém escrita em 1885, a gramática de Maciel, logo no prefácio, confirma a data e propõe o conceito de morfologia do autor. Ao comparar a biologia com a linguística, e para isso recorre à morfologia e à taxonomia, explica que esta classifica as espécies que povoam o universo e, aquela, estuda a organização e a estrutura interna delas. Assim, a taxonomia gramatical, afirma Maciel “baseando-se no conceito significativo dos vocábulos, dita-lhes as leis da classificação e nomenclatura e a morfologia, penetrando-lhes na estrutura, separa o elemento organico embryonario daquelles elementos que, advindo do exterior, se reduziram ao estado de elementos, dotados simplesmente de funcções de relação” (1887, Prefácio).

Maciel afirma que a gramática descritiva aborda os fatos de uma língua qualquer, analisando-a em um determinado tempo. O objetivo desse tipo de gramática é ser prática e pedagógica (FÁVERO & MOLINA, 2006, p. 177). Na sinopse da obra, denominada *Plano Synoptico*, apresentada logo após o prefácio, nota-se que autor coloca o estudo de *Morfologia* como subdivisão da *Lexiologia*, vocábulo este que na primeira edição está grafado com a letra

“e” no lugar da “i”, *Lexeologia*. Na primeira edição, o estudo acerca de sufixo aparece na subdivisão *Suffixos Nominativos*. Nessa obra, o autor afirma que os sufixos nominativos “são aquelles que se junctam aos radicaes nominaes ou verbaes para formarem substantivos” (1887, p. 54). Após essa explicação a respeito do sufixo, uma lista de sufixos é apresentada. O sufixo *-ismo* é encontrado com as palavras formadas por ele e o significado que ele abrange: “(crença religiosa) catholi *-cismo*, christian *-ismo*, calvin *-ismo* (seita partidaria) panthe *-ismo*, espirit *-ismo*, celtic *-ismo*. (costume, uso, modo) lusitan *-ismo*, britan *-ismo*, archa *-ismo*. (propriedade) fulgent *-ismo*, brilhant *-ismo*, dimorph *-ismo*” (1887, p. 57). Provavelmente um erro ocorreu na grafia do vocábulo “catholi *-cismo*”, pois o sufixo é *-ismo* e não *-cismo*. Os vocábulos *celticismo* e *fulgentismo* não foram encontrados no *Dicionário de Língua Portuguesa de Antônio Houaiss*. Apenas *celticismo* foi encontrado no dicionário Aulete Digital<sup>13</sup>, com a seguinte acepção: “características célticas, influência céltica, inclinação para o estudo da civilização celta”.

Na terceira edição, o iniciar a parte II, Maciel faz uma breve explanação a respeito de lexiologia, afirmando que este é um estudo que analisa as palavras isoladas, como organismo independente. É a lexiologia, diz ele, que se divide em morfologia, taxonomia, ptoseonomia e etimologia. É no estudo da morfologia que autor aborda os afixos. Para isso, primeiro explica o que é morfologia com as seguintes palavras: “é o tratado da palavra, organicamente considerada, isto é, com relação aos seus elementos materiaes ou fórmas exteriores. Estes elementos materiaes ou orgams são o prefixo, o radical e o suffixo cujo conjunto constitue exterior e morphologicamente o organismo ou estructura da palavra, ex.: *com + mand + ante*” (1916, p. 76).

Ainda nessa edição, o autor trabalha os sufixos. Nesse momento, explica que o “suffixo é qualquer elemento morphologico que, posposto á raiz do vocábulo, lhe dá quase sempre a categoria grammatical, ex.: *pedr + ada*, *amen + izar*, *mort + al*”. Para ele, o sufixo pode ser nominal, adjetival e verbal. Nominal é aquele que, aglutinando-se a um radical, forma um substantivo. Adjetival, seguindo o mesmo processo do nominal, forma um adjetivo, e o verbal, não diferente dos demais, forma um verbo, como por exemplo *pestan + ejar*, *organ + izar*, *fortal + ecer* (1916, p. 80).

A explicação sobre sufixo, na terceira edição, se dá com a seguinte afirmação: “o suffixo é um orgam, que desde que seja isolado do vocábulo, perde a sua função, pois nada

---

<sup>13</sup>AULETE, Idicionário. Disponível em:  
<[http://www.aulete.portaldapalavra.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital&op=loadVerbete&palavra=mourismo](http://www.aulete.portaldapalavra.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=mourismo)>  
Acesso em: 11 mar. 2009.

representa; é uma morphose, isto é, um pedaço do vocábulo” (1916, p. 84). O sufixo *-ismo* aparece como resultado de “actividade, isto é, os que se aglutinam ao thema e dão ideia de acção exercida” (1916, p. 85). Essa forma de conceituar o sufixo *-ismo*, e não é apenas o *-ismo* que aparece nessa classificação, lembra o *-mós* na língua grega, que era utilizado para formar substantivos de acção.

### **Ano 1889**

**RIBEIRO, João.** *Grammatica Portuguêsa (Curso Primário 1º ano de Português).*

\_\_\_\_\_ *Grammatica Portuguêsa (Curso Médio 2º ano de Portugues).*

\_\_\_\_\_ *Grammatica Portugueza Exame de Portuguez 3º ano.*

\_\_\_\_\_ *Grammatica Portugueza: Curso Superior.*

João Ribeiro produziu quatro gramáticas: a *Grammatica Portuguêsa (Curso Primário 1º ano de Português)*, a *Grammatica Portuguêsa (Curso Médio 2º ano de Portugues)*, a *Grammatica Portugueza Exame de Portuguez 3º ano* e a *Grammatica Portugueza: Curso Superior*. Para esta pesquisa, a atenção está voltada para a gramática do Curso Superior, porque é nela que Ribeiro faz uma abordagem mais ampla acerca de sufixo. No prefácio da *Grammatica Portugueza Curso Superior* de João Ribeiro, com a primeira edição em 1887, o autor afirma que, para produzir a terceira edição, recebeu auxílio de dois amigos, do filólogo Dr. Macedo Soares e do Sr. Aureliano Pimentel, que era professor do Colégio de D. Pedro II. Para Ribeiro, morfologia é a parte da gramática onde o vocábulo estudado é considerado como um composto de órgãos. O órgão simboliza, segundo o autor, qualquer parte da palavra que exerce uma função ou apresenta um significado. Como exemplo, ele sugere a palavra *semi-deuses*.

Numa análise morfológica, há nesse vocábulo três órgãos: o *semi* que significa *meio*; *Deus* que exprime a ideia de uma pessoa suprema, sendo esta também a ideia principal, a raiz; e o *-es* que expressa a pluralidade do ser. A união dessas três partes, diz Ribeiro, consiste na estrutura do vocábulo (1889, p. 69). Nessa gramática, o autor apresenta os afixos, explicando que estes se dividem em prefixos e sufixos iniciando, logo após, a explanação acerca do sufixo. Estes “são elementos que prolongam e completam a palavra principal (...) o prefixo tem uma noção definida, e mais positiva do que o sufixo (...) Os suffixos, porém, têm, uma função menos definida e affectam varias accepções, conforme o uso tem estabelecido” (RIBEIRO 1889, p. 72).

O estudo acerca de sufixos aparece na Lição XVII, intitulada *Formação das palavras em geral; Composição por prefixos e por juxta-posição. – Estudos dos prefixos*. Na subdivisão, *Palavras derivadas*, Ribeiro afirma que tais palavras são as que “se formam de outras por meio de *suffixos* ou terminações: *amoroso* (de *amor* + o sufixo *oso*)” (1889, p. 136). Nesse momento da obra, Ribeiro discute a estrutura dos vocábulos, envolvendo raiz, afixos, sua flexão em gênero e número. Além disso, tem o cuidado de apresentar a história do gênero, do número e os traços das declinações latinas que permaneceram nas línguas portuguesa, espanhola e francesa (FÁVERO & MOLINA, 2006, p. 170).

Depois de trabalhar os prefixos latinos e gregos, na Lição XVIII, intitulada *Formação das palavras: derivação própria (por suffixos): derivação imprópria (sem suffixos). Estudo dos suffixos*, Ribeiro faz a sua explanação sobre sufixos. “Os *suffixos* constituem uma riqueza de fórmulas considerável. Não está nos limites deste trabalho fazer a análise minuciosa de todos os *suffixos* da língua portuguesa (...) Os *suffixos* não têm, como sucede os prefixos, a significação exacta e positiva: apresentam apenas uma idéia vaga e pouco definida” (1889, p. 149).

Ao mencionar a lista de sufixos, Ribeiro apresenta o sufixo *-ismo* com uma informação, até então, não encontrada em outros autores que escreveram antes e depois dele. Para ele, o sufixo *-ismo* tem sua origem nos “verbos gregos em *-izo*” (1889, p. 149). Os exemplos apresentados por ele são: *despotismo*, *materialismo*, *espiritualismo*, *jornalismo*, *absenteísmo*. Diferente dos demais gramáticos, até mesmo dos gramáticos atuais, Ribeiro explica o sufixo *-ismo*, recorrendo à terminação grega *-izo* utilizada para acrescentar a verbos e transformá-los em substantivos de ação, como foi trabalhado no primeiro capítulo desta pesquisa.

**Ano 1894**

**RIBEIRO, Dr. Ernesto Carneiro. *Grammatica Portugueza Philosophica*.**

Outro gramático estudado é Ernesto Carneiro Ribeiro<sup>14</sup>. Percebe-se, por suas palavras, que sua ênfase é científica. Diferente das gramáticas de cunho filosófico, seu critério linguístico é a ciência, pois entende que somente ela pode ser o ponto de partida. Não só sua gramática, mas as outras gramáticas desse período também recorreram à ciência. Ainda no prólogo, Ribeiro apresenta suas fontes para desenvolver sua gramática. Ele recorreu à gramática de Frederico Diez e à gramática de João Ribeiro. Afirma que os gramáticos da época têm sua base na ciência da linguagem, explorando o sentido das palavras, seu valor e a sua função lógica. Além disso, esses autores afirmam que a gramática é um estudo abstrato, porém estão atentos aos elementos mórficos das palavras (RIBEIRO, 1890, p. 02), trazendo assim, influências do estruturalismo em contraste com as gramáticas filosóficas.

É possível notar, logo no prólogo de *Serões Grammaticais. Nova Grammatica Portugueza* que, para Ribeiro, uma leitura da história também era oferecida pela palavra, pois esta “era o ‘corpo’ em que se poderia trabalhar o espaço linear (secção de elementos); o tempo em seu caminhar (a História); o convívio com outros textos (o Humanismo) e o momento (a fruição estética)” (RICCIARDI, 2004, p. 131).

Para que esse conceito de gramática se tornasse conhecido, optou-se por fazer o estudo das palavras como se fosse o estudo dos órgãos na anatomia. Ribeiro faz uma comparação entre esses dois estudos, explicando que deve haver o estudo dos “*tecidos* desses órgãos, os *elementos* desses tecidos, como nascem e vivem, como crescem, proliferam e definham, se encorpam e se apoucam, se engrazam e separam, se modificam, se transformam, estacionam, envelhecem e remoçam, aparecem e morrem. O gramático não é um lógico, senão um naturalista” (RIBEIRO, 1890, p. 02).

Ribeiro entende que os gregos, como os romanos, estudaram o sentido da palavra e os indianos, os elementos mórficos. Por muito tempo, os gramáticos têm-se dedicado à pesquisa linguística, mas não atentaram para o sentido, função e significado lógico das palavras. Ele

---

<sup>14</sup> Médico e literato brasileiro nascido em Itaparica, Estado da Bahia, filólogo de mérito e educador de amplíssimos conhecimentos, cuidadoso na correção da linguagem, foi pioneiro no Brasil de uma gramática constituída em função da língua falada. Estudou no Liceu Provincial de Salvador e na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se doutorou (1864). Fundou o Ginásio Carneiro Ribeiro (1884), o qual dirigiu por 36 anos. A publicação dos oito volumes do Projeto do Código Civil Brasileiro, do jurista e magistrado brasileiro Clóvis Beviláqua (1859-1944), publicado pela Imprensa Nacional (1902), deu origem aos seus famosos debates linguísticos com o famoso político e jurisconsulto brasileiro Rui Barbosa (1849-1923), em cima do Parecer desse senador sobre a matéria. A Imprensa Nacional editou os oito volumes do Projeto de Clóvis Beviláqua, e, ao mesmo tempo, o Parecer do senador Rui Barbosa sobre a matéria. Envolvido a contragosto na apreciação do projeto, iniciou com Rui Barbosa, seu antigo aluno, a polêmica, destacando certos aspectos do português no Brasil que não eram percebidos pelos gramáticos, tornando-se no país o pioneiro de uma gramática constituída em função da língua falada. Sobre o assunto publicou A redação do projeto do código civil (1902) e A réplica do dr. Rui Barbosa (1905) e faleceu em sua terra natal, em 13 de novembro (1920), com 81 anos. NETSABER. Disponível em:

<[http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_1974.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_1974.html)> Acesso em: 04 jun. 2008.

defende que o estudo diacrônico e o sincrônico precisam auxiliar um ao outro pois, em sua opinião, um completa e robustece o outro, formando uma estrutura para sustentar a pesquisa (RIBEIRO, 1890, p. 02).

No prólogo da terceira edição, Ribeiro afirma que o aprimoramento de sua obra consistiu em estudar a lexicologia, dando ênfase à morfologia. Destarte, os sufixos e prefixos dos vocábulos foram objetos de estudo, com o alvo de esclarecer o quanto eles influenciam nas transformações dos radicais e das modalidades das palavras. Nessa nova edição, acrescentou um capítulo que trata do histórico da língua portuguesa e, na introdução, o autor apresenta o seu conceito de lexicologia, como “a parte que trata das palavras consideradas em relação ao seu valor, á sua etimologia, á sua classificação ás suas formas ou inflexões gramaticais” (RIBEIRO, 1890, p. 05). Essa lexicologia passa a ser denominada de morfologia, “quando estuda a palavra considerada em suas formas e estrutctura” (RIBEIRO, 1890, p. 05).

Num quadro resumido e interpretativo, Ricciardi apresenta a divisão da gramática de Ribeiro. Inicia com a fonologia ou fonética; na segunda parte, encontra-se a lexicologia, subdividida em etimologia, taxionomia, morfologia e semântica; a terceira parte é formada pela sintaxe ou fraseologia e, na a última parte, a ortografia. Para esta pesquisa importa a segunda parte, a lexicologia, pois ali as palavras são consideradas em seu valor. Assim, elas aparecem nas seguintes formas: etimologia, como “estudo da origem e das formas primitivas dos vocábulos; na taxionomia, nome herdado da botânica, que indica ‘classificação’, no caso, das palavras; na morfologia, estudo da estrutura e flexão das palavras, levando em conta sua transformação também; na semasiologia ou semântica, estudo das transformações de sentido pelas quais as palavras passaram e passam atualmente” (2004, p. 129).

Para Ribeiro, a lexicologia e a ortografia estavam relacionadas, pois ele entendia que um pensamento só podia ser bem expresso, desde que se conhecesse a morfologia, a etimologia e a semântica. Até a ortografia estava relacionada com a lexicologia, por meio da morfologia, porque era dessa forma que a sintaxe era organizada. Era importante, para ele, o estudo da raiz das palavras, bem como todos os elementos que colaboram para compor a mesma. A valorização, por esses elementos, tinha sua base no fato de que a raiz podia transportar o pesquisador para o seu significado básico. Além disso, elementos como radical, afixos e desinências, possibilitavam uma percepção mais biológica da língua.

Ribeiro (1890, p. 151), ao tratar dos sufixos gregos, no capítulo quinto, intitulado *Vocábulos de origem popular e de origem erudita: duplas formas ou derivações divergentes*, afirma que na “formação dos vocabulos portugueses, alem dos elementos latinos, particulas ou palavras, que se empregam como suffixos no processo de sua derivação, muitos suffixos

gregos ha que ou tomamos directamente da língua grega ou, como mais geralmente ocorre, indirectamente, por intermédio do latim”. O sufixo *-ismo* é para ele de origem grega, que corresponde ao latim *-ismus*. O seu uso, afirma Ribeiro, ocorre com frequência na língua portuguesa e em “todas as novo-latinas. Denota systema, imitação, aplicação ardente a tudo o que respeita a certas doutrinas philosophicas, politicas ou religiosas, theorias, seitas, principios, ideias abstractas” (1890, p. 153). Os exemplos apresentados por ele são: “*dogmatismo, materialismo, estoicismo, racionalismo, idealismo, positivismo, cartesianismo, pantheismo, espiritualismo, mahometismo, anarchismo, nihilismo, fetichismo, comtismo, gallicismo, hellenismo, lusitanismo, semitismo, espanholismo, darwinismo, nephelibarismo*” (1890, p. 153).

#### **Ano 1894**

#### **SILVA, Augusto Freire da. *Grammatica Portugueza*.**

Na gramática de Freire da Silva, encontrou-se na secção três, intitulada *Elemento Vernáculo*, duas subdivisões: *Derivação imprópria e Derivação própria*. É em *Derivação própria* que se encontra o estudo sobre sufixos, visto que o estudo de prefixação é localizado dentro da subdivisão denominada *Composição das palavras*. Segundo Silva (1894, p. 239), a derivação própria ocorre, quando as palavras são formadas a partir de outras com o acréscimo de sufixos. O conceito e a avaliação que Silva (1894, p. 240) faz dos sufixos, são notados nas seguintes palavras:

*Suffixo* é o elemento morphologico ou órgão que se pospõe ao radical, modificando-lhe a significação: *pinheiro, formoso*.

Cada suffixo tem sentido ou valor proprio, que se revela em todos os derivados que delle se formam; mas em geral o deirvado tem sentido mais restricto que o primitivo, e equivale a um substantivo combinado com um adjectivo: *jardim – zinho = jardim pequeno*; ou a um verbo com o seu complemento: *escolher = fazer uma ecolha*. Às vezes, intercala-se, entre o radical e o suffixo das palavras derivadas, uma consoante euphonica: *machucadela, florzinha*; ou uma syllaba com o valor de suffixo: *cabelleira*.

Os suffixos, ou são de formação popular, ou de origem erudita. Estes não entram na derivação propriamente portugueza; mas alguns delles, como *ario, al, ista, ismo etc.*, são hoje de uso vulgar, e estão por assim dizer, nacionalizados e com força creadora...

Silva também demonstra a percepção de que o mesmo sufixo pode abranger vários significados. O autor cita como exemplo o sufixo *-eiro*, que em *tinteiro* exprime o continente, em *cavaleiro*, o agente de ação e, em *pinheiro*, a árvore que traz o fruto relacionado a ela. O

sufixo *-ismo* aparece, na gramática de Silva, como oriundo do latim *-ismus* e pode produzir religião, crença, seita, doutrina, qualidade, palavra, locução peculiar a uma língua ou local e também a generalização do significado do substantivo primitivo. Os exemplos apresentados por ele são: *cristianismo, islamismo, sebastianismo, socialismo, brilhantismo, purismo, galicismo, helenismo, solecismo, organismo e transformismo* (SILVA, 1894, p. 246). Nessa gramática, já é possível perceber como a abrangência semântica do sufixo *-ismo* é bem mais ampla em relação às gramáticas anteriores, visto que alguns significados são semelhantes àqueles estudados nas paráfrases do capítulo quatro desta pesquisa.

### **Ano 1898**

#### **P.S. *Livro de exercícios para aprender os elementos da grammatica portugueza.***

No *Livro de exercícios para aprender os elementos da grammatica portugueza*, encontra-se no *Parecer da segunda comissão de Conselho Escolar do Estado do Rio Grande do Sul* uma breve explanação a respeito dessa obra. Entendeu-se, naquele momento, que tal gramática propunha um método prático para o ensino da língua portuguesa, seguindo os princípios utilizados nos trabalhos do mesmo gênero, tanto na Alemanha como na Suíça. Inspirado na obra do Pe. Girard, a gramática satisfez a segunda comissão do Conselho Escolar e, por isso, foi aprovada.

No prólogo da quinta edição, nota-se que objetivo dessa obra não é oferecer um curso completo de gramática e, sim, apenas uma preparação para que o aluno possa superar as principais dificuldades na linguagem do cotidiano. Para essa edição, inseriu-se a teoria da análise etimológica e sintática. Por mais que nesta área tenham sido feitas observações, acerca dos diferentes usos de algumas palavras não está presente, nesta obra, estudo sobre o sufixo *-ismo* (P.S., 1898).

### **Ano 1899**

#### **MAIA, Zillah do Paco Mattoso. *Grammatica da lingua portugueza.***

A gramática de Maia é, na opinião da Imprensa da Capital Federal, um livro elementar e não um tratado. Entendeu-se que a autora procurou conciliar as simples noções de gramática às altas teorias linguísticas, procurando um método simples e essencial que já existia nas gramáticas da época. Nas palavras de Laet, que também escreve, apreciando a gramática nas primeiras páginas dessa obra, os alunos não tinham domínio da língua portuguesa,

informando que: “urge insistir no ensino da linguagem, porque nunca se fallou e escreveu tão mal como agora” (MAIA, 1899, p. 08).

Na parte I da gramática, intitulada *Lexeologia*, encontra-se na página oitenta e sete a subdivisão com o título *Derivação propria, organica ou por sufixação*. Neste momento da gramática, a autora afirma que a derivação própria, orgânica ou por sufixação consiste em juntar sufixos a um vocábulo existente na língua. Substantivos e adjetivos podem ser formados, por meio de um sufixo, a partir de adjetivos, de substantivos e verbos. Ao fazer a explanação dos sufixos, Maia apresenta o sufixo *-ismo* formando significados em crença religiosa, como “*calvinismo, catholicismo, lutheranismo*”, em seita, como “*deismo, positivismo*”, em propriedade, como “*brilhantismo, fulgentismo*”, em costume, uso e modo, como “*anglicanismo, britanismo, neologismo*” (MAIA, 1899, p. 87).

## Ano 1902

### **RIBEIRO, João. *Estudos Philologicos*.**

Em outra obra de João Ribeiro, intitulada *Estudos Philologicos*, lê-se, no capítulo dezesseis, o seu conceito de morfologia. O autor entende que os elementos mórficos são órgãos com funções de representarem ideias. O exemplo citado por ele é o vocábulo *predizia*. Afirma que, neste, há presentes três elementos mórficos e cada um deles expressa uma função, ou uma ideia que pode ser principal ou não. Com essa explicação e esse exemplo, conceitua morfologia como “o estudo do vocábulo considerado como um composto de elementos significativos ou órgãos” (1902, p. 79). Desta forma, Ribeiro escreve que os elementos mórficos consistem em raiz, tema, sufixo, prefixo e flexão.

Para o autor (1902, p. 80), observar a palavra segundo à forma e à estrutura, era algo de muita discussão na época pois, em nota de rodapé, explicando o parágrafo do porquê ter escrito a necessidade de ter paciência para escutar as palavras e *estrutura* e *forma*, ele diz:

Estas linhas foram escriptas a pedido de um professor de não vulgar instrucção, que em nenhum gramático achou definido os limites da morphologia. Todos a definem: o estudo da *estructura* (?) ou *forma* (?) do vocábulo o que é o mesmo que dizer cousa nenhuma. Tambem d’ahi se infere a sem razão dos que têm horror aos neologismos pois que as expressões *fórma* e *estructura* com serem vulgares nada exprimem de definido e claro.

Mesmo sendo uma obra editada depois de Júlio Ribeiro, não se encontrou estudo do uso do sufixo *-ismo*.

## Ano 1913

### GOMES, Alfredo. *Grammatica Portugueza*.

No capítulo vinte e oito da obra de Alfredo Gomes, intitulada *Grammatica Portugueza*, décima quinta edição, sendo a primeira edição de 1902, encontra-se no capítulo dezesseis, intitulado *Etymologia e seus processos*, o conceito de afixo. Depois de explicar que o radical exprime a ideia principal do vocábulo e, por isso, é invariável, que a terminação forma ideias acessórias ao vocábulo principal e que raiz é a parte do vocábulo que não pode ser modificada, Gomes afirma que o afixo é o elemento que pode ser fixado à raiz, denominado por ele, também, de núcleo. Para ele, os afixos são divididos em prefixos, sufixos e infixos. Eles são fixados antes da raiz, depois da raiz e no meio da raiz, sucessivamente (1913, p. 113).

Os sufixos são divididos em “modaes, temporaes, numericos, genericos, pessoas e graduaes ou gradativos, conforme servem para indicar as idéas accessorias de modo, tempo, numero, pessoa ou gráo. Ás vezes, porém, o suffixo é puramente euphonico ou eustomico, isto é, destinado a tornar a raiz mais sonora ou de mais fácil ligação e pronuncia” (1913, p. 113). Assim, Gomes propõe que as ideias principais das palavras estão expressas na raiz, já as ideias secundárias são encontradas nos sufixos e nas terminações.

No capítulo vinte e seis, intitulado *Derivação de palavras*, Gomes explica primeiramente o que é derivação, ao afirmar que esta é o processo que ocorre na formação de novos vocábulos, adaptando sufixo aos radicais. A derivação que se dá por meio de sufixos, ele a denomina de *derivação própria*. Já, a *imprópria*, ocorre sem sufixos (1913, p. 191). Ao trabalhar a derivação, o autor escreve que os substantivos podem ser formados por sufixos principais, classificados em quatro grupos.

O primeiro grupo abrange os sufixos que expressam *ação* e *agente*. Para esse grupo, exemplos apresentados por ele são os seguintes sufixos: *-ada, -agem, -ada, -adas, -ão, -ario, -eiro, -ice, -iço, -icio, -icia, -mento, -dor* ou *-tor*. Os sufixos do segundo grupo exprimem *existência, estado* ou *qualidade*. São eles: *-ado* ou *-ato, -ança, -ancia, -ção, -dade, -ença, -encia, -eza, -mento, -ita, -dão, -iça, -icia, -ista, -são, -tude, -ura* e *-ismo*. Os sufixos do terceiro grupo expressam *coleção*: *-agem, -al, -aria, -ada, -edo, -eda* e *-io*. Por último, o autor apresenta os sufixos que compõem o quarto grupo: *-ão, -arão, -arrão, -acho, -aço, -aça, -anha, -arra, -astro, -az, -ico, -ica, -ito, -ita, -eto, -eta, -ebre, -ecula, -ercula, -iculo, -icula, -éo, -éolo, -ulo -ula, -inho, -zinho, -unculo, -inholo, -inhola, -ote* e *-ota* (1913, p. 196).

Segundo Gomes, alguns sufixos formam substantivos próprios patronímicos. São eles: *-es*, *-ides* e *-idas*. Estes formam os seguintes nomes: *Sanches*, *Homerides*, *Abassidas* e *Heraclidas*.

O sufixo *-ismo* é explicado por Gomes no segundo grupo. Ele diz que este tem origem grega, do *ismós*. Os exemplos mencionados para este sufixo são: *materialismo*, *sentimentalismo*. Além de aparecer no segundo grupo, o *-ismo* também é encontrado na subdivisão intitulada *Hybridismos*, com as seguintes palavras: “Hybridismos são, pois, vocabulos mal formados de elementos de diversa proveniencia: *copoPHONE*, *socioLOGIA*, *altruISMO*, *machiavellISMO*, *telephonE*, etc. O hybridismo é condemnavel: tem desculpa si é de formação popular ; torna-se, porém, inadmissível ou censuravel, quando é scientifico, como: *decimETRO*, *centiGRAMMA*, *PYRamido*, *socioLOGIA*, etc” (GOMES 1913, p. 197). Nessa gramática, notou-se uma nova abrangência semântica do sufixo *-ismo*: *existência*, *estado ou qualidade*.

### **Ano 1913**

#### **SANTOS, Hemeterio José dos. *Grammatica portugueza*.**

No prefácio da *Grammatica portugueza* de Hemeterio José dos Santos, editada em 1913, nota-se que não é intenção do autor fazer uma análise diacrônica da língua portuguesa, e sim, sincrônica. Entende que o “conhecimento da língua como instrumento de comunicação é nullo, e um saber inutil de sacrista tem sido a só preocupação de alumnos e professores” (1913, p. 05). Com essa observação da sua realidade, Santos afirma que os meninos de sua época estavam passando por um problema, ao estudarem a língua portuguesa pois, sem aprenderem a língua corretamente, eram forçados a memorizarem modelos de comparação de conteúdo que desconheciam. Estes, segundo o autor, eram o vocabulário, o vernáculo, a sintaxe e as criações antagônicas.

Na segunda parte, o capítulo I, intitulado *Morphologia*, Santos explica que, em relação ao significado, as palavras são agrupadas em classes ou categorias, denominadas partes do discurso. São elas: pronome, substantivo, adjetivo, preposição, verbo, advérbio e conjunção. Outra classificação apresentada pelo autor é sobre as ideias que as palavras exprimem. Assim, elas podem ser classificadas em substantivas, qualificativas e relativas.

Quanto à formação das palavras, elas podem ser divididas em primitivas e derivadas, simples e compostas. O sufixo aparece na explicação das derivadas. Santos entende que estas são “as palavras que procedem directamente de uma outra. Há derivados de 1ª, 2ª, 3ª etc.

categoria: *mar*, *marinha* (marina), *marinheiro*, *marítimo*, *maré*, *marésia*; de *socio*, *social*, *socialismo*; de *pedra*, *pedroso*, *pedraria*, *pedrada*, *pedreiro*. As terminações que desenvolvem a derivação chamam-se *suffixos*” (1913, p. 22). O autor ainda explica que, pelo fato de um mesmo sufixo ser utilizado em diversas palavras, estas formam famílias gramaticais. O exemplo que ele apresenta é com o sufixo *-eiro* nas seguintes palavras: *marinheiro*, *pedreiro*, *canteiro*, *brazileiro*.

Ainda na segunda parte da gramática, no capítulo III, intitulado *Da formação das palavras*, encontra-se na subdivisão os *Suffixos gregos*. Antes de explicar o uso dos sufixos gregos, Santos explana o conceito de derivação. Ele entende que esta “é o processo pelo qual uma *palavra* nasce de outra por assumir funções novas, ou por tomar novos *suffixos*” (1913, p. 130). É na explicação sobre derivação imprópria que o autor expõe o sufixo *-ismo*. Este aparece na subdivisão intitulada *Suffixos de adjetivos*. Ali, o sufixo *-ismo* é denominado como desinência grega, formando os vocábulos *jornalismo* e *provincialismo* (1913, p. 132).

#### **Ano 1920**

##### **FIGUEIREDO, Candido de. *Grammatica Sintética Língua Portuguesa*.**

Figueiredo apresenta, no início de sua obra, o objetivo do seu trabalho, intitulado *A razão do livro*. Diz que há discrepância nos pontos doutrinários entre os gramáticos de língua portuguesa. O autor chega até fazer uma lista com o número de ditongos que aparecem nas gramáticas. Ainda nessa primeira parte da obra, Figueiredo afirma que seu objetivo é produzir uma gramática acessível a todos.

Na segunda parte de sua gramática, intitulada *Morfologia*, encontra-se na seção I a *Derivação*. No item três, o autor conceitua sufixo, afirmando que este é uma palavra que se põe ao radical e lhe modifica a significação. Figueiredo entende que o sufixo *-ismo* “exprime generalização do significado do nome a que se junta, como em *brilhantismo*; sistema, crença, como em *socialismo*, *cristianismo*; locução privativa de uma região ou de uma nação, como em *provincialismo*, *galicismo*” (FIGUEIREDO, 1920, p. 37).

#### **Ano 1922**

##### **MOREIRA, Julio. *Estudos da língua portuguesa*.**

Na obra de Moreira não há prefácio. Voltou-se então a atenção para as suas considerações já no final da obra, sob o título de *Fragmento de um estudo sobre o falar*

*português do Brasil* (1922, p. 339). Nesse momento, o autor faz uma breve descrição da importância da fala, afirmando que, sem a fala e sem a escrita, a mente do ser humano não teria se aperfeiçoado. Volta-se, depois, para a língua portuguesa, a qual considera uma língua que veio do latim, como também o português poderia ser uma fase do latim, na época dele. Com esse conceito, as demais línguas romanas também são outras fases do latim em diversos lugares. O autor ainda demonstra uma expectativa de ver os habitantes do Brasil falando português e lendo literaturas produzidas em Portugal. Expressa-se de tal maneira, que deixa transparecer o interesse econômico, se o Brasil inteiro falasse o português.

Num artigo de Adolfo Coelho, que foi inserto no final da obra, intitulado *A língua portuguesa – noções de glotologia geral e especial*, encontra-se a descrição da composição da obra e a ênfase de Moreira. Depois de fazer uma abordagem a respeito de glotologia e filologia, o autor da gramática também trata da classificação das línguas, da gramática histórica, de neologismos e alterações fonéticas, morfológicas e sintáticas; do latim e das línguas românicas e da formação do vocabulário em português.

Após apresentar os sufixos latinos, Moreira (1922, p. 153) faz menção de alguns sufixos não estudados nos seguintes subtítulos: *Um sufixo não estudado (-eima)* e *Outros sufixos não estudados (-orio)*. Além desses sufixos, faz uma abordagem sobre o sufixo *-ata* e o sufixo *-anco* (*-ango*, *-incas*). Em nenhum momento é mencionado o sufixo *-ismo*. Ribeiro (1933, p. 157) apenas menciona vocábulos com o sufixo *-ismo*, como *idiotismos*, mas não um estudo a respeito do mesmo.

### **Ano 1930**

**NUNES, José Joaquim.** *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia.*

No prólogo da primeira edição da obra de Nunes, encontra-se o objetivo do autor mas, antes que seja esclarecido, afirma que faltou na obra uma pesquisa sobre sintaxe. Esmerou-se por explicar os sons na língua portuguesa, sua evolução, através dos tempos, e a influência do germânico e do árabe em sua formação. Para tanto, acrescenta um apêndice com as transformações sofridas pelos nomes oriundos desses dois idiomas. Seu objetivo também passou a explorar “as sucessivas transformações dos fonemas e vocábulos, recorrer a formas arcaicas, das quais umas evoluíram, outras desapareceram” (1930, p. 08).

No capítulo cinco, intitulado *Formação de Palavras*, na subdivisão *Derivação Própria*, o autor explica que esta consiste na criação de novas palavras com adição de um

elemento, com uma ou mais sílabas, ao radical. Esses elementos são denominados sufixos e modificam a significação das palavras as quais foram adicionados. Certos sufixos já existiam no latim clássico, outros foram criados pela língua popular e, alguns desapareceram e em seu lugar foram criados novos. Há sufixos que conseguiram resistir à evolução da língua, sem perderem sua vitalidade. Os sufixos que resistiram às mudanças têm a característica de que, tanto eles como o radical a que se juntam, apresentam ideias claras. Quando um sufixo é absorvido pelo radical, forma-se uma nova palavra, considerada primitiva (1930, p. 08).

Sem apresentar algo diferente dos demais autores, Nunes entende que o sufixo *-ismo* corresponde ao sufixo grego *-ισμός*. Segundo o autor, esse sufixo, pertence à língua culta, também forma substantivos, juntando-se a temas nominais, designando opinião ou escola. Acrescenta que com esse se forma vocábulos que tratam da origem de algo como: *ascet-ismo*, *ate-ismo*, *classic-ismo*, *fanat-ismo*, *islam-ismo*, *fatal-ismo*, *anglic-ismo*, *galic-ismo*, *grec-ismo* e *latin-ismo* (NUNES, 1930, p. 383).

### **Ano 1933**

#### **NOGUEIRA, Julio. *O exame de Português*.**

Na quinta edição da gramática de Nogueira que se deu em 1933, sendo a primeira em 1928, é possível perceber estudos morfológicos logo no início da obra no ponto dois, intitulado *Filiação do português ao latim, revelada pelo léxico, pela morfologia e pela sintaxe. Outros elementos formadores do léxico português. Neologismos, peregrinismos, gíria. Arcaização, suas causas. Hibridismo*. Porém, não se nota a presença de estudos a respeito de sufixo que só aparece no ponto dez da gramática, intitulado *Grau dos substantivos; sufixos especiais. Grau dos adjetivos; vestígios do comparativo sintético. O superlativo sintético*. Nesse momento, ao tratar dos substantivos, explica que na língua portuguesa há recursos para não precisar recorrer à flexão. Seu exemplo é o vocábulo *rio* que no diminutivo passa para *riacho*, sendo possível, afirma Nogueira, utilizar o vocábulo *córrego*. Já em relação aos nomes concretos, ocorre a modificação desinencial, conforme determinados sufixos. “Estes emprestam ao nome uma ideia de aumento ou de diminuição de sua proporções normais” (1933, p. 158). Mesmo sem aparecer o sufixo *-ismo* nessa gramática, nota-se que o próprio vocábulo *sufixo* já passa a ser utilizado, diferente da gramática de Barbosa, já mencionada e que, em vez de usar o vocábulo *sufixo*, usa *terminação*.

**Ano 1935****PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica historica*.**

Eduardo Carlos Pereira trabalha no prólogo de sua obra a função da palavra na sociedade. Explica que é no exercício das palavras, como função social, que se pode notar o seu nobre destino, embelezando a arte, as ciências, as especulações filosóficas e o enlevo da religião. Para o autor, a palavra é o “vínculo moral mais poderoso da sociedade, o mais forte instrumento da vida e progresso da família humana” (1935, p. 03). Ao tratar de morfologia, o autor faz análise da estrutura vocabular e das categorias gramaticais. Nesta, a abordagem é feita acerca das flexões, funções, etimologia, dialetos e um estudo comparativo entre o português do Brasil e de Portugal.

Ainda na área morfológica, o autor explora a formação do léxico, os elementos estrangeiros e os processos de derivação e composição. Em relação ao sufixo, no subtítulo da morfologia, intitulado *Elementos Morphologicos*. Pereira aborda, em uma subdivisão, os *Affixos*. Explica que a raiz agrega-se a elementos secundários, os afixos, com o objetivo de modificar e conceituar o sentido fundamental e vago. Como exemplo, ele usa a palavra *desamor* e explica que em uma análise morfológica encontram-se três elementos: “-des + am + or: am = raiz, des = prefixo, or = sufixo.” Partindo desse exemplo, ele diz que “a raiz am é portadora da ideia geral e indeterminada da palavra; os *affixos* -des e -or são portadores de ideias específicas que determinam ou positivam a ideia geral ou genérica. É esta a importante função desses elementos acessórios” (PEREIRA, 1935, p. 124). Mesmo fazendo essa abordagem acerca de sufixos, o autor não explora os diversos sufixos na língua portuguesa e o que eles podem formar. Logo, não aparece o sufixo -ismo.

**Ano 1937****TAVARES, José Pereira. *Gramática elementar do português*.**

Na gramática de Tavares, o sufixo -ismo é classificado entre os sufixos de origem grega, que foram incorporados na língua portuguesa. O autor entendeu o -ismo como sistema, citando como exemplos o *crístianismo* e o *liberalismo* (TAVARES, 1937, p. 163).

**Ano 1937****FREIRE, Laudelino. *Estudos de Linguagem*.**

Na obra de Freire, intitulada *Estudos de Linguagem*, não se encontrou o sufixo *-ismo*, nem foram encontrados estudos acerca de afixos. Nas palavras prévias, no início da obra, o autor afirma que depois de o leitor examinar a sua gramática, por completo, notará que vários assuntos abordados a respeito da língua portuguesa, foram trabalhados em outras obras suas. Percebe-se, pelo sumário, que autor não produz uma obra como resultado de uma investigação, estando mais voltada para algumas dúvidas dos falantes da língua portuguesa, do que para um estudo profundo da área, pois o próprio Freire afirma isso, quando diz: “cada estudo aqui compaginado (...) exprime contudo a intenção louvável de trazer aos que não sabem, mas querem saber, o conhecimento de coisas, sem dúvida desinteressantes para os doutos, porém de muitas não conhecidas” (1937, p. 06).

### **Ano 1943**

#### **ALMEIDA, Napoleão Mendes. *Gramática metódica da língua portuguesa.***

Para Almeida (1943, p. 357), não há uma divisão entre os sufixos de origem latina e os de origem grega. No capítulo em que esses sufixos são apresentados, não consta o sufixo *-ismo*. Encontra-se, ali, um sufixo próximo ao *-ismo*, o sufixo *-ista*. Mesmo assim, encontram-se palavras formadas com o sufixo *-ismo*. São elas: “*crístianismo, hipnotismo, hibridismo*<sup>15</sup>” (1943:362, 363 e 366). Melo (1968, p. 39), ao apresentar o sufixo *-ismo* na lista dos sufixos gregos, explica que a sua função é de indicar sistema filosófico, religioso, sociológico, crença e origem. Os exemplos são *ateísmo, fatalismo, positivismo e racionalismo*.

No prefácio da edição de 1985, faz uma crítica à educação brasileira. Defende a posição de que a gramática deve ser estudada, não em partes, mas integralmente. Para ele, o fato de não encontrar, em sua época, alunos que soubessem decifrar o que era um superlativo, um pronome relativo, uma conjunção subordinativa, um verbo defectivo, entre outros elementos gramaticais, era resultado do ensino parcial da gramática. O autor afirma, ainda, que se o aluno “está estudando o ‘substantivo’ deverá estudar tudo, mas tudo quanto diz respeito a essa classe de palavras, no que se refere à fonética, à morfologia e, quanto possível, à própria sintaxe” (1985, p. 18).

Não é intenção do autor fazer uma reforma gramatical e, sim, apenas facilitar e ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Em relação ao sufixo *-ismo*, a única menção que o

---

<sup>15</sup> *Grifo nosso*

autor faz é que o vocábulo *caiporismo* é formado de *caipora* da língua tupi e *-ismo* da língua grega (ALMEIDA, 1985, p. 93).

#### **Ano 1943**

##### **SEQUEIRA, Martins F. J. *Aspectos do português arcaico.***

Na gramática de Sequeira, a ênfase não é uma investigação profunda da língua portuguesa contudo, no prefácio, afirma que o seu estudo é mais voltado para o vulgar do que para o erudito, pois o alvo é despertar nas pessoas, que não conhecem filologia, amor e prazer em estudar a língua nacional.

Sequeira (1943, p. 90) observou que um sufixo só continua a existir, desde que o semantema apresente uma nítida individualidade. Isto deve ocorrer tanto na forma como na expressão com o objetivo de apresentar as ideias bem distintas e claras. Se isso não ocorrer, o vocábulo que recebeu o sufixo pode absorvê-lo e a palavra passa a ser entendida como primitiva. Mesmo abordando os aspectos do português arcaico, Sequeira não trata do sufixo *-ismo*. Para ele, vários sufixos portugueses correspondentes já existiam na época do latim popular e do clássico, conservando o mesmo valor semântico. Sem mencionar o sufixo *-ismo*, ele afirma que alguns sufixos são de “proveniência grega (por ex. *-essa* ou *esa*)” (1943, p. 91).

#### **Ano 1945**

##### **LIMA, Mario Pereira de Souza. *Gramática portuguesa.***

No prefácio da primeira edição da *Gramática portuguesa* de Mário Pereira de Souza Lima, é estabelecida a finalidade dessa obra. O autor tem, como objetivo, fazer uma exposição dos fatos da sua época relacionados à língua literária portuguesa, bem como as regras para utilizá-la. O seu pressuposto também aparece no primeiro parágrafo, ao mencionar que a frase é a unidade da linguagem e, não, a palavra isolada. Com essa premissa, o autor defende a tese de que a gramática não deve ser ensinada, iniciando pela fonética ou pela morfologia mas, sim, pela proposição. Destarte, a interpretação da frase poderia destacar o valor semântico dos vocábulos nela contidos (1945, p. 11).

Lima, ao citar Brugmann (1905, p. 298), entende que a morfologia é um sistema de flexões, pois há uma relação entre o estudo da formação de palavras, a morfologia, e o estudo da ligação das palavras na frase, independente do conceito de um ou de outro. Não foram encontrados, nessa obra, estudos acerca de sufixos para a formação de palavras. No índice, a

estrutura do segundo livro da obra, intitulada *Da constituição e variações das palavras*, notou-se que, no capítulo primeiro, o autor trabalhou a *Natureza e classificação dos fonemas*. No capítulo dois, *Os grupos fonéticos*; no capítulo três, *a formação das palavras em geral*, no capítulo quatro, *A derivação* e, no capítulo cinco, *A prefixação*. Um capítulo intitulado *A sufixação* não foi encontrado e, sim, *Os sufixos aumentativos e diminutivos* como subdivisão do capítulo nove, intitulado *A flexão nominal*.

### **Ano 1945**

#### **COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*.**

A obra de Coutinho é um compêndio a respeito da história externa e interna da língua portuguesa que tem como objetivo, segundo o prólogo da primeira edição, aproximar o estudante da ciência moderna. Tal trabalho procurou estar alicerçado na autoridade dos autores nacionais e estrangeiros, tais como “Meyer-Lübke, Júlio Cornu, Frederico Diez, Huber, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Carolina Michaelis, João Ribeiro, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes etc.” (1945, p. 07).

Na introdução, para que fosse facilitada a compreensão do leitor, Coutinho trata da origem da ciência da linguagem, bem como o método e a classificação utilizada nas línguas. Nesse mesmo momento, alerta o leitor de que não foi seu propósito trabalhar a sintaxe. É na quarta edição que, além das correções feitas, acrescentaram-se dois capítulos à obra. Um deles, trata dos “elementos gregos mais frequentemente usados em português. Este último, todavia, já figurava a primeira edição desta obra. Fora suprimido nas edições posteriores, para que ela, destinada a princípio apenas aos alunos do cursos secundário, não apresentasse maior volume” (1945, p. 09)

Coutinho (1945, p. 57) também não trabalha a origem do sufixo *-ismo*, apenas classifica-o dentro da subdivisão dos sufixos gregos, com as seguintes palavras: *-ismo* < *-ismós*. Assim como Nunes afirma, com o sufixo *-ismo* formam-se vocábulos que expressam opinião, crença, escola, sistema, origem. Os exemplos são: *eclétismo*, *ateísmo*, *islamismo*, *positivismo*, *catolocismo*, *dualismo*, *fatalismo*, *helenismo*, *latinismo*.

### **Ano 1962**

#### **LIMA, Carlos Henrique da Rocha**

No prefácio da obra de Carlos Henrique da Rocha Lima, encontra-se o parecer da situação e das pesquisas sobre a língua portuguesa. Lima afirma que houve a “falta de um critério seguro, um método científico que servisse de fio condutor dos fatos da língua”. Para o autor, até o início do século XIX, a base dos estudos linguísticos era desordenada e empirista. Para reforçar essa posição, ele afirma que as gramáticas romanas tinham como modelos as latinas (1962, p. 05). Por mais que o método científico tenha sido utilizado para o estudo das línguas, ele entende que a gramática normativa ainda era organizada por amadores, e Lima, por sua vez, consegue unir a prática ao método científico da linguística para facilitar a leitura e a compreensão daqueles que estavam empenhados em aprender a língua portuguesa.

Em *Derivação sufixal*, Lima afirma que, ao contrário dos prefixos, os sufixos “guardam certo *sentido*, com o qual modificam, de maneira mais ou menos clara, o sentido da palavra primitiva, os *sufixos*, vazios de significação, têm por finalidade formar série de palavras da mesma classe gramatical” (1962, p. 181). Como exemplo para sua afirmação, Lima recorre ao sufixo *-ez*. Para o autor, a única função desse sufixo é formar substantivos abstratos, extraídos de adjetivos. Cita como exemplo “*altivo – altivez; estúpido – estupidez; malvado – malvadez; surdo – surdez etc.*” (1962, p. 181). Na lista dos sufixos, segundo Lima, os principais, aparece o sufixo *-ismo*. Este é um sufixo grego que colabora para a formação das seguintes palavras, dentre outras: *aforismo, cataclismo, catolicismo, comunismo e jornalismo*.

#### **Ano 1964**

**SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*.**

Na gramática de Said Ali é possível encontrar, no prólogo, o seu objetivo. Este consiste em apresentar as regras e as doutrinas da língua portuguesa, procurando atender as necessidades do ensino secundário. Também, é no prólogo que autor explica como trabalhou, em sua obra, a “Formação das Palavras”. Ele optou por adicionar uma lista de radicais e prefixos gregos. O objetivo, segundo ele, não era para o aluno decorar tal lista e, sim, consultá-la, apenas. Os elementos formativos de origem grega foram objetos de estudo do autor. Assim, deteve-se “em explicar as alterações e especializações de sentido; mostrar, por exemplo, que, apesar do significado dos elementos componentes, cirurgia não é ‘trabalho manual’ no sentido lato, mas sim a operação em corpo humano executada por profissional, e em geral com instrumentos apropriados para curar ferimentos e outros males físicos” (1964, p. 14). Outro exemplo que ele apresenta para mostrar o objetivo de sua pesquisa são os

vocábulos *mártir* e *martírio*. Estas duas palavras, afirma Said Ali, tinham o significado de os cristãos, na Igreja Primitiva, darem o real testemunho da verdadeira fé.

Em relação ao sufixo *-ismo* na língua portuguesa, Said Ali traz uma explicação. No capítulo intitulado *Formação de Palavras: derivação sufixal*, reportando-se aos sufixos que formam substantivos de substantivos e substantivos de adjetivos, afirma que o sufixo *-ismo* é de origem grega, e de alta “produtividade na linguagem hodierna” (SAID ALI, 1964, p. 111). Para esse autor, o *-ismo* também denota doutrinas religiosas, filosóficas, políticas e artísticas. Os exemplos usados por ele são: *maometismo*, *calvinismo*, *bramanismo*, *materialismo*, *espiritismo*, *espiritualismo*, *socialismo*, *republicanismo*, *capitalismo*, *federalismo*, *gongorismo*, *simbolismo* e *impressionismo* (1964, p. 111). Com esse sufixo, segundo o autor forma-se, também, a maneira de “proceder ou de pensar de acordo com o procedimento de certo gênero de indivíduos” (1964, p. 111). Para essa característica, os exemplos apresentados por ele são: *heroísmo*, *pedantismo*, *patriotismo* e *servilismo*. A maneira de falar de certas pessoas que podem imitar uma língua estrangeira ou discordar do falante usual, também é expressada com o sufixo *-ismo*. São eles: *vulgarismo*, *latinismo*, *galicismo*, *arcaísmo*, *neologismo*, *solecismo* e *babarismo*. Said Ali também faz uma relação entre o sufixo *-ismo* e o sufixo *-ista*. Ele diz que o *-ista* também é de origem grega, designando, relativamente, aos nomes de doutrinas em *-ismo*. Desta forma, os segmentos, como também os atos dos substantivos, são formados com *-ismo*. Seus exemplos são: *bramanista*, *gongorista* e *socialista*, entre outros. Esse autor alerta para algumas exceções, como: *luterano*, *maometano* e *republicano*. Dessa forma, não se forma *luteranista*, *maometanista* e nem *republicanista*. O sufixo *-ismo* também é utilizado “na terminologia científica: *magnetismo*, *galvanismo*, *timpanismo*, *reumatismo*, *traumatismo* etc.” (SAID ALI, 1964, p. 111).

## **Ano 1971**

### **CUESTA, Pilar Vázquez & LUZ, Maria Albertina Mendes. *Gramática portuguesa*.**

No prólogo da segunda edição da gramática de Pilar Vázquez Cuesta e de Maria Albertina Mendes Luz que ocorreu em 1963, é apresentado o objetivo da obra. Percebendo a dificuldade que os espanhóis têm, ao se comunicarem, ou ao morarem em países de língua portuguesa, as autoras optaram por escrever uma gramática de língua portuguesa que auxiliasse tanto os estudantes de filologia românica, como o público em geral. Com essa justificativa, o objetivo da obra é oferecer “a descrição detalhada da linguagem literária e familiar de Portugal e do Brasil, uma visão completa, embora elementar, da história da língua

e do seu estado atual, nos municípios e nos locais onde não tem triunfado, na população, o padrão linguístico das pessoas cultas”<sup>16</sup> (1971, p. 10).

Em relação aos sufixos, os autores afirmam que eles existiram no latim clássico, porém outros foram criados com o objetivo de substituir aqueles que perderam sua força, para formar novos vocábulos. Para que um sufixo permaneça numa determinada língua, é necessário que ele mantenha o significado que forma, ao ser acrescentado numa palavra. Quanto ao sufixo *-ismo*, a única menção feita é que ele veio do grego e é ilustrado apenas com um exemplo, *classicismo* (1971:296).

#### **Ano 1964**

**GOULART, Audemaro Taranto & SILVA, Oscar Vieira.** *Estudo dirigido de gramática histórica e teoria da literatura.*

Dentro do subtítulo *Sufixos formadores de substantivos*, Goulart e Silva (1964, p. 139) afirmam que tal sufixo é utilizado com o objetivo de formar nomes que apontam para a maneira de pensar. Também abrange a área semântica de doutrinas e seitas.

#### **Ano 1985**

**CUNHA, Celso e Cintra Lindley.** *Nova Gramática do Português Contemporâneo.*

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra (1985, p. 96), dentro do capítulo *Derivação e Composição*, na subdivisão *Sufixos Nominais*, encontram-se os sufixos que formam substantivos de substantivos e de adjetivo. Numa tabela dividida em três colunas, cada uma com seu tema, *sufixo, sentido e exemplificação*, na coluna denominada *sufixo*, aparece o sufixo *-ismo*. Na coluna *sentido*, observa-se a diversidade do uso desse sufixo, que serve para formar doutrinas ou sistemas, bem como o modo de proceder ou pensar. Tanto o uso na terminologia científica, como a forma peculiar de uma língua, são mencionadas, pelo autor, como produtividade desse sufixo. No campo semântico, das doutrinas ou sistemas abrange, segundo esses autores, as seguintes áreas: artística, filosófica, política e religiosa. Os exemplos são: *realismo, simbolismo, kantismo, positivismo*,

---

<sup>16</sup> “la descripción detallada de la lengua literaria y familiar de Portugal y del Brasil, un panorama completo, aunque elemental, del pasado del idioma y de su estado actual en aquellas comarcas y entre aquellos sectores de población en donde no há triunfado la norma linguística de la comunidad culta.”

*federalismo, fascismo, budismo, calvinismo*. Nas demais áreas, os exemplos são os seguintes: *heroísmo, servilismo, galicismo, neologismo, daltonismo, reumatismo*.

Na mesma página, ao explicar que o sufixo *-ista* forma substantivos e adjetivos de outros substantivos e de outros adjetivos, numa tabela semelhante à do sufixo *-ismo*, na coluna denominada *sentido*, Cunha e Cintra explicam que o sufixo *-ista* forma “partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em *-ismo*)” (1985, p. 97). Numa observação, logo abaixo, informam que “nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em *-ismo* se formam com o sufixo *-ista*. Por exemplo: a *protestantismo* corresponde *protestante*; a *maometismo, maometano*; a *islamismo, islamita*” (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 96). A única explicação que esses dois autores apresentam, a respeito do sufixo *-ismo*, é que ele tem origem grega. Eles não apresentam detalhes de qual foi a abrangência semântica desse sufixo, no período grego antigo, nem do uso dele na língua latina.

#### **Ano 1985**

#### **BARROS, Enéas Martins de. *Nova gramática da língua portuguesa*.**

Sendo uma gramática mais atual, na apresentação redigida por Hilton Amaral, vice-presidente da Academia Brasileira da Língua Portuguesa naquela época, já é possível encontrar menção dos problemas presentes na educação brasileira. Amaral informa que, nas duas últimas décadas, o nível do ensino brasileiro tem decrescido, a ponto de o estudante chegar à faculdade inapto para utilizar a língua portuguesa de forma correta. A base da sua afirmação se dá no fato de que o estudante recebe muitas informações de gramática normativa e não as aplica no texto. Para esse contexto sociológico, afirma Amaral, a gramática de Barros é relevante, pois esta não se limita aos preceitos normativos e rígidos da gramática tradicional. Sua abordagem a respeito da língua portuguesa está fundamentada em dois fatores: a sincronia e a diacronia (1985:20).

Além de Amaral, Adriano da Gama Kury, que à época da edição dessa gramática era chefe do setor de Filologia “Casa Rui Barbosa” da Academia Brasileira de Língua Portuguesa, também faz uma breve apresentação da obra, explicando que nessa não há uma diferença significativa de conteúdo em relação ao que era publicado na época, a não ser a metodologia. Kury lembra, também, que os estudos linguísticos norteiam a gramática de Barros que trouxe, naquele momento da história brasileira, a proposta de uma nova filosofia adotada pelo próprio autor e adquirida na experiência do ensino da língua portuguesa. Novamente é mencionado que Barros evitou qualquer tipo de radicalismo (1985, p. 21).

Ao analisar os sufixos, Barros (1985, p. 87) expressa a sua opinião, ao escrever que em alguns deles é possível notar origem latina. Outros, porém, têm procedências diferentes. Esses, de outras procedências são, segundo Barros, de origens diversas, como germânica, italiana, ibérica, de origem indígena ou, até mesmo de origem incerta. O sufixo *-ismo* é mencionado na formação de palavras por hibridismo. Barros também faz menção de vocábulos terminados em *-ismo*. Na página 93, nota-se a palavra *hibridismo* e, logo abaixo, a palavra *caiporismo*, esta última classificada dentro do subtítulo *Derivação por hibridismo*. Neste momento, o autor diz que “os híbridos mais comuns em nossa língua são os formados com o sufixo grego *-ismo*. Exemplos: *calvinismo, budismo, marinismo, naturalismo, romantismo, jornalismo, formalismo, terrorismo, objetivismo, subjetivismo, derrotismo, maquinismo*” (1985, p. 87). A diferença entre Almeida e Barros é que este, ao explicar o que é o hibridismo, chega até a mencionar a presença da língua grega na formação de algumas palavras, como é o caso de *alcoómetro*, mas não cita o sufixo *-ismo*, como sufixo de origem grega.

Feita a análise de um recorte das gramáticas língua portuguesa, conforme proposto nesta pesquisa, nota-se que, no português arcaico, não é possível encontrar os sufixos classificados conforme sua produtividade. Nas gramáticas mais antigas, percebe-se que o sufixo *-ismo* e nem um outro tipo sufixo era estudado. Alguns fatores colaboraram para a língua portuguesa passar a ser conhecida e aceita como o idioma ensinado na escola, paralelamente ao latim, visto que esta tinha sido a única língua da escola no período da Idade Média românica. Dentre outros fatores, pode-se destacar a expansão do império português no mundo, o surgimento do livro impresso no final do século XV que, de certa forma, acaba por substituir os manuscritos e, logo, as suas consequências culturais. Essas mudanças colaboraram para a sociedade portuguesa ter contatos com novas línguas, novas culturas algo que, gradativamente, foi refletindo na língua portuguesa, provocando mudança e variação. Esse processo de normatização gramatical da língua portuguesa é corroborado com o surgimento das gramáticas de Fernão de Oliveira, em 1536, e a de João de Barros, em 1540 (MATTOS E SILVA, 2006, p. 22).

## 2. Sufixo *-ismo*: análise semântico-categorial.

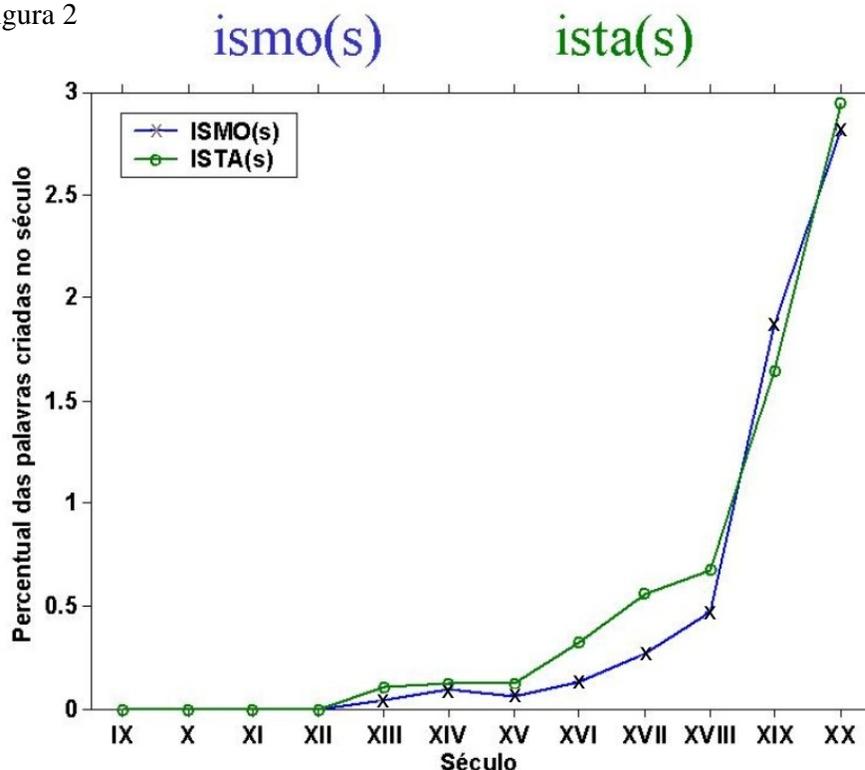
A fim de compreender a abrangência semântica do sufixo *-ismo* na língua portuguesa, utilizou-se o dicionário Houaiss (2001) como *corpus*, recorrendo-se aos vocábulos construídos com esse sufixo. O trabalho de coleta desses vocábulos foi realizado pelo Grupo de Pesquisa de Morfologia Histórica do Português (GMHP), da Universidade de São Paulo, dirigido pelo professor Dr. Mário Eduardo Viaro. Entre outros objetivos, esse Grupo de Pesquisa visa perceber a classificação semântica dos significados existentes nos diversos sufixos, nesse caso, o *-ismo*.

Dr. Zwinglio O. Guimarães Filho, do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, elaboraram os gráficos (Figura 1 e 2) para facilitar a compreensão da produtividade do sufixo *-ismo* na história da língua portuguesa. Para demonstrar esses dados, ambos os doutores recorreram ao *Dicionário Houaiss* (2007), pelo fato de encontrarem a datação de quando as palavras entraram para a língua portuguesa.

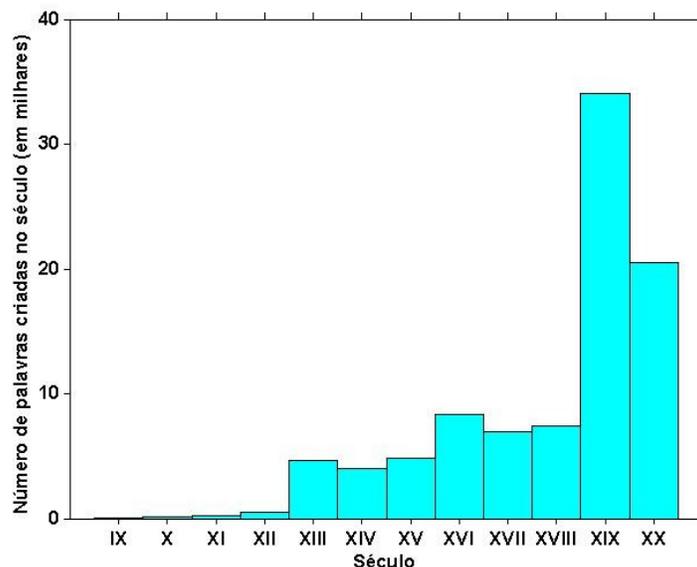
Gráficos do Dr. Zwinglio O. Guimarães Filho.

Figura 1

Figura 2



## Evolução do número de verbetes criados



Encontraram-se nessa pesquisa duas mil, trezentas e quarenta e três (2.343) palavras com sufixo *-ismo*. Seleccionadas e datadas segundo o dicionário, o procedimento seguinte foi fazer a paráfrase de cada vocábulo, com o objetivo de organizar e classificar as possíveis acepções percebidas com sufixo *-ismo*. Tal classificação semântica dos significados presentes no sufixo é a base da análise proposta pelo GMHP. Considerou-se, também, a afirmação de Rio-Torto (1998, p. 88), pois entende que o uso do sufixo pode ou não levar o vocábulo a sofrer uma alteração categorial. A autora percebe que “as bases sobre as quais operam os processos de sufixação podem ser verbais (sufixação deverbal), radicais verbais, nominais e adjectivais (sufixação deverbal, denominal e deadjectival) e, mais restritamente, palavras” (1998, p. 88).

A abrangência da classe semântica do sufixo é organizada por paráfrases, a partir do significado da palavra. Para esta pesquisa é relevante o significado do sufixo, diferente do significado da palavra. Com a paráfrase de cada vocábulo, percebeu-se que o sufixo *-ismo* pode ser classificado em classes relacionais, classes de ação e valores avaliativos. Num segundo momento, as palavras produzidas com o sufixo *-ismo*, foram distribuídas pelo século em que surgiram na língua portuguesa, conforme as classes gramaticais.

## 2.1 Classe relacional

Nesta classe abordaram-se os significados de formação de palavra relacionados à *tipicidade*, observando as paráfrases “que é característico de X”. À *semelhança*, com a paráfrase “que tem propriedade de X”; à *atividade* com a paráfrase “sistema, ideologia ou filosofia associado a X”; à *quantidade*, com a paráfrase “coletivo de X”; à *doença*, com a paráfrase “associada a X”; e à *filiação*, com as paráfrases “que é adepto de X”, “que é simpatizante de X”, “que é partidário de X”, “que crê que se deve V<sup>P</sup>”.

A classe relacional **TIP** possui o significado de *tipicidade*, constitui-se de substantivos abstratos, em que os sufixos representam as paráfrases “que é característico de X”. O X é substantivo formado de substantivos, como por exemplo *oficialismo*, construído a partir do substantivo *oficial* e de adjetivos, como por exemplo, *patriarcalismo*, formado a partir do adjetivo *patriarcal*. No caso do vocábulo *oficial*, Houaiss (2007) apresenta duas acepções, como substantivo e como adjetivo. Como adjetivo, a acepção é “certificado pela autoridade pública ou por uma autoridade competente”, exemplo, “nota oficial”. Já, como substantivo, a acepção é “aquele que vive do seu ofício ou pessoa que exerce qualquer cargo a título de ofício”. Visto que *oficialismo* tem como acepção, segundo Houaiss, “a totalidade dos funcionários públicos”, entende-se assim, que esse vocábulo é formado de substantivo e não de adjetivo.

A palavra *provincialismo* é empréstimo do espanhol, *provincialismo*, que se formou do derivado partir do adjetivo latino *provincialis*. No português, o substantivo tem acepção de “característico do que é provincial”. Nesse caso, o X é adjetivo, porém o próprio dicionário Houaiss apresenta o vocábulo *provincial* como substantivo, ao afirmar que *provincial* é “diz-se de ou superior de certo número de casas religiosas de uma determinada ordem, que formam uma província”. Mesmo com essas duas classes gramaticais, percebe-se que o X de *provincialismo* tem sua base no adjetivo, do latim<sup>17</sup> *provincialis*, que significa *provincial, da província, provençal*.

Algo semelhante ocorreu com o vocábulo *romanticismo*, sendo o X considerado como “aquilo que é característico do romântico”. Nesse vocábulo também há acepção para o substantivo e para o adjetivo. Como substantivo a acepção é “o gênero romântico; partidário da escola romântica; pessoa ou coisa de caráter romântico”. Para o adjetivo, a acepção é

---

<sup>17</sup> Segundo Firmino (1980, p. 36) no latim, há também o substantivo masculino *provincialis* que significa *provinciano, habitante da província*.

“relativo ao romantismo”, ou “tocante como nos romances (diz-se de um lugar ou da natureza)”, ou “relativo à literatura inspirada na cavalaria” (‘espírito nobre que animava os cavaleiros’) e no cristianismo medievais (por oposição a *clássico*),” ou “pertencente ao romantismo” e também “relativo à era do romantismo”. Percebeu-se que tanto *romanticismo* como *romantismo* são empréstimos da língua francesa, visto que, já nesse idioma, existiu o vocábulo *romantisme*, datado em 1822, segundo Houaiss, suplantou *romanticisme*, datado em 1818.

Outra classe relacional **SEM** aborda a *semelhança* e abrange substantivos abstratos com sufixos estudados nas paráfrases “que tem propriedade de X”. A produção com o sufixo *-ismo*, nessa classe relacional, ocorre a partir de substantivos e de adjetivos. Como exemplo de substantivo encontrou-se o vocábulo *isomerismo*, pois este é um substantivo que apresenta a acepção “propriedade dos isômeros”. Na sua etimologia, percebe-se o uso do antepositivo grego *iso* que significa “semelhança”. A palavra *isomerismo*, formada de *isômero* + *ismo*, em português, segundo Houaiss, apresenta o significado de “condição de um órgão ou estrutura que, quando comparado a outro, apresenta o mesmo número de elementos ou peças constituintes”. Para Ezquerria (1995, p. 918), *isomerismo* significa a “existência de mais de uma substância com uma determinada composição molecular e uma massa molecular determinada”<sup>18</sup>. Já, na formação de adjetivo, há o registro do substantivo *facciosismo* que significa “propriedade de faccioso”. O próprio Houaiss apresenta as acepções do vocábulo *faccioso* como substantivo e adjetivo. Como adjetivo a acepção é “que ou o que exerce alguma ação violenta ou subversiva”. Já para o substantivo, o significado é “que ou quem tem espírito sectarista; parcial”. Desta forma, nota-se nessa classe que a paráfrase de *facciosismo*, “que tem propriedade de X”, classifica o sufixo com qualidade de semelhança, a partir de radicais nominais, tanto substantivos como adjetivos.

A **ATV** é a classe relacional constituída por *atividade* de substantivos abstratos com sufixos estudados nas paráfrases “sistema associado a X”, “ideologia associada a X”, “filosofia associada a X”. Desta forma, o sufixo representa as paráfrases relacionadas à ideologia, sistema e filosofia. Nessa classe, também, encontraram-se vocábulos formados com o sufixo *-ismo* que tem no seu radical um substantivo ou um adjetivo, cujo exemplo é a palavra *huguenotismo*. Houaiss apresenta sua acepção como a “doutrina dos huguenotes; calvinismo”. A etimologia da palavra, segundo esse dicionário, é *huguenote*, adjetivo, com o sufixo *-ismo*. Sendo assim, o sufixo *-ismo* forma substantivos a partir de adjetivos, cujo

---

<sup>18</sup> “existencia de más de una substancia con una composición molecular dada y un peso molecular determinado”. *Tradução nossa*.

exemplo é o vocábulo *alfabetismo*. Houaiss registra sua acepção. “sistema de escrita que tem por base o alfabeto, em oposição aos sistemas ideográficos”. A etimologia desse vocábulo, segundo Houaiss, é *alfabeto*, substantivo acompanhado do sufixo *-ismo*. *Somatismo* é o único vocábulo formado com sufixo *-ismo* que Houaiss apresenta como adjetivo. Sua base, segundo esse dicionário, é um antepositivo do grego *soma*, que significa “corpo”. A etimologia apresentada por Houaiss é *somat(o)-* + *-ismo*. Não foi possível atribuir-lhe uma paráfrase e pelo fato de não ter encontrado esse vocábulo em outros dicionários de língua portuguesa, percebe-se a dificuldade do uso da palavra *somatismo* como adjetivo. Nota-se assim, que, na classe relacional **ATV**, encontram-se vocábulos formados com o sufixo *-ismo*, a partir de adjetivos e substantivos.

Nessa área, há registro de formação de palavras com o sufixo *-ismo*, a partir de nomes próprios. Como exemplo de vocábulo com sufixo *-ismo* adjetival, Houaiss registra o substantivo *rousseauianismo*. A sua formação ocorre pelo adjetivo *rousseauiano* + *-ismo*. Outro exemplo em que o sufixo *-ismo* apresenta a “paráfrase de ideologia associada a X” é *pompeísmo*. Houaiss registra esse vocábulo como “ideologia dos seguidores de Pompeu”. Ocorre o mesmo com a palavra *hegelianismo*, que Houaiss apresenta com a acepção “filosofia associada ao alemão Georg Friedrich Hegel”, permitindo o sufixo *-ismo* formar filosofia.

Ainda na classe relacional, **QNT** designa o significado de *quantidade* para os coletivos e outros *nomina quantitatis*. Nessa classe, encontrou-se apenas um vocábulo formado com o sufixo *-ismo*, *colunismo*. Houaiss apresenta a acepção desse vocábulo como “coletivo de colunista”. A etimologia, segundo esse dicionário, a palavra *colunismo* é formada de *coluna*, substantivo, e o sufixo *-ismo*. No substantivo *colunismo*, encontra-se a paráfrase “coletivo de X”. Além de coletivo, Houaiss também apresenta esse vocábulo com a acepção “ofício de colunista” e não apresenta a data em que surge na língua portuguesa. O **CdP** mencionam o vocábulo no século XX, com o sentido de profissão.

Na classe também relacional **DOE**, (<*doença*) além da doença ser “associada a X” com o sufixo *-eiro*, é possível encontrar a paráfrase “doença associada a X” com o sufixo *-ismo*. Os vocábulos são formados com radicais nominais, tanto substantivos, como adjetivos. No caso de *mescalismo*, a formação da palavra se dá com o sufixo *-ismo* e o substantivo *mescal*. Já em *arsenicalismo*, a formação do vocábulo ocorre com o radical *arsenical*, adjetivo, e o sufixo *-ismo*. A acepção para esse vocábulo é “intoxicação, aguda ou crônica, causada por arsênico ou seus derivados”.

Outros exemplos são encontrados nessa área. *Hepatismo*, segundo Houaiss, é a doença associada ao fígado. O dicionário também relaciona com a “sensibilidade hepática à pressão”.

Contudo, não se pode considerar a base como sensibilidade hepática, porque desta forma o substantivo formado com o sufixo *-ismo* seria *hepaticismo*. O próprio dicionário informa que o vocábulo fígado tem sua origem no grego *hepatos*. *Absintismo* também é um substantivo, parafraseando o sufixo *-ismo* associado à “doença causada pelo abuso do *absinto*”. Este vocábulo, *absinto*, segundo Houaiss, entrou para a língua portuguesa por empréstimo do francês *absinthe*, em 1546, com o significado de “planta amarga”. A tradução de erva amarga para *absinthe*, tem sua origem no grego *apsínthion*, ou. Há uma determinada erva amarga, nativa da Europa, que produz o óleo volátil tóxico e que se usa no licor de absinto, o qual age no sistema nervoso. *Artritisismo*, segundo Houaiss, é proveniente do francês *arthritisme*, e aparece na língua portuguesa em 1865. *Artritisismo* é a diátese gotosa. Diátese é predisposição de um indivíduo para determinadas doenças ou afecções e gotosa é o relativo a gota moléstia, geralmente hereditária, provocada pelo excesso de ácido úrico no organismo e caracterizada por dolorosos ataques inflamatórios que ocorrem, sobretudo, nas articulações.

A classe relacional **FIL** (<filiação) as paráfrases são relacionadas a “que é adepto de X”, “que é simpatizante de X”, “que é partidário de X”, “que crê que se deve V<sup>P</sup>”. A formação dos vocábulos, nessa classe relacional, ocorre por meio de radicais nominais. Como exemplo de substantivo, encontra-se a palavra *lacerdismo*, com o significado de “atitude política dos partidários de Carlos Lacerda”; uma palavra formada a partir de um nome próprio *Lacerda* e o sufixo *-ismo*. Como exemplo de vocábulos formados com radical adjetival, encontrou-se *egipcianismo*. Sendo a sua formação *egipciano* + *-ismo*, percebe-se a necessidade do adjetivo *egipciano* e o sufixo *-ismo* para a formação desse vocábulo.

Além dos sufixos *-ista*, *-ico*, *-ano* que expressam paráfrases como mencionadas, em *pompeiismo* também grafada *pompeísmo*, encontra-se o sufixo *-ismo* parafraseado como o “que é adepto de *Pompeu o Grande*. O substantivo *lacerdismo* também é parafraseado como “partidários de X”, considerando X como Carlos *Lacerda*. Seu nome completo era Carlos Frederico Werneck de Lacerda, nasceu no Rio de Janeiro, (1914-1977). Foi político brasileiro, membro da União Democrática Nacional (UDN), jornalista, vereador, deputado federal, governador do estado da Guanabara, proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa* e criador da editora *Nova Fronteira*. Logo, esse vocábulo teve sua origem no Brasil no período da sua vida ou após a sua morte. A classificação que mais se aproxima para o exemplo de *concretismo* é a paráfrase “que crê que se deve V<sup>P</sup>”. Além do sufixos *-ista*, *-ico*, *-ano*, o sufixo *-ismo* em *concretismo* é parafraseado como a “tendência segundo a qual a arte deve V<sup>P</sup>, sendo V<sup>P</sup> o verbo *concretizar*”. Segundo Houaiss, o vocábulo surge na língua portuguesa em 1955. Os vocábulos *concretismo*, *concreto* e *concretizar* não aparecem no **DCELC**, mas aparece no

**BDELE** apenas o vocábulo *concreto*, sem datação, com a etimologia do latim *concretus*. Já, o **DAALF** também apresenta a etimologia do latim *concretus* e com a entrada para a língua francesa, em 1508. No **DELI** aparece como *concreto*, mas sem datação.

*Nomina essendi*, outra classe relacional, **ESS**, para abstratos formados a partir de paráfrase como “que é X<sup>P</sup>”. Entende-se X<sup>P</sup> como base predicativa ou adjetival/participial. Para Rio-Torto (1998, p. 122), “os essivos são produtos essencialmente depredicativos, uma forma de dar conta desta realidade consiste em considerar que a operação derivacional em jogo é do seguinte tipo: PRED (A / N) > N ESSIV”. Como exemplo, a própria autora apresenta o vocábulo *casticismo* que, para Houaiss, é o mesmo que castidade. Sendo o *nomina essendi* parafraseável por “qualidade de ser X”, em *casticismo* é a “qualidade de ser castiço”. Rio-Torto (1998, p. 122), ainda em *nomina essendi*, acrescenta que há produtos que representam nomes de sistema filosófico, ideológico e científico, sendo derivados em *-ismo*, e que pela força da especificidade do próprio sufixo, como também da estrutura semântica das bases em que são anexados, adquirem “a significação mais específica de ‘sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com Xb’”. Em nota de rodapé, ela acrescenta que essas formulações manifestam-se da seguinte maneira:

‘Ocupação/atividade sistemática’ (*campismo; clubismo; humorismo; jornalismo; terrorismo*); ‘atitude, procedimento relacionada/o com Xb’ (*bairrismo, clubismo*); ‘atitude de quem é A’ (*pedantismo, servilismo, snobismo*); e, ainda por metonímia, ‘produto resultante da atitude/práxis de quem é A’, ‘aquilo que A’ (*arabismo; barbarismo; estrangeirismo; vulgarismo*) (1998, p. 123).

Outro exemplo é o substantivo *facciosismo*, que significa “propriedade de *faccioso*” que, por sua vez, segundo Houaiss, é aquele que exerce alguma ação subversiva ou violenta. Os significados das palavras, com o sufixo *-ismo*, podem ser observados ao longo dos séculos, segundo Houaiss.

### 2.1.1 Classe relacional TIP (*tipicidade*)

Nessa classe relacional, os vocábulos são relacionados a substantivos abstratos. Na história, segundo Houaiss, percebe-se que duzentos e quatorze (214) vocábulos não apresentam data de quando surgiram na língua portuguesa. Nos séculos XVI e XVII,

encontrou-se apenas um (1) vocábulo em cada século. No século XVIII, foram encontrados sete (7) vocábulos, no XIX, encontraram-se cento e vinte (120) vocábulos e no século XX, oitenta e oito (88) vocábulos foram encontrados. Quando em um determinado século aparecer um número alto de palavras, serão apresentadas, nesse capítulo, apenas seis (06), demonstrando as demais no apêndice B. Eles são assim distribuídos:

**s.d.:** *caciquismo, cineclubismo, mosaicismo, jonicismo e patriarcalismo.*

**Século XIV:** *sectarismo.*

**Século XVI:** *catecismo e barbarismo.*

**Século XVII:** *grecismo.*

**Século XVIII:** *companheirismo, pedantismo, paralelismo, italianismo, arabismo, isocronismo.*

**Século XIX:** *simbolismo, criticismo, hotentotismo, esnobismo, anglicismo e localismo.*

**Século XX:** *costumbrismo, aulicismo, hondurenhismo, acacianismo, labreguismo e sapequismo.*

### **2.1.2 Classe relacional SEM (semelhança)**

Na classe relacional **SEM**, as palavras abordam a *semelhança* e abrangem substantivos abstratos com sufixos estudados nas paráfrases que estão relacionadas com o que apresenta *semelhança*, com o que *evoca* e com o que tem *propriedade*. Durante os séculos, sete (7) vocábulos são encontrados sem datação, cinco (5) vocábulos no século XIX e dois (2) vocábulos no século XX. Eles são assim distribuídos:

**s.d.:** *emanacionismo, emanatismo, dermatografismo, faciosismo, chatismo e abolicismo.*

**Século XIX:** *romantismo, sincronismo, ciceronianismo, pindarismo e petrarquismo.*

**Século XX:** *exotismo e anfoterismo.*

### 2.1.3 Classe relacional ATV (*atividade*)

Nessa classe relacional, denominada **ATV**, os substantivos abstratos estudados nas paráfrases são constituídos com sufixos relacionados às atividades, voltados para ideologia, sistema e filosofia. Nesse caso encontraram-se trezentos e quarenta e um (341) vocábulos sem datação, dois (2) no século XIV, um (1) no século XVI, sete (7) no século XVII, nove (9) no século XVIII, duzentos e trinta e três (233) no século XIX e cento e noventa e seis no século XX. Eles são assim distribuídos:

**s.d.:** *hipotireoidismo, dirigismo, criminalismo, ornamentalismo, colaboracionismo e noticiarismo.*

**Século XIV:** *islamismo e cristianismo.*

**Século XVI:** *talmudismo.*

**Século XVII:** *utopismo, sebastianismo, silogismo, paralogismo, analogismo e pagodismo.*

**Século XVIII:** *pirronismo, mecanismo, ceticismo, calvinismo, probabilismo e cepticismo.*

**Século XIX:** *jornalismo, sonambulismo, transformismo, caftinismo, proxenetismo e caftismo.*

**Século XX:** *publicismo, vanguardismo, sindicalismo, telejornalismo, motociclismo e gangsterismo.*

### 2.1.4 Classe relacional QNT (*quantidade*)

A produção dessa classe relacional, **QNT**, além dos sufixos (*-agem, -ada, -ame, -edo, -io, -aria, -ugem*) utilizados para os coletivos, e outros *nomina quantitatis* “conjunto de X”, “quantidade de X”, encontrou-se, também, o sufixo *-ismo* para a formação de coletivo. Apenas um (1) vocábulo foi encontrado sem datação.

**s.d.:** *colunismo*.

### **2.1.5 Classe relacional DOE (*doença*)**

Na classe relacional DOE (<*doença*>), as paráfrases são organizadas relacionadas à “doença associada a X”, além do sufixo *-eiro*, observou-se a surgimento de vocábulos, distribuídos da seguinte maneira na história da língua portuguesa: foram encontrados trinta e nove (39) vocábulos sem datação. No século XVIII, dois (2) vocábulos, no XIX, dezoito (18) vocábulos e, no século XX, treze (13) vocábulos. Eles estão assim distribuídos:

**s.d.:** *mescalismo, hipoparatiroidismo, arsenicalismo, tabaquismo, hipertireoidismo e hiperparatiroidismo*.

**Século XVIII:** *embolismo e histerismo*.

**Século XIX:** *vaginismo, tarentismo, morfínismo, albinismo, aspermatismo e laringismo*.

**Século XX:** *ancirismo, aracnismo, botulismo, abrinismo, bromismo e canabismo*.

### **2.1.6 A classe relacional FIL (*filiação*)**

Já na classe relacional FIL, que designa *filiação*, as paráfrases são relacionadas a “que é adepto de X”, “que é simpatizante de X”, “que é partidário de X”, “que crê que se deve V<sup>p</sup>”. Com essas características, o surgimento dos vocábulos na língua portuguesa ocorreram da seguinte maneira: sem datação, encontraram-se doze (12) palavras; no século XIX, duas (2) palavras e no século XX, três (3) palavras.

**s.d.:** *burbonismo, bourbonismo, egipcianismo, neofilismo, legalismo e celtismo*.

**Século XIX:** *bonapartismo e ministerialismo*.

**Século XX:** *iberismo, epigonismo e antigomobilismo*.

## 2.2 Classe de ação

Outra classe de ação *nomina actionis*, **TRS**, é designado por um agente e um paciente, logo a natureza semântica é transitiva. Nesse caso, as paráfrases “ação de X<sup>v</sup>” e “processo de X<sup>v</sup>” apresentam sufixos que expressam verbos como executar, exercer, praticar a ação que é designada por V (verbo). É assim que a paráfrase é representada pelo sufixo “ação de X<sup>v</sup>”. O exemplo para essa classe é *consumismo*. Esse substantivo significa o “ato de consumir”. Em *inglesismo*, também é possível perceber a “ação de inglesar-se”. Em, *dramatismo*, na área teatral, encontrou-se o processo de *dramatizar*, *dramatismo* é o processo de X<sup>v</sup>. Na linguística, encontrou-se a palavra em *hiperbolizar*. Considerando X como *hiperbolizar*, *hiperbolismo* é a ação de *hiperbolizar*, sendo *hiperbolismo* a ação de X<sup>v</sup>.

A classe de ação **INS**, voltada para *instrumento*, aborda as paráfrases que designam os seguintes significados: para “instrumento (com) que (se) X<sup>v</sup>”, “instrumento (com) que (se) V o X”. Como exemplo, e sem datação no dicionário Houaiss, encontrou-se o vocábulo composto *radiojornalismo*, *rádio* + *jornalismo* com a acepção “forma de jornalismo que utiliza o rádio como veículo de transmissão”. Nesse caso, percebe-se a presença de instrumento.

Para a classe de ação **RES** (<*resultado*) *nomina actionis*, a paráfrase que ocorre está relacionada com o grande número de elementos envolvidos na ação ou nas ações: “o fato de X<sup>v</sup>”, “ação de X<sup>v</sup>”, “processo de X<sup>v</sup>”, “estado decorrente de X<sup>v</sup>”. Além dos sufixos *-ada*, *-mento*, *-ção*, *-agem*, *-ança*, encontrou-se o sufixo *-ismo*, em *desviacionismo* a “ação de X<sup>v</sup>”, considerando X<sup>v</sup> como o verbo *desviar*. Houaiss (2001) afirma que *desviacionismo* é a “atitude de afastamento doutrinário por parte de um ou mais membros de uma organização política; desvio”. Percebe-se, na etimologia do mesmo dicionário, que o vocábulo é derivado do verbo *desviar* + *ção* sob a forma *desviacion* + *-ismo*. O vocábulo está datado em 1952. No DCELC, a palavra *desviación* tem sua origem no verbo *avezar* (ver a tradução, parece ser costume ou vício), que por sua vez é oriundo do latim *vitium*, que significa “defeito”, “falta” ou “vício”. Na etimologia de Houaiss, a “ação de desviar”, ou “a atitude de um afastamento doutrinário por parte de um ou mais membros de uma organização política” é estranha à luz da etimologia do vocábulo, que segundo DCELC, já aparece no século XV “en La traducción del *Carro de las Donas* de Eiximenis”. Em francês, no DAALF, *desviar* é *détourner*, que significa “alterar a rota, a direção”, datada no século XIV.

### 2.2.1 A classe de ação TRS (*transitivo*)

A classe de ação **TRS**, voltada para *nomina actionis*, (<*transitivo*) trabalha com as paráfrases em que a sua classificação resulta em palavras com os sufixos *-mento*, *-ção*, *-agem*, *-ar*, *-izar*, *a-...-ar*, *es-...ar*, *a-...-mento*, *em-...-ção*, *-ficar*, *-ecer*, *-ear* –*ada*. Além desses, encontrou-se o sufixo *-ismo* na produtividade dessa classificação. Houaiss apresenta o surgimento de cento e quarenta e dois vocábulos (142) na língua portuguesa, sem datação. No século XVI, três (3) vocábulos; no século XVII, também três (3) vocábulos; no século XVIII, quatro (4) vocábulos; no século XIX, setenta e sete (77) vocábulos e no século XX, oitenta e nove (89) palavras. Estão assim distribuídas:

**s.d.:** *modelismo, bajulismo, obstrucionismo, digitalismo, cerimonialismo e demagogismo.*

**Século XVI:** *ostracismo, gentilismo e solecismo.*

**Século XVII:** *apotegmatismo, poetismo e sabatismo.*

**Século XVIII:** *dialogismo, zotismo, magnetismo e bigotismo.*

**Século XIX:** *antagonismo, americanismo, heleborismo, anagramatismo, equilibrismo e caipirismo.*

**Século XX:** *jardinismo, malabarismo, surfismo, ilusionismo, percussionismo e enxadrismo.*

### 2.2.2 Classe de ação INS (*instrumento*)

Na classe de ação **INS**, a paráfrase é voltada para instrumento (com) que (se) X<sup>v</sup>”, “instrumento (com) que (se) V o X”. Além dos sufixos *-eiro*, *-ouro*, *-ório*, encontrou-se o sufixo *-ismo* em apenas um vocábulo, sem datação pelo Houaiss.

**s.d.:** *radiojornalismo*

### 2.2.3 A classe de ação RES (*resultado*)

Os vocábulos encontrados com a paráfrase dessa classificação, **RES**, são voltados para o *resultado*. Além dos sufixos *-ada*, *-mento*, *-ção*, *-agem*, *-ança*, *-ina*, encontrou-se o sufixo *-ismo* nas seguintes palavras sem datação. Houaiss apresenta apenas duas (2) e no século XX, uma (1). São elas:

**s.d.:** *acarofilismo* e *mutualismo*.

**Século XX:** *fotoperiodismo*.

## 2.3. Valores Avaliativos

Já, a classe **RES+** também foi encontrada no sufixo *-ismo*. (Ver Wierzbicka 1996: 44-45). Visto que essa classe designa a ação intensa ou frequente, as paráfrases são representadas por “que X<sup>v</sup> com frequência”. Além dos sufixos *-itar* e *-inhar*, a classe **RES+** encontrou-se nos vocábulos *consumismo*, *grevismo*, *assembleísmo* e *denuncismo*. Em *consumismo*, o sufixo *-ismo* indica a exagerada repetição de X<sup>v</sup>, considerando X como o verbo *consumir*. Em francês, no **DAALF**, o vocábulo que aparece em 1972, de origem inglesa é *consumérisme*, com o significado diferente do português, “protection des intérêts du consommateur par des associations”, “proteção do interesse do consumidor por uma associação”. No **DCELC**, não foi encontrada a palavra *consumismo*, e sim *consumo*, que tem sua origem no verbo *sumir*, do latim *sumere*. Falta ver em inglês e italiano.

A classe **PSS+** para a paráfrase “que tem X grande/intenso”. Além dos sufixos *-udo*, e *-uço*, o sufixo *-ismo* foi encontrado em vocábulos como *austerismo*, *avarismo* e *emocionalismo*.

### 2.3.1 Valores Avaliativos RES+

A classe de valores avaliativos **RES+**, tem suas paráfrases voltadas para ação intensa ou para ação frequente. Além dos sufixos *-itar* e *-inhar*, encontrou-se o sufixo *-ismo* produzindo as seguintes palavras, distribuídas assim na história: sem datação foram encontradas nove (9) palavras. No século XVI, uma (1) palavra; no século XIX, sete (7) palavras e no século XX, quatro (4) palavras. São elas:

**s.d.:** *afilhadismo, pára-quedaismo, detalhismo, antropologismo, vocacionalismo e verbalismo.*

**Século XVI:** *lambdacismo.*

**Século XIX:** *alcoolismo, estilismo, gramaticalismo, amabilismo, partidarismo e metacismo.*

**Século XX:** *sadismo, rurbanismo, rururbanismo e sentimentalismo.*

### 2.3.2 Valores avaliativos PSS+

Ainda a classe de valores avaliativos, denominada **PSS+**, as paráfrases estão relacionada com que tem X grande/intenso. Dessa forma, os sufixos utilizados são *-udo* e *-uço*, contudo o *-ismo* também forma vocábulos nessa classe. As palavras encontradas no Houaiss são assim distribuídas: duas (2) no século XIX e uma (1) no século XX.

**Século XIX:** *austerismo e avarismo.*

**Século XX:** *emocionalismo.*

Observou-se assim, que as classes relacionais **TIP** (<*tipicidade*), **ATV** (*atividade*) e a de ação **TRS** (*transitivo*) foram as classes mais produtivas com o sufixo *-ismo* ao longo da história.

### 3. Discussão acerca de supostos neologismos no português, segundo Houaiss

Ao tratar da *Formação e análise de palavras no componente lexical*, capítulo três de sua obra, Basílio (1980, p. 49) explica no primeiro subtítulo a *Aplicabilidade de Regras de Análise Estrutural*, que ela denomina de RAE's. Nessa subdivisão, a autora apresenta os critérios para noções de opacidade e transparência aplicadas à morfologia. Afirma que uma RAE é transparente quando,

para qualquer forma, (a) a composição fonética do sufixo que ela especifica é identificável sem ambiguidade; e (b) a função e / ou significado do sufixo que ela especifica é definida com precisão, assim como a classe de bases com que este sufixo pode ser combinado.

Se alguma destas condições é violada, a regra é opaca. Assim, uma RAE é opaca quando as formas a que ela poderia ser aplicada podem também ser analisadas como tendo uma estrutura diferente ou como sendo indivisíveis (BASÍLIO, 1908, p. 52).

Com esse conceito de opacidade em Basílio, observaram-se exemplos de vocábulos encontrados no dicionário Houaiss que, ao serem comparados com dicionários de outros idiomas, como o de língua espanhola, francesa, inglesa, italiana e grega, denotaram que a construção de um determinado vocábulo com o sufixo *-ismo*, não se deu exatamente na língua portuguesa. Por meio da datação, encontraram-se vocábulos correspondentes ao da língua portuguesa com o sufixo *-ismo*, que surgiram em outros idiomas, antes de surgir no léxico português, permitindo considerar a hipótese de que a palavra que aparece na língua portuguesa tenha sido ou não um empréstimo de outro idioma. São esses os vocábulos como exemplo:

- **Abismo**

O vocábulo *abismo*, segundo Houaiss, tem sua origem no latim *\*abysmus*, que foi uma alteração do latim *abyssus, i*. Há a possibilidade de ser oriundo do latim *\*abyssimus*, que por sua vez é um vocábulo derivado do grego *ábussos* que significa “sem fundo, abismo”. Magne (1953, p. 404) afirma que a revista romana *Doxa*, III, 1950, p. 192 entende que a palavra *abyssus* não é “helênica, sendo seu étimo o sumério *abzu*, abismo de água, no acádico, *apsu*. O *v* grego = *y* latino proviria da labial precedente ou do m. gr. *βυθός*, profundidade.

Interpretado já antes de Homero como adj. composto, de que a- inicial era identificado ao a-privativo, este pseudo-composto deu origem ao m. grego *βυσσός*, *bátrato*<sup>19</sup>.

- **Abundancismo**

A etimologia do vocábulo *abundancismo*, também grafado como *abundantismo* é apresentada por Houaiss como *abundância* + *-ismo* e *abundante* + *-ismo*. Em ambos os casos, remete ao elemento de composição *und-* denominado como “antepositivo, de lat. *unda, ae* ‘água (considerada em movimento) (...) *unda* apresenta a seg. coação em lat.: v. *undo, as, avi, atum, are* estar agitado (com referência ao mar); ondular, flutuar, estar cheio ou inundado de, abundar em...”. Já o verbo *abundar*, o dicionário leva o leitor ao mesmo elemento de composição *und-* e apresenta a forma histórica desse vocábulo no século XIII *avondar*, século XIV *auodar* e *abondar*, no século XV *auoondar* e em 1415, *abundar*. No espanhol, no dicionário **DCELC** encontra-se o verbo *bastar*, com a origem grega em *βαστάζειν – bastázein*. Esse mesmo dicionário demonstra que, em 1601, já era usado o vocábulo *bastar* enquanto, na Andaluzia, preferiam *abondar*, sendo esta a forma popular e na metade do século XV já aparece o verbo *abundar*. Não foram encontrados, nos idiomas inglês, italiano, espanhol e francês, vocábulos correspondentes ao *abundancismo* e *abundantismo* da língua portuguesa, entendendo-se que não foi acrescentado no léxico português por empréstimo e, sim, formado a partir da produtividade do sufixo *-ismo* nessa língua.

- **Academicismo / Academismo**

Segundo Houaiss, esses dois vocábulos são formados na língua portuguesa, como produção do sufixo *-ismo*. *Academicismo* é formado a partir do radical *acadêmico* + *-ismo* e *academismo* é a partir do radical *academia* + *-ismo*. A datação para aquele é 1913 e, para este, é 1936. Analisando o dicionário etimológico de língua francesa, **DAALF**, percebeu-se apenas a presença da palavra *académisme*, datada em 1876. No dicionário etimológico de língua italiana, não há registro de nenhuma palavra que corresponda aos vocábulos *academicismo* e *academismo*. No dicionário bilíngue português-inglês, **NMDI**, encontrou-se o registro de *academicism* e *academism*. No dicionário etimológico **OED**, essas duas palavras foram encontradas com as seguintes datas respectivamente, 1610 e 1730. Na língua espanhola, não

<sup>19</sup> Segundo Houaiss, *baratr(o)* é um antepositivo que significa buraco profundo ou abismo utilizado para formar palavras como *baratrômetro*, instrumento utilizado para medir a temperatura do leite na produção de manteiga.

há registro, no dicionário etimológico **DCELC**, de vocábulo correspondente aos dois da língua portuguesa *academicismo* / *academismo*, bem como também não há registro no dicionário de língua latina **GLL** para esses dois vocábulos, contudo, encontrou-se no dicionário bilíngue grego-francês, **DGF**, a palavra *Ἀκადῆμος* (Akkadèmos) com o significado de um herói ateniense, cujo túmulo dava o nome a um bosque, onde mais tarde foi construída, próximo à cidade de Atenas, a Academia de Platão.

Visto que a datação desses dois vocábulos, na língua inglesa, retroage ao apresentado por Houaiss, nota-se a possibilidade de ter sido empréstimo de outro idioma o surgimento deles no léxico português.

- **Acarofitismo**

O vocábulo *acarofitismo*, segundo Houaiss, é formado de *acarófito* + *-ismo*. Não há datação para o surgimento desse vocábulo no léxico português. Ao analisar outros idiomas, não foi possível encontrar na língua inglesa, segundo **OED**, um vocábulo formado com o sufixo *-ism*, que corresponda à palavra *acarofitismo* no português. O mesmo ocorre com o francês, segundo o dicionário **DAALF**, com o espanhol, segundo o dicionário **DCELC** e com o italiano, segundo o dicionário **DEI**. Conforme os dicionários consultados, há a possibilidade desse vocábulo ter surgido na língua portuguesa, a partir de um radical com o sufixo *-ismo*.

- **Actinotatismo**

Outro vocábulo com o radical opaco é *actinotatismo*, também grafado *actinotactismo*. Formado por dois vocábulos gregos, *aktís*, *înos* que significa “raio luminoso” e *táksis*, *eos* que significa “ordenação, classificação, disposição sistemática” com o sufixo *-ismo*, o vocábulo, segundo Houaiss, apresenta o sentido de “fenômeno pelo qual os vegetais móveis e os gametas, sendo sensíveis às radiações, são capazes de se aproximar do foco radiante ou dele se afastar”. Na língua italiana, encontrou-se o prefixo *actino-*, grafado *attino*, porém não há registro de vocábulo formado com o sufixo *-ismo*, a partir desse prefixo, segundo o dicionário etimológico **DEI**. No idioma espanhol, não há registro no dicionário etimológico **DCELC**, no francês também não há menção no dicionário **DAALF**, nem no dicionário etimológico de língua inglesa **OED**.

- **Agostinismo**

O vocábulo *agostinismo* é formado, segundo Houaiss, de *santo Agostinho* + *-ismo*, e não há datação do surgimento desse vocábulo na língua portuguesa. Ao observar na língua inglesa, segundo **OED**, esse vocábulo aparece nesse léxico em 1883, grafado, tanto *augustinianism* como *augustinism*. Uma palavra correspondente, produzida com o sufixo *-ismo*, não foi encontrada na língua espanhola, no dicionário **DCELC**. O mesmo ocorre na língua francesa, não se encontrou uma palavra correspondente a *agostinismo*, utilizando o sufixo *-isme* no dicionário francês **DAALF**. Na língua italiana, no dicionário etimológico **DEI**, também não foi encontrada nenhuma palavra que corresponda ao vocábulo estudado em português. Percebendo que o Houaiss não apresenta data para o surgimento de *agostinismo*, na língua portuguesa e que, em inglês, *augustinism* surge em 1883, nota-se a possibilidade de o surgimento, na língua portuguesa, ter sido por empréstimo da língua inglesa, e não formada a partir de *santo Agostinho* + *-ismo*.

- **Almofadismo**

O vocábulo *almofadismo*, segundo Houaiss é formado do “rad. de almofadinha”. Nesse caso, *almofadinha* + sufixo *-ismo* formaria a palavra *almofadinhismo*, vocábulo não encontrado nos dicionários de língua portuguesa. Ainda na explicação da etimologia, o dicionário acrescenta o vocábulo *janota* com o sufixo *-ismo*. No italiano, o vocábulo *almofadismo* é traduzido, segundo **DCIPPI**, como “costume do namorador”, não apresentando nenhuma relação com *almofadinha*. Na língua espanhola, no **BDELE** encontra-se o vocábulo *almohada* com o significado de “funda de lienzo llena de algo blando como plumón o plumas usada para apoyar em ella la cabeza em la cama: árabe regional (España) *almujadda* ‘la almohada’, “fronha de tecido cheia de algo macio como penugem de ave usada para apoiar a cabeça na cama”. O vocábulo tem origem na palavra árabe *al* + *mujadda* que significa “almohada” *almofada*, trazendo o sentido implícito de “lugar para a face, ou maçã do rosto” p. 49. Na língua francesa *almofada* significa *coussin*, provavelmente do latim vulgar *\*coxinus* com o “significado de algo em que se apóia os quadris”, segundo o **BDELE**. Segundo **NMDI**, o vocábulo *almofadismo* é traduzido para o inglês como *foppishness* (denguice, vaidade etc.) e *dandyism* (dandismo, janotismo) e o vocábulo *almofadinha* é traduzido como *fop* e *dandy*. O vocábulo *almofada* é traduzido como *pillow*, não apresentando nenhuma relação com o *almofadismo* da língua portuguesa. Logo, a formação do vocábulo *almofadismo* está mais relacionada com *almofada* + *-ismo*, do que *almofadinha* + *-ismo*.

Nesse caso, é mais provável que um sufixo se agregue a um radical, como o sufixo *-ismo* que se agrega ao *almofad-*, do que um sufixo agregar-se a outro sufixo, *almofadinha* + *-ismo*, ou seja, o *-ismo* agregar-se ao *-nha*, formando *almofadinhismo*.

- **Ambientalismo**

Segundo Houaiss, *ambientalismo* é um vocábulo formado com sufixo *-ismo*, a partir do radical *ambiental*, pela influência do valor semântico da palavra inglesa *environmentalism*. Ao observar dicionários de outros idiomas, não foi possível encontrar neles vocábulo correspondente ao *ambiental* em português. Consultou-se o dicionário etimológico da língua inglesa, **OED**, e não se encontrou, ali, um vocábulo formado com o sufixo *-ism*, que corresponda à palavra *ambientalismo* no português. O mesmo ocorre com o francês, segundo o dicionário **DAALF**, com o espanhol, segundo o dicionário **DCELC** e com o italiano, segundo o dicionário **DEI**. Conforme os dicionários consultados, entende-se que esse vocábulo surgiu na língua portuguesa, conforme a afirmação de Houaiss, a partir do radical *ambiental* com o sufixo *-ismo*.

- **Americanismo**

No vocábulo *americanismo*, a etimologia apresentada por Houaiss é *americano* + *-ismo*, datado em 1899. O dicionário **DEI**, também apresenta o surgimento desse vocábulo na língua italiana no século XIX, sem uma data precisa. Na língua francesa, o **DAALF**, apresenta a datação de *américanisme* em 1866. Visto que na língua inglesa o vocábulo *americanism* é datado em 1797, segundo o dicionário **OED**, percebe-se a possibilidade de *americanismo* na língua portuguesa ter sido empréstimo ou da língua inglesa, ou da francesa, sem necessariamente ter sido formado na língua portuguesa *americano* + *-ismo*. Em todos esses idiomas o sufixo *-ismo*, na palavra *americanismo*, apresenta o mesmo significado da língua portuguesa.

- **Antropomorfismo**

O vocábulo *antropomorfismo* é formado, segundo Houaiss, *antrop(o)-* + *-morfismo*. Esse dicionário acrescenta ser por influência francesa *anthropomorphisme*, surgindo neste léxico em 1754. A forma histórica, datada em 1871, aparece grafada *anthropomorphismo*. O

observar o dicionário de língua francesa **DAALF**, a palavra *anthropomorphisme* apresenta a datação, para o surgimento no léxico desse idioma, em 1770. Já, o dicionário etimológico da língua inglesa **OED**, data a palavra *anthropomorphism* em 1753, sugerindo empréstimo do vocábulo francês *anthropomorphisme*. O dicionário etimológico italiano **DEI**, também menciona o vocábulo *antropomorfismo* com a datação de 1923. No dicionário etimológico espanhol **DCELC**, o vocábulo *antropomorfismo* é apresentado com a data de 1832. Pelas diferenças de datas entre o francês e o inglês, nota-se a dificuldade de encontrar, a partir dos dicionários, a datação específica para o surgimento desse vocábulo nos léxicos desses idiomas e como consequência, no léxico português.

- **Apolinarismo**

Houaiss também apresenta outro vocábulo com radical opaco, *apolinarismo*. Sua formação, segundo esse dicionário consiste em *Apolinário* + *-ismo*, sem datação para o surgimento no léxico português. No dicionário etimológico de língua inglesa **OED**, encontra-se registrado o vocábulo *apollinarianism*, datado em 1877. No dicionário bilíngue português-espanhol **DPE**, encontrou-se o vocábulo *apolinarismo* em espanhol, porém o mesmo não foi encontrado no dicionário etimológico do mesmo idioma **DCELC**. Na língua italiana, ambos os dicionários, bilíngue português-espanhol e etimológico, **DPIIP** e **DEI**, respectivamente, também não se encontrou vocábulo que correspondesse ao significado de *apolinarismo* no português, produzido com o sufixo *-ismo*. Na língua francesa, também não há registro de alguma palavra que corresponda a *apolinarismo* construído com o sufixo *-isme* no dicionário **DAALF**. Desta forma, nota-se a possibilidade de *apolinarismo* ter sido construído na língua portuguesa, ou ter sido empréstimo do inglês *apollinarianism* visto que, neste caso, a palavra em português sugere-se que seria *\*apolinarianismo*.

- **Baianismo**

Outro vocábulo apresentado, por Houaiss, com radical opaco é *baianismo*. A formação dessa palavra, segundo esse dicionário ocorre por meio de nome próprio *Michel de Bay*, alatinado, *Baius*. Houaiss também afirma a possibilidade de o sufixo *-ismo* ter sido acrescentado ao radical alatinado *\*baian(u)-*. O vocábulo *baianismo* é registrado nesse dicionário sem datação de surgimento na língua portuguesa. Na língua inglesa, segundo o dicionário etimológico **OED**, a palavra *baianism* é registrada com a datação de 1733. Já, no

dicionário francês **DAALF**, a palavra correspondente à portuguesa *baianismo* formada com o sufixo *-isme*, não foi encontrada. No dicionário etimológico espanhol **DCELC**, também não há registro de vocábulo que utilize o sufixo *-ismo* e possa corresponder ao *baianismo* do português. No dicionário etimológico **DEI**, da língua italiana, encontrou-se o registro da palavra *baianismo*, datada no século XVI. Entendendo que o vocábulo teve origem no nome *Michel de Bay*, entende-se a possibilidade de o surgimento de *baianismo*, na língua portuguesa, ter sido por meio de empréstimo do inglês ou do italiano.

- **Barbiturismo**

Segundo Houaiss, *barbiturismo* é formado do radical depreendido de *barbitúr(ico)* + *-ismo*, sem datação de quando entrou para o léxico português. O vocábulo *barbitúrico* foi encontrado no dicionário bilíngue português-espanhol **DPE**, mas não no dicionário etimológico do mesmo idioma **DCELC**. Já, na língua italiana, o fato que ocorre é o contrário. Encontrou-se a palavra *barbiturismo*, no dicionário etimológico **DEI**, datada no século XX, mas não no dicionário bilíngue português-italiano **DPIIP**. O mesmo ocorre na língua francesa, pois a palavra *barbiturisme* não aparece no dicionário bilíngue **GDPE**, mas está registrada no dicionário **DAALF**. Neste, a datação de quando esse vocábulo entrou para o léxico francês é 1953. Na língua inglesa, tanto no dicionário bilíngue **NMDI**, como no etimológico **OED**, não há registro de um vocábulo que corresponda ao *barbiturismo* recorrendo ao sufixo *-ism* desse idioma, mesmo percebendo o registro de *barbituric* no **OED**. Visto que no Houaiss não há uma datação precisa, para o surgimento desse vocábulo no léxico português, entende-se a possibilidade de *barbiturismo* ter surgido em qualquer uma dessas línguas primeiro. Com relação à datação do substantivo *barbitúrico*, segundo o Houaiss, a data é 1866; para **OED**, no inglês, a data é 1865; no francês, segundo **DAALF**, a data é 1865 e no italiano, segundo **DEI**, a data é 1863. Ao considerar essas datas, percebe-se que a palavra *barbitúrico* passou a ser usada primeiro na língua italiana *barbitùrico*. Entende-se, assim, pelo tempo de uso na palavra, que *barbiturismo* pode ter surgido primeiro no italiano e depois no português.

- **Benzolismo**

O vocábulo *benzolismo* é apresentado no Houaiss sob a formação de *benzol* + *-ismo*, sem datação. Na língua espanhola, encontrou-se no dicionário bilíngue, português-espanhol,

**DPE** os vocábulos *benzol* e *benzolina*, porém *benzolismo* não foi encontrado. Já, no dicionário etimológico espanhol **DCELC**, os vocábulos *benzolismo* e *benzolina* não são apresentados, bem como o radical do mesmo, *benzol*. Na língua italiana, no dicionário bilíngue, português-italiano, **DPIIP** também não se encontrou o vocábulo *benzolismo*, e nem *benzol*. Já, no dicionário etimológico italiano **DEI**, encontrou-se a palavra *benzolismo*, datada no século XX, com o significado de intoxicação pelo vapor de benzol”. Na língua inglesa, no dicionário **OED**, a palavra relacionada a *benzol* é *benzoline*, porém não há registro do vocábulo *benzol* com o sufixo *-ism*. Na língua francesa, no dicionário **DAALF**, a palavra *benzolisme* está registrada com mesmo significado do português, apresentado a datação de 1938. Percebendo que tanto no italiano como no francês o vocábulo *benzol*, com sufixo *-ismo*, *-isme* respectivamente, é datado no século XX, e Houaiss não apresenta nenhuma data, entende-se a possibilidade desse vocábulo não ter sido formado na língua portuguesa, como sugere Houaiss, *benzol* + *-ismo* e, sim, ter sido um empréstimo do francês ou do italiano.

- **Biologismo**

Na língua espanhola, foi encontrado o vocábulo *biologismo*, no dicionário **DPE**, grafado como na língua portuguesa, porém no dicionário etimológico do mesmo idioma, **DCELC**, essa palavra não é mencionada. No idioma italiano, o vocábulo *biologismo* não foi encontrado nem no dicionário bilíngue, português-italiano, **DPIIP**, nem no dicionário etimológico **DEI**. Na língua inglesa, foi encontrado o vocábulo *biologism* no dicionário **OED**, datado em 1852. Visto que, no francês, o vocábulo é datado pelo dicionário **DAALF** em 1936, notam-se as possibilidades de ter surgido primeiro na língua inglesa, depois na língua francesa e depois, na língua portuguesa. Houaiss apresenta a data desse vocábulo cerca de 1936, que é a mesma data de **DAALF**, na língua francesa.

- **Biotatismo**

O vocábulo *biotatismo*, também grafado *biotactismo*, não foi encontrado no inglês, a não ser *biotaxy* no **OED**, correspondente ao *biotaxia*. Já, o vocábulo *biotaxy* com o sufixo *-ism* não é apresentado nesse dicionário. Na língua francesa, no dicionário **GDPF** encontrou-se a tradução para *biotaxia*, que significa *biotaxie*, mas no dicionário do mesmo idioma, **DAALF**, não é mencionado o vocábulo *biotaxie* e nenhum vocábulo com o radical dele

acrescentado de *-isme*. Na língua italiana, a palavra correspondente à *biotaxia* é *biotassia*, encontrada no dicionário **DEI**. Assim como no francês, não há menção do radical desse vocábulo com o sufixo *-ismo*. Na língua espanhola, a palavra *biotaxia* é grafada como na língua portuguesa. Já, no dicionário **DCELC**, a mesma palavra não foi encontrada, bem como, nenhum vocábulo com esse radical acrescentado de sufixo *-ismo*. Percebeu-se assim, a presença do vocábulo *biotaxia* em dicionários bilíngues, mas não nos dicionários etimológicos dos idiomas mencionados. A probabilidade é que o vocábulo *biotatismo* tenha surgido na língua portuguesa, primeiro *biotactismo* de *biotaxia* e depois, *biotatismo*, por questão ortográfica.

- **Blanquismo**

O vocábulo *blanquismo*, apresentado por Houaiss sem datação é formado, segundo esse dicionário, do nome próprio Louis-Auguste Blanqui. É a partir do sobrenome *Blanqui* + *-ismo* que se forma a palavra *blanquismo*. Consultando os dicionários etimológicos dos idiomas francês, espanhol e inglês, **DAALF**, **DCELC** e **OED**, respectivamente, percebeu-se a ausência desse vocábulo. Contudo, ao analisar o dicionário etimológico italiano **DEI**, encontrou-se o vocábulo *blanchismo*, com data de surgimento para o léxico desse idioma no século XIX. Assim como outros vocábulos produzidos com o sufixo *-ismo* registrados pelo Houaiss, sem datação, verifica-se o surgimento de *blanquismo* no léxico português, por empréstimo da língua italiana.

- **Casticismo**

O vocábulo *casticismo* é encontrado no dicionário Houaiss com a seguinte construção: *castiço* + *-ismo*, datado no século XX. Para Bluteau (p. 187), *castiço* era chamado na Índia o filho de pai e mãe portugueses. Na língua espanhola, o dicionário etimológico **DCELC** afirma que o vocábulo *casticismo*, datado em 1884, é derivado de *castizo*. Por mais que essa palavra tenha sua origem em *casta*, antes mesmo de relacionar à estratificação social da Índia, o vocábulo já apresentava significado de linhagem familiar ou de geração. Foi a Igreja, na forma culta, que apresentou o sentido de abstenção sexual. Em francês, no dicionário **DAALF**, há o registro do vocábulo *chasteté*, porém não se encontrou o radical *chaste* formado com o sufixo *-isme*. Na língua italiana, a palavra *castità* está registrada no dicionário etimológico **DEI**, já o vocábulo *casto* acrescentado o *-ismo*, não tem registro. No dicionário

**OED** da língua inglesa encontrou-se o registro de *chastity*, porém sem relação com o sufixo *-ism*. Desta forma, entende-se que é mais provável o vocábulo *casticismo*, apresentado por Houaiss, ter sido empréstimo da língua espanhola, do que ter sido formado a partir de *castiço* + *-ismo*, na língua portuguesa.

- **Classicismo**

Outro vocábulo de que se analisou a etimologia foi *classicismo*, também grafado *classismo*. Para Houaiss, a formação de *classicismo* se dá por meio *clássico* + *-ismo*, datado no século XIX. Subentende-se, assim, que essa construção ocorreu na língua portuguesa. Na língua espanhola é possível perceber a presença desse vocábulo em 1884, *clasicismo*, segundo o dicionário etimológico **DCELC**. Na língua italiana, encontra-se *classicismo* no século XIX e *classismo* no século XX, segundo o dicionário etimológico **DEI**. No dicionário etimológico de língua francesa, o **DAALF**, o vocábulo *classicisme* é datado em 1825 e no dicionário etimológico de língua inglesa, o **OED**, o vocábulo está registrado com o surgimento nesse idioma em 1830. Por meio dos dicionários é difícil perceber em qual dos idiomas o vocábulo aparece primeiro, no italiano ou no espanhol. Já, entre os idiomas francês e inglês, percebe-se que surgiu primeiro no francês. Visto que o dicionário Houaiss apresenta a datação, para esse vocábulo, no século XIX, é difícil descobrir sua data de entrada no léxico português, entendendo que esses idiomas são de regiões próximas.

- **Comparatismo**

Outro vocábulo que apresenta opacidade no radical é *comparatismo*. Segundo Houaiss, a palavra é formada a partir do vocábulo *comparatista*, seguida de uma troca de sufixo, de *-ista* para *-ismo*. Além disso, o dicionário remete o leitor para o elemento composto *par(i)-*, onde explica os vocábulos derivados do latim, dentre eles, *comparatio*, *onis* com o significado de “comparação, cotejo”. Dessa forma, percebe-se que a formação do vocábulo *comparatismo* recorre ao nominativo do latim *comparatio*. Contudo, Houaiss não apresenta datação do surgimento desse vocábulo na língua portuguesa. Pelo fato de, no dicionário **DAALF**, o vocábulo *comparatisme* aparecer como substantivo na língua francesa, no século XIX, percebe-se a possibilidade de comparatismo ser um *empréstimo* da língua francesa.

- **Corporatismo / corporativismo**

A palavra *corporatismo*, substantivo menos usado que *corporativismo*, segundo Houaiss, é formada do radical *corporativo*, sob a forma *corporat-* + *-ismo*, sem datação para o surgimento no léxico português. Ao observar o dicionário da língua francesa **DAALF**, percebeu-se a presença do vocábulo *corporatisme*, com a data de 1913. Observou-se, também, a ausência de vocábulo que recorra ao sufixo *-isme* e corresponda à palavra *corporativismo* do português. Isso é confirmado por meio do dicionário bilíngue português-francês, **GDPF**, porque a tradução de *corporativismo* para o francês é *corporatisme*. Na língua espanhola, encontrou-se registro do vocábulo *corporativismo* no dicionário bilíngue português-espanhol, **DPE**, mas não no dicionário etimológico do mesmo idioma, **DCELC**. Na língua, não se encontrou registro no dicionário bilíngue português-italiano, **DPIIP**, nem no etimológico do mesmo idioma, **DEI**. Na língua inglesa, no dicionário bilíngue, **NMDI**, para o vocábulo *corporativismo*, encontrou-se a tradução *collectivism* e *communism*. Já, no dicionário etimológico do mesmo idioma, **OED**, encontrou-se registro de *corporatism* e *corporativism*, aquela com a datação de 1890 e, esta, de 1930. Sendo assim, conforme as datas de surgimento desses vocábulos nos idiomas inglês e francês, nota-se a possibilidade do vocábulo *corporatismo* ter sido empréstimo da língua inglesa e, *corporativismo*, empréstimo da língua francesa ou da inglesa.

- **Deambulismo**

A palavra *deambulismo*, formada do radical *deambular* + *-ismo*, sem datação, segundo Houaiss, foi encontrada no dicionário bilíngue português-espanhol **DPE**, grafada como *deambulismo* também, porém percebeu-se a ausência do mesmo vocábulo no dicionário etimológico desse idioma **DCELC**. Na língua inglesa, a ausência desse vocábulo é notável no dicionário bilíngue, **NMDI**, e no dicionário etimológico, **OED**. Na língua italiana, também não foi encontrada uma palavra que corresponda a *deambulismo* da língua portuguesa. A ausência dessa palavra notou-se do dicionário bilíngue **DPIIP**, e no dicionário etimológico **DEI**. Na língua francesa, o fato se repete no dicionário bilíngue **GDPF**, e no dicionário etimológico **DAALF**. Desta forma, percebe-se que o vocábulo *deambulismo* teve sua origem no latim *dembulare* + *-ismo*.

- **Destrucionismo**

Segundo Houaiss, a formação do vocábulo *destrucionismo* surge sob a forma do radical *destrucion-* + *-ismo*. Ao analisar os dicionários de língua francesa, tanto o bilíngue português-francês enquanto o etimológico, **GDPF** e **DAALF**, respectivamente, não se encontrou registro de um vocábulo com o sufixo *-isme* que corresponda à palavra *destrucionismo* no português. O mesmo percebeu-se na língua inglesa. Tanto no dicionário bilíngue português-inglês **NMDI**, como no etimológico **OED**, também não se encontrou registro de um vocábulo construído com o sufixo *-ism* que corresponda ao vocábulo estudado em português. Nos idiomas italiano e espanhol, também não há registro de palavra formada com o sufixo *-ismo* nos dicionários bilíngues **DCIPPI** e **DPE**, como nos etimológicos **DCELC** e **DEI**. Desta forma, percebe-se que a etimologia do vocábulo tem sua base em *destruicon*, forma histórica da palavra portuguesa *destruição*, que segundo Houaiss aparece no léxico português em 1344.

- **Concretismo**

O vocábulo *concretismo*, segundo Houaiss é formado a partir da palavra *concreto* + *-ismo*, datado em 1955. Na língua inglesa, segundo o dicionário etimológico **OED**, o vocábulo *concretism* surge no léxico em 1865. No dicionário de língua francesa, o **DAALF**, o vocábulo *concret* não aparece com a construção do sufixo *-isme*. Na língua italiana, acontece o mesmo com a palavra *concrèto*. Segundo o dicionário etimológico desse idioma, o **DEI**, não há registro desse vocábulo com o sufixo *-ismo*. Na língua espanhola, encontra-se o vocábulo *concreto* no dicionário bilíngue, português-espanhol, **DPE**, mas não há registro no léxico do dicionário etimológico **DCELC**, do mesmo idioma. Entende-se, assim, que a entrada do vocábulo *concretismo* na língua portuguesa foi por meio de empréstimo da língua inglesa.

- **Diabolismo**

O vocábulo *diabolismo*, apresentado por Houaiss, é formado de um radical culto *diabol-* com o sufixo *-ismo*. A palavra é encontrada no dicionário sem datação. No dicionário bilíngue espanhol **DPE**, há registro da tradução do português para a língua espanhola *diabolismo / diabolismo*. O mesmo vocábulo não foi encontrado no dicionário etimológico **DCELC**. Assim como o Houaiss, o **DCELC** afirma que *diabolismo* tem sua origem no grego *diábolos*, que por empréstimo entrou para a língua latina *diabolus*. Nos dicionários de língua francesa, tanto o bilíngue português-francês, **GDPF**, como o etimológico, **DAALF**, não se

encontrou vocábulo correspondente ao *diabolismo* em português, formado com o sufixo *-isme* na língua francesa. O mesmo fato ocorre nos dicionários de língua italiana, bilíngue e etimológico, **DPIIP** e **DEI**, respectivamente. Na língua inglesa, encontrou-se no dicionário etimológico **OED**, o vocábulo *diabolism*, datado em 1614. Este dicionário menciona que a formação dessa palavra em inglês ocorreu com o sufixo *-ism* agregado ao radical *devil-*. Diferente do Houaiss, o **OED** reporta, na acepção desse vocábulo, à etimologia grega, sem mencionar a presença do mesmo no latim. Percebendo que em português não é possível formar a palavra *diabolismo*, a partir de *diabol-*, pois é inexistente no léxico desse idioma, entende-se a possibilidade de ter surgido por empréstimo da língua latina ou da inglesa.

- **Diacronismo**

O vocábulo *diacronismo*, segundo Houaiss é formado a partir do substantivo *diacronia* + *-ismo*. Sua datação, para a entrada no léxico português, é século XX. Em ambos os dicionários de língua espanhola, bilíngue e etimológico, **DPE** e **DCELC**, respectivamente, não há registro de palavra correspondente a *diacronismo* do português. Na língua italiana, no dicionário etimológico **DEI**, encontrou-se a palavra *diacronia*, mas não o vocábulo formado a partir dela com o sufixo *-ismo*. O mesmo fato ocorre com a língua francesa, a presença do vocábulo *diachronie*, no dicionário **DAALF**, porém a ausência de um vocábulo com o sufixo *-isme* agregado a essa mesma palavra. O fato se repete na língua inglesa. Não se encontrou vocábulo no léxico inglês correspondente à palavra *diacronismo* do português que se utilize do sufixo *-ism*. No dicionário latino **GLL**, também não há registro desse vocábulo com o sufixo *-ismus*. Desta forma, entende-se que a formação do vocábulo ocorreu na língua portuguesa.

- **Dinamismo / Adinamismo**

Outro vocábulo apresentado por Houaiss com a etimologia na própria língua portuguesa é *dinamismo*, datado em 1858. Sua formação, segundo Houaiss, ocorre por meio do radical *dinam(o)-* e o sufixo *-ismo*. Com um prefixo de negação, outro vocábulo formado a partir do mesmo radical e sufixo é o vocábulo *adinamismo*. Ao observar a palavra *dinamismo* na língua espanhola, o dicionário etimológico desse idioma, **DCELC**, apresenta a datação desse vocábulo em 1899. Na língua italiana, encontrou-se a palavra *dinamismo* no dicionário etimológico **DEI**, com a datação em 1835. A mesma data ocorre para a língua francesa no

dicionário **DAALF**, para a palavra *dynamisme*. Já, na língua inglesa, a palavra *dynamism* está com a datação em 1857, segundo **OED**. Desta forma, percebe-se que o surgimento na língua italiana e francesa foi simultâneo. Depois do surgimento nesses idiomas, nota-se que as datas para o surgimento na língua inglesa e portuguesa são próximas, 1857 e 1858, respectivamente. Entende-se, assim, a possibilidade do vocábulo *dinamismo*, na língua portuguesa, ter sido empréstimo de um desses idiomas. Já, a palavra *adinamismo* não tem palavra correspondente nesses idiomas, percebendo a possibilidade de ter sido formada na língua portuguesa, visto que não há datação para ela no Houaiss.

O vocábulo *aerodinamismo* é formada, segundo Houaiss, por *aer(i/o)-* + *dinam(o)-* + *-ismo*, apresentada sem datação, para o surgimento na língua portuguesa. Segundo o dicionário **DAALF**, nota-se que a palavra *aérodynamisme* surgiu na língua francesa em 1942. Não há registro na língua espanhola, segundo **DCELC**, de uma palavra que corresponda a *aerodinamismo*, utilizando-se da construção com o sufixo *-ismo*. Na língua inglesa, também, não se encontrou registro de vocábulo no **OED**, que se utilize da sufixo *-ism* para a formação de palavra relacionada à *aerodinâmica*. O mesmo ocorre com a língua italiana, segundo o dicionário **DEI**. Percebe-se, assim, a dificuldade de descobrir em qual léxico a palavra surgiu primeiro, no francês, ou no português.

A palavra *pandinamismo*, formada, segundo Houaiss por *pan-* + *dinamismo*, está datada, no século XX, a sua entrada para o léxico português. Não há registro dela, seguindo a produção com o sufixo *-ismo* e *-isme* nem na língua italiana, nem a na francesa, segundo os dicionários **DEI** e **DAALF**, respectivamente. Na língua espanhola, também, não há registro de um vocábulo correspondente ao *pandinamismo* da língua portuguesa, construído com o *-ismo* espanhol. Na língua inglesa também não se encontrou vocábulo que seja resultado da produção do sufixo *-ism*, equivalente ao vocábulo *pandinamismo* em português.

O vocábulo *psicodinamismo* é apresentado por Houaiss formado de *psic(o)-* + *dinamismo*, com datação em 1899. Na língua inglesa, segundo o dicionário etimológico **OED**, não há registro de um vocábulo correspondente a *psicodinamismo* em português, construído com o sufixo *-ism*. O mesmo ocorre na língua espanhola, segundo o dicionário etimológico **DCELC** e na língua francesa, segundo o dicionário **DAALF**. Já, na língua italiana, encontrou-se no dicionário bilíngue **DPIIP**, o vocábulo *psicodinàmica*, correspondendo ao *psicodinamismo* em português. Entende-se, assim, que esse vocábulo teve origem na língua portuguesa, conforme se pode ler no dicionário Houaiss.

- **Dispinealismo**

A palavra *dispinealismo* tem sua formação, segundo Houaiss, no radical *pineal*. A este, com o significado de *pinha*, do latim *pinèa,ae*, foi agregado o prefixo *dis-* e o sufixo *-ismo*, formando assim, uma parassíntese. Com o significado de disfunção da glândula pineal, *dispinealismo* é um vocábulo não encontrado na língua francesa, tanto no dicionário bilíngue como no etimológico, **GDPF** e **DAALF**, respectivamente. Percebeu-se, também, esse fato na língua inglesa, nos dicionário **NMDI**, bilíngue e no **OED**, etimológico; na língua espanhola, nos dicionário **DPE**, bilíngue e no **DCELC**, etimológico, como também, na língua italiana, nos dicionário **DPIIP**, bilíngue e no **DEI**, etimológico. Não encontrando *dispinealismo* no dicionário latino **GLL**, percebe-se a possibilidade da formação desse vocábulo na língua portuguesa, na área da medicina.

- **Emanacionismo / emanatismo**

Para Houaiss, a palavra *emanacionismo* é formada do radical *emanacion-* + *-ismo*. Já, o vocábulo *emanatismo* tem sua formação do radical *emanat-* + *-ismo*. Ambos os vocábulos não apresentam datação. Ao observar o dicionário etimológico da língua inglesa, **OED**, constatou-se a presença da palavra *emanationism*, com a data para o surgimento na língua inglesa em 1881 e *emanatism*, com a data de 1864. Na língua italiana, no dicionário etimológico **DEI**, encontrou-se o registro do vocábulo *emanatismo*, apenas, datado no século XIX. Na língua espanhola, encontrou-se no dicionário etimológico **DCELC**, a palavra *emanatismo*. Na língua francesa não há registro do vocábulo *émanation*, construído com o sufixo *-isme*. Percebe-se, assim, que os vocábulos *emanacionismo* e *emanatismo* já tinham seus correspondentes na língua inglesa, desde 1881 e 1864, respectivamente, sendo possível um empréstimo para a língua portuguesa.

- **Essenismo**

A palavra *essenismo*, sem datação, está registrada no dicionário Houaiss, formada por *essên(io)* + *-ismo*. Ao analisar o dicionário etimológico de língua inglesa **OED**, verificou-se o registro de *essenism* com data de surgimento, nesse idioma, em 1882. Consultados os dicionários etimológicos da língua francesa, espanhola e italiana, **DAALF**, **DCELC** e **DEI** respectivamente, não se encontrou registro de vocábulo que corresponda à palavra portuguesa

*essenismo*, com os sufixos nos respectivos idiomas, *-isme*, *-ismo* e *-ismo*. No dicionário **DEI**, encontrou-se o registro de *essèni*, com o mesmo significado em português.

- **Facciosismo**

Datada, segundo Houaiss no século XIX, o vocábulo *facciosismo* tem sua origem na língua portuguesa, *faccioso* + *-ismo*, ao comparar com dicionários de outros idiomas. Essa ausência foi constatada, a partir da análise dos dicionários de língua espanhola, tanto no **DPE**, dicionário bilíngue português-espanhol, como no **DCELC**, dicionário etimológico. Nos de língua francesa, no dicionário bilíngue português-francês **GDPF**, bem como no dicionário etimológico do mesmo idioma **DAALF**. Nos dicionários de língua italiana, o bilíngue português-italiano **DPIIP** e o dicionário etimológico **DEI**, e nos dicionários de idioma inglês, o bilíngue e o etimológico, **NMDI** e **OED**, respectivamente. Também não há registro desse vocábulo no dicionário de língua latina **GLL**, nem no dicionário bilíngue grego-francês, **DGF**. Percebe-se, assim, que o surgimento dessa palavra ocorreu na língua portuguesa.

- **Goticismo / gotismo**

O dicionário Houaiss apresenta os dois vocábulos, *goticismo* e *gotismo*, com acepções diferentes entre eles. O substantivo *goticismo* significa “ausência de refinamento e elegância (quando se pressupõe no estilo gótico barbarismo e mau gosto)”, como também “prática do estilo gótico”. Já, para o vocábulo *gotismo*, a acepção é “afeição ao que é gótico”, e também, “característica dos costumes e instituições dos godos”. Para *goticismo*, a etimologia é *gótico* + *-ismo*, já, para *gotismo*, a etimologia é com base no radical do latim *go(t)thi,órum*, que significa “godos” + *-ismo*, ambos os vocábulos sem datação.

Na língua italiana, a única palavra encontrada no dicionário etimológico **DEI** foi *goticismo*, datada no fim do século XVIII. Na língua francesa não há registro de nenhum dos dois vocábulos do dicionário **DAALF**. Assim também ocorre no espanhol, ou seja, não há registro desses vocábulos no dicionário etimológico **DCELC**. Na língua inglesa, encontrou-se o vocábulo *gothicism*, com a datação de surgimento, nesse idioma, em 1710 e também se encontrou a palavra *gothism*, com a data de 1715, segundo o **OED**. A acepção para esses dois vocábulos é *gothicism* “rudeness, barbarism; absence of polish or taste; na instance of this”. Para *gothism* é “barbarism, bad taste”. Percebendo a data dos dois vocábulos presentes na

língua inglesa, nota-se a possibilidade de o surgimento de ambos, na língua portuguesa, ter sido empréstimo da língua inglesa.

- **Hepatismo**

*Hepatismo* é um vocábulo apresentado por Houaiss com a etimologia em *hepat(o)- + -ismo*. No dicionário bilíngue português-espanhol, **DPE**, foi encontrado o vocábulo *hepatismo*, já no **DCELC**, não. Neste, encontrou-se o vocábulo latino *hepaticus*, que por sua vez tem sua origem no grego *ηπατιχός* (*hepáticos*), que na língua espanhola é grafado *hígado*. Na língua italiana, no dicionário etimológico **DEI**, não se encontrou os vocábulos *hepatite*, nem *hepatismo*. No dicionário de língua latina, o **GLL**, encontrou-se (*h*)*epatitis* como um tipo de planta de forma de fígado, usado como droga, mas não há menção de *hepatismo*. Na língua francesa, não se encontrou nenhum vocábulo correspondente ao português *hepatismo*. No dicionário bilíngue, português-inglês, **NMDI**, há registro do vocábulo *hepatism*, correspondente ao português *hepatismo*, porém, no dicionário etimológico do mesmo idioma, **ODEE**, o mesmo vocábulo não foi encontrado. No dicionário bilíngue grego-francês, **DGF**, também não há registro do vocábulo *ηπατιτις* (*hepatite*). Visto que o único registro desse vocábulo, em outro idioma além do português, ocorre na língua espanhola, em um dicionário bilíngue, português-espanhol, sem datação. Encontrou-se dificuldade de perceber se a entrada desse vocábulo para o léxico ocorreu por meio de empréstimo, no caso, da língua espanhola, ou foi formado na própria língua portuguesa.

- **Hermesianismo**

O dicionário Houaiss menciona a formação do vocábulo *hermesianismo*, com base no adjetivo *hermesiano* + *-ismo*, sem datação. A origem é do nome Georg Hermes. Contudo, ao analisar o dicionário etimológico inglês **OED**, encontrou-se o vocábulo inglês *hermesianism*, datado em 1885. Não há registro de vocábulo que corresponda a *hermesianismo*, do português, na língua italiana com o sufixo *-ismo*. Na língua espanhola, no dicionário bilíngue **DPE**, há registro do vocábulo *hermesianismo* em espanhol, porém o mesmo não foi encontrado no dicionário etimológico do mesmo idioma, **DCELC**. No idioma francês, o vocábulo com sufixo *-isme* que corresponde ao português *hermesianismo*, também não foi encontrado no dicionário bilíngue, português-francês, **GDPF**, nem no dicionário etimológico

**DAALF.** Desta forma, entende-se a possibilidade de *hermesianismo* ter surgido na língua portuguesa, como empréstimo da palavra inglesa *hermesianism*.

- **Huguenotismo**

*Huguenotismo* é outra palavra encontrada no dicionário Houaiss, sem datação, formada de *huguenote* + *-ismo*. Por mais que a palavra seja de origem francesa, não se encontrou no dicionário etimológico **DAALF** a palavra *huguenotismo*. Também não se encontrou no dicionário etimológico de língua espanhola **DCELC**, palavra formada com o sufixo *-ismo*, a partir do vocábulo *hugonote*. Já, na língua italiana, tanto no dicionário bilíngue português italiano, **DPIIP**, como no dicionário etimológico desse idioma, **DEI**, não se encontrou vocábulo correspondente ao português *huguenotismo*. Na língua inglesa, no dicionário etimológico **OED**, a palavra *huguenotism* aparece datada em 1859 e afirma que, na língua francesa, o mesmo vocábulo está registrado no *Dictionarie of the French and English Tongues*, *huguenotisme*, em 1611. Sendo assim, nota-se que é um vocábulo em uso nos idiomas inglês e francês, o que sugere ter entrado para o léxico português por empréstimo de um desses idiomas.

- **Idiotismo**

A palavra *idiotismo* é encontrada no Houaiss como originária da língua grega *idiótismós,ou*, com o significado de “gênero de vida de simples particular; linguagem dos simples particulares, linguagem corrente ou vulgar”. Como empréstimo, esse vocábulo passou a pertencer ao léxico da língua latina, *idiotismus,i*, significando “estilo familiar”. No espanhol, o dicionário etimológico **DCELC**, apresenta a etimologia do mesmo vocábulo a partir do latim “tardio *idioma, -atis*. Desse, o dicionário acrescenta *idiotismo* que, segundo o autor tem sua origem no grego *ἰδίωμα* (*idioma*), com o significado de caráter próprio de alguém. Para **DCELC**, o vocábulo aparece pela primeira vez na língua espanhola, em 1605. Na língua italiana, o dicionário etimológico **DEI**, apresenta o vocábulo *idiotismo*, da mesma forma que na língua espanhola, ou seja, tem sua origem na palavra grega *idioma* e depois, o mesmo vocábulo passa para o latim tardio. Além dessas informações, esse dicionário acrescenta que a palavra *idiome* é datada na língua francesa em 1548. Já, no dicionário etimológico francês **DAALF**, tanto o vocábulo *idiome* como *idiotisme*, são datados em 1534. Na língua inglesa, a palavra *idiotism* é datada em 1588 no dicionário etimológico **OED**. O

significado desse vocábulo, nesses idiomas, é o mesmo e, nesse caso, o sufixo *-ismo* não forma a palavra *idiotismo*, a partir da palavra “idioma” no português. Entende-se que sua origem ocorre na língua grega com o sufixo *-mós*. No dicionário bilíngue grego-francês **DGF**, o vocábulo *idiótismós* está registrado com o significado de “gênero de vida simples” ou “linguagem peculiar simples” ou “linguagem corrente, vulgar”. O radical desse vocábulo é o verbo *idiós* que significa, “dar em propriedade, apropriar-se”. O sufixo *-mós*, agregado ao verbo *idiotizo*, significa o comportamento relacionado à conduta ou a fala.

- **Matematismo / matematicismo**

O vocábulo *matematicismo*, também grafado *matematismo* é formado, segundo Houaiss, a partir da forma sincopada de *matematicismo*. A etimologia deste é *matemático* + *-ismo*. Em ambos os vocábulos, apresentados por Houaiss, não há datação. Ao observar o dicionário etimológico de língua espanhola, encontrou-se a palavra *matematismo*, com data de surgimento no léxico desse idioma em 1611. Ambos os vocábulos não foram encontrados nos dicionários etimológicos de língua francesa, inglesa e italiana, **DAALF**, **OED** e **DEI**, respectivamente. Pode-se perceber a possibilidade de empréstimo do vocábulo *matematismo* da língua espanhola para a portuguesa, porém o próprio Houaiss menciona, ao explicar o elemento de composição *matemat(i)-*, que *matematicismo* e *matematismo* já eram utilizados em alguns cultismos do século XIX.

- **Monarquianismo / monarquismo**

A palavra *monarquianismo*, também grafada *monarquismo*, esta datada no século XIX pelo dicionário Houaiss e aquela, sem datação, é formada a partir de *monarquian-* + *-ismo*. Observando o dicionário de língua francesa **DAALF**, encontrou-se o registro da palavra *monarchisme*, com data de surgimento do léxico desse idioma em 1550. Tal datação é confirmada do dicionário etimológico de língua italiana, **DEI**, visto que o vocábulo *monarchismo*, neste idioma, surge em 1949. Na língua inglesa, segundo o dicionário **OED**, a palavra *monarchism* é registrada a partir de 1838. No dicionário de língua espanhola, **DCELC**, não se encontrou datação, a não ser para o vocábulo *monarca*, de 1400. Percebe-se a presença do vocábulo *monarquismo* como derivado de *monarca*, pois não é possível perceber a data.

Já, a palavra *monarquianismo* tem registro correspondente no dicionário etimológico de língua italiana, **DEI**, *monarchianismo*, com data de surgimento nesse idioma no século XIX. No dicionário etimológico de língua inglesa, **OED**, também observou-se a presença do vocábulo *monarchianism*, datado em 1841. No idioma francês e espanhol, não se encontrou registro de vocábulo que corresponda ao *monarquianismo* em português, nos dicionários **DAALF** e **DCELC**, respectivamente.

Desta forma, entende-se a possibilidade de ambos os vocábulos *monarquianismo* e *monarquismo* terem surgido, na língua portuguesa, como empréstimo de algum desses idiomas.

- **Neofismo**

*Neofismo*, também, é um vocábulo que apresenta opacidade no radical, pois segundo Houaiss, a acepção dessa palavra é “a ação ou efeito de arregimentar neófitos”. Neste caso, o vocábulo formado com o sufixo *-ismo* deveria ser *neofitismo*. O próprio dicionário alerta para a formação do vocábulo com base no radical *neof-* + *-ismo*. O glossário **GLL** apresenta o vocábulo *neophytus*, como adjetivo e substantivo de origem grega *νεόφυτος* (*neóphytos*), com o significado de “recentemente plantado” ou “recentemente convertido”. O dicionário **BDELE** completa o significado do vocábulo ao explicar que *néos* significa “novo” e *phytós* significa “plantado”, ou o que “se tem feito crescer”. No francês, o vocábulo *néophyte* é datado, segundo o dicionário **DAALF**, em 1495. Na língua italiana, a palavra *neófito* está datada no século XIV. No dicionário de língua inglesa **OED**, encontraram-se os vocábulos *neophyte*, datado em 1582 e *neophytism*, datado em 1862. Não se encontrou, nesses idiomas, o vocábulo a que corresponde *neofismo*, encontrado na língua portuguesa.

- **Nomadismo**

A palavra *nomadismo* é descrita, etimologicamente, pelo Houaiss como *nômade* + *-ismo*. Para esse autor, *nômade* tem sua origem no latim *nomas*, *adis*, que por sua vez é oriundo do grego *nomás*, *ádos*. Não há data de surgimento na língua portuguesa. No dicionário de Corominas (1954:519), o vocábulo *nomadismo* “tem sua origem em “*noma*, del gr. Νομή ‘acción de pacer o devorar’, ‘ulcera devorante’. *Numisma* [S. XVII, *Aut.*; muy raro], tomado del latim. *Numisma* o *nom-* ‘moneda’, y éste del gr. νόμισμα ‘usanza’, ‘moneda usual’, derivado de νόμος ‘uso, costumbre’, ‘ley’, y éste de νέμειν ‘distribuir’”. Ainda para

esse autor, a palavra *nômade* aparece no *Diccionario de La Lengua Castellana*, Real Academia Espanhola, em 1843. O dicionário da língua francesa, **DAALF**, apresenta o vocábulo *nomadisme*, datado em 1845. Já, o vocábulo *nômade* é datado, pelo mesmo dicionário, em 1542. O dicionário de língua italiana, **DEI**, afirma que o surgimento do vocábulo *nomadismo* ocorreu em 1877, proveniente do francês, no fim do século XVIII que, por sua vez, surgiu no inglês, em 1841. O próprio dicionário etimológico de língua inglesa, **OED**, confirma a data. Desta forma, percebendo a não precisão de data estabelecida por Houaiss, de quando esse vocábulo surgiu no léxico português, nota-se a possibilidade de ter ocorrido empréstimo da palavra *nomadismo*, de um desses idiomas, para a língua portuguesa.

- **Olimpismo**

Segundo o dicionário Houaiss, a palavra *olimpismo* é formada do radical *olímpico* + *-ismo*, sem datação para seu surgimento no léxico português. Poder-se-ia questionar o fato de tal formação não originar *olimpicismo*. Ao observar, nos dicionários etimológicos dos idiomas espanhol, inglês e italiano, **DCELC**, **OED** e **DEI**, percebeu-se a ausência de um vocábulo que corresponda a *olimpismo*, em português. Já, na língua francesa, no dicionário **DAALF**, encontrou-se o registro da palavra *olympisme*, com a data de entrada, para o léxico desse idioma, em 1894. Tal datação sugere que a palavra *olimpismo*, em português, tenha sido empréstimo da palavra francesa *olympisme*, visto que no Houaiss não há data para esse vocábulo.

- **Pneumatismo**

Outro vocábulo apresentado por Houaiss, com a possibilidade de ter sido empréstimo, é *pneumatismo*. Segundo esse dicionário, a palavra é formada do radical grego *pneumat-* + *-ismo*. Ao observar os dicionários etimológicos da língua francesa, italiana e espanhola, **DAALF**, **DEI**, **DCELC**, respectivamente, percebeu-se a ausência desse vocábulo. Porém, ao analisar o dicionário etimológico da língua inglesa **OED**, notou-se a presença da palavra *pneumatism*, com a data de entrada para o léxico inglês de 1884. Visto que o Houaiss não apresenta data para a entrada do vocábulo *pneumatismo*, no léxico português, entende-se a possibilidade de ter sido um empréstimo da língua inglesa. Há de se considerar que o vocábulo *pneuma*, segundo **OED**, entrou para a língua inglesa em 1884, enquanto Houaiss apresenta a data para a entrada, do mesmo, na língua portuguesa, em 1635. Se a palavra

*pneuma* existe há mais tempo na língua portuguesa, é possível que *pneumatismo* tenha surgido primeiro no léxico português. Desta forma, seriam necessários outros *corpora* de ambos os idiomas, para descobrir onde esse vocábulo surgiu primeiro.

- **Percepcionismo / percepcionalismo**

Outro vocábulo estudado que se encontra no dicionário Houaiss e apresenta opacidade no radical é *percepcionismo*, também grafado, *percepcionalismo*. Analisando o vocábulo *percepcionismo*, Houaiss registra a sua formação a partir do radical *percepcion-* + *-ismo*, sem datação para o surgimento na língua portuguesa. Ao verificar o mesmo vocábulo em outros idiomas encontrou-se, no francês, apenas a palavra *perceptionnisme*, no dicionário etimológico desse idioma **DAALF**, com a datação de surgimento na língua em 1862. No dicionário etimológico do espanhol, **DCELC**, não há registro de nenhum vocábulo que corresponda a *percepcionismo* ou *percepcionalismo*. Na língua italiana, a palavra correspondente para *percepcionismo* é *perceziònismo*, no dicionário **DEI**, datada no século XX, como surgimento no léxico desse idioma. No dicionário etimológico da língua inglesa, **OED**, encontrou-se a palavra *perceptionism*, datada em 1882. Sendo assim, percebe-se a possibilidade de *percepcionismo* ter surgido no léxico português, por meio de empréstimo de um desses idiomas.

O vocábulo *percepcionalismo*, que segundo Houaiss é formado de *percepcional* + *-ismo*, sem datação para o surgimento na língua portuguesa, tem palavra correspondente apenas nos idiomas italiano e inglês. No italiano, a palavra é *perceziònalismo*, datada no século XX, segundo o dicionário etimológico **DEI**. Já, no inglês, encontrou-se o registro do vocábulo *perceptionalism*, datado em 1891, segundo o dicionário etimológico **OED**. Entendendo a possibilidade do vocábulo *percepcionalismo* ter sido formado de *percepcional* + *-ismo*, não se pode descartar o surgimento desse vocábulo na língua portuguesa, por empréstimo da inglesa.

- **Pompeiismo**

O vocábulo *pompeísmo*, também grafado *pompeiismo* é registrado no dicionário Houaiss como “filiação a Pompeu o Grande” ou “ideologia dos seguidores de Pompeu”. Ao verificar a etimologia dessa palavra na língua portuguesa, esse dicionário afirma que consiste no uso do sufixo *-ismo* no nome próprio Pompeu. Ao analisar o mesmo vocábulo, na língua

francesa, não se encontrou registro dele no dicionário bilíngue português-francês **GDPF**, bem como no dicionário etimológico do mesmo idioma **DAALF**. Na língua italiana, notou-se a ausência de um vocábulo que corresponda a *pompeísmo* em português, tanto no dicionário bilíngue português-italiano **DPIIP**, como no dicionário etimológico **DEI**. Fato semelhante ocorre no idioma inglês, em ambos os dicionários, o bilíngue e o etimológico, **NMDI** e **OED**, respectivamente. Na língua espanhola, também não foi possível encontrar uma palavra correspondente ao vocábulo *pompeísmo* em português. Tanto no **DPE**, dicionário bilíngue português-espanhol, como no **DCELC**, etimológico, o vocábulo não foi encontrado. Não há registro, também, no dicionário de língua latina **GLL**, nem no dicionário bilíngue grego-francês, **DGF**. Entende-se, assim, que o surgimento dessa palavra ocorreu na língua portuguesa.

- **Representacionalismo**

O vocábulo *representacionalismo*, apresentado por Houaiss sem datação, é formado, segundo esse dicionário do radical *representacion-* + *-al* + *-ismo*. Ao observar os dicionários etimológicos dos idiomas, espanhol, italiano e francês, **DCELC**, **DEI** e **DAALF**, respectivamente, percebeu-se a ausência de vocábulo, nesses idiomas, que corresponda à palavra *representacionalismo* do léxico português. Já, na língua inglesa, notou-se o registro do vocábulo *representationalism*, com a data de surgimento, nesse idioma, em 1899. Pela falta de datação do vocábulo *representacionalismo*, em Houaiss, percebe-se a possibilidade desse vocábulo ter surgido, na língua portuguesa, por meio de empréstimo da língua inglesa.

- **Revisionismo**

Segundo Houaiss, a etimologia desta palavra tem base na forma do radical *revision-* + *-ismo*. O próprio dicionário não apresenta a data para o surgimento desse vocábulo na língua portuguesa. Nos dicionários bilíngue português-italiano e etimológico, **DPIIP** e **DEI**, respectivamente, não se encontrou registro desse vocábulo. No dicionário bilíngue português-francês, **GDPF**, também não se encontrou registro do mesmo vocábulo. Já, no **DAALF**, do mesmo idioma, notou-se o registro da palavra *révisionnisme*, com a data para surgimento, no léxico francês em 1907. Na língua inglesa, o fato se repete. Não há registro no dicionário bilíngue português-inglês, **NMDI**, mas encontrou-se registro de *revivisionism* no dicionário etimológico **OED**, com a data de entrada para o léxico inglês em 1890. Percebendo que o

dicionário não apresenta datação para o surgimento do vocábulo *revisionismo*, na língua portuguesa, e registro de datas nos idiomas inglês e francês, 1890 e 1907 respectivamente, nota-se a possibilidade de empréstimo de um desses idiomas para o surgimento de *revisionismo* na língua portuguesa.

- **Stalinismo**

*Stalinismo* é outro vocábulo apresentado por Houaiss, o qual afirma que a sua etimologia é *Joseph Stalin* + *-ismo*. O autor lembra que Joseph Stalin é pseudônimo de Iosif Vissarionovitch Djugatchvili. Datado no século XX, torna-se difícil descobrir em qual idioma surge primeiro. No dicionário etimológico de língua inglesa, **ODEE**, o vocábulo *stalinism* está registrado com a data de 1927. Na língua espanhola, não há registro no dicionário etimológico **DCELC**. Na língua francesa, segundo o dicionário etimológico **DAALF**, o vocábulo *stalinisme* é datado em 1929. Na língua italiana, a palavra *stalinismo* é datada no dicionário etimológico desse idioma, **DEI**, em 1934. Desta forma, entendendo que Houaiss apresenta a data para o surgimento desse vocábulo, no léxico português, apenas como século XX, sem precisão, pode-se sugerir a possibilidade de essa palavra ter surgido primeiro na língua inglesa, e entrando na língua portuguesa como empréstimo, por um desses idiomas mencionados.

- **Terminismo**

O vocábulo *terminismo* é registrado no dicionário Houaiss sem datação. A formação do vocábulo, segundo esse dicionário, se dá sob a forma de *termin-* + *-ismo*, ocorrendo a partir do radical em latim *terminus, i*, que significa “termo /ê/, término”. Nos dicionários etimológicos dos idiomas, espanhol, italiano e francês, **DCELC**, **DEI** e **DAALF**, respectivamente, não se encontrou vocábulo que corresponda à palavra *terminismo* do léxico português. No dicionário etimológico de língua inglesa, **OED**, encontrou-se a palavra *terminism*, com a mesma acepção, datada em 1878. Visto que *terminismo* é uma doutrina medieval, atentou-se para o dicionário de latim, **GLL**, mas não se encontrou *terminus* + *-ismus*. O mesmo pode ser percebido no dicionário grego, **DGF**, no vocábulo *termon* também não se encontrou o sufixo *-mós*. Analisando esses dicionários de grego e latim e percebendo a não datação de Houaiss, entende-se a possibilidade de *terminismo* ter sido um vocábulo originado na língua portuguesa ou inglesa. Neste caso, seria empréstimo para a portuguesa.

Ao analisar a datação do surgimento dos vocábulos com o sufixo *-ismo*, em outros idiomas, encontrou-se a maior produtividade deles na língua inglesa. Em segundo lugar, observou-se a presença desse tipo de produtividade, na língua francesa, restando as línguas espanhola, latina e grega com a menor produtividade. Prevaleceu, nessa observação, o sufixo *-ism*, na língua inglesa, como o afixo utilizado para a formação de novas palavras, a fim de expressar aquilo que foi discutido, encontrado ou percebido na época em que precisavam de novas palavras.

#### 4. Vocábulo com sufixo *-ismo* e suas datações em Houaiss.

Ao pesquisar os vocábulos com sufixo *-ismo*, encontrados no dicionário Houaiss, percebeu-se datação diferente entre alguns vocábulos do Houaiss e do Corpus do Português **CdP**. Das duas mil trezentas e quarenta e uma (2.341) palavras com sufixo *-ismo*, encontradas no dicionário Houaiss, mil e oitenta e três (1.083) não têm registro de datação. As mil duzentas e cinquenta e oito palavras (1.258) com datação estão divididas com as seguintes datas, para entrada no léxico português: duas (02) palavras estão registradas com datação no século XIII, quatro (04) palavras, no século XIV, três (03) palavras, com a datação do século XV, dez (10) palavras, com datação no século XVI, dezesseis (16) palavras, com datação no século XVII, trinta e uma (31) palavras, com datação do século XVIII, seiscentas e dezessete (611) palavras, com a datação do século XIX e quinhentas e oitenta e uma (581) palavras, com a datação do século XX.

Todas as palavras com datação do Houaiss foram comparadas com a datação dos vocábulos encontrados no **CdP**. Atentou-se para as datas que retroagem no **CdP**. As que não têm registro de datação no Houaiss não foram comparadas com o **CdP**. Desta forma, o número de palavras que retroagem, em relação à datação de Houaiss, são: uma (01) no século XVII, seis (06) no século XVIII, dez (10) no século XIX e vinte e duas (22) no século XX. Em ordem cronológica do Houaiss, organizou-se a lista dos vocábulos, mencionando a datação do dicionário e a fonte utilizada e, logo após, a datação do **CdP** com a devida fonte, citando o contexto, onde se encontrou o mesmo vocábulo.

- **Silogismo**

##### **Houaiss XVII / CdP XVI**

O dicionário Houaiss registra do vocábulo *silogismo* a datação no século XVII. O documento apresentado é *Sermões do Padre Antonio Vieira*, editado em Lisboa. O significado que Houaiss apresenta para o vocábulo silogismo é “raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas premissas, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada conclusão”. Houaiss ainda acrescenta que o vocábulo foi encontrado nos seguintes tomos: “tom 1, 1679; tom 2, 1682; tom 3, 1683; tom 4, 1685; tom 5, 1686; tom 6, 1688; tom 7, 1689; tom 8, 1690; tom 9, 1692; tom 10, 1694; tom 11 e 12, 1696; tom 13, 14 e 15, a1697”. O **CdP** apresenta a mesma palavra com a datação no século

XVI, na *Gramática da Língua Portuguesa*, de João de Barros. O contexto apresentado é “pois se per lembrança ou presença d' algum gráve barám a que desejamos imitár ou acatár, os vícios se retream e abátem, como nam terá máis força a deçeplina e o uso que fáz ou tráta nóva natureza? E ainda quéro que vejas como se enganam ôs que sentem éssa autoridade como â tu sentes. E será com um *silogismo* que a outro prepósito fáz o mesmo Séneca (Sene de moribus): Todo pécado é obrár e todo obrár é voluntário, quer seja torpe quer honést: lógo, todo pecádo é voluntário”. Visto que João de Barros recorre ao filósofo Sêneca, a acepção da palavra *silogismo* não é diferente da apresentada por Houaiss.

- **Quietismo**

#### **Houaiss XVIII / CdP XVII**

Outra palavra com datação diferente, entre o dicionário Houaiss e o **CdP**, é *quietismo*. Pelo Houaiss, é registrada com a datação do século XVIII. A obra de referência é *Nova Floresta*, do Pe. Manuel Bernardes, editada em cinco volumes, na cidade de Lisboa. O significado que Houaiss apresenta para esse vocábulo é “estado de alma não suscetível de comoção ou interesse; apatia, indiferença”. No **CdP**, a datação retroage, século XVII. A palavra está registrada na obra *Cartas*, do autor José da Cunha Brochado. O contexto onde o vocábulo é apresentado, nessa obra é: “os franceses sao naturalmente inquietos, e têm hoje a cabeça cheia de grandes ideias pelos muitos arbítrios que [ a ] cada hora oferece a corte, ou a necessidade ou o delírio de cortesoes aventureiros. El-Rei despediu alguns capelaes e outros oficiais por suspeitos de *quietismo*, temendo-se que o erro tome mais fortes raízes, e eu me admiro como o impaciente génio da nação se deixe adormecer das quietas ociosidades dêste erro. A corte reforma tudo o que pode ofender a honestidade, até tirar as tapeçarias em que as figuras sao dispostas com menor atenção ao virtuoso e honesto”. Assim como no Houaiss, a acepção de *quietismo* é a mesma que a do **CdP**.

- **Calvinismo**

#### **Houaiss XVIII / CdP XVII**

A obra do Pe. Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, também foi fonte para registrar a datação da palavra *calvinismo* que, segundo essa fonte, é datada por Houaiss no século XVIII.

O significado da palavra “o conjunto das ideias e doutrinas de João Calvino”. O **CdP** recorre à obra do Padre António Vieira, *Cartas*, com a datação do século XVII. O contexto nessa obra com a palavra *calvinismo* é “só tem ou pode ter o serviço e a conveniência que V. S.<sup>a</sup> lhe descobre, ajudando-nos dela para fazer preciosa a nossa neutralidade, e entreter ambas as coroas com a gelosia de ambas. O intento de El-Rei Cristianíssimo na extinção do *calvinismo* é tão divino, e tão útil em uma igreja, que não pode Deus deixar de o ajudar, como já começava a ver o mundo com admiração: e deveram todos os príncipes ajudar e concorrer a este fim, fechando os olhos a todos os outros interesses e considerações do futuro, que são os que maior golpe fazem na apreensão de todos, de que nem a mesma Roma se livra...”. No **CdP**, o conceito da palavra *calvinismo* é o mesmo que se encontra no dicionário Houaiss.

- **Nepotismo**

#### **Houaiss XVIII / CdP XVII**

O vocábulo *nepotismo* também é registrado com diferença de datação no Houaiss e no **CdP**. Segundo Houaiss, *nepotismo* é registrado no século XVIII, conforme o *Vocabulario portuguez e latino*, de Rafael Bluteau, editado em Lisboa. Para Houaiss, o conceito da palavra *nepotismo* é “autoridade exercida pelos sobrinhos ou demais parentes do papa na administração eclesiástica” ou “favoritismo para com parentes, esp. pelo poder público”. Para o **CdP**, a data retroage, visto a diferença da fonte. Este recorre novamente à obra do Padre António Vieira, *Cartas*, datada no século XVII. O contexto na obra de Vieira, onde está registrado o vocábulo é “o cardeal fica com febre, de que fazem diferentes prognósticos os médicos, e já se fala em que poderão e pretenderão suceder-lhe no lugar ou Carpenha ou Maximi ou Colona ou Gabriel, que são os que por consanguinidade ou afinidade, todas remotas, podem ter direito ao *nepotismo*; mas se tem por mais certo que a enfermidade do cardeal não é de tanto perigo, e sempre nos convirá mais a sua vida, salvo no caso em que Colona entrasse em seu lugar. O demais para a vista, se Deus me fizer esta mercê”. A aceção de *nepotismo* encontrada na obra do Padre Antonio Vieira, apresentada pelo **CdP** não difere da de Houaiss.

- **Idiotismo**

#### **Houaiss XVIII / CdP XVII**

O vocábulo de origem grega *idiotismo* também é datado por Houaiss no século XVIII. A fonte que esse dicionário apresenta é a já mencionada *Vocabulario portuguez e latino*, de Rafael Bluteau, editada em Lisboa. O conceito de *idiotismo* em Houaiss é “traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas”. O mesmo dicionário aponta para outro significado, afirmando ser o mesmo que *idiotice*. Para esta palavra, a acepção é “qualidade do que é ou de quem é idiota”.

Diferente para o **CdP**, a palavra *idiotismo* é registrada por Manoel Thomas, na obra *Insulana*, do século XVII. O contexto na obra onde aparece a palavra *idiotismo* é: “como já o fizeraõ Homero, e Virgilio, e que em nossos tempos hé tam aduertido, como dos Critos, censurado, em cuja indignaçã sentirei auer chaido, se são discretos, porque quando taës naõ sejaõ, o mesmo será, censurár, que sér momos, em quem estaá o çentro do *idiotismo*. Pois como há leys justas pera os que cometem delictos, as auia de àuer pera os idiotas, que sem entenderem o que lem, nem conhescerem o preço das cousas, se põem à murmurar dos trabalhos alheos”. Nesse caso, a acepção para *idiotismo* está mais voltada para o que Houaiss denomina de “qualidade do que é ou de quem é idiota”, do que “construção peculiar de uma determinada língua”, acepção também apresentada por Houaiss.

- **Maquiavelismo**

#### **Houaiss XIX / CdP XVII**

A palavra *maquiavelismo* está registrada no dicionário Houaiss com a datação do século XIX. A fonte para essa informação é o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, editado no Rio de Janeiro. O significado desse vocábulo em Houaiss é o “sistema político de Maquiavel”. O **CdP** apresenta a mesma palavra no século XVII, recorrendo, como fonte, à obra de Francisco Manuel de Melo, intitulada *O hospital das letras*. O contexto em que aparece a palavra *maquiavelismo* é: “Oh, poderoso Deus! Acudi-nos que esta quadrilha parece apestada! Não sei se me ria ou chore do medo com que os vejo de Claudio Clemente, que vem atras deles, jurando que os há-de degolar a todos com os argumentos do seu livro que, a esse fim, de antemão intitulou *Maquiavelismo Degolado*”. Percebendo o texto a seguir, “pois à fé que não é o mais valente arguidor o confutador do mundo; mas ao ladrão os argueiros lhe parecem gigantes”, entende-se que a acepção para o vocábulo é a mesma apresentada no Houaiss.

- **Jansenismo**

### **Houaiss XIX / CdP XVII**

O vocábulo *jansenismo* é apresentado por Houaiss com a datação do século XIX. A fonte é o *Diccionario da Lingua Portugueza*, de Antonio de Moraes Silva, editado no Rio de Janeiro. A acepção de *jansenismo*, apresentada em Houaiss, é “conjunto de princípios estabelecidos por Cornélio Jansênio” O mesmo vocábulo é citado pelo **CdP** na obra do Padre António Vieira, intitulada *Cartas*, do século XVII. O contexto em que a palavra aparece nessa obra demonstra a mesma acepção que Houaiss. Vieira escreve: “aqui vi os dias passados um livro traduzido do francês, em que o seu autor declarava, debaixo do pretexto da Fé e zelo da propagação dela e das missões, quanto el-rei cristianíssimo as queria adiantar naquelas partes. A este fim são mandados lá bispos franceses, que, com as omnipotências que daqui levam, perturbam as jurisdições dos nossos bispados, e têm inquietado quanto lá estava em paz, não sem graves indícios e provas quase certas de que são iscados de *jansenismo*”. Com o assunto tratado no texto fornecido pelo **CdP**, percebe-se que o conceito da palavra *jansenismo* é o mesmo encontrado em Houaiss.

- **Laconismo**

### **Houaiss XIX / CdP XVII**

O vocábulo *laconismo* está registrado no dicionário Houaiss com a datação do século XIX. A fonte apresentada por esse dicionário é de Francisco Solano Constâncio, outro dicionário intitulado *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza*, editado em Paris. O significado dessa palavra em no dicionário Houaiss é a “maneira de exprimir-se por poucas palavras, sem entrar em detalhes; concisão, brevidade”. O **CdP** traz uma datação diferente, século XVII. A fonte para tal afirmação é a obra de Bento Pereira, intitulada *Dos principaes adagios portuguezes*. O **CdP** oferece o contexto, onde o vocábulo é mencionado com a mesma acepção que Houaiss, porém o vocábulo é hipotético nesse texto: “dinheiro emprestaste, inimigo ganhase. Vide Se queres ter inimigo || Direi isto em duas palavras \* *Laconismo* utar. || Porque os Lacedemonios eram muito breves no fallar”. O conceito apresentado no **CdP** é o mesmo visto no Houaiss, contudo, nessa obra a palavra é hipotética.

- **Priapismo**

### **Houaiss XIX / CdP XVII**

*Priapismo* é outra palavra apresentada por Houaiss com datação diferente da do **CdP**. Segundo Houaiss, essa palavra recebe a datação do século XIX. O *Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza*, editado em Paris, de Francisco Solano Constâncio, é a fonte para tal afirmação acerca da data de entrada desse vocábulo na língua portuguesa. A acepção desse vocábulo, encontrada em Houaiss, é o “exagero do apetite ou da excitação sexual” ou, na urologia, “ereção peniana dolorosa, independente de desejo sexual, durante um período superior a duas horas, sem levar à ejaculação, causada por insuficiência de drenagem do sangue que enche os corpos cavernosos”. O **CdP** recorre à obra *Prosódia*, do padre Bento Pereira, como fonte para confirmar a datação no século XVII. No contexto percebe-se que o vocábulo apresenta a mesma acepção que a do Houaiss, ao apresentar a acepção na medicina, na área de urologia: “\* Priapismus, i, m.g. || *Priapismo* doença, < cum mentula intumescit sine Veneris appetentia”.

- **Atomismo**

### **Houaiss XIX / CdP XVIII**

*Atomismo* também é um vocábulo que apresenta datações diferentes nesses dois materiais pesquisados. O dicionário Houaiss registra, no o século XIX, o surgimento dessa palavra no léxico português. A fonte para tal afirmação é o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, editado em Lisboa. Houaiss apresenta *atomismo* com o seguinte significado: “doutrina elaborada pelos pensadores gregos Leucipo (sV a.C.) e Demócrito (460 a.C.-370 a.C.) segundo a qual toda a matéria é formada por átomos...”. Recorrendo à obra de outro Frei, Manoel da Mealhada, o **CdP**, apresenta o contexto de *Promptuario historico I* para justificar a datação do século XVIII. Assim é apresentado: “Judas Machabeu, o que obrou contra os Syros, 7. A sua morte, 9. Restitue o culto Divino, 53. Judea, os seus Capitaens, I. Os seus Reys, quando se exemio dos Syros, 130. Julio Cesar, as dignidades que teve, 67. Acaba de render Portugal, 88. Naõ foy menos nas letras, que nas armas, 68. Foy morto aleivosamente, 68. Jupiter Olimpico, a sua Estatua, 94. S. Israel, 29. L

Leucipo, e Demócrito, inventores do *Atomismo*, 104”. Ao perceber a menção de Leucipo e Demócrito entende-se que o significado de *atomismo* apresentado no **CdP** é o mesmo que o do Houaiss.

- **Helenismo**

#### **Houaiss XIX / CdP XVIII**

O vocábulo grego *helenismo* é registrado no Houaiss por meio da fonte de Francisco Solano Constâncio, o *Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, editado em Paris. Com base nessa informação, a datação para *helenismo*, em Houaiss, é o século XIX. As acepções para esse vocábulo, em Houaiss, são várias: “expressão, construção própria à língua grega”, ou “o conjunto da civilização grega, esp. a que sofreu as modificações determinadas, no período helenístico, pelas influências orientais”, ou a “civilização e cultura que se desenvolveram fora da Grécia por influência do pensamento e cultura gregos” ou a “devoção aos ou imitação dos costumes, estilos e pensamento da Grécia antiga”. O **CdP**, diferente de Houaiss, recorre à obra de António Pereira, intitulada *Elementos da invenção e locução rhetorica, ou principios da eloquencia: illustrados com breves notas*, do século XVIII, que é apresnetado pelo **CdP** o seguinte contexto da obra: “outras sendo commuas a Historicos, e Poetas, não se acharão facilmente nas Orações de Cicero: como o *helenismo* de certos accusativos que chamaõ de parte”. Nesse caso, percebe-se que o conceito de *helenismo* apresentado pelo **CdP** é uma das acepções de Houaiss, “o conjunto da civilização grega, esp. a que sofreu as modificações determinadas, no período helenístico, pelas influências orientais”.

- **Jacobinismo**

#### **Houaiss XIX / CdP XVIII**

Afirmando ser de origem francesa, Houaiss registra o vocábulo *jacobinismo* com a datação do século XIX. Embasado na obra *As palavras e as ideias na Revolução Liberal de 1820*, de Telmo dos Santos Verdelho, editada em Coimbra, a palavra tem a acepção de “movimento dos jacobinos”. No **CdP**, a acepção é a mesma, porém a fonte é *Obras econômicas*, de J. J. da Cunha Azeredo Coutinho. Pelo contexto, percebe-se que está sendo

mencionada a ideologia, ou o movimento relacionado ao *jacobinismo*, pois está assim registrado duas vezes: “no parlamento da Inglaterra, o general Tarleton, depois de mostrar que o *jacobinismo* tem uma estreita afinidade com o sistema sobre a abolição do resgate dos escravos da costa da África, e que ele estava persuadido de que a maior parte das infelicidades que têm acontecido desde vinte anos são devidas aos princípios semelhantes aos que servem de pretexto à abolição do dito comércio, afirmou na presença de todo o parlamento que em Paris, no ano de 1791, se lhe tinha dito que um diploma de *jacobinismo* tinha sido enviado ao honorável membro que no mesmo parlamento insistia sobre a abolição do dito comércio”.

- **Protestantismo**

#### **Houaiss XIX / CdP XVIII**

A palavra *protestantismo* também está registrada no Houaiss, com a datação do século XIX. Com a acepção relacionada à doutrina religiosa dos protestantes, o dicionário recorre à obra de Almeida Garret, intitulada *Discursos Parlamentares*. O **CdP** recorre à obra de António Nunes Ribeiro Sanches, intitulada *Cartas sobre a educação da mocidade*, datada no século XVIII. Pelo contexto da obra apresentado pelo **CdP**, onde aparece o vocábulo *protestantismo*, entende-se que acepção também está voltada para a doutrina religiosa. Assim demonstra o texto: “de França se conta que cada ano saem entre quatro a cinco mil para abraçarem o calvinismo. De Castela e Portugal não quero dizer quantos saem a abraçar o judaísmo, o maometismo e o *protestantismo*; mas é certo que na Suíça, Inglaterra e na Holanda há muitos destas nações que não são católicos romanos. A intolerância dos nossos bispos e missionários nas Índias Orientais foi a original causa que os índios baptizados se fizeram calvinistas, que ficaram na dominação dos holandeses, dos ingleses e dinamarqueses”.

- **Ilusionismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

Com a acepção de “arte de criar ilusão por meio de artifícios e truques ou hábito de crer em ilusões”, Houaiss registra o vocábulo *ilusionismo* com a datação do século XX. Sua fonte, para essa afirmação, é o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de

Figueiredo, editado em Lisboa. Diferente de Houaiss, o **CdP** recorre à obra de José Valentim Fialho de Almeida, intitulada *Os gatos*, datada no século XIX. Conforme o contexto apresentado pelo **CdP**, é possível notar a mesma acepção apresentada por Houaiss. Assim demonstra o texto: “...e o tentador concitando a donzela a vir escutar a serenata, tendo Fausto na sombra, e sobre o gorro as duas penas de fogo a esgrimarem no ar, como floretes. Aquilo rápido, febril, relampagueante, como um *ilusionismo* de vida desenrolado num cerebro cataléptico, mas intenso, inolvidável, profundo, porque a virtuosidade do artista era um completo prodígio d' intuição psicológica, e havia no jôgo dele um mordido pictural, a restituir, formidável e completa, a impressão dramática que o tomara...”.

- **Nativismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

*Nativismo* também é uma palavra que apresenta datações diferentes entre o dicionário Houaiss e o **CdP**. Esse vocábulo, em Houaiss, é datado no século XX, com a acepção de “atitude ou política de favorecer os habitantes nativos de um país”, ou “aversão a estrangeiros; xenofobia”, com base na fonte *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Essa obra, de Antônio Geraldo da Cunha Rio de Janeiro, foi editada no Rio de Janeiro. Diferente de Houaiss, o **CdP** apresenta, como datação para o mesmo vocábulo, o século XIX. Sua fonte é *O Esqueleto*, de Olavo Bilac e Pardal Mallet. Percebe-se que pelo contexto da obra, oferecido pelo **CdP**, a palavra *nativismo* apresenta a mesma acepção encontrada em Houaiss. Assim demonstra o texto: “a milícia, principalmente a milícia de Niterói, cercou a divisão lusa e obrigou-a a capitular e ir aquartelar-se na Armação, até que se aprestassem vapores para recambiá-la para a Europa. O Satanás tratou então de aproveitar os elementos nacionais que se congregavam em torno da Sociedade Tenebrosa do Apostolado, e que desde o começo fundamentara o dogma do *nativismo*”.

- **Separatismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

O vocábulo *separatismo* também é datado, por Houaiss, no século XX. Assim como os outros vocábulos, a fonte é o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua*

*Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, editado no Rio de Janeiro. O significado desse vocábulo, apresentado por Houaiss, é “doutrina política ou religiosa, baseada na separação ou independência; partido de separatistas”. Recorrendo às *Obras seletas* de Rui Barbosa, o **CdP** traz uma datação diferente para separatismo, século XIX. O contexto da obra apresentado é: “a monarquia unitária e centralizadora, vivendo parasiticamente da seiva das localidades, gerou, em toda a parte, o descontentamento, a desconfiança, o desalento, cujo derradeiro fruto é o *separatismo*, que, se nas províncias fracas, ainda não se atreveu a formular-se como voto geral, pronuncia-se franco e altanado naquelas, a que a riqueza vai dando a independência do sentir. Já não se pode esperar, pois, que a prosperidade lhes cure as feridas de irritação e revolta, que a miséria lhes abriu”. Percebe-se, com o contexto, uma acepção do vocábulo *separatismo* semelhante à de Houaiss.

- **Maometanismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

Outra palavra, com datações diferentes entre Houaiss e o **CdP**, é *maometanismo*. No Houaiss, a datação é século XX, pois a fonte para esta afirmação é a obra de José Maria de Eça de Queirós, *Prosas bárbaras*. 1903. O significado desse vocábulo, registrado em Houaiss, é “religião caracterizada por monoteísmo estrito e síntese entre fé religiosa e organização sociopolítica, fundada pelo profeta árabe Maomé (570 ou 580 - 632), codificador de sua doutrina em um livro sagrado, o Corão, que se tornou o fundamento escrito da fé muçulmana; maometanismo, maometismo, muçulmanismo”. O **CdP**, ao apresentar o mesmo vocábulo, recorre à obra de Machado Assis, *O imortal*, do século XIX. O contexto da obra de Assis, apresentado pelo **CdP**, com a palavra *maometanismo* é: “sabia muito. E ciências! Meu pai sabia uma infinidade de cousas: filosofia, jurisprudência, teologia, arqueologia, química, física, matemáticas, astronomia, botânica; sabia arquitetura, pintura, música. Sabia o diabo. - Na verdade.. - Muito, sabia muito. E fez mais do que estudar o turco; adotou o *maometanismo*. Mas deixou-o daí a pouco. Enfim, aborreceu-se dos turcos: era a sina dele aborrecer-se facilmente de uma cousa ou de um ofício”. Desta forma, a acepção do vocábulo é a mesma de Houaiss e do **CdP**.

- **Exibicionismo**

### Houaiss XX / CdP XIX

*Exibicionismo* também está registrado no Houaiss com a datação do século XX. O significado do vocábulo apresentado por esse dicionário é “mania de ostentação ou de exibição”. A fonte para esta afirmação é o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, editado em Lisboa. A mesma palavra foi encontrada no **CdP**, com datação do século XIX, recorrendo à obra de José Valentim Fialho de Almeida, *Os gatos*, do século XIX. O contexto dessa obra apresentado pelo **CdP** é: “uma prostituição sem posse, que ao convergir sobre meninas de 15 anos - idade em que o sexo não hesita mais e o carácter apreende, das sugestões exteriores, o substracto das suas determinantes de toda a vida - muito bem pode tornar-lhes a formosura em ideia fixa, acarretando-lhes, por êsse facto, todos os senões de mulher bela por ofício, a começar pela vaidade, que as faz tolas, e a dar fim no *exibicionismo*, que as faz adúlteras”. Pelo significado *exibicionismo*, apresentado no **CdP**, percebe-se que a acepção é a mesma de Houaiss.

- **Atletismo**

### Houaiss XX / CdP XIX

*Atletismo* também é um vocábulo registrado com datações diferentes no dicionário Houaiss e no **CdP**. Houaiss apresenta a seguinte acepção, para esse vocábulo datado no século XX: “designação comum aos exercícios físicos, individuais ou entre equipes, sempre de carácter competitivo, inspirados em três atividades lúdicas do Homem: correr, saltar e lançar objetos”. Já o **CdP**, recorrendo também à obra de José Valentim Fialho de Almeida, *Os gatos*, apresenta a datação do mesmo vocábulo no século XIX. O contexto da obra, onde aparece o vocábulo demonstrado pelo **CdP**, é: “sob este ponto de vista quase me sinto posto a desculpá-las nas ferras de gado, porque aí é a adolescência da aldeia lutando toda com a adolescência das boiadas; e assim as ferras tornam-se em grandes revistas de força muscular, certâmens de pulso e como, donde o *atletismo* humano sai radioso, entre as fremências da justa e a olímpica vaidade de se ter sobrepujado a fera, simbólica para o homem da natureza hostil que o circuntorna”. O dicionário Houaiss e o **CdP** apresentam a mesma acepção para a palavra *atletismo*.

- **Carolismo**

### Houaiss XX / CdP XIX

O vocábulo *carolismo* está registrado no dicionário Houaiss com a acepção “tendência a exagerar nas demonstrações de devoção religiosa, própria dos carolas”, com a datação do século XX. A fonte utilizada por Houaiss é o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, editado em Lisboa. *Carolismo* também é um vocábulo mencionado do **CdP** com a datação do século XIX. A fonte explorada no **CdP** é a obra de Machado de Assis, intitulada *Epistolário*. O contexto da obra, apresentado pelo **CdP**, com esse vocábulo é: “releve-me se não vou mais longe. Agradeço-lhe a nova coleção do Temps que me chegou agora, Concordo com as impressões que me confessa acerca da localidade, e se falar do meu *carolismo* não me desconceitue; diga que foi defluxo apanhado pouco depois de chegar. Vá desculpando estes rabiscos. Não ponho mais na carta para que ela chegue à mala que vai partir. Faz-me aqui a eleição em boa paz. Adeus. Reli a carta, é tudo um embrulho, mas prefiro mandá-la assim mesmo a não lhe dizer uma linha. Segundo a acepção de *carolismo* apresentada por Houaiss e o contexto da obra de Assis encontrada no **CdP**, percebe-se que são iguais.

- **Feiticismo**

### Houaiss XX / CdP XIX

Também notou-se, na palavra *feiticismo*, a diferença de datação entre o dicionário Houaiss e o **CdP**. Este registra o vocábulo no século XIX, aquele, no XX. Para Houaiss, a palavra tem o significado de “culto de objetos que se supõe representarem entidades espirituais e possuírem poderes de magia”. Para afirmar a datação, Houaiss recorreu novamente ao *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, editado em Lisboa. Já o **CdP**, recorreu à obra de José de Alencar, *O sertanejo*. Nesta, o vocábulo aparece como alegoria, mas a acepção é a mesma que a de Houaiss. Assim é o contexto da obra apresentado pelo **CdP**: “ora, de todo o exército, um coronel de infantaria, Antônio Moreira César, era quem parecia haver herdado a tenacidade rara do grande debelador de revoltas. O *feiticismo* político exigia manipulandos de farda. Escolheram-no para novo ídolo. Moreira César E à nova do desastre, avolumando a gravidade da luta nos sertões, o governo

não descobriu quem melhor lhe pudesse balancear as exigências gravíssimas. Escolheu-o para chefe da expedição vingadora. Em torno do nomeado criara-se uma legenda de bravura”.

- **Bandalhismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

*Bandalhismo* é um vocábulo com a datação do século XX em Houaiss. A acepção para essa palavra é “ato, dito ou procedimento de bandalho; ausência de dignidade; bandalha, bandallice”. Em relação à fonte para datação, encontra-se no dicionário Houaiss que “não foi possível localizar a bibliografia. \*1903”. Para o **CdP**, a fonte é a obra de José Maria de Eça de Queirós, *Os Maias*. Desta forma, o **CdP** data a palavra *bandalhismo* no século XIX. O contexto da obra apresentado pelo **CdP**, para entender a acepção de vocábulo na obra de Queirós, é: “lembro-me até que era um volume das *Éclogas* do nosso delicioso Rodrigues Lobo, esse verdadeiro poeta da natureza, esse rouxinol tão português, hoje, está claro, metido a um canto, desde que para aí apareceu o Satanismo, o Naturalismo e o *Bandalhismo*, e outros esterquilínios em ismo. Nesse momento passaste, disseram-me quem eras, e caiu-me o livro da mão. Fiquei ali uma hora, acredita, a pensar, a rever o passado. E atirou o vermute às goelas. Ega, impaciente, olhava o relógio. Um criado, entrando, acendeu o gás; a mesa surgiu da penumbra, com um brilho de cristais e louças, um luxo de camélias em ramos”. Pelo contexto em que aparece a palavra *bandalhismo*, na obra de Queirós, percebe-se a possibilidade de ser a mesma acepção encontrada em Houaiss.

- **Exotismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

Com o significado de “qualidade de exótico, que é não originário do país em que ocorre; que não é nativo ou indígena; estrangeiro”, o vocábulo *exotismo* aparece, no dicionário Houaiss, sob a datação do século XX. A fonte para essa afirmação, em relação à data, é *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, editado em Lisboa. A mesma palavra é encontrada no **CdP**, sob a datação do século XIX, com base no autor José Valentim Fialho de Almeida, em sua obra intitulada *Os gatos*, datada no século XIX. O contexto encontrado no **CdP** não permite fazer uma avaliação, para analisar se o

significado da palavra é o mesmo que se encontra em Houaiss. Assim está no **CdP**: “iam a voltar por trás dum mastaréu da cena, uma voz irritada gritou-lhes que fugissem; Pratas ergueu os olhos: um pano de fundo descia, com uma trave no debrum inferior, que por um instante não esborrachou a cabeça de Manuel. Em todos os sentidos, timbres eléctricos soavam para o acto. Fora de cena! Fora de cena! Por uma porta de vidros, ao fundo, a comparsaria golfava já vestida, gingando os calcanhares com bordos de fadistas, e à proporção que o bico gás da entrada lhe batia de chapa, via-se o *exotismo* dos tipos, a gibosidade grotesca das figuras.. sob capacetes de fôlha, matacões mal humorados, um suor animal musgando a estofa dos gibões no sítio dos sovacos, ou tristes pernas cambando sob meias de riscas duvidosas.. De passagem, inverosímis conversas faziam voltar a cabeça aos dois amigos. Era a uma porta, o galã Conceição a debater-se, com desculpas humildes, entre duas contas que um sapateiro e um alfaiate tinham entregado a vigilância dum preguista. Era num desvão, longe das luzes, a criatura”

- **Chiquismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

O vocábulo *chiquismo* foi encontrado no Houaiss com a datação do século XX, mas quanto à fonte, o dicionário descreve que “não foi possível localizar a bibliografia. 1908”. Quanto à aceção para essa palavra, Houaiss afirma que *chiquismo* é “qualidade de quem ou do que é chique, elegante”. O **CdP** apresenta a mesma palavra na obra de Artur Azevedo, *A Filha de Maria Angu*. Com essa afirmação, a datação desse vocábulo, para o surgimento no léxico português, retroage para século XIX. O contexto da obra apresentado pelo **CdP** é: “a assinatura são cinco mil réis por trimestre, pagos adiantados! Número avulso, cem réis! (Entrando) Daqui a pouco será distribuído o interessante e enérgico periódico o Imparcial! Vem descompostura bravia! Viva a liberdade de imprensa! Vozes (Fora) - Viva! viva! Cena V Os mesmos, Bitu Botelho - Então já saiu do xilindró, Nhonhô Bitu? Bitu - Olé! que *chiquismo*! Guilherme - Mais dia, menos dia, o senhor é enforcado ali ao Largo da Matriz! Bitu - Não creia nisso, Mestre Guilherme; fui hoje solto pela quinquagésima; mas é muito provável que me prendam daqui a pouco, logo que se distribua o Imparcial, para ser solto amanhã”. Com essa informação, nota-se que tanto o Houaiss como o **CdP** apresentam a mesma aceção para o vocábulo *chiquismo*.

- **Objetivismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

*Objetivismo* é outra palavra encontrada no léxico português, segundo Houaiss. A datação da palavra, apresentada por esse dicionário, é o século XX. Ao consultar a fonte que o dicionário utilizou, lê-se que “não foi possível localizar a bibliografia. Séc XX\*”. A acepção que o Houaiss traz para esse vocábulo é “qualquer teoria que afirma a supremacia dos fenômenos objetivos sobre a experiência subjetiva”. Já o **CdP**, recorre aos artigos de Euclides da Cunha, sem apresentar o título, apenas a datação, século XIX. O contexto do artigo, onde foi encontrada a palavra *objetivismo* é: “Este sentimento é a base comum de todas as crenças, cujas variações estão unicamente na maneira pela qual o compreendem, os diferentes estados de consciência. Evolui, guiado pelo espírito humano, crescendo e notabilizando-se com ele, seguindo, uma continuidade admirável, do mais bárbaro fetichismo aos deslumbramentos do Cristianismo.. É preciso, porém, que um indispensável equilíbrio se estabeleça entre ele e a consciência; se o seu deperhecimento gera o *objetivismo* grosseiro dos povos sem crenças - o seu predomínio exagerado é talvez pior, é esse excesso de subjetividade - o fanatismo, que enlutou tanto a história. Não acreditamos que ele surja entre nós, principalmente agora em que a lei ampara igualmente todas as crenças”. Pelo contexto, percebe-se que Cunha utiliza a palavra *objetivismo* com o mesmo significado encontrado em Houaiss.

- **Intelectualismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

A palavra *intelectualismo* é encontrada em Houaiss com a acepção “tendência de uma pessoa a dar primazia à inteligência e às faculdades intelectuais, sacrificando as emoções e os instintos; racionalidade”. A datação para o vocábulo, nesse dicionário, é século XX. Ao verificar a fonte para a datação, encontra-se registrado “não foi possível localizar a bibliografia. Séc. XX\*”. Já no **CdP**, notou-se a presença do mesmo vocábulo na obra *Máximas, pensamentos e reflexões*, de Mariano José Pereira da Fonseca Marica. Com esse dado, encontra-se outra datação para *intelectualismo*, século XIX. O **CdP** apresenta o contexto da obra nas seguintes palavras: “3639 - Confiando e esperando em Deus nunca devemos desesperar da sua bondade, o seu socorro chega sempre quando é mais oportuno e

necessário 3640 - O pobre diz mal do rico, o fraco do poderoso, o ignorante do sábio, ninguém tolera com resignação a sua inferioridade ou insignificância pessoal, cada qual, em humilde condição, recorre ao arsenal da maledicência para rebaixar aqueles a quem inveja e consolar-se ou justificar-se da sua sorte menos benigna ou desfavorável. 3641 - A velhice ganha ordinariamente em *intelectualismo* o que perde em sensualismo. 3642 - Se o universo é obra de uma sabedoria e poder infinito, o sistema da sua criação deve ser perfeitíssimo no seu todo e partes, destinado a simbolizar, representar e revelar os atributos de Deus, e a felicitar as suas criaturas vivas, sensíveis e inteligentes a quem deu e dá o ser para que participem da sua vida, inteligência, ação e felicidade 3643”. Assim, percebe-se que a acepção desse vocábulo, no **CdP**, é semelhante a encontrada no Houaiss.

- **Narcisismo**

#### **Houaiss XX / CdP XIX**

*Narcisismo* é um vocábulo que também apresentou diferenças de datação entre Houaiss e o **CdP**. Para Houaiss, essa palavra surgiu na língua portuguesa no século XX e para o **CdP**, no século XIX. A fonte utilizada por Houaiss é o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, editado no Rio de Janeiro e a acepção que ele apresenta para esse vocábulo é “amor pela própria imagem”. O **CdP** recorre à obra de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, conhecido como Joaquim Nabuco, intitulada *Minha formação*. O contexto da obra Nabuco é apresentado pelo **CdP** com o vocábulo *narcisismo*, nas seguintes palavras: “Durante os cinco anos que seguem (1873-78), a política é para mim secundária, quase indiferente, mas esse mesmo estado de espírito é, com relação à monarquia, um processo de consolidação, porquanto, graças a todas essas fascinações de artes e de poesia, a minha estética política, segundo a expressão de que me servi, encerrava-se, isolava-se, cristalizava-se na forma monárquica. Quem me acompanha pode estar certo de que não existe no que vou dizendo nenhuma sombra dessa admiração pela própria imagem, a que Jules Lemaître deu o nome de *narcisismo* moral. A verdade é que, entre as molas do meu mecanismo, nenhuma teve a elasticidade e a força da que eu chamaria a mola estética”.

Entende-se, assim, que a acepção do vocábulo apresentada por Houaiss e pelo **CdP** é a mesma.

- **Mimetismo**

### Houaiss XX / CdP XIX

*Mimetismo* foi encontrada no dicionário Houaiss com a datação do século XX. A fonte utilizada para afirmar a data foi o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, editado no Rio de Janeiro. O significado para essa palavra, em Houaiss, é “adaptação na qual um organismo possui características que o confundem com um indivíduo de outra espécie”. A mesma palavra é mencionada pelo **CdP**, com a datação do século XIX, por meio da fonte a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha. No contexto da obra, em que aparece a palavra, apresentado pelo **CdP**, percebe-se o conceito que Cunha atribui à palavra: “viu-se, então, um caso vulgaríssimo de psicologia coletiva: colhida de surpresa, a maioria do país inerte e absolutamente neutral constituiu-se veículo propício à transmissão de todos os elementos condenáveis que cada cidadão, isoladamente, deplorava. Segundo o processo instintivo, que lembra na esfera social a herança de remotíssima predisposição biológica, tão bem expressa no *mimetismo* psíquico de que nos fala Scipio Sighele, as maiorias conscientes, mas tímidas, revestiam-se, em parte, da mesma feição moral dos medíocres atrevidos que lhes tomavam a frente. Surgiram, então, na tribuna, na imprensa e nas ruas - sobretudo nas ruas -, individualidades que nas situações normais tomariam à pressão do próprio ridículo”. Mesmo sendo o uso metafórico do vocábulo *mimetismo*, é possível notar que a acepção da palavra é a mesma usada por Houaiss.

Nas comparações de datação, realizadas entre o **CdP** e o dicionário Houaiss, encontram-se diferenças de datas até dois séculos, contudo o significado dos vocábulos permanece o mesmo. Assim, pode-se perceber que os *corpora* utilizados por Houaiss, nem sempre trazem as primeiras datações de quando os vocábulos formados com o sufixo *-ismo* entraram para o léxico da língua portuguesa. Numa análise apenas com **CdP** foi possível encontrar algumas diferenças de datas, ao comparar com as datas dos vocábulos em Houaiss. Por motivo de tempo e objetivo desta dissertação, não se trabalhou com os vocábulos formados com o sufixo *-ismo*, sem datação em Houaiss. Numa observação superficial, encontrou-se data para vocábulos que Houaiss não menciona. A palavra *civilismo*, por exemplo, não tem data em Houaiss; já o **CdP** registra-a o século XIV, como surgimento no léxico português. O mesmo ocorre com o vocábulo *nomadismo* que, para Houaiss, não tem datação e, no **CdP**, é datado no século XIX. Percebe-se que, com pesquisas em outros *corpora*, torna-se possível construir a datação do léxico português.

## Considerações Finais

Ao estudar-se a presença do sufixo *-ismo*, na história das gramáticas de língua portuguesa, observou-se, antes, o conceito de sufixo de vários autores da atualidade que tratam do assunto. Analisou-se a presença do sufixo *-ismo* na língua grega. Notou-se que não é propriamente produtivo o *-ismo* no grego e, sim, o sufixo *-mós*. Esse sufixo produzia substantivos de ação a partir de verbos e, para essa construção, o vocábulo formado adquiria a terminação *-ισμός* (ismós). Foi essa a terminação, presente em vocábulos gregos, que passou para a língua latina, surgindo a terminação *-ismus*. Sendo uma terminação que teve sua origem em sufixo na língua grega, o *-ismus* na língua latina não apareceu como sufixo produtivo. Sua presença, no léxico do latim, deu-se por meio dos empréstimos ocorridos da língua grega. Na língua portuguesa, o *-ismo* apareceu em alta produtividade no século XIX e, desde então, passou a ser elemento de pesquisa para os gramáticos de língua portuguesa, apenas a partir de 1881.

Voltou-se a atenção para o estruturalismo na linguística, visto que seu marco ocorreu pela edição da obra póstuma de Ferdinand de Saussure, o *Curso de linguística geral*, em 1916, porém antes desta obra, Júlio Ribeiro já editara a sua *Grammatica Portuguesa*, em 1881, explicando a produção do sufixo *-ismo*. Dentre os autores que tiveram essa percepção da língua e trabalharam o aspecto morfológico, verificou-se que, muitas afirmações do linguista alemão Wilhelm von Humboldt, eram semelhantes às de Júlio Ribeiro, apresentadas em sua obra. Humboldt não foi mencionado por Ribeiro, no prefácio de sua obra, mas pelas pesquisas e afirmações do linguista alemão, percebeu-se como estavam ocorrendo as mudanças no campo da linguística e, conseqüentemente, influenciando os gramáticos que escreveram nesse período.

Em relação ao estudo do sufixo *-ismo*, na história e na atualidade, entendeu-se que há uma relação de sua produtividade em ambos os períodos. Na pesquisa da presença do sufixo *-ismo*, nas gramáticas de língua portuguesa, percebeu-se que, somente na gramática de Júlio Ribeiro e, a partir dela, esse sufixo passa a ser estudado. Na análise realizada com paráfrases nos vocábulos presentes no *Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss*, de Antônio Houaiss, encontrou-se uma produtividade do sufixo *-ismo* com significados não mencionados nas gramáticas atuais. Dentre os vocábulos nessa produtividade, observou-se que, além de *doutrina*, *escola* e *sistema*, o sufixo *-ismo* também formou *crença*. Por mais que *crença* não tenha sido reconhecida pelos gramáticos atuais como produção do sufixo estudado, essa palavra foi encontrada na história das gramáticas. São elas: a de Maciel, *Grammatica*

*analytica baseada nas doutrinas modernas*, de 1887; a de Silva, *Grammatica Portugueza*, produzida em 1894; a de Maia, *Grammatica da lingua portugueza*, escrita em 1899; a de Figueiredo, *Grammatica Sintética Língua Portuguesa*, de 1943; a de Almeida, *Gramática metódica da língua portuguesa*, também do ano de 1943; a de Coutinho, *Gramática histórica*, de 1945 e a de Silva, *Grammatica Portugueza*, produzida em 1894.

O mesmo ocorreu com palavra *escola*, que também é resultado da produtividade do sufixo *-ismo*. Esta palavra foi encontrada nas seguintes gramáticas: a de Nunes, *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*, de 1930 e a de Coutinho, *Gramática histórica*, de 1945. A palavra *seita* foi encontrada nas paráfrases e, também, nas seguintes gramáticas: a de Maciel, *Grammatica analytica baseada nas doutrinas modernas*, de 1887; a de Ribeiro, *Grammatica Portugueza Philosophica*, de 1894 e a de Silva, *Grammatica Portugueza*, também de 1894. A palavra *costume*, além de ter sido encontrada nas paráfrases, também encontrou-se na *Grammatica analytica baseada nas doutrinas modernas*, de Maciel, escrita em 1887.

As palavras *uso*, *propriedade* e *modo* encontradas nas paráfrases, também apareceram na *Grammatica analytica baseada nas doutrinas modernas*, de Maciel, escrita em 1887. A palavra *sistema*, encontrada nas paráfrases, também apareceu nas seguintes gramáticas: a de Ribeiro, *Grammatica Portugueza Philosophica*, de 1894; a de Figueiredo, *Grammatica Sintética Língua Portuguesa*, do ano de 1920; a de Tavares, *Gramática elementar do português*, do ano de 1937, a de Coutinho, *Gramática histórica*, do ano de 1945 e a de Cunha e Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, produzida em 1985. A palavra *imitação* apareceu nas paráfrases e, também, na obra de Ribeiro, *Grammatica Portugueza Philosophica*, de 1894. A palavra *doutrina* apareceu nas paráfrases e, também, nas seguintes gramáticas: a de Ribeiro, *Grammatica Portugueza Philosophica*, de 1894; a de Silva, *Grammatica Portugueza*, de 1894; a de Said Ali, *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*, de 1964 e a de Cunha e Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, produzida em 1985.

As palavras *teoria*, *princípio* e *ideia*, além de terem aparecido nas paráfrases, foram encontradas na de Ribeiro, *Grammatica Portugueza Philosophica*, de 1894. A palavra *religião* foi encontrada nas paráfrases e também apareceu na gramática de Silva, *Grammatica Portugueza*, de 1894. A palavra *qualidade* foi encontrada nas paráfrases e apareceu nas seguintes gramáticas: a de Silva, *Grammatica Portugueza*, de 1894 e a de Gomes, *Grammatica Portugueza*, do ano de 1913. O vocábulo *palavra* foi encontrado nas paráfrases e na gramática de Silva, *Grammatica Portugueza*, de 1894. O palavra *locução* foi encontrada

nas paráfrases e apareceu nas seguintes gramáticas: a de Silva, *Grammatica Portugueza*, de 1894 e a de Figueiredo, *Grammatica Sintética Língua Portuguesa*, de 1920.

As palavras *existência* e *estado* foram encontradas nas paráfrases e apareceram na de Gomes, *Grammatica Portugueza*, do ano de 1913. A palavra *opinião* foi encontrada nas paráfrases e apareceu nas seguintes gramáticas: de Nunes, *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*, de 1930 e a de Coutinho, *Gramática histórica*, do ano de 1945. A palavra *origem* foi encontrada nas paráfrases e na gramática de Coutinho, *Gramática histórica*, do ano de 1945. A palavra *maneira* foi encontrada nas paráfrases e na gramática de Said Ali, *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*, de 1964.

Ao estudar a classificação do sufixo *-ismo*, segundo o Manual organizado pelo Grupo de Pesquisa de Morfologia Histórica, entendeu-se que a produção sufixal com *-ismo* abrange as classes semântico categoriais, como relacional, de ação e valores avaliativos. Na classe relacional, encontraram-se a TIP (*tipicidade*), a SEM (*semelhança*), a ATV (*atividade*), a QNT (*quantidade*), a DOE (*doença*), e a FIL (*filiação*). Na classe de ação, encontraram-se a TRS (*transitivo*), a INS (*instrumento*) e a RES (*resultado*). Em valores avaliativos, encontraram-se o RES+, para ação intensa ou frequente e o PSS+, com o significado da paráfrase “que tem X grande/intenso”.

Dessa forma, foi possível perceber que o sufixo *-ismo* formou novas palavras, construiu novos significados, porém, nem sempre é considerada, nas gramáticas, a sua abrangência semântica, pois até mesmo o coletivo, que é formado com o sufixo *-ismo*, não chegou a ser mencionado nas gramáticas. Um destaque, também, deu-se para a obra de João Ribeiro, a *Grammatica Portugueza: Curso Superior*, de 1889, que apresentou o sufixo *-ismo*, com sua origem nos verbos gregos terminados em *-izo*. De todas as gramáticas estudadas, somente este autor fez menção da etimologia do sufixo *-ismo*, recorrendo ao grego e explicando o uso do *-izo* no verbos desta língua. Para os demais autores, o sufixo *-ismo* tem sua origem na língua grega, sufixo *-ismos*.

Outra análise dessa pesquisa se deu em relação à datação do surgimento dos vocábulos com o sufixo *-ismo*, na língua portuguesa, comparando com outros idiomas. Percebeu-se assim, que a maior produtividade deles ocorreu na língua inglesa. Em segundo lugar, na língua francesa, restando as línguas espanhola, latina e grega com a menor produtividade.

Gil Vicente apresentou o vocábulo *mourismo*, na Comédia de Rubena, escrita em 1521, que pelo contexto indica ter o significado de ironia: “chegareis a Jerusalém, o qual vereis ameaçado, e o Mourismo irado, com pesar de nosso bem. E os desertos achareis todos cobertos d’ artilharia e camelos em socorro dos castelos, que já Portugal tem certos”, tal

palavra não foi encontrada em Houaiss e, sim, no dicionário Aulete<sup>20</sup>, com o significado de “a gente da mourama; os mouros”.

O *-ismo*, na atualidade, ainda é utilizado, visto que Rio-Torto (1998, p. 101) apresentou, em sua obra, o vocábulo *semantismo*, não encontrado no dicionário Houaiss. Em diversas áreas o sufixo *-ismo* é utilizado nos tempos hodiernos. Os vocábulos que serão mencionados, a partir deste momento, representam neologismos produzidos com esse sufixo e, por esse motivo, o conceito de cada vocábulo será apresentado conforme o contexto de onde ele for retirado. Para encontrar estes vocábulos, foram consultados trezentos e quinze sítios da internet por meio da pesquisa avançada do Google. As palavras encontradas foram: *alckmismo*, *carmotismo*, *cavaquismo*, *corporativismo*, *culturalismo*, *denuncismo*, *desenvolmentismo*, *einsteinianismo*, *empreendedorismo*, *empresariismo*, *estalinismo*, *euriquismo*, *facilitismo*, *fixismo*, *generativismo*, *gerundismo*, *guterrismo*, *heisenberguismo*, *lulismo*, *maxwellismo*, *meritocracismo*, *monolitismo*, *newtonianismo*, *optimalismo*, *pato-bravismo*, *planckismo*, *raulseixismo*, *revivalismo*, *soarismo* e *subsidiarismo*.

No meio político foi possível encontrar alguns neologismos nos sítios consultados. Iniciando com Silva<sup>21</sup>, encontrou-se em seu texto as palavras *alckmismo*, *euriquismo*, *lulismo* e *trismo* num contexto, quando a autora explica que o sufixo *-ismo* pode ser utilizado para formar substantivos de outros substantivos. Assim como os outros dicionários, ela também diz que o sufixo *-ismo* é “originário do grego *-ismós*, através do latim *-ismus*”. Afirma, também, que esse o sufixo é “formador de palavras a partir de verbos. Posteriormente, seria muito utilizado na medicina, como na palavra *trismo* (constricção da mandíbula), registrada, na língua portuguesa, desde 1695” (SILVA)<sup>22</sup>. Outro comentário que ela faz é a respeito da palavra *querismo*. Este vocábulo designava um movimento “que pedia a volta de Getúlio Vargas em 1950” (SILVA)<sup>23</sup>. A partir dessa palavra, *querismo*, que significa movimento, Silva reporta-se à flexibilidade do sufixo *-ismo*, o qual proporciona a possibilidade de “formar, por exemplo, os termos *lulismo* e *alckmismo*, como indicadores dos respectivos movimentos que visam à vitória de Lula ou de Alckmin nas eleições deste ano”<sup>24</sup>.

<sup>20</sup> AULETE, Idicionário. Disponível em:

<[http://www.aulete.portaldapalavra.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital&op=loadVerbete&palavra=mourismo](http://www.aulete.portaldapalavra.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=mourismo)>  
Acesso em: 11 mar. 2009.

<sup>21</sup> MARIA E SILVA, José. Disponível em: <<http://machogrosso.blogger.com.br/>> Acesso em: 21 jun. 2007.

<sup>22</sup> MARIA E SILVA, José. Disponível em: <<http://machogrosso.blogger.com.br/>> Acesso em: 21 jun. 2007.

<sup>23</sup> MARIA E SILVA, José. Disponível em: <<http://machogrosso.blogger.com.br/>> Acesso em: 21 jun. 2007.

<sup>24</sup> A autora, neste momento, está mencionando a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva concorrendo com ex-governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin.

O vocábulo *querismo* apresentado por Silva, também aparece em outro sítio, num texto escrito, por Lambranhão<sup>25</sup>, sobre a improbidade da administração do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O autor escreve: “Raul Jungmann, que saiu recentemente. Por que essa ação então foi divulgada? E por que não divulgou a outra? Qual é o critério? O *querismo*?” Neste caso, a palavra *querismo* está relacionada com *eu quero*.

Em um texto no sítio<sup>26</sup> de filologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no *corpus* selecionado para a pesquisa sobre neologismos, encontrou-se a palavra *Carmotismo*. O texto apresentado ali, que indica a origem deste vocábulo, explica que “em Carmo (RJ), com 16 mil habitantes, abundam os Soares - parentes do prefeito e do vice: mulheres, primo, irmão, e sogro do filho nas secretarias; primo na vigilância sanitária; sobrinhos na informática...” (Cláudio Humberto, *O Dia*, 20/04/005, cad. De Olho Para Você, 22)”. Um substantivo próprio foi utilizado para formar outro substantivo com o sufixo *-ismo*.

Outro neologismo na política foi encontrado no artigo de Francisco<sup>27</sup>. Ao explicar a origem dos diversos problemas no Brasil, afirma que “a doença nacional está concentrada no sufixo *-ismo*, ou seja, no *corporativismo*, *nepotismo*, *fisiologismo*, *empreguismo*, *assistencialismo*, cujas práticas são nocivas a qualquer sociedade” (qual deles é o neologismo?) (FRANCISCO)<sup>28</sup>. No texto de Oliveira<sup>29</sup>, ao abordar a função do Estado em relação à defesa dos grupos indígenas, o autor afirma que os Estados nacionais latino-americanos “têm se mostrado muito sensíveis ao *multiculturalismo* como política de governo, têm, pelo contrário, procurado dissolver as etnias indígenas no interior da sociedade nacional...” (OLIVEIRA)<sup>30</sup>. Tanto este neologismo com prefixo *multi-*, como a própria palavra *culturalismo*, não foram encontrados no Dicionário de Língua Portuguesa de Antônio Houaiss.

<sup>25</sup> LAMBRANHO, Lúcio. Disponível em: <<http://congressoemfoco.ig.com.br/Noticio.aspx?id=17556>> Acesso em 24 jun. 2007.

<sup>26</sup> *Criação Neológica no Jornal Impresso Discurso e Informalidade*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.Br/ixcnl/11/02.htm>> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>27</sup> FRANCISCO, João. *Brasil! Vamos torná-lo justo!* Disponível em: <[http://www.itapedigital.com.br/rol/index.php?option=com\\_content&task=view&id=525&Itemid=2](http://www.itapedigital.com.br/rol/index.php?option=com_content&task=view&id=525&Itemid=2)> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>28</sup> FRANCISCO, João. *Brasil! Vamos torná-lo justo!* Disponível em: <[http://www.itapedigital.com.br/rol/index.php?option=com\\_content&task=view&id=525&Itemid=2](http://www.itapedigital.com.br/rol/index.php?option=com_content&task=view&id=525&Itemid=2)> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Etnicidade, Etnicidade e Globalização*. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_32/rbcs32\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_32/rbcs32_01.htm)> Acesso em: 26 set. 2006.

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Etnicidade, Etnicidade e Globalização*. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_32/rbcs32\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_32/rbcs32_01.htm)> Acesso em: 26 set. 2006.

Num discurso do Sr. Tuma<sup>31</sup>, notou-se outro neologismo no meio político brasileiro. Em seu discurso, voltando-se para o Senador José Agripino e se referindo à cultura do Presidente Lula, ele diz: “posso ter um pouco menos de cultura que o Presidente Lula, porque ele falou em *denuncismo* e eu tive que procurar no dicionário e não achei a palavra *denuncismo*” (TUMA)<sup>32</sup>. Depois, no mesmo discurso, o autor diz que pediu auxílio a alguns amigos e encontraram o sufixo *-ismo* “que vem do grego e do latim - que se agrega para formação de algumas palavras”, explica Tuma. Por último, ele afirma que, em português, o *-ismo* “é uma palavra pejorativa. Está aqui - vou passar a V. Ex<sup>a</sup> - uma palavra pejorativa” (TUMA)<sup>33</sup>. É interessante a conclusão que o próprio Tuma fez em relação a esse neologismo. Nesse mesmo discurso, ele disse aos dois senadores, Arthur Virgílio e José Agripino, que “não pode se confundir denúncia com anonimato”. Ao senador Flexa Ribeiro, ele falou: “*denuncismo* é avacalhação - desculpa a expressão. Não é o que diz o dicionário, mas é o que sinto” (TUMA)<sup>34</sup>. Em seguida, discutindo a importância de averiguar a denúncia, ele disse que ela “foi feita para ser apurada. Quando se fala em *denuncismo*, é para dizer que não existe nada. Então, nós na CPI não podemos aceitar que cheguem denúncias vindas do Ministério Público e de outras áreas e que não se investiguem, que não se apurem, que não se busque a verdade” (TUMA)<sup>35</sup>. O Sr. Tuma entendeu que *denuncismo* foi uma palavra utilizada para afirmar que não havia nenhum conteúdo verdadeiro e sério nas denúncias realizadas.

Num texto de Correia<sup>36</sup>, foi possível encontrar neologismo a partir de nomes próprios, não relacionados à política, por exemplo: *cavaquismo* de Cavaco, *guterrismo* de Guterres, *soarismo*, de Soares. Este fato é semelhante como o que ocorreu na religião, já mencionado. Provavelmente estes neologismos não são tão percebidos no Brasil, porque o sítio consultado

---

<sup>31</sup> TUMA, Romeu. Senado Federal Pronunciamento Completo em 04.10.2005. Disponível em: <[http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT\\_DISC\\_DETALHE.SHOW\\_INTEGRAL?p=357820](http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT_DISC_DETALHE.SHOW_INTEGRAL?p=357820)> Acesso em: 23 jun. 2007. Romeu Tuma, Senador da República em segundo mandato.

<sup>32</sup> TUMA, Romeu. Senado Federal Pronunciamento Completo em 04.10.2005. Disponível em: <[http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT\\_DISC\\_DETALHE.SHOW\\_INTEGRAL?p=357820](http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT_DISC_DETALHE.SHOW_INTEGRAL?p=357820)> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>33</sup> TUMA, Romeu. Senado Federal Pronunciamento Completo em 04.10.2005. Disponível em: <[http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT\\_DISC\\_DETALHE.SHOW\\_INTEGRAL?p=357820](http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT_DISC_DETALHE.SHOW_INTEGRAL?p=357820)> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>34</sup> TUMA, Romeu. Senado Federal Pronunciamento Completo em 04.10.2005. Disponível em: <[http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT\\_DISC\\_DETALHE.SHOW\\_INTEGRAL?p=357820](http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT_DISC_DETALHE.SHOW_INTEGRAL?p=357820)> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>35</sup> TUMA, Romeu. Senado Federal Pronunciamento Completo em 04.10.2005. Disponível em: <[http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT\\_DISC\\_DETALHE.SHOW\\_INTEGRAL?p=357820](http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT_DISC_DETALHE.SHOW_INTEGRAL?p=357820)> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>36</sup> CORREIA, Margarita. *Solução de dificuldades linguísticas devidas à influência de outras línguas*. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/5simposio/correia.htm>> Acesso em: 23 jun. 2007.

é da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Outro sítio<sup>37</sup> que aborda o uso do *-ismo* em nomes próprios traz o seguinte texto: “aqui eu sigo estritamente a Ernst Mayr, o maior de todos os evolucionistas do século 20: ‘somente uma revolução intelectual – aquela trazida por Darwin – foi dignificada pelo sufixo *-ismo*’. Daí nós temos o *darwinismo*, mas não temos *newtonianismo*, *maxwellismo*, *planckismo*, *einsteinianismo*, ou *heisenberguismo*”. Ainda, utilizando nome próprio, encontra-se outro neologismo no sítio da *Revista do Tribunal de Contas da União*<sup>38</sup>. O autor denomina de *estalinismo* o período inicial do pensamento de esquerda, na experiência russa.

O nome de um cantor brasileiro também foi utilizado com o sufixo *-ismo*. No sítio<sup>39</sup> de um fã-club, um de seus admiradores escreve: “seus fãs compartilham ou julgam compartilhar uma mesma filosofia: o *raulseixismo*”. Ainda no mesmo texto, lê-se “o *raulseixismo* já tem até um decálogo, mas não podemos extrair dele a essência dessa filosofia que engloba pessoas tão distintas”.

Ao abordar sobre a conciliação da palavra sexualidade no século XX, entre o cientificismo e a espiritualidade um sítio<sup>40</sup>, com esse conteúdo apresenta os seguintes neologismos: *fixismo*, *monolitismo* e *desenvolmentismo*. Para esse último vocábulo, o autor apresenta o significado, é a historiografia do espírito. Entende-se por *fixismo*, nesse contexto, algo que fica fixo a algum lugar ou a alguma coisa. Pelo contexto, a ideologia cristã fica fixa à estrutura irreversível patriarcal. São estas as palavras do autor: “a ideologia cristã, em muitos caos, apresenta como *fixismo* a irreversibilidade do *monolitismo* patriarcal”. Depois ele afirma que precisamos entender certos processos da reencarnação, faz-se necessário recorrer “ao *desenvolmentismo* da historiografia do espiritismo”.

*Subsidiarismo* é um neologismo apresentado no texto de Correia<sup>41</sup>. Esse neologismo é sugerido na tradução do inglês para o português do vocábulo *subsidiarity*. A autora escreve: “dado que lhe parecia possível em português quer *subsidiariedade* quer *subsidiarismo*”. Para explicar a sua postura a respeito da tradução, Correia trabalha primeiro com sufixos que

<sup>37</sup> *Jogam pedra na Geni e acertam por tabela o Mayr!* Disponível em: <[http://pos-darwinista.blogspot.com/2006\\_04\\_01\\_archive.html](http://pos-darwinista.blogspot.com/2006_04_01_archive.html)> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>38</sup> TRIBUNAL de Contas da União. Disponível em: <[http://www2.tcu.gov.br/pls/portal/docs/PAGE/TCU/PUBLICACOES/PUBLICACOES\\_PERIODICAS/REVISTA\\_TCU/REVISTA0082.PDF](http://www2.tcu.gov.br/pls/portal/docs/PAGE/TCU/PUBLICACOES/PUBLICACOES_PERIODICAS/REVISTA_TCU/REVISTA0082.PDF)> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>39</sup> MSN Groups. Disponível em: <<http://groups.msn.com/RaulRockClub/julianaabonizio38.msnw>> Acesso em: 26 set. 2006.

<sup>40</sup> USINA das Letras. Disponível em: <[http://www.usinadeletras.com.br/exibetexto.phtml?cod=3378&cat=Teses\\_Monologos](http://www.usinadeletras.com.br/exibetexto.phtml?cod=3378&cat=Teses_Monologos)> Acesso em: 26 set. 2006.

<sup>41</sup> CORREIA, Margarita. *Solução de dificuldades linguísticas devidas à influência de outras línguas*. <<http://www.riterm.net/actes/5simposio/correia.htm>> Acesso em: 23 set. 2007.

permitem construir substantivos abstratos. O sufixo *-(i)dade* é um exemplo, desde que as bases selecionadas sejam “adjectivos (*eléctrico* > *electricidade*; *plural* > *pluralidade*)” CORREIA<sup>42</sup>. Em relação ao sufixo *-ismo*, após explicar que as bases podem ser adjectivos, o exemplo que ela apresenta é *tradicional* > *tradicionalismo*; *favorito* > *favoritismo*. Lembra que, atualmente, é possível encontrar construções com o sufixo *-ismo*, a partir de verbos (*facilitar* > *facilitismo*). Esse fato já ocorreu na história, com o verbo *batizar*, no grego, dando origem ao substantivo *batismo*.

Nesse mesmo texto, antes de pesquisar novos neologismos de carácter internacional, Correia<sup>43</sup> escreve que estes podem receber

adaptações ou naturalizações apressadas, que acabam por ser verdadeiros monstros na língua ou línguas de chegada. Exemplos deste tipo de produtos são frequentes com os sufixos *-ismo* e *-idade* como o demonstram os a seguir referidos: *optimalismo* / *optimalidade* < *optimal*; *fisicalidade* < *fisical*; *performatividade* < *performativo*; *revivalismo* < *revival*; *generativismo* < *generativo* casos claros de aparentes derivados em *-ismo* ou em *-(i)dade* cujas bases não existem na língua de chegada, neste caso, o português.

Tal afirmação torna-se ainda mais relevante, ao verificar o significado destas palavras inglesas que deram origem aos novos neologismos, com o uso do sufixo *-ismo*. Começando por *optimalismo* / *optimalidade*, teve origem em *optimal*, que é um adjectivo na língua inglesa que significa “muito favorável, ótimo, ideal”. O adjectivo em inglês, *generative*, que significa *generativo*, *gerativo*, *produtivo* também formou, com o sufixo *-ismo*, outro neologismo, um substantivo, *generativismo*. Depois, o *revivalismo*, que teve origem no substantivo inglês *revival*, trazendo o significado de *revivificação*, *restabelecimento*, *renovação*, *de despertar religioso ou reuniões públicas realizadas com este fim*. Este último termo, *revival*, é muito utilizado em conferências religiosas cristãs internacionais. O seu uso é intensificado nas conferências realizadas nos países em que, por não prevalecer a religião cristã, determinadas denominações eclesásticas direccionam os seus esforços para instalar, ali, sua fé. Já, de uma maneira irônica, Correia entende que esse sufixo aceita algumas bases, como ela diz, “mais ou menos lexicalizados, muitas vezes de pendor familiar ou ironizante, como *pato-bravismo*”.

Num sítio<sup>44</sup> que explica algumas dúvidas da língua portuguesa, questiona-se a respeito da palavra *empreendedorismo*. Pergunta-se a possibilidade de usar *empreendedorismo* em vez

<sup>42</sup> CORREIA, Margarita. *Solução de dificuldades linguísticas devidas à influência de outras línguas*. Disponível em: <<http://www.ritem.net/actes/5simposio/correia.htm>> Acesso em: 23 set. 2007.

<sup>43</sup> CORREIA, Margarita. *Solução de dificuldades linguísticas devidas à influência de outras línguas*. Disponível em: <<http://www.ritem.net/actes/5simposio/correia.htm>> Acesso em: 23 jun. 2007.

de *empreendedorismo*. A resposta é a seguinte: “apesar de a palavra *empreendedorismo* não se encontrar registrada em nenhum dos dicionários de língua portuguesa à nossa disposição, a sua utilização está correcta, uma vez que se encontra correctamente formada (empreendedor + sufixo *-ismo*)”.

A palavra *gerundismo* aparece em um sítio<sup>45</sup> que responde perguntas a respeito das provas de Língua Portuguesa, aplicadas nos exames da Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), do ano de 2005. A partir de uma crônica intitulada, *Em 2004, gerundismo zero!*, aplicada ao exame, a pergunta é para identificar em qual dos vários sentidos o sufixo *-ismo* estava sendo empregado, para a formação da palavra *gerundismo*. A resposta é que o “sufixo *-ismo*, em *gerundismo*, denota um tom jocoso, depreciativo, para indicar o uso frequente e inadequado dessa forma nominal”.

A autora catarinense, Queiroz Piacentini, professora de língua inglesa e portuguesa, apresenta outro neologismo formado a partir da palavra *meritocracia*. Em seus estudos, defende que “de *meritocracia* deriva o adjetivo *meritocrático* e outro substantivo – *meritocracismo*” (PIACENTINI)<sup>46</sup>. Neste caso, o sufixo *-ismo* indica a maneira de pensar ou de proceder.

Com esses textos da internet, identificaram-se vários neologismos com o sufixo *-ismo* e sua produtividade, seja no meio político brasileiro, seja recorrendo à palavras de outros idiomas.

Ao tratar dos sufixos nominais, Alves (1990, p. 29) percebe que:

...no âmbito dos sufixos formadores de substantivos e de adjetivos, *-ismo* e *-ista* apresentam-se entre os mais fecundos. *-Ismo* une-se a bases substantivas (1), adjetivas, e mais raramente, distribui-se entre bases verbais (2) e sintagmáticas (3), denotadoras de “personalidades de ideias e de siglas partidárias”. Forma substantivos designativos da “filosofia pregadas por tais personalidades (1) tais associações ou doutrinas” (2, 3):

“[...] diz o deputado J. Colagrossi, ex-parceiro do brizolismo e hoje alinhado do PMBD de M. Franco” (<político L. *Brizola*) (Revista Veja, 26.11.86. p. 65);

“Achistas – São os que procedem conforme a normas do achismo, conduta baseada na extrema valorização de caprichos e impressões pessoais não apoiadas pela lógica ou documentação científica” (Revista Época, 27.10.88. p. 38);

‘O bem de qualquer forma sempre triunfa, mas a revelação de Aguinaldo Silva afasta a possibilidade de que o criminoso seja o principal suspeito do público, o vice-presidente da TCA, M. Aurélio, também ele uma encarnação o mau-caratismo’ (Revista IstoÉ, 04.01.89. p. 50).

<sup>44</sup> CLP – CSEM. Disponível em: <<http://blogs.esel.ipleiria.pt/clpcsem/>> Acesso em: 23 jun. 2007.

<sup>45</sup>FUVEST. Disponível em:

<<http://www.sitedoprof.com.br/arquivos/vestibular/Provas%20Vestibular/FUVEST/2005/portuguesfuvest.pdf>> Acesso em: 23 jun.2007.

<sup>46</sup> PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. Disponível em:

<<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=243&rv=Gramatica>> Acesso em: 26 set. 2006.

Em relação à heterossexualidade, um sítio na internet que trata deste assunto, informa que este termo é

...utilizado para descrever a sexualidade dos heterossexuais em seu sentido mais abrangente, compreendendo não só a esfera sexual em si (atração e prática do ato), como também a esfera afetiva e a implicação de ambas em comportamentos e relações humanas. Embora nos dicionários as palavras heterossexualidade e heterossexualismo figurem como sinônimos, prefira sempre utilizar a primeira, pois o sufixo -ismo traz uma carga semântica de conotação negativa e frequentemente tida como inadequada para designar a sexualidade no sentido atualmente adotado pela Psicologia e ciências correlatas.<sup>47</sup>

Moreno, ao tirar dúvidas de uma aluna em seu sítio, percebe que esse sufixo passou a intervir na formação de vocábulos com a “nítida intenção de criticar o exagero, o excesso. É o caso de *consumismo*, *grevismo*, *assembleísmo*, *denuncismo*, etc. [...] em *consumismo*, o sufixo -ismo indica a exagerada repetição ou intensificação de uma prática” (MORENO)<sup>48</sup>. Assim como o *denuncismo*, os vocábulos *grevismo* e *assembleísmo* também trazem um sentido de prática sem necessidade ou sem fundamento. Provavelmente, esse seja o caso do *bushismo* que apareceu na capa da revista *Veja*<sup>49</sup>. O conteúdo dessa matéria consistia em que as práticas do presidente dos Estados Unidos da América, George Bush, já não estavam sendo mais aceitas pela maioria da população e nem por outros políticos, práticas como atacar o Iraque, manter soldados naquele país e coisas semelhantes seriam desnecessárias. Eram essas práticas, segundo a revista, que foram denominadas de *bushismo*. Desta forma, desde movimentos políticos ou religiosos a meios profissionais, como o *automobilismo*, é possível encontrar a presença do sufixo -ismo, que ainda continua sendo produtivo, talvez não mesma proporção, como foi no passado, mas tanto para apresentar a intensidade ou ironizar uma prática, recorre-se ao sufixo -ismo.

<sup>47</sup> AMRIOX. Disponível em: <<http://www.amriox.com.br/htm/glossario.htm>> Acesso em: 26.09.2006.

<sup>48</sup> MORENO, Cláudio. Disponível em: <http://www.sualingua.com.br/> Acesso em: 18 nov. 2006.

<sup>49</sup> Revista *Veja* – capa, nº 45, ano 39. 15 de novembro de 2006.

## Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. *Monarquia*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 1983.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1943.
- ALMOYNA, Julio Martínez. *Dicionário de Português-Espanhol*. Porto: Porto editora, 1999.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- AMARAL, Vasco Botelho de. *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*. Porto: editora Educação Nacional, 1938.
- AMRIOX. Disponível em: <<http://www.amriox.com.br/html/glossario.htm>> Acesso em: 26.09.2006.
- ANCHIETA, Pe. José de. *Arte de gramática*. São Paulo: Anchieta S.A., 1946.
- ANDRÉ, Jacques. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Éditions Klincksieck, 1994.
- ARGOTE, Jeronymo Contador de. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*. Segunda impressão. Lisboa Occidental: Off. da Musica, 1725.
- AUDI, Robert. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Delta S.A., 1970.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: editora Unicamp, 2001.
- AZEVEDO, Domingos de. *Grande Dicionário Português / Francês*. Lisboa: Bertrand, S.A.R.L., 1989.
- BAILLY, M. A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Librairie Hachette, 1933.
- BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica de lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1866.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: editora Global, 1981.
- BARROS, João de. *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo: editora Atlas, 1985.
- BASBAUM, L. *História sincera da República: das origens até 1889*. Rio de Janeiro: Alaf-Ômega. v. I, 1957.

- BASILIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa & PALMA, Dieli Vesaro (orgs.). *Porta de línguas: gramática e ensino numa visão plurilíngüe*. (in) BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa & BATTAGLIA, Salvatore. *Grande Dizionario della Lingua Italiana*. Torino: Loescher, 1973.
- BATTISTI, Carlo & ALESSIO, Giovanni. *Dizionario Etimologico Italiano*. Firenze: G. Barbera. Vol. IV. 1954.
- BATTISTI, Carlo & ALESSIO, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano*. Firenze: Barbèra, 1950.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1989.
- BOLELLI, Tristano. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Milano: Associati S.p.A., 1998.
- BORBA, Francisco S. (org.) *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BRAGA, Janaína. Disponível em:  
<[http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/Anais/Janain\\_Norte.pdf](http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/Anais/Janain_Norte.pdf)> Acesso em: 27 set. 2007.
- BRANCO, Manuel Bernardes. *Portuguez-Latino*. Lisboa: Ferreira, 1879.
- BRUGMANN, K. *Abrég de grammaire comparée des langues Indo-Europeenes*. Trad. A. Bloch, A. Cuny e A. Ernout. Paris, 1905. (in) LIMA, Mario Pereira de Souza. *Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1965.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, v. II. 1968.
- BUNSE, Heinrich A. W. *A evolução do latim no período Pré-Clássico*. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Ciências e Letras, 1943.
- BURNS, Edward Mcnall. *História da civilização ocidental: do homem da caverna às navees espaciais*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Globo. v. I, 1980.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- Cambridge - International Dictionary of English*. New York: Cambridge University Press, 1995.
- CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAVALIERE, Ricardo. *A corrente racionalista da gramática brasileira no século XIX*.

Disponível em: <[http://.ailp-edu.org/Resumos\\_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc](http://.ailp-edu.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc)> Acesso em: 16 dez. 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

CLP – CSEM. Disponível em: <<http://blogs.esel.ipleiria.pt/clpcsem/>> Acesso em: 23 jun. 2007.

COELHO, Francisco Adolfo. *A língua portuguesa: noções de glotologia geral e especial e portuguesa*. 2º edição. Porto: Typografia de A. J. da Silva Teixeira, 1887.

COLETTI, Sabatini. *Dizionario Italiano*. Firenze: Giunti Gruppo, 1997.

CONSTANCIO, Francisco Solano: *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida a mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. 2º edição. Paris: em Casa de Vª J. –P. Aillaud, Monlon e Cª, 1855.

COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana* Madrid: Gredos, 1957.

COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954-57.

CORREIA, Margarita. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/)> Acesso em: 24 out. 2006.

CORREIA, Margarita. *Solução de dificuldades linguísticas devidas à influência de outras línguas*. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/5simposio/correia.htm>> Acesso em: 23 jul. 2007.

CORTELAZZO, Manlio. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1979.

CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da grammatica da Lingua Nacional*. Rio de Janeiro: Esperanca, 1873

COSERIU, Eugenio. *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Apud TORRES, Amadeu & ASSUNÇÃO, Carlos. *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: MM, 1996.

COSTA, J. Almeida & MELO, A. Sampaio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Porto, 1984.

COSTA, Sônia Basto Borba. *Empréstimos lingüísticos em textos quinhentistas portugueses*. Apud. *Filologia e lingüística portuguesa*. São Paulo: Humanitas. v. VI, 2004.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. São Paulo: Nacional, 1945.

CRIPPA, Adolpho. Disponível em: [http://www.tropicologia.org.br/CONFERENCIA/1983cultura\\_brasil.html](http://www.tropicologia.org.br/CONFERENCIA/1983cultura_brasil.html)> Acesso em: 27 set. 2007.

CUESTA, Pilar Vázquez & LUZ, Maria Albertina Mendes. *Gramática portuguesa*. Tercera edición. Madrid: Gregos, 1971.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CUNHA, Celso & CINTRA Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira S.A, 1985.

CUVILLIER, Armand. *Pequeno Vocabulário da Língua Filosófica*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1969.

DAVIES, Mark & FERREIRA, Michael. (2006-) *Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX)*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 21 fev. 2009.

ELIA, Sílvio Edmundo. *Dicionário Gramatical Português*. Rio de Janeiro: Globo S. A, 1962.

ELIA, Sílvio. *Ensaios de filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1963.

ENCLOPÉDIA, Sorocabana. Disponível em: [www.sorocaba.com.br/enciclopedia/ler.shtml?1092549567](http://www.sorocaba.com.br/enciclopedia/ler.shtml?1092549567)> Acesso em: 16 dez. 2007.

EZQUERRA, M. Alvar. *Diccionario Actual de la Lengua Española*. Barcelona: Emegé Indústrias Gráficas, 1995.

FALBEL, Nachman. *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

FÁVERO, Leonor Lopes & MOLINA, Márcia A. G. *As concepções lingüísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes. *A produção gramática brasileira no século XIX – da gramática filosófica à gramática científica* (in) BARROS, Diana Luz Pessoa. *Os discursos do descobrimento*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes. *As concepções lingüísticas no século XVIII*. Campinas: Unicamp, 1996.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário Brasileiro Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Globo, 1960.

FERREIRA, Alvaro. *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portugueza*. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1611.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIGUEIREDO, Candido de. *Grammatica Sintética Língua Portuguesa*. 3º edição Corrigida e aumentada. Lisboa: Clássica, 1920. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil
- FIGUEIREDO, Cândido. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1978.
- FIRMINO, Nicolau. *Dicionário Latino-Português*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- FLEISCHER, W. *Formação de palavras na língua alemã contemporânea*. Tübingen: Gunter Narr. 1982 *apud* SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: editora da UFPR / Ícone, 1989.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O mundo antigo: economia e sociedade (Grécia e Roma)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FONSECA, Sônia Maria. *Aulas Régias*.
- FRANCISCO, João. *Brasil! Vamos torná-lo justo!*
- FREIRE, Antônio S.J. *Gramática Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- FREIRE, Jose Francisco. *Reflexões sobre a língua portuguesa*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1842.
- FREIRE, Laudelino. *Estudos de Linguagem*. 1º edição. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora. 1937. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr034>>. Acesso em: 07 jul. 2008.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*. Trad. Teólogos da Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma. São Paulo: Loyola. v. II, 1983.
- FUNK, Charles Earle. *New Practical Standard Dictionary of the English Language*: New York: Funk & Wagnalls Company, 1955.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FUVEST. Disponível em: <http://www.sitedoprof.com.br/arquivos/vestibular/Provas%20Vestibular/FUVEST/2005/portuguesfuvest.pdf>> Acesso em: 23 jun.2007.
- GABINO, Ramos. *Diccionario Manuel Seco del Español*. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, 1999.

- GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro: Garnier, 1994.
- GOMES, Alfredo. *Grammatica Portuguesa*. 15<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Francisco Alves. 1913. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr001>> Acesso em: 19 jun. 2008.
- GOULART, Audemaro Taranto & SILVA, Oscar Vieira. *Estudo dirigido de gramática histórica e teoria da literatura*. São Paulo: Editora do Brasil, 1964.
- GRAVE, João & NETTO, Coelho. *Lello Universal: Novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro*. Porto: Lello & Irmão editores.
- HOLT, Rinehart and Winston. *The Holt Intermediate Dictionary of American English*. New York, 1966.
- HOOKER, J. T. (org.). *Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto. A história da escrita antiga*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.
- HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *Os gregos e seu idioma*. Rio de Janeiro: editora J. di Giorgio&Cia. Ltda, 1978.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles & FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Trad. Maria M. G. Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.
- ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: Apostolado da Imprensa, 1990.
- JOGAM pedra na Geni e acertam por tabela o Mayr! Disponível em: <[http://pos-darwinista.blogspot.com/2006\\_04\\_01\\_archive.html](http://pos-darwinista.blogspot.com/2006_04_01_archive.html)> Acesso em: 23 jun. 2007.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1990.
- KOSSARIK, Marina. *A tradição portuguesa no contexto da lingüística europeia*. apud HEAD F. Brian. *História da língua e história da gramática*. Braga(?): Barbosa & Xavier, 2002.
- KURY, Adriano da Gama & BUENO, José Renato & OLIVEIRA, Ubaldo Luiz. *Gramática objetiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 2003.
- LEÃO, Duarte Nunes do. *Origem e Orthographia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1864, 2<sup>o</sup> edição Nova edição. Correcta e emendada, conforme a de 1781, 224

pp. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil.

Disponível em:

<<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr009>> Acesso em: 22 jun. 2008.

LEITE, Marli Quadros. *O nascimento da gramática portuguesa*. São Paulo: Paulistana & Humanitas, 2007.

LEONI, Francisco Evaristo. *Gênio da Língua Portuguesa, ou causas racionais e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma língua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos auctores latinos e vulgares. Tomo I e II*. 1º edição. Lisboa: Typographia do Panorama. 1858. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr012>> Acesso em: 19 jun. 2008.

LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. London: Oxford University Press, 1879.

LIMA, Mario Pereira de Souza. *Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1962.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

LIMA, Luís Caetano de. *Orthographia da lingua portugueza*. Lisboa Occidental: Off. Antonio Isidoro, 1736.

LOBATO, António Jose dos Reis. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. 1º edição. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1770.

LUZ, Waldyr Carvalho. *Manual de Língua Grega*. São Paulo: Casa Presbiteriana, 1991.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1948.

MACIEL, Dr. Maximino de Araujo. *Grammatica analytica baseada nas doutrinas modernas*. 1º edição. Rio de Janeiro: Typ. Central, de Evaristo Rodrigues da Costa, 1887.

MAGNE, Augusto. *Dicionário Etimológico da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde - Instituto Nacional do Livro, 1953.

MAIA, Zillah do Paco Mattoso. *Grammatica da lingua portugueza*. 2º edição. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

MARIA E SILVA, José. Disponível em: <<http://machogrosso.blogger.com.br/>> Acesso em: 21 jun. 2007.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Notas sobre avaliações lingüísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros*. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/notas.html>> Acesso em: 11 dez. 2007.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Notas sobre avaliações lingüísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros*. (in) MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia & MACHADO, Américo Venâncio Lopes Filho (orgs.) *O Português Quinhentista*.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

MAURER, Theodoro Henrique Jr. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1951.

MEIER, Harri. *Ensaio de filologia românica*. Lisboa: edição da Revista de Portugal, 1964.

MELO, J. Nelino de. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1968.

MILANI, Sebastião Elias. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Symbolismo na história da Lingüística*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo. 2000.

MONTEIRO, José Lemos. *As idéias gramaticais de João de Barros*. Disponível em: <<mailto:jolemos@baydenet.com.br>> Acesso em: 11 dez. 2007.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola. v. I, 2000.

MOREIRA, Julio. *Estudos da língua portuguesa*. Lisboa: Clássica editora de A. M. Teixeira, 1922.

MORENO, Cláudio. Disponível em: <<http://www.sualingua.com.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2007.

MOURA, José Vicente Gomes de. *Compendio de grammatica latina e portugueza*. 12<sup>o</sup> edição. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1870.

MSN Groups. Disponível em: <<http://groups.msn.com/RaulRockClub/julianaabonizio38.msnw>> Acesso em: 26 set. 2006.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch. v. I e IV, 1972.

NÓBREGA, Vandick L. *A presença do latim*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1962.

NOGUEIRA, Julio. *O exame de Português*. 5<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1933.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 2º edição. Lisboa: Clássica, 1930.

O PORTAL DA HISTÓRIA, Biografias. Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/portal/biografias/barrosjoao.html>> Acesso em: 11 dez. 2007.

OLI, Gian Carlo & DEVOTO, di Giacomo. *Nuovissimo vocabolario illustrado della língua Italiana*. Firenze: Selezione, 1997.

OLIVEIRA, Bento José de. *Nova Grammatica Portugueza*. 15º edição. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1884.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da Lingoagem Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Etnicidade, Eiticidade e Globalização*. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_32/rbcs32\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_32/rbcs32_01.htm)> Acesso em: 26 set. 2006.

ONIONS, C. T. *The Oxford Dictionary of English Etymology*. New York: Great Britain, 1966.

P.S. *Livro de exercícios para aprender os elementos da grammatica portugueza*. 8º edição. São Paulo: Companhia de Melhoramentos de São Paulo, 1898.

PALAZZI, Fernando. *Novissimo Dizionario della Lingua Itaitana*. Milano: Fratelli Fabbri, 1974.

PALMA, Dieli Vesaro (orgs.). *Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PARLAGREGO, Carlo & CATTARINI, Maria. *Dizionario Portoghese – Italiano, Italiano – Portoghese*. Milano: Antonio Vallardi editore, 1960.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica historica*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1935.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo: Nacional. 1926. p. 45 apud.

LEITE, Marli Quadros. *Anotações sobre dois autores brasileiros do século XIX: Júlio Ribeiro e João Ribeiro*. 2007.

PHARIES, David. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de otros elementos finales*. Madrid: Gredos, 2002.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=243&rv=Gramatica>> Acesso em: 26 set. 2006.

PINTO, Luiz da Silva. *História do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Fº - editor, 1948.

PINTO, Pedro A.. *Termos e Locuções (Miudezas de Linguagem Luso-Brasileira)*. 1º edição Rio de Janeiro: Typographia Revista dos Tribunaes. 1924. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr031>> Acesso em: 19 jun. 2008.

Revista Veja – capa, nº 45, ano 39. 15 de novembro de 2006

Revista Veja – capa, nº 45, ano 39. 15 de novembro de 2006.

REY, A. & REY-DEBOVE, J. *Le Pett Robert: Dictionnaire Alfabétique et Analogique de la Langue Française*. Paris: Le Robert, 1990.

QUADROS, Rangel de. *Aveirenses notáveis*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Aveiro#S.C3.ADmbolos\\_e\\_etimologia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aveiro#S.C3.ADmbolos_e_etimologia)> Acesso em: 11 dez. 2007.

REY-DEBOVE, Josette & REY, Alain. *Le nouveau Petit Robert: Dictionnaire Alfabétique et Analogique de la Langue Française*. Montreal: Dicorobert Inc., 1993.

RIBEIRO JR. Wilson A. *Origem e evolução da língua grega*. Revista eletrônica Graecia Antiqua <http://greciantiga.org/re/1/vIn1014.pdf> Acessado em 28.03.07.

RIBEIRO, Dr. Ernesto Carneiro. *Grammatica Portugueza Philosophica*. 2º edição. Bahia: Imprensa Popular, 1890.

RIBEIRO, João. *Estudos Philologicos*. 1º edição. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, Livreiro-Editor. 1902. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr020>> Acesso em: 19 jun. 2008.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portuguêsa (Curso Médio 2º ano de Portugues)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935, 40ª edição Novamente Corrigida e Actualizada. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr026>> Acesso em: 19 jun. 2008.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza Exame de Portuguez 3º ano*. 3º edição. Rio de Janeiro: Classica de Alves, 1889.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portuguêsa (Curso Primário 1º ano de Português)*. Nonagésima 2º edição Novamente Corrigida e Muito Melhorada. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1931. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no

Brasil. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr024>> Acesso em: 20 jun. 2008.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza: Curso Superior*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933, 22<sup>a</sup> edição Inteira Refundida, 499 pp. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil. Disponível em:

<<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr025>> Acesso em: 19 jun. 2008.

RIBEIRO, João. *A língua nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

RIBEIRO, Júlio. *Gramática portugueza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portugueza*. 1<sup>o</sup> edição. São Paulo: Tipographia de Jorge Seckler. 1881. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr027>> Acesso em: 19 jun. 2008.

RICCIARDI, Maria Laura Pinheiro. *Segunda metade do século XIX: da apoteose do sentimento à anatomia da língua*. (in) BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa & PALMA, Dieli Vesaro (orgs.). *Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RIOS, Dermival Ribeiro. *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. São Paulo: Cultural Brasil editora, 1975.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto. 1998.

ROBERT, Paul. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Société du Nouveau Littré, 1985.

ROBERTSON, A. T. *A grammar of the greek New Testament in the light of historical research*. Nova Iorque: Hodder & Stoughton, 1919.

ROBOREDO, Amaro de. *Methodo grammatical para todas as línguas*. Pedro Craesbeeck: Lisboa, 1619.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Libreria Acadêmica, 1971.

SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: editora da Universidade de Brasília, 1964.

SAKANE, Shigueru & HINATA, Noemia. *Dicionário Português-Japonês Romanizado*. São Paulo: Casa Ono, 1991.

- SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: ed. da UFPR, 1991.
- SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: editora da UFPR / editora Ícone, 1989.
- SANTOS, Hemeterio José dos. *Grammatica portugueza*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico*. Rio de Janeiro – Belo Horizonte: Garnier. 2000.
- SEQUEIRA, Martins F. J. *Aspectos do português arcaico*. Lisboa: Tip. União Gráfica, 1943.
- SILEVIERA, Bueno F. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. (curso superior) Rio de Janeiro: ed. Saraiva, 1968 (apud) RICCIARDI, Maria Laura Pinheiro. *Segunda metade do século XIX: da apoteose do sentimento à anatomia da língua*. (in) BASTOS, Neusa Barbosa & PALMA, Dieli Vesaro (orgs.). *Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: editora Lucerna, 2004.
- SILVA, A precursora e a sucessora da gramática de Port-Royal. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicações/textos/p00006.htm>> Acesso em 11 dez. 2007.
- SILVA, Augusto Freire. *Grammatica Portugueza*. 8ª edição. São Paulo: J.B. Endrizzzi & C, 1894.
- SILVA, Guido Gómez. *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Española*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- SILVA, Guido Gómez. *Breve Diccionario Etimológico de La Lengua Española*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- SIMPSON, J. A. & WEINER, E. S. C. *The Oxford English Dictionary*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1989.
- AULETE, Idicionário. Disponível em: <[http://www.aulete.portaldapalavra.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital&op=loadVerbete&palavra=mourismo](http://www.aulete.portaldapalavra.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=mourismo)> Acesso em 11 mar. 2009.
- ROCHA, Jr. Roosevelt Araújo. *João Ribeiro entre história, gramática e filosofia*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/36/06.htm>> Acesso em 15 mar. 2008.
- SOROMENHO, Augusto. *Origem da língua portugueza*. Lisboa: Typ. Francisco José da Silva, 1867.

- SOUTER, Alexander. *A glossary of later Latin to 600 A.D.* Nova Iorque: University Press, Oxford, 1957.
- SPINELLI, Vincenzo & CASASANTA, Mario. *Dicionário completo Italiano-Português (Brasileiro) e Português (Brasileiro)- Italiano: com a etimologia das vozes italianas e portuguesas (brasileiras).* Milano : U. Hoepli, 1954.
- TAVARES, José Pereira. *Gramática elementar do português.* Lisboa: Sá da Costa, 1937.
- TAYLOR, William Carey. *Introdução ao estudo do Novo Testamento grego.* Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações – JUERP, 1986.
- TRIBUNAL de Contas da União. Disponível em:  
<[http://www2.tcu.gov.br/pls/portal/docs/PAGE/TCU/PUBLICACOES/PUBLICACOES\\_PERIODICAS/REVISTA\\_TCU/REVISTA0082.PDF](http://www2.tcu.gov.br/pls/portal/docs/PAGE/TCU/PUBLICACOES/PUBLICACOES_PERIODICAS/REVISTA_TCU/REVISTA0082.PDF)> Acesso em: 23 jun. 2007.
- TOYNBEE, A. J. *A herança dos gregos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- TUMA, Romeu. Senado Federal Pronunciamento Completo em 04.10.2005. Disponível em:  
<[http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT\\_DISC\\_DETALHE.SHOW\\_INTEGRAL?p=357820](http://legis.senado.gov.br/pls/prodasen/PRODASEN.LAYOUT_DISC_DETALHE.SHOW_INTEGRAL?p=357820)> Acesso em: 23 jun. 2007.
- USINA das Letras. Disponível em:  
<[http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=3378&cat=Teses\\_Monologos](http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=3378&cat=Teses_Monologos)>  
Acesso em: 26 set. 2006.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar.* Versión española de Maneuk Carrión. Madrid: Editorial Gredos, 1985.
- VARROD, Pierre. *Le Robert Collège.* Paris: 1997.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português.* Coimbra: Almeida, 1994.
- Webster's Dictionary of the English Language Unabridged.* New York: Published International Press, 1977.
- WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da lingüística.* Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial. 2002.
- WEINER, E. S. C. & SIMPSON, J. A. *The Oxford English Dictionary.* Oxford: at the Clarendon Press, 2004.
- WILLIAMS, Edwin. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa.* Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Sedegra, 1961.
- WIMMER, Franz. *Novo Michaelis: dicionário ilustrado português-inglês.* São Paulo: Melhoramentos, 1985.

## APÊNDICE A – Os objetivos das gramáticas de língua portuguesa produzidas entre 1536 e 1881 e a ausência do sufixo *-ismo*

Com o objetivo de descobrir em qual gramática da língua portuguesa o sufixo *-ismo* aparece pela primeira vez, pesquisaram-se as gramáticas, no período histórico da língua portuguesa, seguindo a divisão de Coutinho (1958, p. 61), que consiste em duas fases: a que abrange o século XII até o XVI, denominada arcaica, e a do século XVI, até os dias atuais, conhecida como moderna. Para isso, observaram-se as gramáticas a que se teve acesso, começando por Fernão de Oliveira. Porém, o sufixo *-ismo* foi encontrado, somente, na gramática de Júlio Ribeiro. Dessa forma, optou-se por fazer esse apêndice, para identificar as gramáticas que foram consultadas, procurando trazer informações sobre os objetivos desses autores ao produzirem suas obras. Esse apêndice permite entender o porquê de o sufixo *-ismo* não ter sido encontrado nas gramáticas de língua portuguesa, antes de Júlio Ribeiro.

### 1 A gramática de Fernão de Oliveira

Natural de Aveiro, Portugal, Fernão de Oliveira é marco na história da gramática da língua portuguesa. Nasceu em 1507 e viveu até 1580, possivelmente até 1581 (LEITE, 2007, p. 84). Frade dominicano, foi preso várias vezes, por ter desagradado o Tribunal da Santa Inquisição com suas posições heterodoxas. Em vinte e seis de outubro de 1555, foi preso “nas masmorras da Inquisição, em Lisboa, o insigne aveirense Padre Fernão de Oliveira, clérigo dominicano e diplomata, escritor e filólogo, marinheiro e soldado, aventureiro e perseguido, o primeiro gramático da língua portuguesa e porventura o primeiro tratadista naval de todo o mundo” (QUADROS)<sup>50</sup>. Mattos e Silva acrescenta que “entre 1547 e 1557 é preso por duas vezes pela Inquisição, ou por tendências heréticas ou como cismático” (MATTOS E SILVA)<sup>51</sup>. Mattos e Silva não esclarece o que são as tendências heréticas ou cismáticas, contudo sabe-se que, nesse período, heresia não estava relacionada com as afirmações contrárias aos textos bíblicos e, sim, com afirmações que questionavam a conduta e, as decisões dos líderes da Igreja.

<sup>50</sup> QUADROS, Rangel de. *Aveirenses notáveis*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Aveiro#S.C3.ADmbolos\\_e\\_etimologia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aveiro#S.C3.ADmbolos_e_etimologia)> Acesso em: 11 dez. 2007.

<sup>51</sup> MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Notas sobre avaliações linguísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros*. Disponível em: <http://www.prohpor.ufba.br/notas.html>> Acesso em: 11 dez. 2007.

Oliveira não foi somente gramático. Contribuiu também com obras na área da navegação, escrevendo *Na arte da guerra e do mar* e o *Livro da fábrica das naus*. Por ter lecionado para jovens fidalgos, inclusive para o filho de João de Barros, entende-se que ele viveu na corte, em Lisboa (MATTOS E SILVA)<sup>52</sup>. De 1540 a 1547, Oliveira viajou pelo mundo. Nos primeiros três anos ficou na Itália, provavelmente numa missão secreta com o objetivo de auxiliar na causa dos cristãos novos. Depois disso, retornou para Portugal e passou por momentos difíceis, principalmente com seus amigos, pois por discordar de algumas questões religiosas, fora perseguido até mesmo pelos Dominicanos (LEITE, 2007, p. 84).

Nessa época, o conceito de heresia era diferente daquele defendido pela Igreja Primitiva, na era apostólica. Falbel afirma que a crítica herética era “uma tentativa de apontar os erros e os desvios da instituição eclesiástica, da sua intervenção no poder secular, à custa de sua missão espiritual; enfim, uma tentativa de alertar a sociedade cristã de que os seus representantes desvirtuaram a verdadeira imagem da religião fundada por Cristo” (FALBEL, 1977, p. 14). Outra afirmação importante, a respeito de heresia, é do famoso teólogo e filósofo Tomás de Aquino. Este dizia que os pregadores de heresia também tinham vontade de seguir a Cristo, além disso, afirmou que “aquilo que distingue os hereges dos fiéis é a persuasão e a vontade de seguir uma estrada própria como discípulo de Cristo, mesmo contra a autoridade da Igreja (S. Th.II, II, 11,1)” (FRIES, 1983, p. 278).

Afinal, na Idade Média, antes de Oliveira, a Igreja já era criticada por vários fatores. Em sua obra *Monarquia*, Alighieri critica a liderança e a prática da Igreja:

Aqueles que se definem como zelosos observantes de nossa fé foram precisamente aqueles que de modo exagerado reagiram e em vão tramaram contra a primazia romana. Sequer demonstraram compaixão pelos pobres de Cristo que, antes de tudo, são defraudados nas rendas eclesiásticas, enquanto, além de tudo, o próprio patrimônio é pilhado dia após dia, empobrecendo desse modo a Igreja. Entrementes, eles simulam a justiça e não admitem aquele que faz justiça (ALIGHIERI, 1310, p. 86).

Com essas afirmações a respeito da posição da Igreja em relação aos hereges, é possível entender as dificuldades que Oliveira passou, pois em sua obra *Na arte da guerra e do mar*, ele condena o comércio de escravos, a escravidão e o uso de armas de fogo, visto que estas tinham condições de eliminar vidas humanas. Muitos outros fatos ocorreram na vida de Fernão de Oliveira, contudo importa, para esta pesquisa, a sua gramática.

Parte-se do pressuposto de que a gramática de Fernão de Oliveira é a primeira da língua portuguesa. Sobre esse assunto, Leite (2007, p. 86) lembra que há uma polêmica entre os historiadores da linguística, seja portuguesa ou brasileira. Ao ler-se a gramática de Fernão de Oliveira, nota-se que sua preocupação era com o uso, com a língua falada. Para Mattos e Silva, o foco de Fernão de Oliveira é a fonética articulatória. Ele

---

<sup>52</sup> MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Notas sobre avaliações linguísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros*. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/notas.html>> Acesso em: 11 dez. 2007.

procurou descrever as “vozes” do português. Em sua obra, trabalha com questões fonológicas nos primeiros dez capítulos, do VIII ao XVIII. Do capítulo XIX ao XXVII trata de sílabas. O acento das palavras aborda nos capítulos XXVIII e XXIX. As dicções, mencionadas por Oliveira, ou palavras, ou vocábulos são trabalhados nos capítulos XXX ao XXXIX. Nesses capítulos, há um estudo voltado para a lexicologia e morfologia derivacional. A morfologia flexional é encontrada no capítulo XL até o XLIX<sup>53</sup>.

O público alvo de Fernão de Oliveira eram os portugueses e os estrangeiros. Os temas abordados por ele são a natureza da linguagem e das línguas, a mudança linguística e variedade da língua histórica. “As suas teses teóricas mais importantes dizem respeito: a) à natureza da linguagem e das línguas; b) à mudança linguística; c) à variedade da língua histórica” (COSERIU 1996:56). A sua gramática é considerada descritiva e pode-se “dizer sem medo de errar, que o estudo sistemático da língua portuguesa nasceu com Fernão de Oliveira e sob a égide da descrição do *uso* da língua efetivamente praticada pelos portugueses na vida cotidiana, e não de norma extraída de textos escritos literários” (LEITE, 2007, p. 87). Para Casagrande (2004, p. 37), a obra de Oliveira tinha como objetivo elogiar a estrutura da língua portuguesa, pois se assemelhava ao latim e ao grego, de descrever a língua portuguesa e estudar a ortografia. Ao analisar a postura de Oliveira, Casagrande (2004, p. 39) acredita que ele poderia ser considerado, à luz das teorias atuais, um gramático estruturalista. A argumentação desta autora tem base na proposta de Oliveira, que consistiu em trabalhar os aspectos morfológicos da língua portuguesa, sem explorar a sintaxe.

As gramáticas dos séculos XV e XVI eram divididas em oito partes: o nome, o pronome, o verbo, o advérbio, a partícula, a conjunção, a preposição e interjeição. Segundo Casagrande, essas mesmas divisões permanecem nas gramáticas, até os dias atuais, mudando apenas a nomenclatura de uma ou outra área de estudo (CASAGRANDE, 2004, p. 39). “Apesar de a Gramática de Fernão de Oliveira ter nascido de uma sugestão de D. Fernando de Almada, pai de um dos pupilos do autor, não há menção à instituição escolar, já que, em Portugal, os responsáveis pela educação da elite portuguesa eram os monges dominicanos e não as autoridades da Corte” (CASAGRANDE, 2004, p. 43).

Segundo Coseriu, Oliveira foi um mau etimologista, pois “suas ideias sobre a história da língua são, na maioria das vezes, ingênuas ou erradas” (COSERIU, 1996, p. 32). Importa perceber que para os autores dessa época, ao se reportarem à morfologia, empregavam o vocábulo “etimologia”<sup>54</sup>. Este vocábulo deixou de ser usado apenas a partir do século XVIII (AUROUX, 2001, p. 95).

Com esse perfil de gramática apresentado por Fernão de Oliveira, ou seja, um estudo a respeito da linguagem que representasse a expressão do pensamento e como os princípios racionais e lógico eram parâmetros para a língua (SILVA)<sup>55</sup>, percebe-se que é difícil encontrar em seus estudos tema como morfologia, especificando o uso dos sufixos em sua época. Duas gramáticas portuguesas do século XVI, a de Fernão de Oliveira escrita em 1536, e a de João de Barros escrita 1540, não apresentam o sufixo *-ismo*. Para Coseriu (1985, p. 32), Fernão de Oliveira não é um bom etimologista e, mesmo tendo um ótimo conhecimento da cultura humanística, parecia não entender ou, pelo menos, fazer uma relação da língua portuguesa com o latim. Desta forma, percebe-se que um estudo de sufixos, principalmente relacionando-os com a língua latina, não se fez necessário. Nessa gramática, já é possível identificar a presença de estrangeirismo na língua portuguesa, nas seguintes palavras de Oliveira: “As dicções alheias são aquelas que doutras línguas trazemos à nossa por alguma necessidade de

<sup>53</sup> MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Notas sobre avaliações linguísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros*. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/notas.html>> Acesso em: 11 dez. 2007.

<sup>54</sup> Como lembra a professora Leite em aula, “etimologia para Oliveira era a história da palavra”. Aula da Dra. Marli Quadros Leite proferida no dia doze de agosto de 2007, no curso de Uso e Norma em Gramáticas Portuguesas, na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

<sup>55</sup> SILVA, A *precursora e a sucessora da gramática de Port-Royal*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicações/textos/p00006.htm>> Acesso em: 11 dez. 2007.

costume, trato, arte ou coisa alguma novamente trazida à terra. O costume novo traz à terra novos vocábulos...” (OLIVEIRA, 1536, p. 36). Não é mencionado, mas poder-se-ia pensar nas palavras terminadas em *-ismo* na língua francesa, *-isme*, que passaram para a língua portuguesa, como por exemplo *solecismo*.

Que Fernão de Oliveira não aceitava um estudo etimológico dos vocábulos portugueses, atribuindo sua origem a outro idioma, é fato, mas “encontramos uma classificação de palavras que testemunha a atenção ao aspecto lógico-semântico da língua e, talvez, à noção de modo” (KOSSARIK, 1998, p. 16). Propõe que, quem faz essas afirmações, são pessoas que se posicionam contra a língua portuguesa, tornando tal língua dependente de empréstimos de outros idiomas. Essa postura, segundo Oliveira, torna a língua portuguesa pobre, tira dela tudo o que lhe é próprio. A indignação do autor é tal, a ponto de questionar as pessoas que fazem isso a respeito da presença de homens em Portugal, tanto antigos como nobres e sábios (OLIVEIRA, 1536, Cap. XXXIII). Em sua gramática não são mencionados os termos prefixos e sufixos. A partir do que é estudado por Varrão e Nebrija, em sua abordagem sobre vocabulários, denominada ‘Das Dicções’, apresenta um esboço de lexicologia. Coseriu entende que esse esboço “é a primeira teoria da composição das palavras que conhecemos da história da linguística românica” (COSERIU, 1985, p. 45).

Oliveira (1536, Cap. XLII), denominando *As declinações naturais*, trata das dicções juntas, momento esse em que é possível perceber o estudo de prefixos, mesmo sem classificá-los assim. Ele entende que “aquelas em que se ajuntam diversas dicções ou suas partes, fazendo uma só dicção, como *contrafazer*, *refazer*, *desfazer*, nas quais dicções se ajuntam diversas outras dicções em cada uma delas. Em *contrafazer* se ajuntam *contra* e mais *fazer*; e em *refazer* se ajuntam *re* e mais *fazer*; e em *desfazer*, *des* e mais *fazer*” (OLIVEIRA, 1536, Cap. XXXV).

Além disso, nota-se que Oliveira (1536, Cap. XXXV) também tem conhecimento de que o prefixo por si só não tem significado. “E, posto que cada uma destas partes não signifique apartada por si, como *re* e *des*, que apartadas não dizem coisa alguma”. Ele tem dificuldade de aceitar a etimologia das palavras, pois conclui que nem sempre era possível descobrir a origem das palavras, que ele denominava de dicções. Segundo o autor, a formação era algo muito difícil para entender (OLIVEIRA, 1536, Cap. XXXV). Quanto aos prefixos, ele opta por não classificá-los com uma nomenclatura. Segundo a sua compreensão, na língua portuguesa há partes ou vozes que não apresentam nenhum significado. Por esse motivo, prefere não denominar essas partes como nomes, verbos entre outros, não as classificando como parte da oração ou da língua (OLIVEIRA, 1536, Cap. XXXV). Mesmo assim,

compreende sua importância para a formação de outras palavras, ao dizer que “fazem ajuntamento ou composição, porque de seu nascimento elas são apartadas, mas têm por ofício servir sempre em ajuntamento, e nunca as achamos fora dele” (OLIVEIRA, 1536, Cap. XXXV). Com tal explicação, “são estas as partes: *re*, *es* e *des*, as quais se ajuntam assim: *revender*, *estorvar* e *desconcertar*” (OLIVEIRA, 1536, Cap. XXXV).

Sufixos também são mencionados por Oliveira e assim, como os prefixos, ele não faz menção do termo sufixo. Mas, o seu estudo nessa área demonstra como tem compreensão do uso do sufixo *-mente*, quando aborda os advérbios. Segundo o autor, os advérbios que terminam em *-mente*, apresentam o significado de qualidade. Lembra, também, que nem todos os advérbios que têm o significado de qualidade terminam em *-mente*. O exemplo, fornecido por ele, é um vocábulo não utilizado na atualidade, *prestemente*, que era usado apenas pelas pessoas mais idosas. Segundo Oliveira, os idosos também têm a facilidade de produzir certos nomes verbais terminados em *-mento*, como *comprimento* e *aperfeiçoamento*, entre outros que já não eram mais utilizados em sua época. O autor também classifica os advérbios na declinação natural, aqueles que são formados por *-mente*, como *compridamente*, *abastadamente* e *chãmente* (OLIVEIRA, 1536, Cap. XLII).

O sufixo *-eiro* é trabalhado por Oliveira, ao explicar a formação dos seguintes vocábulos: *pedreiro*, *carpinteiro* e *sapateiro*. Tem, ainda, noção da influência estrangeira na língua portuguesa. No capítulo XXXII, sua abordagem consiste em trabalhar as palavras de origem estrangeira. Usando o termo *dicções*, o autor denomina palavras estrangeiras de *dicções alheias*. A necessidade dessas, na língua portuguesa, ocorre por causa de alguns costumes na sociedade de língua portuguesa que precisa de palavras para suprir ou denominar tais costumes. Isso pode ocorrer por causa de algo novo que entrou para a sociedade a que Oliveira pertence, nesse caso, tanto no trato como na arte. Oliveira entende que novos costumes levam para Portugal novos vocábulos. A exemplo disso, o autor menciona os vocábulos *picote*<sup>56</sup> e *burel*<sup>57</sup>, ambos de origem francesa. Outro vocábulo como exemplo é *alquicé*<sup>58</sup>, esse de origem árabe.

Quanto ao vocábulo francês *arcabuz*<sup>59</sup>, Oliveira entende que é uma palavra que chegou a Portugal sete ou oito anos antes, provavelmente, da época em que ele estava escrevendo, informando que, antes desse período, tal palavra nunca fora conhecida em sua

---

<sup>56</sup> Certo pano grosseiro de lã.

<sup>57</sup> Tecido grosseiro de lã de cor parda, marrom ou preta, usado na vestimenta de alguns religiosos e penitentes.

<sup>58</sup> Variedade de capa mourisca, tecido para cobrir mesas e bancos.

<sup>59</sup> Antiga arma de fogo, portátil, de cano curto e largo, que em sua origem era disparada quando apoiada numa forquilha; Espingardão. Esta arma surgiu no século XV, mais tarde foi suplantada pelo mosquete.

região. A respeito dessa palavra, ele a denomina de nova e não alheia, acreditando na possibilidade de o uso dela, na França, também ter sido algo novo na época. Para que se entenda a etimologia de *arcabuz*, Oliveira propõe que, primeiro, é necessário descobrir onde surgiu o objeto assim denominado, não só o local, mas entende que é necessário descobrir quem tinha dado tal nome ao objeto e perguntar a essa pessoa por que utilizara esse nome. Um problema que ele apresenta é que a pessoa que encontrou tal objeto, não necessariamente tenha colocado o nome no objeto e, sim, outros que tiveram contato, depois, com o mesmo objeto. Para Oliveira, esse seria um trabalho muito difícil, encontrar essas pessoas, e assim, a origem das dicções (OLIVEIRA, 1536, Cap XXIX). Um outro gramático, contemporâneo a Fernão de Oliveira, que merece ser estudado, é João de Barros.

## 1.2 A gramática de João de Barros

Natural de Viseu, João de Barros viveu entre 1496 a 1570. Foi educado num período em que Portugal estava vivendo o auge de sua expansão, época dos descobrimentos. Por ser filho de um nobre, na realidade, de um político com trâmite na Corte, teve a possibilidade de ser educado na Corte de D. Manuel. Ele foi recebido nos Paços da Ribeira, o centro da Corte Portuguesa, aos treze anos. Leite escreve que ele foi para o Palácio Real ainda novo (2007, p. 88) e ali trabalhou para D. João III como moço do Guarda-roupa do príncipe. Por meio desse trabalho, ele adquiriu conhecimento das línguas clássicas, bem como suas literaturas, sendo alguém semelhante aos humanistas da mesma época (LEITE, 2007, p. 88).

Com vinte anos ou um pouco mais, já estava escrevendo suas obras, iniciando com a *Crónica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem*. Essa obra foi dedicada ao ainda príncipe D. João. Quando este se tornou rei de Portugal, convidou João de Barros para o ofício público. Antes de exercer essa função, trabalhou como tesoureiro da Casa da Índia<sup>60</sup>, entre 1525 e 1528. Barros “viveu em Pombal, fugindo da peste que assolou Lisboa em 1530 e evitando as consequências do grande terremoto de 1531 que destruiu a capital”<sup>61</sup>. O rei D. João III, quando dividiu a colônia Brasil em capitânicas hereditárias, pois estava preocupado com a invasão francesa, concedeu a João de Barros, em 1535, a Capitania do Maranhão. Mattos e Silva (2007, p. 48) apresenta alguns detalhes da vida de João de Barros que colaboram para compreender como ele teve contato com outros idiomas:

---

<sup>60</sup> Organizada em Lisboa, a Casa da Índia foi uma instituição que assegurava o monopólio régio da navegação e do comércio com o Oriente.

<sup>61</sup> ARQNET. Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/portal/biografias/barrosjoao.html>> Acesso em: 11 dez. 2007.

Em 1567, retira-se para a sua quinta, em Pombal, Beira litorânea, com avultadas tenças régias, mas insuficientes para os débitos contraídos com a expedição para o Maranhão, que seus herdeiros deveriam pagar, como recomenda no seu testamento. Assim, Beira Alta, Lisboa, Beira Litoral delimitam o espaço conhecido pelo qual transcorreu a vida de João de Barros, mais restrito, sem dúvida, que o de Fernão de Oliveira. Não se pode, contudo, deixar de ressaltar o fato de que, sendo funcionário da Casa das Índias, centro principal do comércio do império português, de 1525 a 1567, tenha convivido com falantes de variadas áreas e classes sociais de Portugal, além de africanos e asiáticos, que por ali transitaram, nesse momento histórico da expansão portuguesa pelo mundo.

Na época em que permaneceu na Quinta do Alitém, publicou a *Pnefma* (Mercadoria Espiritual). Com essa obra procurou defender a pureza da fé cristã. Em 1539, publicou a cartilha *Cartinha* de João de Barros e, em 1540, *O Diálogo de João de Barros com dois filhos seus sobre preceitos morais*. Foi nesse mesmo ano que publicou a *Grammatica da língua portuguesa*. Afinal, “os temas aos quais se dedicou como escritor foram, em resumo: história, geografia, religião, moral e, adicionalmente, línguas” (LEITE, 2007, p. 88).

A gramática de João de Barros, editada pela primeira vez em 1540, é composta de ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe. Fávero explica as partes, com as seguintes palavras: a gramática está dividida em “quatro partes: ortografia (letra), prosódia (sílabas), etimologia (diçã) e sintaxe (construção)...” (2000, p. 181). Na primeira parte encontra-se uma *Cartinha*, de orientações para aprender a ler e explicações sobre a liturgia da missa. Na segunda parte é possível perceber o perfil pedagógico da gramática, visto que é destinada para meninos, portugueses e estrangeiros das terras conquistadas por Portugal (LEITE, 2007, p. 105). Costa faz uma observação em relação ao conceito de estrangeiro para Barros. Ela pergunta: “qual é, portanto, o outro linguístico para João de Barros? São as línguas dos povos dominados, pois que o latim, sendo a ‘mãe’ do português, não lhe parece outro, é da família. Afinal, para ele, *João de Barros*<sup>62</sup>, os produtos das culturas grega e romana são patrimônios de todos” (COSTA, 2004, p. 309). A classificação das palavras aparece na terceira parte, bem como a análise das flexões verbal e nominal. A sintaxe é apresentada na quarta parte. Nos últimos dois capítulos, são apresentados alguns tipos de barbarismos. Na metáfora do jogo de xadrez, Barros informa a sua compreensão de unidade linguística.

Mattos e Silva (2007, p. 49) percebe as divisões da gramática de Barros, de forma a destacar que sua ênfase é nas letras e não nas vozes. Depois dessa afirmação, ela descreve a gramática com as seguintes palavras:

Inicia sua *Gramática* com uma curta apresentação histórica da representação gráfica, com base, explícita nos gregos e latinos, a que se segue um breve capítulo sobre a sílaba. Segue-se a *Gramática*, no final, a sua *Ortografia*, primeira proposta ortográfica para o português, com regras sucessivas e sistemáticas para o uso de cada “lêtera”, finalizando com observações sobre os sinais de pontuação. João de Barros ocupa quase toda a *Gramática* (...) num enfoque com base nas classes de palavras. Segue-se a essa

<sup>62</sup> *Grifo nosso.*

classificação circunstanciada um capítulo que poderíamos chamar hoje de morfossintaxe, em que está subjacente a noção de função sintática. Apresenta por fim, um longo capítulo, intitulado “Das figuras” – “figuras e vícios que assim na fala como na escritura cometemos” (1971[1540]:357) – segundo a tradição explicitada pelo gramático latino Quintiliano.

A sua gramática apresenta pontos convergentes e divergentes, em relação à gramática de Fernão de Oliveira. Provavelmente, as muitas coincidências entre as gramáticas desses autores têm sua origem no fato de eles terem utilizado as mesmas fontes, visto que, as gramáticas latinas lhes serviram de modelo. Nota-se, também, uma semelhança entre a obra do espanhol Antonio de Nebrija e a de João de Barros. Mesmo assim, encontra-se na gramática de Barros o resultado de uma reflexão acerca da língua portuguesa, logo, seria mais do que uma mera adaptação da obra de Nebrija. Afinal, no estilo de ambos encontram-se algumas divergências, pois enquanto Barros se propõe a escrever com um perfil pedagógico, Nebrija apresenta um aspecto doutrinário (MONTEIRO)<sup>63</sup>. Leite, depois de ter realizado as várias pesquisas nas obras existentes sobre os dois autores, classifica Fernão de Oliveira como um analista, alguém que estudou a língua, um gramático. “Já João de Barros foi um historiador que escreveu sobre a língua”. (LEITE, 2007, p. 92).

Assim como Oliveira, Barros também não faz uma abordagem morfológica do léxico português como é feito nas gramáticas atuais. Afinal, em relação à etimologia das palavras, afirma que é muito difícil descobrir onde e como uma determinada palavra foi utilizada pela primeira vez. Ele tem consciência da existência dos empréstimos lexicais, procurando assim nomear as suas origens, principalmente os latinos e árabes. Enquanto Fernão de Oliveira apresenta informações e anotações mais ricas e avaliativas, explorando variações tanto diacrônicas como sincrônicas, principalmente a respeito do uso real de 1536, Barros produziu uma gramática de natureza prescritiva e dogmática, cujo resultado foi uma gramática pedagógica (MATTOS E SILVA, 2007, p.58). Com o perfil desses autores, associado ao contexto cultural da época, não se encontram nessas gramáticas estudos que abordam a formação de palavras, analisando os sufixos.

A gramática de Barros, diferente da de Oliveira, faz uma apologia do vernáculo, defendendo a sua aproximação do latim, e aplica este ao português. Oliveira intitula a sua obra a respeito da descrição do português de *Gramática da linguagem*, Barros, de *Gramática da Língua*, mesmo usando o termo *linguagem*, quando faz apologia da língua portuguesa (KOSSARIK, 1998, p. 41). Assim como Oliveira, Barros também percebe a presença de sufixos nos advérbios, porém não menciona o termo *sufixo*. Em sua abordagem *Do advérbio e*

---

<sup>63</sup> MONTEIRO, José Lemos. *As ideias gramaticais de João de Barros*. Disponível em: <<mailto:jolemos@baydenet.com.br>> Acesso em: 11 dez. 2007.

*suas partes* ele afirma que: “per outra maneira soprimos gram diversidáde de avérbios, ajuntando a um nome ajetivo feminino ésta palávra *mente* e dizemos: boamente, màmente, escas[s]amente, grandemente etc., que quér dizer boa, má, escás[s]a, grande vontade” (BARROS, 1540, p. 347).

Mesmo não trabalhando com sufixo, muito menos com o sufixo *-ismo*, Barros faz menção de vocábulos que terminam com esse sufixo ao explicar as figuras, conceituadas conforme Quintiliano, ou seja, um meio de dizer algo por um modo novo (BARROS, 1540, p. 357). Para ele, as figuras se dividem em dois gêneros: “ao primeiro viço chamamos barbarismo e ao segundo solecismo” (BARROS, 1540, p. 357). Não há, na gramática de Barros, nada que explique a formação ou a etimologia dos vocábulos *barbarismo* e *solecismo*.

### 1.3 Objetivo das gramáticas no período entre João de Barros e Júlio Ribeiro e ausência do sufixo *-ismo*

Segundo Auroux (1992, p. 66), “uma gramática contém (pelo menos): a. uma categorização das unidades; b. exemplos; c. regras mais ou menos explícitas para construírem enunciados (os exemplos escolhidos podem tomar seu lugar”. Entende que o conteúdo das gramáticas, relativamente, é estável. O que permanece entre elas é a ortografia, aparecendo a fonética como parte opcional; a morfologia, abrangendo os acidentes da palavra, compostos e derivados; a sintaxe e as figuras de construção (AUROUX, 1992, p. 67). Entre outras disciplinas científicas, nota-se que a gramática possui um vocabulário próprio. Esse vocabulário é estável e antigo, pois ele aborda as categorias gramaticais das partes dos discurso ou das classes de palavras (AUROUX, 1992, p. 101).

Antes de tratar da presença do sufixo *-ismo*, nas demais gramáticas de língua portuguesa, considerar-se-ão as palavras de Auroux (1992, p. 101), a respeito de gramática:

A gramática repousa sempre sobre uma análise da cadeia falada. Esta análise realiza duas práticas suscetíveis de se chegar à palavra, que são logicamente distintas, ainda que sua diferença não pareça ter sido tomada como tema de uma reflexão específica. De um lado, temos uma *decomposição linear*: por exemplo, a cadeia em frases, a frase em sujeito e predicado, o sujeito em palavras etc. A conexão das partes de mesmo nível obtidas pela decomposição dá uma expressão linguística. Do outro encontramos uma *repartição das partes em função de propriedades imbricadas*: por exemplo, as proposições são repartidas em proposições principais e incidentes, as palavras em nomes, verbos etc. Temos então classificações (formalmente uma classificação supõe oposições dicotômicas) das unidades de diferentes níveis. A reunião das partes de mesmo nível dá a extensão da classe e não uma expressão linguística. Os antigos autores começaram inicialmente pelo primeiro procedimento; mas os gramáticos se interessaram rapidamente pela classificação das formas nas diferentes categorias.

É fato conhecido que nenhum falante usa “todas as regras da gramática tradicional ou conhece todas as palavras dos dicionários da língua, mas o contrário também é verdadeiro:

nenhuma gramática traz o conhecimento da língua que o falante possui e nenhum dicionário tem registradas todas as palavras que o falante conhece” (LEITE, 2006, p. 18). Assim, será possível perceber a presença de estudos do sufixo *-ismo* em algumas gramáticas e, em outras, do mesmo período, esse sufixo não é estudado. Isso ocorre mesmo que esse sufixo tenha sido produtivo, no momento em que tais gramáticas foram escritas.

O pensamento de produzir uma gramática no período Medieval e Renascentista, na Europa, foi herdado da Antiguidade. Percebe-se isto tanto no cânone gramatical, como nas noções de letra, de sílaba, de palavra, de oração, de partes do discurso e suas categorias entre outras (KOSSARIK, 1998, p. 15). Mesmo nas gramáticas portuguesas, não apresentando referências aos autores medievais, encontram-se vestígios destes nos séculos XVI e XVII. Kossarik (1998, p. 17) afirma, ainda, que, na sociedade da época, uma das principais preocupações era o funcionamento da língua. Essa questão é notada na apologia da língua nacional, como característica do período renascentista, algo que ocorreu depois dos tratados provençais e catalães dos séculos XII – XIV e da obra de Dante. Tal apologia também abrangia a língua que era resultado dos descobrimentos que Portugal realizara. Por ordem cronológica, observar-se-á a presença do sufixo *-ismo* na história das gramáticas da língua portuguesa, iniciando com o Pe. José de Anchieta.

### **Ano 1592**

#### **ANCHIETA, Pe. José de. *Arte de gramática*.**

Numa edição facsimilar da obra de Anchieta<sup>64</sup>, não foi encontrado estudo a respeito de sufixos. Logo no prefácio, percebe-se que a obra serviu de cartilha para os primeiros evangelistas em solo brasileiro. Manuscrita em 1556, essa obra colaborou para o ensino da língua tupi no Colégio da Baía. O seu estudo tornou-se obrigatório pelo padre Luís da Grã em 1560. Tentou-se imprimir o opúsculo, em 1592, mas foi somente em 1595 que este fato se concretizou. Entende-se, pelo objetivo da obra, e pelo período em que ela foi escrita, que não havia interesse em formação das palavras e nem a cosmologia colaborava com as pesquisas na área morfológica.

---

<sup>64</sup> Nascido na ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias, era filho de Juan López de Anchieta, um revolucionário que tomou parte na revolta dos Comuneros contra o Imperador Carlos V, na Espanha. Sua mãe chamava-se Mência Dias de Clavijo e Larena. Anchieta viveu até os catorze anos onde nascera e depois se mudou para Coimbra. Nesta cidade, estudou filosofia no Colégio das Artes. Em 1551, ingressou na Companhia de Jesus.

## Ano 1606

### LEÃO, Duarte Nunes do. *Origem e Orthographia da lingoa portuguesa*

A descrição sistemática da história da língua portuguesa, escrita por Nunes Leão, ocorre em 1601, obra publicada em 1606, porém a edição consultada foi a de 1864. Esta edição, com o título *Origem e Orthographia da lingoa portuguesa*, abrange as duas obras que antes foram editadas separadas, uma sobre a *Orthographia da lingoa portuguesa*, em 1576 e a outra, intitulada *Origem da lingoa portuguesa*, em 1606. No prólogo da edição de 1864, entende-se que não houve alterações nas obras, a não ser juntar as duas. O editor diz que “nada se lhe alterou, nem mudou da mão original, conserva-se do mesmo modo o seu Texto, não só em quanto á Orthographia, mas até em quanto á sua mesma Pontuação” (LEÃO 1864:Prólogo). Os objetivos dessas duas obras também estão expressos no prólogo da edição de 1864. Segundo o editor, entende-se que a obra relacionada com a ortografia tinha como parâmetro as regras das escrituras das pessoas consideradas sábias pelo autor. Já, na obra relacionada à origem da língua portuguesa estuda-se a etimologia dos vocábulos e as suas derivações.

No capítulo sete, intitulado *Origem: das muitas maneiras per que se causou a corrupção da lingoa Latina que em Hespanha se fallava na que se oje falla*, é possível observar aspectos da evolução da língua portuguesa, denominados pelo autor de corrupção. Como exemplo, entre outros, ele cita a palavra *sermo* que já estava sendo pronunciada como *sermão*; a palavra *prudens* que, em sua época, já se pronunciava *prudente*; a palavra *sanguis* que já era pronunciada *sangue*. Contudo, não aparece em sua obra um estudo acerca de afixos. Nem mesmo no capítulo nove, intitulado *Origem: dos vocábulos que tomamos dos Gregos*, por mais que se encontre ali uma lista de vocábulos oriundos da língua grega, não se encontrou palavra terminada com o sufixo *-ismo*

## Ano 1611

### FERREIRA, Alvaro. *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portugueza.*

No prólogo da sua gramática, depois de citar vários autores gregos, Ferreira lembra da importância de uma pessoa ter eloquência no falar e no escrever. Para ele, o homem que escreve pouco, conhece pouco. Ele afirma que as palavras “são o toque, em que se vê o valor das pessoas & a diferença que há do nobre ao plebeio & do vicioso ao bem instituído. Porem digo, que se esta ventajem se conhece nas palavras, muito mais se conhecerá na perfeição das

letras, & certeza na orthographia” (1611, p. 02). Apresentando as letras do alfabeto português em sua obra, o autor enfatiza o uso correto de cada uma delas e, mesmo assim, não há nessa obra estudos acerca dos afixos.

### Ano 1619

#### **ROBOREDO, Amaro de. *Methodo grammatical para todas as línguas.***

Outra obra também desse período é a de Roboredo<sup>65</sup>. A importância dessa gramática está relacionada com o elo que o seu conteúdo desenvolve entre os séculos XVI e XVII. Na época em que essa gramática foi escrita, havia estrangeiros em Portugal, tais como ingleses e ciganos. Estes, por viverem furtando, foram deportados do Reino de D. João IV; já, aqueles se dedicavam ao comércio e à indústria. Além deles, havia também os escravos. Estes eram os indianos, os mouros, os negros que viviam ali para servir à Corte, explorar a agricultura e trabalhar nas atividades mineira nas colônias da América (BASTOS & PALMA, 2004, p. 47). Roboredo apresentou uma proposta de ensino de língua portuguesa, com prescrição de regras por meio de frases. A sua obra está assim dividida:

O livro é dividido em dez capítulos, na primeira parte, e em dez centúrias (dez coleções de cem sentenças), na segunda parte. Entre os capítulos da primeira parte, encontra-se o seu método de ensino “do meio”, isto é, unindo a praticidade à gramática e as sentenças deveriam pertencer ao universo de experiências do aprendiz. No que se refere à gramática, as sentenças deveriam ser gramaticalmente corretas. Dessa forma, acreditava que o aluno memorizava as sentenças que, estando de acordo com a norma padrão-culto da língua portuguesa, espanhola e latina, diziam respeito ao seu cotidiano.

Finaliza a primeira parte, considerando que os mais bem dotados de memória conseguirão melhor se aplicar em sua obra, donde se observa que a memória é um fator importante para o aprendizado de línguas, segundo Amaro de Roboredo, e justificando que a divisão das sentenças em centúrias facilitaria a aprendizagem àqueles que desejassem elevar seu nível cultural e/ou aprender uma segunda língua. Na segunda parte, encontram-se questões gramaticais, instruções para se lerem as sentenças e centúrias (BASTOS & PALMA, 2004, p. 59).

Ele é um dos primeiros colaboradores com as ideias linguísticas inovadoras e sua obra não deixa de defender a língua nacional apresentando uma comparação entre o latim e o português. (KOSSARIK, 1998, p. 41). Essa obra é dividida em três livros, que são divididos em capítulos, os quais comparam os sistemas gramaticais das duas línguas: a portuguesa e a latina. Mais preocupado com a conjugação dos verbos, não é feita ali uma abordagem sobre sufixos. Mesmo assim, nota-se a presença dos mesmos vocábulos encontrados na gramática de Barros que terminam com o sufixo *-ismo*: *solecismo* e *barbarismo*.

<sup>65</sup> “Amaro de Roboredo foi um dos mais célebres gramáticos portugueses; seguiu o estado eclesiástico, e teve um Benefício da Igreja de Nossa Senhora da Salvação da Vila d’ Arruda, Distrito de Lisboa. Nasceu na Vila d’ Agosto, da Província de Trás-os-Montes, conforme uns, ou na cidade de Viseu, conforme querem outros. Nada consta com certeza quanto às datas de seu nascimento e óbito.” (BASTOS & PALMA 2004:56).

**Ano 1721**

**ARGOTE, Jeronymo Contador de. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina.***

Outra obra é a de Jeronymo Contador de Argote, com a segunda edição em 1725. Numa estrutura de perguntas e respostas, é no capítulo II que autor trata de nomes. A classificação dos substantivos é denominado por ele de castas e os divide em próprios, apelativos e coletivos. Conceitua substantivo como “aquelle que per si so sem ajuda de outrem pode estar na oração” (1725, p. 21). Sua explicação acerca dos substantivos é a maior parte acompanhada da explanação dos adjetivos. O vocábulo *sufixo* não aparece em sua obra, somente o vocábulo *terminação*, quando expõe o superlativo.

**Ano 1736**

**LIMA, Luís Caetano de. *Orthographia da lingua portugueza.***

A obra de Luís Caetano de Lima não traz estudos a respeito da formação de palavras, contudo o autor elogia, no prefácio, os homens que se dedicaram ao estudo dos seus idiomas, procurando organizar a ortografia e os acentos. Para Lima justificar a produção da sua obra, explica que não faz profundas reflexões e menciona, como exemplo, duas estátuas, uma de bronze e outra de ouro. Diz que ninguém deixa de apreciar a estátua de bronze, pelo fato de ser de bronze, mesmo que esse material não tenha o mesmo valor que o ouro. Assim, a sua obra, perante as demais existentes na sua época, não deixa de ter menos valor do que as outras. Lima não concorda que a sua obra seja resultado de trabalho, sem demonstrar a capacidade de pesquisa. Ele a considera importante, mesmo que não tenha trabalhado nela morfologia, etimologia e sintaxe.

**Ano 1770**

**LOBATO, Antonio Jose dos Reis. *A arte da grammatica da lingua portugueza.***

A gramática de Lobato é dividida em duas partes. A primeira aborda a etimologia. Nela há seis livros divididos em lições. Na segunda, encontra-se a sintaxe, parte esta composta por quatro livros e também divididos em lições. O modelo de etimologia escolhido por Lobato é a dos antigos gramáticos gregos, romanos e medievais. “Reis Lobato defende o ensino de língua materna (...) indica as fontes em que se baseou, referenciando gramáticos

mais destacados da Europa e apresenta uma resenha histórica da gramatologia portuguesa” (ZANON & FACCINA, 2004, p. 86).

Encontram-se, na introdução, as razões que justificam a produção dessa obra. Segundo o autor, a gramática é necessária, para que as pessoas falem sem erros e que tenham conhecimento dos fundamentos da língua usada no cotidiano. Explica, também, a importância da gramática, pois, quando o falante conhece as regras da sua própria língua, passa a ter mais facilidade para aprender outro idioma (1770, XI).

Depois de mencionar a necessidade do ensino da gramática, onde se ensina as crianças a ler e a escrever, Lobato diz que a obra de Fernão de Oliveira, por mais que tenha como título *Grammatica da linguagem portugueza*, não pode ser chamada de gramática “porque contém sómente huma breve noticia das letras e seus sons, e huma confusa idéa da declinação dos nomes” (1770, XXIII). A obra de João de Barros também passa pelos seus crivos, afirmando que é uma obra “muito breve, pois não tem perfeita idéa do que he Grammatica por não tratar das partes do discurso com a extensão, e clareza necessária” (1770, XXIV).

Lobato não trata de sufixos. Na parte I, intitulada *Etymologia*, no livro I, explica os substantivos na subdivisão *Do nome e suas diferenças*. Nesse momento, após conceituar o substantivo próprio que ele também denomina de *Appellativo*, lembra que nessa classe existe o *Augmentativo e o Diminutivo*. Assim escreve:

Substantivo Augmentativo he aquelle , que significa com augmento o mesmo , que o nome primitivo , donde nasce ; assim como o Substantivo *Homemzarrão* , que significa com augmento o mesmo , que o nome *Homem* , de que se deriva; porque quer dizer homem de estatura maior, que a ordinaria. Usa-se pela maior parte na oraçõa familiar.

Substantivo Diminutivo he aquelle, que significa com diminuição o mesmo, que o nome primitivo, de que se deriva como v. g. o substantivo *Livrinho*, que significa com diminuição o mesmo, que significa o nome *Livro*, donde ele traz a sua origem, porque quer dizer livro pequeno. A nossa lingua tem grande copia de diminutivos, que lhe dão muita graça, e delicadeza (LOBATO, 1770, p. 11).

Observando as suas palavras, pode-se entender como o substantivo passava para o aumentativo e diminutivo porém, em nenhum momento, são usadas as palavras afixo e sufixo e, como consequência, nem o sufixo *-ismo*.

## **Ano 1842**

### **FREIRE, Jose Francisco. *Reflexoes sobre a lingua portugueza*.**

Freire expõe sua posição a respeito da língua portuguesa, no prefácio da obra intitulada *Reflexoes sobre a lingua portugueza*. Entende que a língua portuguesa passara por três diferentes fases da cultura intelectual do povo português. A primeira fase consistiu na

origem da língua, abrangendo um período que teve início antes da monarquia e estendo-se até o fim do século XV. Essa fase, ele denominou de Idade ante-clássica. A segunda, denominada Idade Clássica, abrangeu o período do século XVI, até o primeiro quartel do século XVII, momento em que “o systema da linguagem começou a desbastar-se, e a pulir-se, até se tornar elegante, flexível e apta para todos os generos de escrever” (1842, p. 05). A terceira, é a época “em que a língua degenerou daquella pureza e elegância da idade anterior, ou por nella se admitirem sem discernimento vozes estranhas, ou por se applicar a exprimir pensamentos intrincados, mal definidos, e desiludidos contra as regras da recta rasão” (1842, p. 06). Em sua obra não há estudos sobre sufixos.

#### **Ano 1855**

**CONSTANCIO, Francisco Solano:** *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida a mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil.*

No proêmio da gramática de Constâncio, encontra-se a afirmação de que a língua portuguesa é derivada do latim que já tinha sofrido várias alterações. O autor também lembra que isso ocorreu com o espanhol, com o francês e com o italiano. A formação desses idiomas se deu de “dialectos mais ou menos regularmente derivados do latim, e dos quaes he o principal e o mais perfeito o chamado *Langue roman* ou *romance* em francez, ou *lingua roman* em portuguez. Delle nasceo o francez, o siciliano, o italiano, o catalão etc.” (CONSTÂNCIO, 1855, p. 02). Dividida em cinco partes não se encontra, na gramática de Constâncio, menção de estudos morfológicos, bem como, de sufixos.

#### **Ano 1858**

**LEONI, Francisco Evaristo.** *Gênio da Língua Portuguesa, ou causas racionaes e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos auctores latinos e vulgares. Tomo I e II*

Na gramática de Francisco Evaristo Leoni, intitulada *Gênio da Língua Portuguesa, ou causas racionaes e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos auctores latinos e vulgares. Tomo I*, editada em 1858 encontraram-se, na primeira terça parte do primeiro volume, estudos acerca das preposições na língua portuguesa. O fato do autor apresentar muitos exemplos, tanto em latim como em português, faz com que este estudo preencha cento e setenta e duas páginas

desse volume. Seguindo o mesmo método, utilizando exemplos em português e em latim, o autor trabalha em mais trinta e uma páginas os advérbios, em mais vinte páginas, as conjunções. Nas próximas dez páginas, o autor trabalha as interjeições. Depois, em quarenta e três páginas, o autor trabalha as elocuições. Os próximos assuntos que aparecem na gramática são a propriedade da língua e as onomatopeias. Não foi encontrado nessa gramática estudo sobre a morfologia, como também não foi mencionado, ali, o sufixo *-ismo*. Algo semelhante ocorre na de Pedro A. Pinto, intitulada *Termos e Locuções (Miudezas de Linguagem Luso-Brasileira)*, de 1924.

### **Ano 1866**

**BARBOSA, Jeronymo Soares.** *Grammatica philosophica de lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem.*

Jerônimo Soares Barbosa após explicar, na introdução, a origem da escrita, citando povos da Antiguidade, e de ter feito menção da importância da ortoépia e da ortografia, passa a explicar como ocorreram os primeiros estudos de etimologia. Segundo o autor, esta área pertence ao conhecimento lógico da língua, pois os gramáticos dedicaram-se a considerar as palavras em suas pesquisas. As palavras são “signaes assim das idéas que fazem o objecto dos nossos pensamentos, como das relações que as mesmas podem comsigo e com outras, do que em considerar estas mesmas palavras combinadas e coordenadas entre si em ordem a exprimirem o pensamento” (BARBOSA, 1866, p. 10).

Com esse pressuposto, os primeiros gramáticos, afirma Barbosa, ao perceberem a semelhança e a diferença de funções que as palavras têm na enunciação de qualquer pensamento, alertaram que umas tinham funções iguais, e outras, não. Foram estas diferenças, diz o autor, que direcionaram os gramáticos a classificarem as palavras da sua língua, denominando este estudo de etimologia. Essa denominação se deu, porque tal estudo aborda os sinais das nossas ideias. Desta forma, na etimologia, os gramáticos estudavam as funções e a natureza das palavras. Ao observá-las num enunciado, entenderam que:

segundo as diferentes relações que as idéas tinham entre si, ou de identidade e coexistência, ou de determinação e subordinação, assim as palavras para representarem estas relações mutuas, tomavam ou diferentes fórmulas e terminações, ou diferentes proposições, pelas quaes ou concordavam entre si, ou regiam umas as outras; e a esta ordem das partes da oração segundo sua correspondência ou sua subordinação, deram os grammaticos o nome de Syntaxe, que quer dizer, *coordenação* das partes (BARBOSA, 1866, p.10).

No livro III dessa gramática, intitulado *Da etymologia ou partes da oração portugueza*, encontra-se no capítulo II, intitulado *Do nome: substantivo*, estudo a respeito da natureza dos nomes. No artigo I desse capítulo, intitulado *De várias fórmãs de substantivos*, o autor aborda a classificação dos nomes. Apresenta nomes de origem latina, os quais são denominados por ele de primitivos, citando exemplos como *terra* e *mar*, e nomes que são derivados, mencionando os exemplos *terrestre*, *terráqueo*, *terreno* e *terreal*. Além dessa classificação, Barbosa escreve que “os substantivos communs derivados são, ou augmentativos ou diminutivos, ou collectivos, ou verbaes, ou compostos” (1866, p. 79). Quanto aos aumentativos e aos diminutivos, o autor entende que esses “são os que com mudança na sua terminação augmentam a significação de seus primitivos, ou quanto à sua quantidade ou à sua qualidade” (1866, p. 79). Dessa forma, não se encontra na gramática de Barbosa o vocábulo *sufixo* e, sim, o vocábulo *terminação* que, por sua vez, é empregado apenas para o aumentativo e o diminutivo. Não há o uso de terminações em determinados vocábulos, para a formação de novos significados.

#### **Ano 1867**

**SOROMENHO, Augusto. *Origem da língua portugueza*.**

A gramática de Augusto Soromenho, sem ser dividida em capítulos e subdivisões, o autor traz uma breve história da língua portuguesa. Para isso, o autor inicia sua obra, informando que “duas opiniões distintas dividem ainda hoje os philologos que se occupam da origem e formação das linguas modernas da Europa meridional: uma com a preterição do latim, deriva da lingua celtica os dialectos peninsulares: a outra, com absoluto desprezo dos idiomas celticos faz proceder as linguas do Meiodia directa e immediatamente do latim” (1887, p. 05). A partir dessas afirmações, Soromenho discorre sobre a origem da língua portuguesa, voltando para os apóstolos da Igreja Primitiva e os seus primeiros registros nas catacumbas. Também, não se encontra estudo a respeito de afixos em sua obra.

#### **Ano 1870**

**MOURA, José Vicente Gomes de. *Compendio de grammatica latina e portugueza*.**

Na gramática de José Vicente Gomes de Moura, sendo a décima segunda edição em 1870 nota-se, no prefácio da quarta edição, que o estudo da etimologia foi voltado para os gêneros dos substantivos. Por trabalhar com a gramática latina também, a ênfase se dá na

declinação dos nomes e na conjugação dos verbos. Para Moura, a gramática portuguesa dividia-se em etimologia, sintaxe, prosódia e ortografia, não trabalhando nem com morfologia, nem com sufixo, algo que é próprio de sua época, mas com a declinação dos nomes.

### **Ano 1873**

#### **CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da grammatica da Lingua Nacional.***

A gramática de Coruja<sup>66</sup>, que teve sua primeira edição em 1835, é uma obra com noventa e nove páginas. Nela, o autor trabalha o conceito de gramática e as quatro partes que a constituem: etimologia, sintaxe, prosódia e ortografia deixando, para o final, um capítulo que aborda as palavras de pronúncias semelhantes, escritas de forma diferente. Para o autor, a etimologia trata das propriedades das palavras e sua natureza. A sintaxe, de como se organiza uma oração; a prosódia, da relação entre a quantidade de sílabas e a sua pronúncia e a ortografia, da parte que ensina a escrever de forma correta (FÁVERO & MOLINA 2006, p. 82). Essas autoras também lembram que, na época em que esta obra de Coruja foi escrita, prevalecia o caráter prescritivo da gramática. O objetivo era ensinar a falar conforme os nobres.

Nessa gramática, não foi possível encontrar estudo na área morfológica. Na nova edição de 1873 encontrou-se, apenas na primeira parte, estudo sobre substantivo, também denominado de *nome*, com as seguintes subdivisões: substantivo próprio e apelativo ou comum. Este é subdividido em coletivo, aumentativo e diminutivo. Assim, percebe-se que a cultura da época, bem a como a formação dos estudiosos, influenciaram na produção das gramáticas de língua portuguesa.

---

<sup>66</sup> “Antônio Álvares Pereira Coruja nasceu em Porto Alegre, em 1806, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1889. Recebeu a alcunha de Coruja, acrescentando-a ao nome. Filho de pais pobres, tentou estudar em Coimbra, mas não conseguiu. Foi sacristão da Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus, onde conquistou a estima do Padre Tomé de Souza, com quem aprendeu latim. Foi convidado a ‘reger’ uma escola pública, onde também, à noite, como era costume, ministrava aulas avulsas. Saiu, por questões políticas, do Rio Grande do Sul, instalando-se no Rio de Janeiro, onde fundou o Colégio Minerva e foi tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vítima de um falso amigo, perdeu tudo, passando a morar de favor nas repúblicas de estudantes, que começavam a surgir” (FÁVERO & MOLINA 2006:80).

## **APÊNDICE B - A produtividade e a classificação dos vocábulos com o sufixo *-ismo* na história, segundo Houaiss, a partir da análise semântico-categorial.**

### **1 Classe relacional TIP (tipicidade)**

**s.d.:** *mefistofelismo, gorilismo, gorilismo, pacholismo, parisianismo, samaritanismo, popularismo, homerismo, conselheirismo, pão-durismo, guineensismo, marotismo, cafajestismo, peleguismo, carioquismo, hircismo, homotropismo – (rever a paráfrase), medievismo, situacionismo, antiimperialismo, neutralismo, consensualismo, antiparlamentarismo, porra-louquismo, virtuosismo, pauperismo, oficialismo, saudosismo, anfíbismo, nomadismo, almofadismo, safadismo, parcialismo, gotismo, brutismo, vernaculismo, idilismo, estrambotismo, dissilabismo, forasteirismo, parissilabismo, hiperparasitismo, alodiploidismo, coloquialismo, notambulismo, puxa-saquismo, monossilabismo, consortismo, sorumbatismo, primitivismo, surdimutismo, prussianismo, assemantismo, lealismo, internacionalismo, vigarismo, anomalismo, homocentrismo, pastoralismo, calotismo, carreirismo, brasilismo, mineirismo, estrelismo, apachismo, antiamericanismo, bizarrismo, cangaceirismo, mulatismo, ectoparasitismo, endoparasitismo, homotalismo, lipotropismo, moçarabismo, intersexualismo, camilianismo, transexualismo, triorquismo, tripartidarismo, autotrofismo, heterotrofismo, monorquidismo, tribalismo, pseudo-alelismo, satelitismo, hemiparasitismo, valetudinarismo, faquirismo, cenobitismo, bissexualismo, pacatismo, gauchismo, dialectismo, dialetismo, dialectalismo, negativismo, olimpismo, ignorantismo, accidentalismo, dismorfismo, solteirismo, oviparismo, aracnoidismo, churriguerismo, eremitismo, aretinismo, aristofanismo, castilhismo, novecentismo, oitocentismo, quatrocentismo, seiscentismo, setecentismo, trecentismo, artesianismo, didatilismo, bidialectalismo, bolandismo, eurocomunismo, chefismo, organismo, caiserismo, democratismo, binarismo, ovarismo, linguismo, aventureirismo, aerodinamismo, habitualismo, adinamismo, anforismo, autodidatismo, botocudismo, braquipterismo, carrancismo, endocentrismo, epifilismo, estapafurdismo, exocentrismo, extrativismo, informalismo, ludismo, marotismo, mesognatismo, nortismo, paroquialismo, pateticismo, perdularismo, sardonismo, regressismo, selvagismo, serviçalismo, tartufismo, torrencialismo, xucrismo, autocratismo, britanismo, convencionalismo, elementarismo, esportivismo, impulsivismo, ineditismo, irracionalismo, irrealismo, homocromatismo, monocromatismo, obsoletismo, ordinarismo, relativismo, unilateralismo, chatismo, cachorrismo, barroquismo, destrimanismo, impatriotismo, dorismo, didatismo, inauditismo, mavorcismo, mavortismo, classismo, doutrinário, diatonismo, heterogenismo, multidialetalismo, multidialetismo, bifrontismo, universitarismo, indeterminismo, fanchonismo, baianismo, lamechismo, ligeirismo, bugrismo, impessoalismo, incultismo, independentismo, melindrismo, castelhanismo, holoparasitismo, assíncronismo, passionalismo, macambuzismo, mediocrismo, pieguismo, histrionismo, sedentarismo e rocambolismo.*

**Século XVIII:** *rigorismo.*

**Século XIX:** *espanholismo, palacianismo, açorianismo, satrapismo, bandoleirismo, burguesismo, asiatismo, pataratismo, quixotismo, ultramontanismo, vandalismo, cavalheirismo, canalhismo, bairrismo, egotismo, linfatismo, portuguesismo, imparissilabismo, esquematismo, homofonismo, noctambulismo, pornografismo,*

*provincialismo, romancismo, culteranismo, cultismo, ronceirismo, esoterismo, tecnicismo, sicofantismo, sibirismo, sibirismo, aticismo, anacoretismo, eunuquismo, homossexualismo, nefelibatismo, caiporismo, modismo, servilismo, localismo, sincronismo, automatismo, analfabetismo, miserabilismo, positivismo, gongorismo, marinismo, quinhentismo, ossianismo, timpanismo, alotropismo, imagismo, cesarismo, imperialismo, provençalismo, alegorismo, literatismo, animalismo, canibalismo, diletantismo, hebetismo, lirismo, artificialismo, chaleirismo, sensualismo, brilhantismo, classicismo, ênfatismo, escolasticismo, hibridismo, ilogismo, macarronismo, mundanismo, realismo, romantismo, humorismo, chibantismo, moderantismo, dandismo, parabolismo, patriotismo, androginismo, particularismo, transoceanismo, impressionismo, pioneirismo, mefitismo, fagedenismo, coquetismo, açorianismo, africanismo, peraltismo, bucolismo, mercenarismo, autoctonismo, acromatismo, apedeutismo, mutismo, palacianismo, autoritarismo, isomerismo, mercantilismo, estrangeirismo, algarvismo, alentejanismo, vulgarismo, francesismo e asiaticismo.*

**Século XX:** *medievalismo, europeísmo, conciliarismo, urbanismo, instrumentalismo, amoralismo, seminomadismo, semicultismo, xenofobismo, safismo, antipodismo, psicossomatismo, primarismo, secretismo, superficialismo, analitismo, multinacionalismo, sintetismo, acadêmico, vedetismo, heterossexualismo, cafifismo, ureotelismo, heterotalismo, maternalismo, bichismo, caturismo, pachequismo, azeotropismo (isso é fenômeno de X), amorfismo, antropofagismo, eroticismo, clonismo, paramorfismo, extremismo, grafismo, kaiserismo, exibicionismo, construtivismo, ambidestrismo, cationismo, exoterismo, exotismo, exotismo, garridismo, chaleirismo, chiquismo, casticismo, desportivismo, historicismo, tropicalismo, brasilianismo, anatropismo, indianismo, macabrismo, amadorismo, grã-finismo, carnivorismo, historismo, pernosticismo, golpismo, machismo, colorismo, letrismo, devocionismo, egocentrismo, estatismo, arrivismo, biculturalismo, chulismo, tupinismo, amerindigenismo, angolano, angolismo, nordestinismo e russismo.*

## **2 Classe relacional SEM (semelhança)**

**s.d.:** *astragalismo.*

## **3 Classe relacional ATV (atividade)**

**s.d.:** *agrarianismo, reacionismo, reacionarismo, reacionarismo, arenismo, neoconservadorismo, burocratismo, polimodalismo, politonalismo, servomecanismo, alfabetismo, scotismo, ditatorialismo, unicameralismo, centralismo, monocamerismo, papelismo, colbertismo, estadismo, estatismo, vitorianismo, metalismo, tonalismo, bitonalismo, mensuralismo, microtonalismo, microcromatismo, bipartidarismo, comunitarismo, suprapartidarismo, monasticismo, chassidismo, comparatismo, comparativismo, normativismo, aconfessionalismo, civilismo, livre-cultismo, fabianismo, paredismo, incondicionalismo, ablativismo, baixo-espírito, falangismo, neogotismo, neofismo, janizarismo, cientismo, peristaltismo, plotinismo, escoteirismo, dom-juanismo, garrettismo, administrativismo, alexandrinismo, teatralismo, emedebismo, amazonismo, rousseauianismo, rousseauismo, vocabulismo, conservacionismo, neo-republicanismo, agrarismo, camilismo, curandeirismo, lombrosianismo, crioulismo, crudivorismo, progressismo, chumbismo, gallismo, pré-milenarismo, imortalismo, conservadorismo, rastafarianismo, sunismo, cabirismo, demonismo, abraçadabrismo, progressivismo, passadismo, teorismo, preternaturalismo, antiescravagismo, antinacionalismo, anticeticismo,*

*pan-arabismo, empedoclisto, ockhamismo, malthusianismo, alexandrismo, berkelianismo, comtismo, blondelismo, espinozismo, avicenismo, nacional-socialismo, wycliffismo, heteroousianismo, escravagismo, rosacruzismo, espartaquismo, espartacismo, mussolinismo, machismo, heraclitismo, ramismo, hobbesianismo, decadentismo, humoralismo, terapeutismo, anticonstitucionalismo, socratismo, eslavofilismo, orangismo, castrismo, atonismo, celibatarismo, setembrismo, justicialismo, castilhismo, reformismo, proibicionismo, conceitualismo, contratualismo, corporatismo, constitucionalismo, hispano-americanismo, populacionismo, imoralismo, trotskismo, intuitivismo, modalismo, anglo-catolicismo, biblicismo, zervanismo, apostolicismo, diabolismo, adrianismo, etnicismo, damianismo, darbismo, hussitismo, magismo, vaabismo, origenismo, zoroastrianismo, pajonismo, terminismo, cismontanismo, druidismo, essenismo, huguenotismo, alcoranismo, sikhismo, siquismo, neobramanismo, occamismo, agostinismo, providencialismo, cristadelfianismo, cursilhismo, apolarismo, luciferianismo, dulcinismo, baianismo, abelianismo, patripassianismo, petrinismo, antinomianismo, antinomismo, xiismo, falocentrismo, gimnosofismo, perfeccionismo, luciferismo, quacrismo, rosacrucianismo, criacionismo, hermesianismo, episcopalismo, intolerantismo, unionismo, salvacionismo, haruspicismo, asceticismo, generacionismo, traducianismo, vaticanismo, monenergismo, lazarismo, teocraticismo, hildebrandismo, sacramentalismo, augustianismo, condicionalismo, biblismo, pós-milenarismo, marcionismo, hinaianismo, catequismo, gandhismo, dadupantismo, monarquianismo, matematismo, matematicismo, percepcionalismo, percepcionismo, representacionalismo, melhorismo, babovismo, babuvismo, babouvismo, solidarismo, blanquismo, herodianismo, titismo, draconismo, madismo, escutismo, zen-budismo, horacianismo, codicismo, presbiteranismo, bandeirismo, japonismo, silesianismo, boulangismo, antipacifismo, florianismo, heliotactismo, versilibrismo, integracionismo, antiimperialismo, contra-reformismo, quererismo, cartismo, centrismo, neofascismo, pré-rafaelismo, mudancismo, neoconfucionismo, neoconfucianismo, não-conformismo, ebionismo, tantrismo, jacobitismo, etiopismo, denominacionalismo, tractarianismo, neocalvinismo, operacionismo, filosofismo, intencionismo, anticomunismo, maiorismo, meliorismo, antifeminismo, patrimonialismo, eleitoralismo, maragatismo, orleanismo, automodelismo, alogismo, nietzschianismo, antilogismo, futilitarismo, josefismo, politiquismo, segregacionismo, hermismo, pré-capitalismo, deflacionismo, franquismo, herminismo, consensualismo, oligarquismo, minimalismo, aspersionismo, comunalismo, epilogismo, vegetarianismo, secularismo, neopreciosismo, neo-academismo, empreguismo, revolucionarismo, -morfismo, eponismo, conteudismo, altismo, memorialismo, horizontalismo, logicismo, cervantinismo, hugoanismo, hipersexualismo, eurocentrismo, ironismo, ordeirismo, cerebralismo, anexinismo, arbitrarismo, vocalismo, distributivismo, distribucionismo, distribucionalismo, energismo, energetismo, formulismo, serialismo, descentralismo, arianismo, equiprobabilismo, armamentismo, antediluvianismo, contra-estimulismo, livre-cambismo, mutacionismo, operacionalismo, pluralismo, neovitalismo, habitacionismo, pansexualismo, freudismo, numenalismo, numenismo, diarismo, vedismo, neomalthusianismo, entreguismo, ginandrismo e fetalismo.*

**Século XVII:** *bramanismo.*

**Século XVIII:** *puritanismo, despotismo e maometismo.*

**Século XIX:** *proselitismo, governismo, hegelianismo, cientificismo, feudalismo, fonetismo, foneticismo, federalismo, parlamentarismo, proteccionismo, mandarinismo, automobilismo, comunismo, galenismo, cooperatismo, cooperativismo, animalculovismo, sinecurismo, enciclopedismo, cromismo, cromatismo, sansimonismo, monarquismo, absolutismo, maquiavelismo, napoleonismo, militarismo, fisicismo, autonomismo, budismo, presbiterianismo, capitalismo, paracelsismo, abstracionismo, spencerianismo, acacianismo, realismo, georgismo, imaterialismo, protestantismo, fiscalismo, semitismo, escotismo, quimismo, germanismo, eletromagnetismo, pitagorismo, neografismo, ocidentalismo, orientalismo, eletro galvanismo, psiquismo, carlismo, humanitarismo, supranaturalismo, semi-arianismo, figurismo, sobrenaturalismo, vampirismo, sibilismo, antropopatismo, purismo, pacifismo, organicismo, unicismo, catolicismo, aristotelismo, sabelianismo, valentinianismo, kantismo, leibnizianismo, baconismo, epicurismo, platonismo, espinosismo, spinozismo, laicismo, eleatismo, naalianismo, ruralismo, hipocratismo, monadismo, pragmaticismo, decadismo, nominalismo, individualismo, anarcossindicalismo, bolivarismo, parnasianismo, hahnemannismo, bimetalismo, republicanismo, esclavismo, substancialismo, vitalismo, fenomenalismo, industrialismo, espiritualismo, adocionismo, adopcionismo, apocaliptismo, neobudismo, antropomorfismo, zwinglianismo, eutiquianismo, menonismo, ismaelismo, albertismo, arianismo, teosofismo, confucianismo, pelagianismo, espiritismo, lollardismo, luteranismo, babismo, ossiandrianismo, tacianismo, zoroastrismo, montanismo, molinismo, monotelismo, abecedarianismo, molinosismo, wiclefismo, erastianismo, judeo-cristianismo, iluminismo, rabinismo, tertulianismo, neocristianismo, ocasionalismo, personalismo, augustinismo, jesuitismo, anabatismo, arminianismo, tradicionalismo, donatismo, priscilianismo, messianismo, nestorianismo, anglicanismo, valdismo, ascetismo, moralismo, milenarismo, universalismo, albigensianismo, dualismo, neocatolicismo, unitarismo, aruspicismo, encratismo, acatolicismo, liberalismo, misticismo, pré-adamismo, naturalismo, tomismo, imaculatismo, baionismo, muçulmanismo, confucionismo, teurgismo, evangelismo, parsismo, mentalismo, fatalismo, racionalismo, atomismo, monogenismo, igualitarismo, iliberalismo, romanismo, animismo, socialismo, transcendentalismo, abelonitismo, evemerismo, japonésismo, laconismo, provincianismo, maneirismo, jacobinismo, abolicionismo, catalanismo, metodismo, profetismo, neoluteranismo, galicanismo, gnosticismo, aristocratismo, ocultismo, tolerantismo, miguelismo, cinismo, adesismo, vegetarianismo, etimologismo, cosmopolitismo, jansenismo, moametismo, regicidismo, regionalismo, subjetivismo, melanismo, psicologismo, pessimismo, esportismo, oportunoismo, animalculismo, lamarckismo, fourierismo, darwinismo, uniformitarismo, lamarckianismo, materialismo, solidismo, metafisicismo, idealismo, pré-simbolismo e especiesismo.*

**Século XX:** *janismo, peessedebismo, peemedebismo, ambientalismo, batcarismo, antiautoritarismo, totalitarismo, monoposonismo, aclavismo, taylorismo, motociclismo, liberismo, bandeirantismo, atonalismo, monometalismo, soviétismo, cartelismo, acratismo, eclesiasticismo, hassidismo, estruturalismo, segundo-mundismo, tremendismo, presidencialismo, biologismo, integralismo, nudismo, boxerismo, wagnerismo, perremismo, pedetismo, fenianismo, perrepismo, peronismo, keynesianismo, exomorfismo, xerofitismo, marxismo, alemanismo, hispanismo, mencheviquismo, menchevismo, sandinismo, juscelinismo, petebismo, mendelismo, bioterismo, visagismo, existencialismo, stalinismo, tenentismo, bacharelismo, decabrismo, decembrismo, dezembroismo, muralismo, tachismo, neo-realismo, arcadismo, bruxismo, calistismo, empiriocriticismo, anticolonialismo, kukluxismo, galismo, benthamismo, bergsonismo, esteticismo, finalismo,*

*marrismo, neocriticismo, nasserismo, fidelismo, coletivismo, hitlerismo, leninismo, belicismo, apriorismo, mecanicismo, intuicionismo, casualismo, descritivismo, abundancismo, isolacionismo, sindicalismo, virtualismo, homeousianismo, kardecismo, triunfalismo, paulicianismo, fotinianismo, mongolismo, adamismo, orfismo, joaquimismo, boehmenismo, separatismo, acefalismo, bogomilismo, restauracionismo, sinergismo, confessionalismo, hermetismo, ismailianismo, joaquismo, aniquilacionismo, primeiro-mundismo, quarto-mundismo, terceiro-mundismo, bukharinismo, carbonarismo, assistencialismo, umbandismo, estratificacionalismo, bogomilianismo, maometanismo, ismaelianismo, elitismo, mecenatismo, luddismo, vorticismo, irredentismo, verdismo, expressionismo, desconstrucionismo, sidonismo, getulismo, cubismo, futurismo, neotomismo, conformismo, fundamentalismo, verticalismo, pentecostalismo, wesleyanismo, pentecostismo, aprismo, anti-hitlerismo, gangsterismo, pessedismo, pessepismo, pessebismo, quinta-colunismo, pefelismo, modismo, derrotismo, antiintelectualismo, heideggerianismo, kierkegaardianismo, progonismo, atlanticismo, tsarismo, czarismo, tzarismo, concentracionismo, europeanismo, conciliarismo, globalismo, salazarismo, quilombolismo, vulcanismo, imediatismo, permissivismo, intelectualismo, secessionismo, laxismo, associativismo, expansionismo, megalismo, psicanalismo, concretismo, contracionismo, spenglerianismo, racismo, comportamentalismo, marxismo-leninismo, abundantismo, catastrofismo, genetismo, verismo, fisicalismo, roteirismo, apartidarismo, fordismo, achadismo, achismo, ativismo, outubrismo e feminismo.*

#### **4 Classe relacional DOE (doença)**

**s.d.:** *tarantulismo, barbiturismo, apituitarismo, hipogonadismo, hipogenitalismo, disgenitalismo, dispinealismo, distireoidismo, aldosteronismo, parkinsonismo, benzolismo, curarismo, tetanismo, hipoparatireoidismo, bromatotoxicismo, aracnidismo, cafeinismo, lupinismo, arsenicismo, borismo, plumbismo, anilismo, eterismo, glonoinismo, naftalismo, nicotinismo, quinismo, quinismo, zincalismo, menierismo, meningismo e hospitalismo.*

**Século XIX:** *geotropismo, astigmatismo, paludismo, hepatismo, esofagismo, iodismo, mercurialismo, tabagismo, estricnismo, tarantismo e herpetismo.*

**Século XX:** *dafnismo, fabismo, cantaridismo, aromatismo, favismo, apendicismo e infantilismo.*

#### **5 A classe relacional FIL (filiação)**

**s.d.:** *pneumatismo, ibericismo, hierarquismo, byronismo e pompeiismo.*

#### **6 A classe de ação TRS (transitivo)**

**s.d.:** *comercialismo, damismo, validismo, cançonetismo, naviomodelismo, estrategismo, charadismo, arquiteturismo, namorismo, funambulismo, antialcoolismo, juridismo, governamentalismo, revisionismo, destrucionismo, destrutivismo, inconformismo, confusionismo, lacerdismo, passivismo, grosseirismo, arranjismo, escafandrismo, pré-formismo, rebatismo, renascentismo, transvestismo, bipedalismo, deambulismo, polemismo, pichardismo, alarmismo, microfonomismo, artistismo, anfibologismo, epigramatismo, ideografismo,*

*montanhismo, bizantinismo, necrografismo, criminalismo, atleticismo, labialismo, sem-vergonhismo, magmatismo, apoftegmatismo, aquarismo, dedo-durismo, dedurismo, segredismo, balonismo, mandonismo, decretalismo, campismo, amenismo, medalhonismo, mobilismo, gradualismo, algebrismo, cartismo, kartismo, cinejornalismo, missilismo, sucursalismo, direitismo, conselheirismo, cenobismo, epifitismo, patriarcalismo, jaguncismo, dom-quixotismo, fanfarronismo, tectonismo, ortotropismo, homotropismo, pianismo, eletricismo, gramaticismo, colonismo, alcoolofilismo, bestialismo, documentalismo, falicismo, sistematismo, textualismo, exocanibalismo, goticismo, salonismo, negocismo, cruzadismo, paternalismo, tribadismo, ferromodelismo, sigilismo, laicalismo, dagonismo, sacerdotalismo, anagogismo, marianismo, sufismo, padrisimo, vaisnavismo, jerarquismo, epoptismo, oposicionismo, coleguismo, bom-mocismo, dramaticismo, escorpionismo, diapirismo, morfismo, anamorfismo, dramatismo, deltacismo, centrifugismo, centripetismo, emissionismo, bacteriotropismo, anedotismo, sisifismo, contorcionismo, pontilhismo, nautimodelismo, pufismo, simplicismo, plagiotropismo, diageotropismo, metaforismo, chinesismo, anfigurismo, cacografismo, chargismo, divitismo, retorismo e atonismo.*

**Século XIX:** *antipatriotismo, indiferentismo, experimentalismo, capachismo, charlatanismo, autofagismo, alcaiotismo, hiperbolismo, inglesismo, consumismo, humanismo, municipalismo, exclusivismo, papismo, oralismo, sanscritismo, mitismo, ciclismo, acrobatismo, alismo, gazetismo, parasitismo, cateterismo, indigenismo, utilitarismo, pedagogismo, banditismo, anglicismo, satrapismo, terrorismo, cabocismo, bandidismo, quixotismo, heliotropismo, zetacismo, rotacismo, narcotismo, mesmerismo, escravismo, silabismo, literalismo, adulterismo, pedestrianismo, anaforismo, monopolismo, ritualismo, teologismo, formalismo, nagualismo, fetichismo, afanismo, totemismo, antipapismo, clericalismo, xamanismo, anatematismo, satanismo, jeovismo, zoomorfismo, ergotismo, colonialismo, maquinismo, petalismo, metamorfismo, dropacismo, fratismo, iotacismo, antidotismo e retoricismo.*

**Século XX:** *corretismo, desviacionismo, sexismo, abstencionismo, estetismo, casanovismo, nativismo, gaullismo, rastaquerismo, associacionismo, ficcionalismo, adesionismo, travestismo, adesivismo, plastimodelismo, tautossilabismo, alcalinismo, menorismo, iatismo, gramatiquismo, mesoamericanismo, atualismo, ofidismo, nutricionismo, andinismo, identitarismo, filantropismo, bicameralismo, modernismo, sensacionismo, biografismo, intervencionismo, tautomerismo, diacronismo, caudilhismo, esquerdismo, intimismo, saprofitismo, hondurenismo, comodismo, mau-caratismo, cabotinismo, abderitismo, diastrofismo, hertzotropismo, hidrotropismo, galvanotropismo, atletismo, excursionismo, academismo, higrofitismo, halterofilismo, inflacionismo, colecionismo, esquetismo, chantagismo, clientelismo, janguismo, macarthismo, angelismo, peiotismo, concordismo, integrisimo, liturgismo, carolismo, congregacionalismo, feiticismo, socorrismo, bandalhismo, fascismo, udenismo, aeromodelismo, itacismo, futebolismo, tributarismo, metassomatismo, teleferismo, abstrusismo, sensacionalismo, eruditismo, masoquismo, favoritismo e lobismo.*

## **7 Valores Avaliativos RES+**

**s.d.:** *nervosismo, burocracismo e melodismo.*

**Século XIX:** *sexualismo*.





This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.